

OBRAS DE JOÃO PENHA

EDIÇÃO CRÍTICA E ESTUDO

ELSA PEREIRA

PREFÁCIO:
FRANCISCO TOPA

FICHA TÉCNICA

Título: Obras de João Penha. Edição crítica e estudo

Autora: Elsa Pereira

Prefácio: Francisco Topa

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

Design gráfico: Helena Lobo www.hldesign.pt

ISBN: 978-989-8351-43-2

Depósito Legal: 403122/15

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. www.sersilito.pt

Porto

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT– Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013 e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).

Contou ainda com o apoio de uma Bolsa de Investigação da FCT (referência SFRH/BD/41413/2007), financiada pelo POPH – QREN – Tipologia 4.1. – Formação Avançada, comparticipada pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e Ciência.

A autora é bolseira de Pós-doutoramento da FCT (SFRH/BPD/92155/2013), investigadora do CLUL e colaboradora do CITCEM, que acolheu e apoiou este projeto.

*Non potuissem quidquam consequi,
nisi parentum beneficium antecessisset.*

(L. A. Seneca, *De Beneficiis*,
Lib. III, cap. XXIX)

Agradecemos a disponibilização das fontes documentais ao Arquivo Distrital e à Biblioteca Pública de Braga, à Biblioteca Pública Municipal do Porto, à Biblioteca Geral e ao Arquivo da Universidade de Coimbra, à Biblioteca Municipal de Coimbra, à Biblioteca Nacional de Portugal, à Biblioteca Nazionale Marciana di Venezia, ao Museu João de Deus, à Fundação Mário Soares, à Escola Secundária Sá de Miranda e à Conservatória do Registo Civil de Braga. A Emílio Ricon Peres agradecemos ainda a cedência de um desenho pertencente à sua coleção.

Entre todos os agradecimentos devidos, cumpre aqui ressaltar a generosidade de Eduardo Pires de Oliveira (BPB) – a quem devemos a partilha franca de muitas e valiosas informações – bem como a pertinência das críticas apresentadas pelo júri que avaliou a tese, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Profs. Doutores José Carlos Seabra Pereira (FLUC), Ernesto Rodrigues (FLUL), João Dionísio (FLUL), Francisco Topa (FLUP), Maria João Reynaud (FLUP) e Cristina Marinho (FLUP).

Acresce ainda uma palavra de reconhecimento para o CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória», em particular o grupo Memória, Literatura e Diálogo Internacional, por tornarem possível esta publicação.

E ao Prof. Francisco Topa, orientador e mestre de sempre, fica a dívida mais perene e insolúvel, *porque só quem sabe a arte nos estima.*

Quem publica um livro não o faz para o ler, publica-o para que os outros o leiam. Quer, portanto, produzir um efeito qualquer, efeito que, em todo o caso, não póde ser o do somno: para este ha o opio, a belladona e o Codigo do processo civil.

João Penha



SUMÁRIO

VOL. I

A edição de textos como ciência e como arte	13
Exegi monumentum aere perennius	19
PARTE PRIMEIRA	
Passo a expôr o meu retrato	25
Tenho-me seguido a mim mesmo	103
Entre <i>A Folha</i> e <i>A Republica das Letras</i>	105
João Penha na encruzilhada finissecular	119
PARTE SEGUNDA	
Hoc est corpus meum	135
Considerações para uma edição das Obras de João Penha	137
Os testemunhos	139
Modelo de edição	155
Critérios ortográficos e contextualização linguística	163
BIBLIOGRAFIA	
Principais siglas	175
I. Legislação	177
II. Documentação histórica	179
III. Fontes manuscritas de João Penha	181
3.1. Manuscritos literários	181
3.2. Outros manuscritos de interesse crítico-genético	182
3.3. Correspondência	182

IV. Fontes impressas de João Penha	193
4.1. Livros	193
4.1.2. Obras jurídicas	193
4.2. Prefácios em obras de outros autores	193
4.3. Antologias	194
4.4. Periódicos	195
4.5. Publicações de correspondência	200
V. Obras convocadas na anotação dos textos	203
VI. Bibliografia de apoio	209
6.1. Trabalhos sobre João Penha	213
6.1.1. Artigos de redação	213
6.1.2. Trabalhos de autor	214
6.2. Obras de referência para a caracterização dos periódicos	223
6.3. Estudos de caráter histórico, jurídico ou genealógico	224
6.4. Trabalhos de crítica textual, linguística e versificação	225
6.5. Dicionários de língua	228

CD-ROM – EDIÇÃO CRÍTICA

Vol. II – Versos: composições reunidas em livro

 Tomo I: Texto crítico

 Tomo II: Aparato crítico

Vol. III – Versos: publicações esparsas; inéditos, privados e semiprivados

 Tomo I: Texto crítico

 Tomo II: Aparato crítico

Vol. IV – Prosas: textos reunidos em livro; esparsos

 Tomo I: Texto crítico

 Tomo II: Aparato crítico

A EDIÇÃO DE TEXTOS COMO CIÊNCIA E COMO ARTE

Desenvolvido no âmbito do Doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, este trabalho foi acolhido pelo Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória», integrando o seu Projeto Estratégico. A edição crítica e genética que agora vem a lume insere-se assim em duas linhas de investigação privilegiadas pelo grupo Memória, Literatura e Diálogo Internacional do CITCEM: por um lado, o contributo da crítica genética para um entendimento da construção da memória; por outro, o estudo das relações oitocentistas estabelecidas entre os círculos intelectuais portugueses e franceses.

Sobre a primeira destas linhas, bastará lembrar que, para a crítica genética, o ato de escrita constitui uma extensão da memória (*l'extension externe de la mémoire interne*¹), sendo os documentos encarados justamente como rastros dessa memória do processo de escrita:

a crítica genética toma por objeto [... a] dimensão temporal do devir-texto, colocando como hipótese que a obra, na sua perfeição final, conserva o efeito de suas metamorfoses e contém a memória de sua própria génese. [...] Os manuscritos da obra [...] contam [...] a história do que aconteceu entre o momento em que o autor começou a entrever a primeira ideia de seu projeto e o momento em que o texto, escrito e corrigido, aparece sob a forma de um livro impresso².

Partindo da recolha sistemática dos testemunhos textuais, depois submetidos a uma paciente análise, com vista à determinação da cronologia da escrita, a edição que Elsa Pereira preparou para o conjunto da obra de João Penha assume-se, antes de

¹ Vd. Grésillon, Almuth – *Éléments de Critique Génétique*, Paris: PUF, 1994, p. 150. Lebrave, Jean-Louis; Grésillon, Almuth – “Les manuscrits comme lieu de conflits discursifs” in Hay, Louis (ed.), *La Genèse du Texte: les Modèles Linguistiques*, Paris: CNRS Éditions, 1982, pp. 130-175.

² BIASI, Pierre-Marc de – *A Genética dos Textos* (trad. Marie-Hélène Paret Passos), Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010, p. 13.

mais, como um trabalho de *genética textual*³, muito embora o modelo crítico-genético adotado seja mais próximo da tradição italiana e da edição histórico-crítica alemã do que propriamente da crítica genética francesa. Ao pressupor a fixação de um texto (geralmente coincidente com a última versão revista pelo autor), este modelo acaba assim por resultar também numa edição de tipo *vertical*⁴:

*Crítica, quer dizer conforme com os princípios básicos da filologia textual [...]; e genética no sentido que o texto crítico devia ir junto com os elementos pré-textuais úteis para conferir ao texto a dimensão plúrima. [...] A edição crítico-genética [...] assume como ponto de arranque justamente o produto final, acrescentando-lhe, dispostas cronologicamente, as formas intermédias que esse produto foi progressivamente assumindo no decurso do seu fazer-se e desfazer-se*⁵.

O método adotado, o percurso de investigação e os desafios que marcaram a presente edição das obras de João Penha encontram-se devidamente expostos ao longo deste volume e de modo mais particular ainda num artigo já publicado, para cuja leitura aqui remeto⁶. Acrescentarei apenas que este é, inquestionavelmente, um trabalho de referência a vários níveis.

Em primeiro lugar, porque preenche uma lacuna importante na nossa bibliografia, repondo em análise um autor com importância histórico-cultural, reunindo milhares de documentos dispersos ou em risco de perecerem (desde manuscritos, até exemplares raros da imprensa periódica) e finalmente disponibilizando os textos à comunidade – acadêmica e não só –, que aqui encontrará materiais bastos para a elaboração ensaística.

Em segundo lugar, porque dialoga com uma sólida bibliografia teórica e com outras edições de referência – desde a edição Pessoa coordenada por Ivo Castro, até ao modelo Tavani da coleção *Archivos*, passando pela edição Bonaccorso de Flaubert ou ainda a edição Weimar da obra de Goethe.

Em terceiro lugar, porque é suficientemente flexível para alcançar públicos diferenciados e não apenas leitores ultra-especializados, como por vezes acontece

³ Na terminologia de Biasi, entende-se por *genética textual* o trabalho de inventariação, análise, decifração e edição dos textos, enquanto a *crítica genética* propriamente dita passa depois pela interpretação dessas conclusões. Vd. Biasi, *Ibidem*: 14, 111.

⁴ Vd. BIASI, *Ibidem*, pp. 104-107.

⁵ TAVANI, Giuseppe, “Edição genética e edição crítico-genética: duas metodologias ou duas filosofias” in *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 5, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999, p. 146-148.

⁶ PEREIRA, Elsa – “A edição crítica das obras de João Penha (1839-1919): um monumento mais perene do que o bronze” in *Vozes do Vales: Revista Multidisciplinar de Publicações Acadêmicas*. Minas Gerais: UFVJM. Ano III, n.º 6, 2014. <<http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/files/2014/10/A-edi%C3%A7%C3%A3o-cr%C3%ADtica-das-obras-de-Jo%C3%A3o-Penha-1839-1919-um-monumento-mais-perene-do-que-o-bronze.pdf>>

em trabalhos académicos. Assim, no tomo I de cada volume, disponibiliza-se ao leitor comum um texto crítico, auxiliado pela anotação explicativa em pé de página, ao passo que no respetivo tomo II se encontram outros níveis opcionais, direcionados para leitores mais despertos para modalidades de leitura não-linear. Aqui se acolhe o aparato genético (com a apresentação sistemática das sucessivas redações) e o arquivo documental (que dá conta da história do texto, tanto ao nível da sua materialidade como do contexto comunicativo). À semelhança do que Tavani idealizava para as suas edições, tal disposição permitirá ao usuário optar entre confinar-se à leitura de «la redazione ‘ultima’, gustandola senza intralci e difficoltà di carattere técnico», ou, em alternativa, fruir «il dinamismo implicito nelle successive fasi redazionali»⁷.

Retomando as palavras de Luiz Fagundes Duarte no IV Encontro Internacional de Crítica Genética – subordinado justamente ao tema Gênese e Memória – diríamos pois que a abordagem desenvolvida por Elsa Pereira, com o apoio do CITCEM, constitui «uma das principais competências do trabalho crítico sobre manuscritos literários: a decifração dos por vezes obscuros registos da memória do processo genético dos textos»⁸.

Quanto à segunda linha estratégica delineada pelo grupo Memória, Literatura e Diálogo Internacional do CITCEM – o estudo das relações oitocentistas estabelecidas entre círculos intelectuais portugueses e franceses – diríamos que o próprio modelo de edição adotado procura já responder a esse objetivo, disponibilizando um conjunto de elementos importantes para compreendermos as relações que João Penha manteve com os círculos intelectuais portugueses e estrangeiros. Todavia, é sobretudo na parte primeira deste volume I que a questão aparece tratada com maior enfoque, evidenciando-se, por exemplo, a independência das revistas dirigidas por Penha – *A Folha* (1868-1873) e *A Republica das Letras* (1875) – relativamente aos movimentos franceses, ao mesmo tempo que se identifica o autor como alguém que

embora estivesse até certo ponto em sintonia com o que ia acontecendo no estrangeiro, sempre se mostrou cioso da sua própria independência, inscrevendo-se com singularidade na complexa amálgama de códigos estéticos que caracterizaram a literatura portuguesa das últimas décadas do séc. XIX e dos primeiros anos da centúria seguinte⁹.

⁷ TAVANI, Giuseppe, «Filologia e genética» in *Quadernos de Filología Italiana*, n.º 3, Madrid: UCM, 1996, p. 76.

⁸ DUARTE, Luiz Fagundes – «Prática de edição: onde está o autor?» in Salles, Cecília Almeida; Willemart, Philippe – *Gênese e Memória: IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições*, São Paulo: Annablume, 1995, p. 337.

⁹ PEREIRA, *Ibidem*.

Assim, por exemplo, ficamos a saber, pela carta reproduzida no arquivo documental do poema n.º 333 (vol. II, t. II), que as leituras de João Penha recaíam sobretudo sobre os poetas franceses: Hugo, Musset, Balzac, Dumas, Gauthier e Flaubert, aos quais poderíamos acrescentar ainda Lamartine e Baudelaire, que já em 1871 aparece aludido indiretamente nos expedientes d' *A Folha* (vol. IV, n.º 817). Curiosamente, não encontramos nenhuma alusão a Quinet, Taine ou Littré – leituras recomendadas por Antero, na Nota sobre a Missão Revolucionária da Poesia que serviu de prefácio às *Odes Modernas* (e isto apesar de Penha ter chegado a integrar as hostes da Questão Coimbrã, como comprovam os textos editados no n.º 531 do vol. III).

Quanto aos parnasianos franceses – a quem João Penha foi muitas vezes aproximado – estes aparecem referidos na sua obra só já tardiamente. A carta reproduzida no arquivo documental do poema n.º 333 (vol. II, t. II), onde Penha admite uma predileção por François Coppée e Sully Prudhomme, por exemplo, data apenas de 1906, e o artigo intitulado «Os Parnasianos», que aparece editado no n.º 724 do vol. IV, foi redigido em 1894, para servir de prefácio ao poemeto de Alfredo Campos. Em ambos os casos, o elogio dos parnasianos surge portanto muito depois de o *Parnasse Contemporain* ter surgido em França (1866) e de Eça de Queirós sugerir a Penha a sua introdução em Portugal, na carta de 1869 que encontramos reproduzida ao arquivo documental do n.º 724 (vol. IV, t. II).

Por outro lado, é certo que o irónico artigo dedicado aos nefelibatas (n.º 721, vol. IV) – a quem Penha critica o tom eminentemente sibilino e nebuloso – vem a público logo em 1891, quando o movimento simbolista despontava entre nós, mas a verdade é que o poeta bracarense acusa aí algum desconhecimento do programa defendido pela nova estética – como aliás acabaria por confessar na nota final ao livro *Por Montes e Vales*, que aparece transcrita no arquivo documental III do n.º 721 (vol. IV, t. II). De resto, é talvez significativo que, no prefácio ao *Tristia* (1893), editado no n.º 746 do vol. IV, Penha identifique apenas três escolas na «moderna litteratura [...]: a idealista ou romantica, a naturalista, e a realista», calando qualquer referência ao Parnasianismo e ao Decadentismo-Simbolismo.

Naturalmente que João Penha acabou por travar conhecimento com todos os grandes autores franceses da poesia nova, como demonstra o ensaio «De Paris a Lisboa: (Viagem a todo o vapor pela litteratura contemporanea)», editado no n.º 743 do vol. IV, mas será significativo talvez que um tal ensaio seja redigido já no ocaso da sua vida literária, em 1916.

A conclusão óbvia parece ser enfim que a influência francesa – sobretudo no que ao Parnasianismo e ao Decadentismo-Simbolismo diz respeito – nunca chegou a ser especialmente marcante na obra de João Penha, cuja independência estética decorre antes de «uma lúcida percepção de recorrência histórica (entre a continuidade e a

rutura) e a nítida consciência de que a novidade surge a partir da reconfiguração do nosso legado histórico, [...] inevitavelmente cíclico»¹⁰.

Estamos pois perante uma edição sem grandes paralelos na filologia portuguesa: pelo método e pela monumentalidade, mas também pela elegância da apresentação dos vários elementos que a constituem. Fosse maior a popularidade de João Penha ou tivesse Elsa Pereira outra nacionalidade e o reconhecimento desta evidência seria imediato. Seja como for, o trabalho aqui empreendido vem disponibilizar um manancial de documentação particularmente rico, que caberá agora à crítica mais avisada explorar, tendo em vista a reapreciação deste autor no quadro mais amplo da literatura portuguesa finissecular. Esperemos então, como deseja a investigadora, que «em vez de um ponto de chegada, constitua efetivamente um ponto de partida para a reabilitação do nosso autor»¹¹.

Francisco Topa
(CITCEM)

¹⁰ PEREIRA, *Ibidem*.

¹¹ PEREIRA, *Ibidem*.

EXEGI MONUMENTUM AERE PERENNIUS

INTRODUÇÃO

De João Penha bem podíamos dizer o que ele mesmo deixou escrito, em homenagem póstuma a João de Deus:

O monumento, que nos legou, é, como o erguido por Horácio [...] – aere perennius, mais indestrutível do que o bronze, maior que as pirâmides dos reis. Os dilúvios devastadores, o vento impetuoso, a fuga dos tempos, a torrente dos séculos, não poderão destruí-lo¹.

Boémio carismático da tradição estudantil e agente dinamizador do mundo das letras, o nome do poeta encontra-se inscrito nos anais literários, desde que tomou parte ativa na célebre Questão Coimbrã de 1865. *A Folha* (que dirigiu na Lusa Atenas, entre 1868 e 1873) ficou conhecida, na história da Literatura Portuguesa, como o *microcosmo literário* de uma geração eclética, que logrou conciliar em suas páginas duas grandes escolas oponentes: «a dos metrificadores do ai, ou a de Lisboa; e a dos sacerdotes da ideia vaga, ou a de Coimbra» (vol. IV, t. I, n.º 774).

Sob a exigência do seu magistério, determinadamente exercido em matérias de correção linguística e formal, revelaram-se e apuraram-se algumas das grandes vocações poéticas do nosso fim-de-século; uma trupe² literária que orbitava em redor do líder, dele bebendo a independência intelectual e uma multiplicidade de influências estéticas.

Quando, em 1873, já formado em Direito, abandonou a urbe dos estudantes, para regressar ao Minho, a fama lendária de poeta vernáculo e cultor da forma impecável consagrara-o já enquanto mentor de vários homens de letras, que para Braga

¹ Seguimos a nossa edição das Obras de João Penha, vol. IV, t. I, n.º 741, ll. 24-28. Ao longo deste trabalho, a identificação dos textos do autor far-se-á indicando apenas o volume em que se encontra e o respetivo número de ordem.

² A expressão é do próprio João Penha, em carta enviada para Antero de Figueiredo, a 18-IX-1913: «Ai se estrearam e desenvolveram, além da minha pessoa, Guerra Junqueiro, Simões Dias, L. Araujo, Cândido de Figueiredo, Sousa Viterbo, Crespo, Luis d'Andrade e outros. Que trupe!» (BPMP, M-AF-1182(4)).

continuaram submetendo versos, ao implacável lápis do «Nervoso mestre, domador valente/ Da Rima e do Soneto portuguez» (Crespo: 1913, pp. 293).

Tão marcante foi o ascendente do autor sobre os que privaram diretamente consigo, que em 1902 Cristóvão Aires não hesitava em vaticinar:

João Penha é dos raros poetas portuguezes do nosso tempo que hão de ficar na historia da nossa litteratura.

(Ayres: 1902, p. 12)

Justificá-lo-ia, certamente, a importância literária das revistas que dirigiu, a variedade das obras que publicou, a originalidade temática das suas composições, ou ainda a ductilidade das quadras e o requinte formal dos sonetos, onde predomina a estrita observância métrica, mas também a busca de soluções ágeis para modelos versificatórios mais rígidos. Legitimá-lo-ia, antes de mais, a independência do seu espírito, «ecclético em quase tudo» (vol. IV, t. I, n.º 774), e por isso também avesso a partidarismos estéticos ou ideológicos.

A verdade porém é que, apesar do estatuto de proa na nossa literatura oitocentista, João Penha foi sendo votado, ao longo dos anos, a um tácito e perverso esquecimento, dolorosamente pressentido já nos últimos anos da sua vida.

Os autógrafos guardados no espólio do poeta, a correspondência partilhada com amigos, os sete livros de poesia e prosa, as duas revistas fundadas, os cento e trinta periódicos onde assinou colaboração não bastaram para cativar o empenho da crítica, nestes noventa e quatro anos que correm sobre o seu desaparecimento³.

Vítima da conjuntura em que viveu, o nome do poeta acabou arrumado num desses cantos obscuros, para onde são varridos todos os que ocuparam um dia posições ambíguas ou de charneira:

João Penha dá a sensação de ter vivido de modo exacerbado o pulsar dessa tensão interior que subjaz à controversa ambiguidade do entre: entre a mítica «Lusa Atenas» e a que outrora foi Bracara Augusta, entre a boémia fácil e o trabalho grave, entre o sonho e a realidade, entre a arte e a vida.

(Santos: 2000, p. 162)

Perdido entre os sécs. XIX e XX, a Monarquia e a República, a Paz e a Guerra, a Fortuna e a Miséria, o poeta acabou reduzido à figura excêntrica do veterano coimbrão, comodamente rotulado de introdutor ou teorizador (Ramos: 1933) do Parnasianismo em Portugal, mesmo quando encarado em sentido pouco ortodoxo (Veloso: 1950).

É este, aliás, um fenómeno recorrente:

³ Até à data, o espólio do autor foi apenas pontualmente aproveitado por Maria Amália Ortiz da Fonseca (1963), António Ferreira de Brito (1987) e Maria do Rosário Girão Ribeiro dos Santos (1998).

Em Letras e em Arte, quási todos têm a sua época de esplendor e notoriedade, a que se seguem as neblinas do tempo, que pouco a pouco lhes vão gastando, esfumando as figuras...

(Brandão: [s.d.], p. 218)

O próprio autor parece antecipar esta inevitabilidade, quando afirma, em carta para Albino Forjaz de Sampaio, que «raros são os escriptores, cujas obras lhes sobrevivem, e rarissimos os que podem contar com uma posteridade, não de seculos, mas de alguns mezes apenas» (Arquivo documental do n.º 333, vol. II, t. II).

E no entanto, a história literária faz-se continuamente de «ressurreições surpreendentes, que nos consolam e redimem de muitos pecados» (Brandão: [s.d.], p. 218). São elas que permitem acompanhar os movimentos da história, enriquecendo (ou reformulando), a cada instante, a lacónica perceção em que assentam os vagos conceitos estilístico-periodológicos.

João Penha é, sob este aspeto, particularmente relevante, na medida em que a sua poesia atravessa o domínio relativo de vários estilos de época, atualizando paradigmas que ambiguamente se entrecruzam.

Por isso se impõe, antes de mais, uma edição crítico-genética das suas obras completas, que venha reunir os textos do autor, preparando as condições necessárias para que, no futuro, a crítica possa vir empreender uma grande revisão analítica da poesia penhiana, à luz dos testemunhos aqui reunidos. Mais do que fixar o texto crítico, urge portanto empreender uma nova abordagem editorial, capaz de estruturar em si mesma vários níveis de documentação com interesse para João Penha, e consequentemente também para o contexto finessecular alargado.

É esse extenso trabalho de recolha, edição, anotação e integração documental, empreendido durante cinco anos em vários arquivos públicos e privados, que apresentamos nos seis tomos do CD-ROM⁴. Este primeiro volume, redigido nos poucos meses que se seguiram, surge portanto necessariamente apenas como introdução ao projeto central, há muito reclamado pelos admiradores de João Penha:

O grande serviço a prestar ás letras patrias é a publicação em volume da sua obra tão dispersa. [...] Essa compilação representaria uma obra patriótica, [...] pagando assim ás letras patrias uma divida sagrada; seria erguer em homenagem ao auctor um monumento muito mais perduravel que os que se cinzelem no marmore ou se fundem no bronze.

(Ayres: 1902, p. 12)

Eis pois a primeira pedra do monumento, aqui devotamente erigido na superfície alabástrica de três mil e duzentas páginas.

⁴ Dos cinco anos e meio de dedicação exclusiva a este projeto de doutoramento, quatro foram generosamente financiados por uma bolsa de investigação, atribuída pela FCT.

PARTE PRIMEIRA

PASSO A EXPÔR O MEU RETRATO*



João Penha.

* Vol. II, t. I, n.º 466 (“Autobiographia”), v. 5.

O verso que dá título a este capítulo inicial pertence ao autorretrato de João Penha e introduz-nos num tema frequentemente olhado com desconfiança por alguma crítica literária.

Se durante o séc. XIX e nas primeiras décadas da centúria seguinte, a predominância dos ideais românticos do Génio ditou a absoluta consagração do escritor e de tudo o que dissesse respeito à sua vida pessoal¹, o surgimento das teorias imanentes (do Formalismo ao *New Criticism*) resultou, durante anos, na total desvalorização da biografia, culminando, em 1968, com a proclamação da *morte do autor*, por Roland Barthes:

a obra que tinha o dever de conferir a imortalidade passou a ter o direito de matar, de ser assassina do seu autor. [...] Diz-se, com efeito [...], que a função da crítica não é detectar as relações da obra com o autor, nem reconstituir através dos textos um pensamento ou uma experiência; ela deve, sim, analisar a obra na sua estrutura, na sua arquitectura, na sua forma intrínseca e no jogo das suas relações internas. Ora, é preciso levantar de imediato um problema: “O que é uma obra? [...] Uma obra não é o que escreveu aquele que se designa por autor?”

(Foucault: 2002, pp. 36-37)

Como advertia Michel Foucault, na incontornável conferência de 1969, a verdade é que não podemos rasurar a existência do autor, detendo-nos apenas na obra em si mesma. O nome daquele que escreve não pertence apenas à esfera civil dos homens; é também um dado textual, que confere unidade ao conjunto dos testemunhos recolhidos pelo editor crítico.

Nesta medida, a abordagem genética tem contribuído, nas últimas décadas, para um novo equacionamento da relação entre o texto e o *sujeito da escrita*, reabilitando a noção de autor e o contributo da biografia para o estudo da obra:

il reste que c'est un sujet capable de décision qui a tracé sur du papier telle configuration de mots et qui l'a ensuite modifiée. Et il l'a fait à un certain moment de sa vie. On aura beau alors distinguer vie d'écriture et vie sociale (le moi écrivain et le moi mondain de Proust), ces deux vies, ces deux (ces multiples) moi communiquent, et l'activité du généticien consiste à tenter de voir comment et par où ils communiquent, dans la dynamique de l'écriture elle-même.

(Contat: 1991, p. 24)

¹ A este propósito, observava ainda Casais Monteiro, em 1934: «Parece que hoje, mais do que nunca, o público letrado, e até o que não é letrado, se lançam apaixonadamente à leitura dos diários íntimos, correspondências e memórias, dos escritores [...]. Dir-se-ia até que tal apaixonado interesse vai, para lá do artista e do escritor, incidir sobre o homem, fazendo mesmo esquecer a obra para unicamente pôr em destaque as preocupações e os gostos, os tics e as manias, os vícios e as virtudes, a biografia do homem» (Monteiro: 1934, p. XI).

Desta íntima ligação entre um *autor concreto* e o *autor implícito* já Lamartine dava conta, ao descrever a experiência autoral enquanto prolongamento da existência², e o mesmo se poderá dizer também de João Penha, quando admitia a subjetividade que percorre a sua poesia:

os maiores poetas dos tempos modernos [...] metrificaram os seus amores, todos deificaram as respectivas musas inspiradoras [...]. Pela minha parte e na minha obscura pequenez, assim tenho procedido, [...] porque me dou bem com a forma subjectiva, forma que adopto ainda quando os episódios, que relato, se não passaram realmente commigo.

(Penha, vol. IV, t. I, n.º 733, ll. 27-39)

Dos amores de carne e osso às atribuições pessoais, passando por figuras e acontecimentos marcantes na cena política da viragem do século (quer sejam guerras, o Ultimato ou a escalada antimonárquica), muitas são na verdade as marcas transpostas da vida para a produção lírica deste autor, com particular destaque para a modalidade satírica³.

De resto, o conjunto da obra penhiana inclui, já por si, vários escritos que, ao assumirem ampla referencialidade, sobressaem como produções de charneira entre a vida e a literatura. Lembremos apenas os textos memorialísticos⁴, autobiográficos⁵ ou de ficção autobiográfica⁶, onde João Penha estabelece um pacto de leitura, assente justamente na «afirmação da identidade autor/narrador/personagem ao nível do texto» (Rocha: 1990, p. 13).

Por isso, os dados biográficos surjem aqui também como instrumentos legitimadores do discurso crítico, conforme já defendido por Gonçalves Crespo, no trabalho fundacional dedicado à obra penhiana:

Para se conhecer o poeta devemos analisar, descrever o homem, estudar a sua vida, e o meio em que elle viveu, vida e meio que deixaram em tudo o que o poeta produziu um vestigio immorredouro e profundo.

(Crespo: 1878, p. 56)

² «Tout devint littéraire à mes yeux, même ma propre vie, qui se répercutait, avec ses impressions, ses piétés, ses affections, ses joies ou ses douleurs, dans mes vers. L'existence était un poème pour moi» (Lamartine: 1856, p. 64).

³ Sobre o equívoco que muitas vezes opôs *lirismo* a *sátira*, leia-se o que a este propósito defende Carlos Nogueira. Como demonstra o autor, a poesia satírica constitui um modo derivativo, plenamente integrado no modo lírico (Nogueira: 2011, p. 168).

⁴ E.g. “A Orgia”, “Almôço campestre” e “Adeus Manuel”, no vol. IV.

⁵ Vd. poema n.º 466 (vol. II, t. I). Embora se intitule “Autobiographia”, esta composição deverá no entanto enquadrar-se mais no género do autorretrato, na medida em que «a sua escrita se ordena{r} lógica ou tematicamente – e não cronologicamente, por não se tratar duma narrativa dinâmica» (Rocha: 1990, p. 15).

⁶ Vejam-se, por exemplo, “Sylvia” e “Colombina”, no vol. IV.

Acetemos então o repto, esperando iluminar o perfil biográfico do vate bracarense, a partir das contradições que ditaram a *cálida imortalidade* (Borges: 1951, p. 7) da sua lenda:

É extraordinário que, envolto na sua lenda, tão pouco se saiba deste mestre da poesia [...]. É bem pena; e até mesmo ainda porque a sua biografia, nesta época, alguma luz lançaria na dos contemporâneos, que foram, mais ou menos, seus discípulos. Façamos votos por que algum benemérito pesquisador traga, aos vindouros, esclarecimentos tão úteis à nossa história literária.

(Oliveira: 1956, pp. 142-143)

As informações contraditórias que envolvem a biografia de João Penha começam, desde logo, na data de nascimento. Uma pesquisa rápida por algumas enciclopédias e verbetes generalistas depara-nos, à partida, com datas tão díspares como 29 de janeiro de 1838⁷, 29 de abril de 1838⁸, 29 de janeiro de 1839⁹ ou 29 de abril de 1839¹⁰.

Impõe-se, por isso, a reprodução do assento de batismo, existente no Livro dos Nascimento n.º 11 (anos 1808-1839), da freguesia de S. João do Souto, concelho de Braga:



João filho legitimo de Jose Joaquim Penha Fortuna, e de Maria Jose Amalia, da Rua do Souto desta freguezia de Sam João do Souto, nasceu aos vinte e nove dias do mez de Abril de mil oitocentos trinta e nove, e eu João Ribeiro Pereira, Abade desta mesma freguezia o Baptizei solemnemente, com a imposição dos Sanctos Oleos, aos quatro dias do mez de Maio do dito anno supra. Avós paternos Maria Ingracia do Salvador, solteira, da freguezia

⁷ Esta data é avançada nalguns dos principais trabalhos dedicados ao poeta bracarense. João Gaspar Simões chega mesmo a transcrever uma cópia divergente da certidão de nascimento (Simões: 1947, p. 427) e também Maria Amália Ortiz da Fonseca (servindo-se aparentemente da mesma transcrição) indica que «no prédio n.º 7 da Praça Municipal, em Braga, numa casa grande, de enormes varandas rasgadas sobre o mercado, nasceu, aos 29 de Janeiro de 1838, João Penha de Oliveira Fortuna, [...] segundo reza a certidão passada pelo abade da freguesia» (Fonseca: 1963, p. 19).

⁸ Vejam-se, a título de exemplo, as entradas dedicadas ao poeta, em duas grandes plataformas digitais: a Infopedia <[http://www.infopedia.pt/\\$joao-penha](http://www.infopedia.pt/$joao-penha)> e a Wikipedia <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Penha>.

⁹ A informação consta, por exemplo, no verbete da *História da Literatura Portuguesa* (Laranjeira: 2001).

¹⁰ A primeira indicação da data fidedigna deve-se a António Maria Seabra de Albuquerque (1874, p. 59).



João António de Oliveira
Braga, S. Romão
(*1811 †1898), tio materno
e padrinho do poeta.



Rua do Souto, n.º 38
(na atualidade).

do Salvador de Pena, e maternos João Alvares d'Oliveira, e Isabel Thomazia da freguezia da Sé Primas. Foi padrinho João Antonio de Oliveira Braga, solteiro, thio pela parte materna, e madrinha se lhe pôs a Corôa de Nossa Senhora dos Dezamparados. E para constar fiz este assento era ut supra. O Abb.e João Ribr.º Per.ª

(ADB, Registo Paroquial, lv. 150)

De acordo com o registo paroquial, João d'Oliveira Penha Fortuna nasceu pois no dia 29 de abril de 1839; data corroborada pela certidão de óbito (*infra*), por notícias publicadas quando da sua morte e pela própria correspondência do autor¹¹. A mesma data é também avançada por Cândido de Figueiredo, que em 1881 informava, com a anuência do amigo¹²:

nasceu em Braga, no predio n.º 38 da rua do Soito, a 29 d'abril de 1839.

(Figueiredo: 1881, p. 362)

O pai, José Joaquim Penha Fortuna (*1806 †1879), escrivão de Direito nesta cidade, era filho natural de D.^a Maria Ingracia de Almeida Fortuna e de um descendente dos senhores de Ribeira de Pena, levando o poeta a orgulhar-se:

*Eu dera um litro do meu sangue azul,
(Oh meus avós, não fulmineis o hereje!)
Só por beijar-te, no chapim taful.*

(vol. II, t. I, n.º 54, vv. 5-7)

Do ramo paterno herdou pois a estirpe aristocrática e a carreira na Justiça, mas é à mãe, Maria José Amália (*1815 †1881), e ao lado burguês da família Oliveira Braga (S. Romão)¹³ que o poeta foi buscar o talento artístico:

¹¹ Antero de Figueiredo, por exemplo, dá os parabéns ao amigo, numa carta enviada a 28 de abril de 1907 (ADB, Ms. 551, f. 61) e é também a 28 de abril de 1902 que Penha responde a Alberto de Madureira: «é amanhã que faço anos» (ABD, Ms. 546 ^{maço} 12, ff. 82-83).

¹² Em carta pertencente ao espólio de João Penha, ficamos a saber que o próprio forneceu as informações necessárias à composição deste verbete, mas depreende-se também que Penha fizera depois notar uma incorreção nos dados publicados (ADB, Ms. 546 ^{maço} 5, ff. 11-12).

¹³ A esta próspera família de comerciantes bracarenses pertencia também Manuel José Gomes da Costa Júnior (*1810 †1852), um dos homens de negócios mais influentes no panorama nacional do Setem-

É notorio o bom gosto e tendencias artisticas de muitas pessoas desta familia. Manoel san Romão, primo do Poeta, pintor notavel, foi o escolhido para ilustrar com o seu lapis inspirado uma edição de luxo das cartas de soror Marianna, impressa em paris.

(Mello: 1926)

O livro assim referido por Zulmira de Melo é uma belíssima edição lisboeta de 1894, efetivamente ilustrada por Manuel S. Romão. No entanto, as tendências artísticas da família não se esgotam por aí. Sabemos também que outro primo, João S. Romão, conquistou o terceiro prémio de um concurso fotográfico promovido pela *Revista Encyclopedica* da casa Larousse¹⁴, e o próprio João Penha, que foi colecionador de gravuras e águas-fortes¹⁵, assumia-se como «artista [...] por temperamento e educação [...] quasi desde a infancia» (vol. II, t. II, n.º 333, A. d.):

*Ácerca das artes bellas,
Foi sempre meu pensamento,
Que não há, por fóra dellas,
Para ninguem salvamento.*

*Tudo me serve: a pintura,
A propria litographia,
Boa musica, a esculptura,
E sobretudo a poesia.*

(vol. II, t. I, n.º 466, vv. 45-52)

Na verdade, remontam à mocidade de João Penha as primeiras incursões na arte poética, como o próprio confessa num dos poemas inéditos (vol. III, t. I, n.º 644) e também em carta para Antero de Figueiredo:

Eu principiei por uma quadra a pedir a meu pai 500r emprestados. Emprestou-mos, e foi o que me perdeu. Eram quadras sobre quadras, sempre no mesmo sentido, de sorte que aos emprestimos sempre era deferido, mas com verbas reduzidas.

(BPMP, M-AF-1164(3), carta datada de 5-VII-1902)

brismo à Regeneração. «Segundo o *Diário do Minho* de 15-5-1965, o apelido São Romão teria sido acrescentado pelo seu pai por ser natural da freguesia de São Romão da Ucha (concelho de Barcelos) e aí deter o contrato do tabaco» (Martins: 1992, p. 369). Conceição Andrade Martins situa a adoção do apelido, por volta de 1843.

¹⁴ A notícia é publicada n' *A Correspondência do Norte*, n.º 1770 (20 de julho 1898), p. 2.

¹⁵ João Penha refere a sua paixão pela pintura, em várias cartas dirigidas a Antero de Figueiredo, bem como a extensa coleção de gravuras, que guardava com esmero: BPMP, M-AF-1196 (5), (6), (8) e (9). Em setembro de 1918, oferecendo alguns exemplares ao amigo, desabafa: «o mesmo é que arrancar-me os proprios dentes» (BPMP, M-AF-1196(5)).

Pouco sabemos desse período da sua vida, tão escassas são as referências do poeta à infância. Dela diz-nos apenas (em carta para o mesmo amigo):

o largo tempo da minha infancia, que eu prolonguei desesperadamente ate aos 12 annos, o tempo da Folha, e ainda o do resto da minha mocidade, que eu levei, á romana, ate aos 40, – foi o mais feliz da minha existencia.

(BPMP, M-AF-1182(9), carta datada de 3-X-1913)

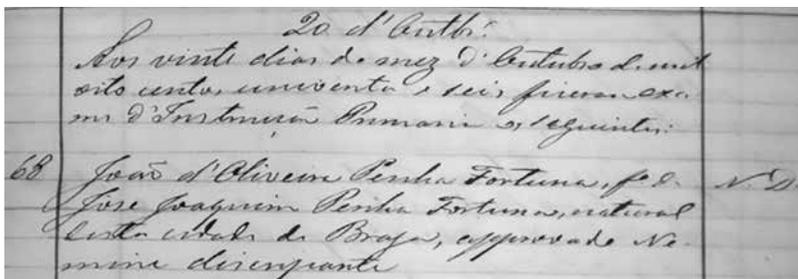
Embora sem especificar fontes, Maria Amália Ortiz da Fonseca arrisca avançar alguns pormenores:

A infância do Poeta não decorreu toda na sua terra natal, tendo-a passado, segundo cremos, entre Viana do Castelo e Ribeira de Pena, e aí nasceram algumas das suas irmãs. Só mais tarde a família se fixou, definitivamente, em Braga, onde José Joaquim Penha Fortuna continuava sendo tabelião, com breves estadas nas propriedades vizinhas.

(Fonseca: 1963, p. 20)

À falta de informações seguras, resta-nos imaginar esses anos jucundos, despreocupadamente vividos por João, na companhia de seus oito irmãos: um rapaz, Manuel Joaquim (*1837 †1882), e sete meninas – das quais sabemos apenas o nome de quatro: Maria do Patrocínio (*1850 †1917)¹⁶, Carolina¹⁷, Emília¹⁸ e Delmira.¹⁹

Certo é que o pequeno João não frequentou qualquer estabelecimento de ensino oficial, prestando apenas exame de instrução primária, como aluno externo ao Liceu Nacional de Braga:



LNB/ESM , Livro I dos Exames d’Instrução Primária para Habilitação dos Alumnos do Lyceu Nacional de Braga (1849-1857), f. 156.

¹⁶ Sobre esta irmã, publicou-se uma notícia no jornal *Echos do Minho* (n.º 1190, 28 de janeiro de 1917, p. 2), por altura da sua morte – vd. *infra*.

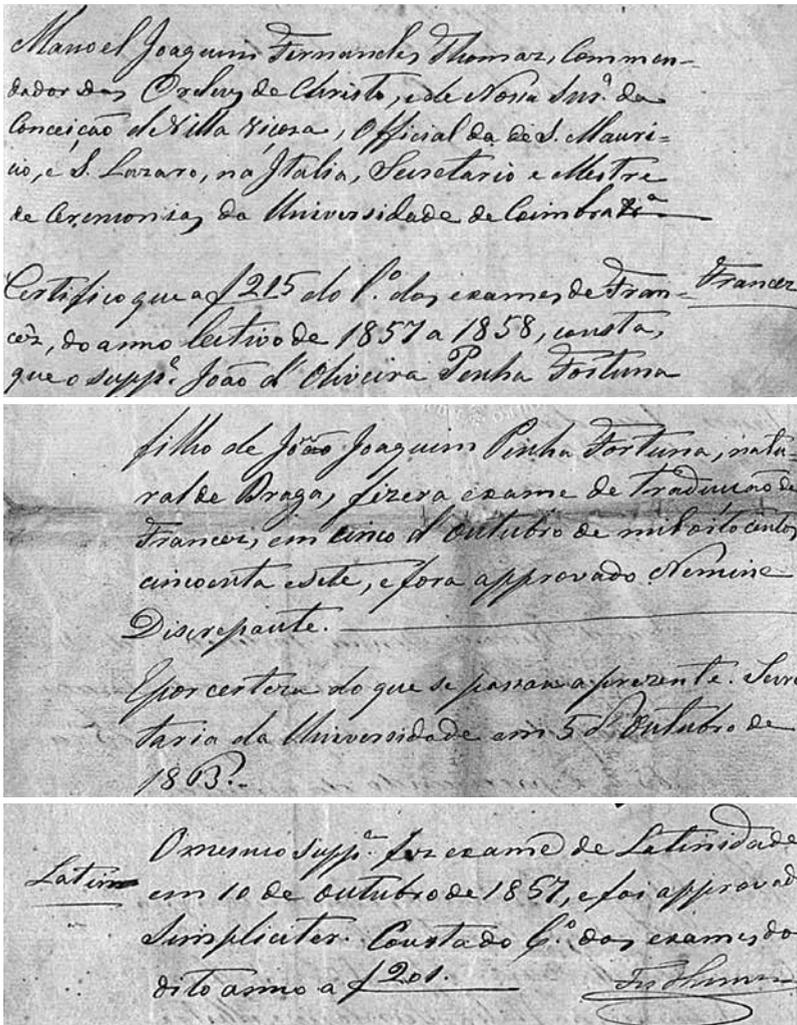
¹⁷ Carolina (que faleceu pouco depois do poeta) é mencionada em carta de João Penha Júnior para Bernardino Machado (FMS, 06696.069).

¹⁸ Esta irmã é mencionada no *Jornal de Noticias*, a 6 de fevereiro de 1917.

¹⁹ Em carta para Antero de Figueiredo, João Penha refere-se a um episódio de varíola, que acometeu esta sua irmã, em outubro de 1897 (BPMP, M-AF-1144(17) – vd. transcrição no Arquivo documental I do texto n.º 718 – vol. IV, t. II).

Data este exame de 20 de outubro de 1856, numa altura portanto em que contava 17 anos de idade.

Em 1857, vamos encontrá-lo já em Coimbra, partilhando residência com o irmão, que aí se fixara para estudar Direito²⁰. Em outubro, começa por prestar exames de tradução de Francês e Latinidade, no Liceu Central:



AUC, Livros de habilitação/exame em Ciências Positivas e Ciências Naturais (1866), anexo à petição de exame de João d'Oliveira Penha Fortuna.

²⁰ Manuel Joaquim Penha Fortuna foi aluno do Liceu de Coimbra em 1853-1854 (onde cursou Oratória, Poética e Literatura Clássica; Aritmética e Geometria), passando depois à Faculdade de Direito, entre 1854 e 1859. No ano letivo de 1855-56, voltou a inscrever-se no Liceu (cadeira de Princípios de Física e Química e Introdução à História Natural dos Três Reinos).

Logo em seguida, matricula-se no mesmo Liceu, e passa a frequentar o ano letivo 1857-58, como aluno ordinário a duas cadeiras: Aritmética, Álgebra Elementar, Geometria Sintética Elementar, Princípios de Trigonometria Plana e Geografia Matemática (lecionada pelos Profs. José Joaquim Manso Preto e Carlos Maria Gomes Machado) e Princípios de Física e Química e Introdução à História Natural dos Três Reinos (regida pelo Prof. Jacinto António de Sousa)²¹.

Desse primeiro contacto com o meio coimbrão fala-nos Gonçalves Crespo, no célebre artigo redigido em 1878, com a colaboração do nosso poeta:

João Penha quando foi para Coimbra era um mocinho tímido e mimoso. Reinava desafortadamente o costume da troça académica; calouros²² que fosse apanhado á bôca da noute sem ser devidamente protegido pelo veterano, era espancado [...]. Á noute, á hora da ceia, ouvia João Penha contar estes e outros casos inauditos e assombrosos para quem sáe da sua pacata cidade natal, e se vê de repente em paiz de barbaros façanhudos. Não podia sahir, não podia sósinho e livremente [...] perder-se pelos bêcos e encrusilhadas antigas da cidade baixa, mas o que ninguem lhe podia estorvar, era a consoladora leitura dos bons livros, e era nisto que elle dispndia a maior parte dos primeiros annos da sua estada em Coimbra.

(Crespo: 1878, p. 56)

No entanto, graças ao amparo do irmão quartanista, João Penha conseguia, apesar de tudo, movimentar-se com alguma liberdade, na rígida hierarquia académica. Assim se compreende que um mero aluno de liceu se atrevesse a cantar uma serenata noturna, em frente à janela da amada de João de Deus. Chamava-se Raquel (vol. IV, t. I, n.º 720) a formosa menina, e morreu de tuberculose, a 9 de fevereiro de 1859 (Pimpão: 1952, p. 146). Sobre este episódio dirá o poeta, em carta para Alberto de Madureira:

Conheci muito bem a Rachel e a Candida Nazareth, de uma familia de gigantes, ellas mesmas muito altas, mas de uma suprêma elegancia. Muitos eram os academicos que as cortejavam, e não posso dizer se a Rachel só tinha olhos para o João. Eu mesmo, imberbe, as amava em silencio e ás escondidas, recordo-me até de que uma noite, a altas horas, em pleno deserto da Sophia, – lhes cantei á porta d'ellas, com uma supposta voz de tenor, o Mentia la perfida, do Trovador.

(ADB, Ms. 546 ^{maço} 12, ff. 86-88)

Foram pois memoráveis estes primeiros anos em Coimbra, muito embora fiquem saldados por um embaraçoso insucesso escolar. Não chegou João Penha a concluir qualquer cadeira no Liceu, e depois desta experiência como aluno ordinário, o seu

²¹ Vd. *Relação e Índice Alfabético dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra e no Lyceu no Anno Lectivo de 1857 para 1858*, pp. 47, 63.

²² Note-se que, na altura, a designação de “caloiros” era aplicada aos estudantes que ainda não tinham concluído quaisquer preparatórios (Vasconcelos: 1956, p. 320).

nome desaparece dos anais académicos. Só voltamos a encontrá-lo em 1866-67, já matriculado na Universidade.

Onde esteve durante esse período? Lopes de Oliveira arrisca um cenário:

Em Coimbra! Seu irmão estabelecera em Braga banca de advogado, e ele ficara na Lusa-Atenas. Fazendo o quê? Ignoramo-lo. Mas Gonçalves Crespo afirma que, 'durante quase três lustros, sem faltar uma só noite', frequentou a taberna da tia Camela... O que, bem calculado, dá um curso dessa pequena boémia de quinze anos aproximadamente – 1858 a 1873!

(Oliveira: 1954, p. 142)

É efetivamente possível que João Penha tenha mantido residência em Coimbra, durante algum desse tempo, mas lá não permaneceu certamente os oito anos. Seu irmão Manuel formou-se em Direito em 1859, regressando a Braga, e João, que não voltara a inscrever-se no Liceu, acabaria – assim o cremos – por fazê-lo também.

Nesse sentido abona precisamente um dos textos do autor, que é também a publicação mais antiga que conseguimos recolher. Trata-se de uma crónica, publicada na *Revista de Braga*, a 27 de fevereiro de 1862, onde Penha, gracejando sobre a falta de assunto para escrever na capital minhota, dá conta de uma peça teatral, acabada de estrear na cidade:

Imaginem agora em que talas me não acharei eu em Braga, terra da monotonia e do somno, da pasmaceira e da preguiça, para encher duas columnas dum jornal-revista. É verdade que alguns dos meus amigos se comprometteram a ajudar-me nesta ardua e difficilima empreza. E digam os scepticos que não ha amisade! Um d'elles, mancebo melancholico e pensador, prometteu-me suicidar-se... Outro, fundar em Tombouctou uma eschola repentina... Outro, evangelisar, em terras desconhecidas, povos que nunca existiram... Outro, escrever um livro com ideas originaes d'ha muito conhecidas... Outro... e tudo isto para me não faltar materia... nem espirito... O principal assumpto de Braga é o theatro. Quarta feira foi á scena a Cisterna Encantada. É uma das melhores zarzuellas que a empreza nos tem dado: a musica é lindissima e sabiamente escripta.

(vol. IV, t. I, n.º 770)

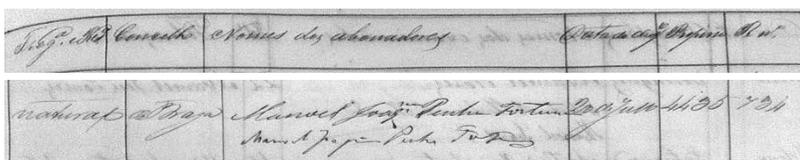
O texto detinha-se na avaliação dos atores que protagonizaram o espetáculo e terminava com a promessa de novos desenvolvimentos, em crónicas posteriores. No entanto, a colaboração futura na revista bracarense acabaria por resumir-se a uma pequena nota bibliográfica, publicada a 20 de março, onde o autor diz ter manuseado as obras recenseadas²³, «por mais duma vez na loja de livros e encadernação de Germano Barreto» (vol. IV, t. I, n.º 773), à centralíssima Rua do Souto.

²³ Tratava-se de uma coleção dos seguintes opúsculos de D. Luís do Pilar Pereira de Castro: *Elogio Funebre de Sua Magestade Imperial [...] Dom Pedro IV*, Lisboa: Typ. Silva, 1850; *Elogio Funebre de Sua Magestade Fidelíssima a muito Alta e Poderosa Rainha de Portugal, Senhora D. Maria Segunda*, Porto:

Em 1862, estava pois João Penha em Braga, em cujo liceu aliás se inscreveu a 28 de julho, com propina abonada por seu irmão. Fazia-o como aluno estrangeiro, para prestar exame de Matemática:

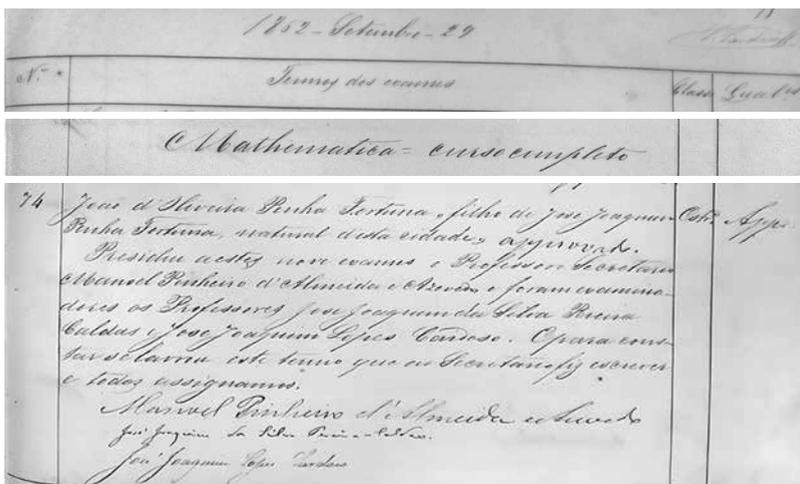


LNB/ESM , Livro IV de Matriculas para Exames de Estranhos (1861-1868), f. 50v.



LNB/ESM , Livro IV de Matriculas para Exames de Estranhos (1861-1868), f. 51r.

Seria examinado a 29 de setembro, pelos Profs. José Joaquim Pereira Caldas e José Joaquim Lopes Cardoso, ficando então aprovado:



LNB/ESM , Livro III dos Exames dInstrução Secundária do Lyceu Nacional de Braga (1861-1865), f. 71.

Em julho do ano seguinte (1863), volta a inscrever-se no mesmo Liceu, para prestar exame de Física, Química e Introdução à História Natural, também com propina abonada pelo irmão:

Typ. de D. Antonio Moldes, 1855; *Elogio Funebre de Sua Magestade Fidelissima, [...] D. Pedro Quinto*, Porto: Typ. de D. Antonio Moldes, 1862.

1863, Julho 28

Classe	Disciplinas	Nomes dos examinandos	N.º	Nota
		Introdução João d'Oliveira Penha Fortuna	23	José Joaquim Penha Fortuna
		João d'Oliveira Penha Fortuna		

LNB/ESM , Livro IV de Matrículas para Exames de Estranhos (1861-1868), f. 75v.

Reg.º	Classe	Nomes dos abonos	Data de exp.º	Nota	N.º
		João d'Oliveira Penha Fortuna	10 de Junho	44,35	840

LNB/ESM , Livro IV de Matrículas para Exames de Estranhos (1861-1868), f. 76r.

Mais uma vez, a prova é realizada na qualidade de aluno externo, a 29 de julho:

29 de julho

Introdução (curso completo)

No mesmo dia vinte e nove de julho de mil oitocentos sessenta e três fizeram exame de Física ou e Química e Introdução a História natural os seguintes:

N.º	Nome	Nota
14	João d'Oliveira Penha Fortuna, filho de José Joaquim este Penha Fortuna, natural d'esta cidade, aprovado.	840

LNB/ESM , Livro III dos Exames d'Instrução Secundária do Lyceu Nacional de Braga (1861-1865), f. 132.

Logo depois, regressa a Coimbra, para prestar exame escrito a Matemática Elemental, solicitando nessa altura a certidão dos exames realizados no Liceu Central, onde (além das provas de 1857 – em Tradução de Francês e Latindade) consta já o novo exame, realizado a 12 de outubro:

Math. Elem. Prova p.º escrito.

1

João d'Oliveira Penha Fortuna, natural de Braga, fez exame p.º a Matemática Elemental da Universidade de Coimbra em 12 de Outubro de 1863 e foi admitido. Conta da l.º dos en.º do 1.º anno a p.º

M. Costa de Figueiredo

AUC, Livros de habilitação/exame em Ciências Positivas e Ciências Naturais (1866), anexo à petição de exame de João d'Oliveira Penha Fortuna.

Creemos que só nessa altura se fixou definitivamente em Coimbra, para preparar o exame de habilitação à Universidade²⁴. Tinha já 24 anos de idade, mas a conclusão dos preparatórios era ainda uma miragem, e a verdade é que só três anos mais tarde o nosso autor iria transpor a porta férrea. Até lá, os meses foram inteiramente consagrados a uma alegre e estimulante boémia, de que rezam numerosos testemunhos.

Gonçalves Crespo, por exemplo, fala da inaudita liberdade que este simples aspirante à Universidade conquistara junto aos veteranos da Academia:

pouco e pouco foi adquirindo celebridade pela viveza das replicas, pelo feitio caustico dos dictos, e mais que tudo pela extravagancia do seu viver, e pela fortaleza diamantina do seu estomago. [...] João Penha pela sua graça, pela expontanea vivacidade do seu espirito, apesar de caloiro, entrou a ser admitido nos conciliabulos dos academicos, e, ahi, os veteranos toleravam-lhe as mordentes facecias [...], permitiram-lhe que passeasse por onde quizesse, que jogasse o bilhar onde lhe aprouvesse, que bebesse onde muito bem lhe quadrasse [...] nas ceias, que principiavam muitas vezes na rua da Sofia, e iam acabar em Santo Antonio do Penedo.

(Crespo: 1878, pp. 56-57)

Também Luís Jardim refere a participação de João Penha nas «ceias alegres» que, «ahi por 1865», organizou um grupo de académicos no extinto Colégio da Santíssima Trindade (Valenças: 1897, p. 119), e o próprio poeta justifica assim um banquete, ocorrido a altas horas da madrugada, em casa daquele finalista de Direito, à Couraça de Lisboa, n.º 6:

porque fazia parte do brilhante grupo de litteratos, que foram para a chamada guerra coimbrã, iniciada por Anthero de Quental e Theophilo Braga, [...] – grupo a que tambem pertencia Luiz, – tinha eu uma especial acolhida em casa do Visconde de Monte-São, onde eu entrava a toda a hora do dia ou da noite, sem bater á porta, e sem pedir licença a pessoa alguma. Durante um largo periodo de tempo era lá, no amplo aposento do Luiz, que eu ia acabar as minhas noites.

(vol. IV, t.I, n.º 757)

Efetivamente – embora não pertencesse ao mesmo círculo de Antero de Quental²⁵ – foi numa destas reuniões exaltadas que se acordou a participação de João Penha na ruidosa Questão Coimbrã. A iniciativa traduziu-se numa curiosa paródia ao “Anjo do

²⁴ Em idêntico sentido abona Cândido de Figueiredo, quando diz que João Penha «ficou saudosamente na memória das gerações academicas que passaram pela universidade, dêsde 1864 a 1873» (Figueiredo: 1906, p. 37).

²⁵ Isso mesmo testemunha uma carta de João Penha para António Cabral (1924, pp. 273-274), também confirmada por Luís Jardim: «Havia certamente em Coimbra, por aquelles tempos, outros cenaculos, além do nosso: – o de Anthero do Quental, da *philosophia nova*; o dos *gymnastas*, que educava os moços na agilidade e na força; o do *theatro Academico*, que os educava na recitação e na declamação. O nosso, porém, era o mais alegre, porque não tinha preocupações de escola, nem ambições de predomínio em politica ou nas letras» (Valenças: 1897, pp. 119-120). No entanto, embora não pertencessem ao mesmo círculo literário, havia decerto alguma intimidade entre Antero e João Penha, como este sugere em carta

Lar”, publicada anonimamente nas páginas d’ *A Liberdade* (entre 30 de novembro de 1865 e 1 de fevereiro de 1866)²⁶, que haveria de merecer este esclarecimento do autor:

Os iniciadores da lueta, quanto á questão theórica, foram Anthero de Quental e Theophilo Braga. Outros poetas, de que fazia parte o individuo que estas linhas escreve, resolveram, com o entusiasmo da sua juvenil idade, pôr em pratica aquellas theorias, e para o levarem a effeito e numa ruidosa ceia preparatoria, accentaram em que se fizesse uma paródia áquelle poema, em que o heroe fosse o proprio Chagas, ahi chrismado, depois, em Chaga. A parodia do prefacio foi feita por Guimarães Fonseca, fazendo eu a do primeiro capitulo. Tudo devia sahir, turno a turno, pelos diversos poetas conjurados, mas com[o] aquella primeira parte fosse lisongeiramente recebida por grêgos e troianos, resolveu-se que eu continuasse, e fizesse tudo até final, ao que, da melhor vontade, accedi.

(vol. III, t. II, n.º 531, fragmento IX, Arquivo documental I)

A primeira fase criativa do poeta é pois indissociável da intensa boémia vivida durante todo esse ano letivo, quando os ânimos juvenis se encontravam ao rubro. Em carta para Joaquim de Araújo, Penha alude mesmo ao duelo de espadas entre Antero de Quental e Ramalho Ortigão, que se travou no Porto em fevereiro de 1866, e foi celebrado em Coimbra com a matança de um porco:

para celebrarmos o acontecimento, matamos um porco, que comemos, e foi morto a frio. Ainda estou a ouvir os seus gritos tão profundamente dolorosos que fendiam os seios da alma.

(BNMV, Ms. 12242, carta de 6-I-1902)

De modo análogo, o poema herói-cómico «Tancredo» (vol. II, t. I, n.º 81) – publicado na *Revista de Coimbra*, entre 1 de dezembro de 1865 e 31 de março de 1866 – acabaria igualmente marcado por uma enorme festa, que segundo o autor se organizou espontaneamente por toda a Academia:

No dia em que conclui a ultima estrophe, alguns academicos resolveram festejar ruidosamente o acontecimento. O transito, pela Couraça de Lisboa, ficou interrompido durante muitas horas: uma grande fogueira que se accendeu em frente do templo do novo Apollo, e á roda da qual as raparigas da vizinhança formaram desde logo as suas danças, foi a causa principal dessa interrupção. Um importante casco de vinho foi franqueado ao publico, no balcão exterior do edificio. De momento a momento, bombardas estrepitosas, e trons de esfoguetamento, levavam o espanto ás povoações boqui-abertas, e obrigavam ao silencio as rãs coaxantes do placido Mondego. A musica compunha-se do Roque, sapateiro da vizinhança, que tocava trompa, e de um academico que imitava com a voz a gaita-de-folles, com tal perfeição, que illudiria um gaitero da vizinha Hespanha, se o ouvisse. Uma primorosa ceia, fornecida

para Joaquim de Araújo, onde lembra «uma conversa que, a respeito de mulheres, tivemos na ponte de Coimbra» (BNMV, Ms. 12242, ff. 1-3, carta datada de 23-III-1894).

²⁶ Vd. texto editado no n.º 531 (vol. III, t. I).

pela grande artista culinaria Maria Camela, dividiu esta primeira parte do programma, da segunda. A segunda consistiu na representação improvisada da Ignez de Castro, num só acto, e em verso alexandrino. [...] A musica, a que acima me referi, fez ouvir os seus accordes accelerados, e precedida por ella, toda aquella massa de academicos desceu á baixa, realisando-se então, no Paço do Conde, um segundo repasto homérico. O que depois se seguiu perde-se nas penumbras incertas das cousas vagas e phantasticas. Ninguém sabe como aquillo acabou, havendo só ao outro dia uma idea vaga, mas geral, de que houve ainda uma terceira ceia, não se sabe onde.

(vol. II, t. II, n.º 81, Arquivo documental I)



Eça de Queirós ca. 1868.

Também dos inícios de 1866 deverá datar aliás uma célebre “Orgia”, que o poeta descreveu no livro *Por Montes e Valles* (vol. IV, t. I, n.º 729), e em que participaram, além de João Penha, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo, Simões Dias, Bernardino Machado e Eça de Queirós. O episódio, largamente conhecido por descrever uma noite emblemática da boémica coimbrã, marca o início da íntima amizade que Eça de Queirós estabeleceu com João Penha, nos últimos meses da sua passagem por Coimbra.

O fascínio que o poeta bracarense então exerceu sobre o jovem Eça terá sido de tal forma marcante, que este, imitando o companheiro de estúrdia, decidiu comprar um monóculo. E tão inseparáveis se tornaram os dois amigos, que passaram a viver juntos, no quarto arrendado por João Penha em casa das senhoras Seixas:

Depois do episodio, que debaixo do titulo a Orgia, sahiu no meu livro Por montes e valles, [...] e que é de todo o ponto verdadeiro, Eça, que era um visionario, passou a dormir comigo. De manhã, vinha-nos á cama, num tableiro, o nosso almoço, que devoravamos com o apetite da mocidade, aberta a janella, e alongada a vista, por sobre o placido Mondego, até aos chorões da Fonte de Ignez de Castro. Depois deste episodio, Eça desaparecia, sem que eu jamais o tornasse a ver até á noite. Á noite, e sem excepção de uma só, seguiam-se diversos episodios, entre os quaes os das ceias na tia Maria, que frequentavamos, não por falta de dinheiros, porque sempre os havia, mas porque era perita e unica na arte de fritar a sardinha, o savel e a eiró. Muitas vezes, porém, ceias monstruosas se realizavam, até altas horas, no Paço do Conde ou no Castella, e ahí, como acolá, o prato forçado, e de resistencia, era o d’uma discussão descabellada sobre todas as materias relativas á arte, ou ás que constituem o saber humano. De ordinario, esses episodios tinham o seu remate em casas de raparigas de facil peso – mas nem Eça, nem qualquer de nós, jamais praticamos com ellas o acto, a que, pelo seu infortunio, eram destinadas, e era por isso talvez que nos adoravam.

(carta de J. Penha para A. Cabral *apud* Cabral: 1924, pp. 266-269)

Esta íntima amizade haveria de prolongar-se assim por alguns meses, até que, em finais de maio, João Penha (que atravessara despreocupadamente os últimos três anos de boémia) decide voltar ao Minho, para fazer as provas que lhe faltavam.

A 26 de maio, começa por pedir certidão das disciplinas já concluídas no Liceu de Braga e, logo a 12 de junho, inscreve-se na época de exames:

1865 - Junho - 12

Termos das matriculas		Disciplinas	Notas
113	João d'Alcides Pinha Fortuna, filho de José Joaquim Pinha Fortuna, natural d'essa cidade de Braga, habilitou-se com testes de Tranquillidade, para exames de Philoſophia e Oratoria	Philosophia Oratoria	1865
	Com o mesmo habilitou-se com as mesmas testes, para exames de Historia	Historia	1865
	Com o mesmo habilitou-se com as mesmas testes, para exames de Grammatica e Poetica	Grammatica Poetica	1865

LNB/ESM, Livro IV de Matrículas para Exames de Estranhos (1861-1968), f. 159v.

Logo depois, e no espaço de poucos dias, realiza todas as provas que lhe faltavam. A 10 de julho, Oratória, Poética e Literatura Clássica:

Julho - 10

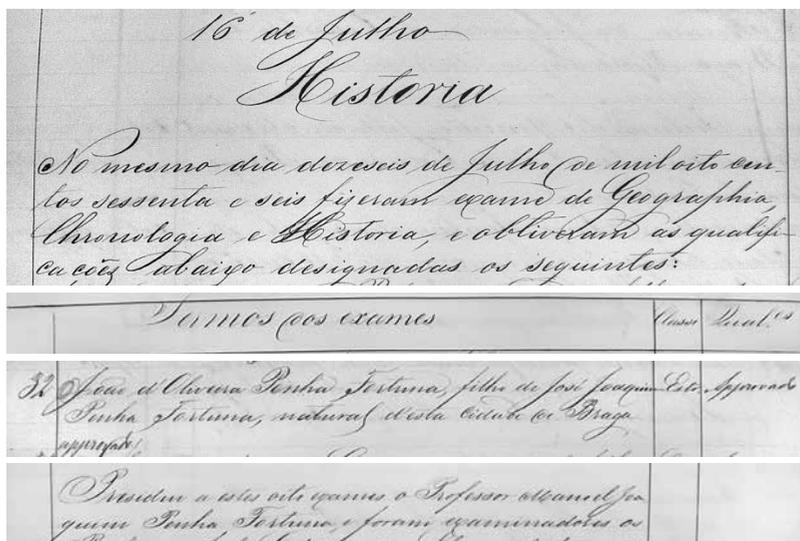
Oratoria

No mesmo dia dez de julho de mil oitocentos e sessenta e seis fizeram exame de Oratoria, Poetica e Literatura Clássica, e obtiveram as qualificações abaixo designadas as seguintes:

Termos dos exames		Classificação
114	João d'Alcides Pinha Fortuna, filho de José Joaquim Pinha Fortuna, natural d'essa cidade de Braga, aprovado	Approved

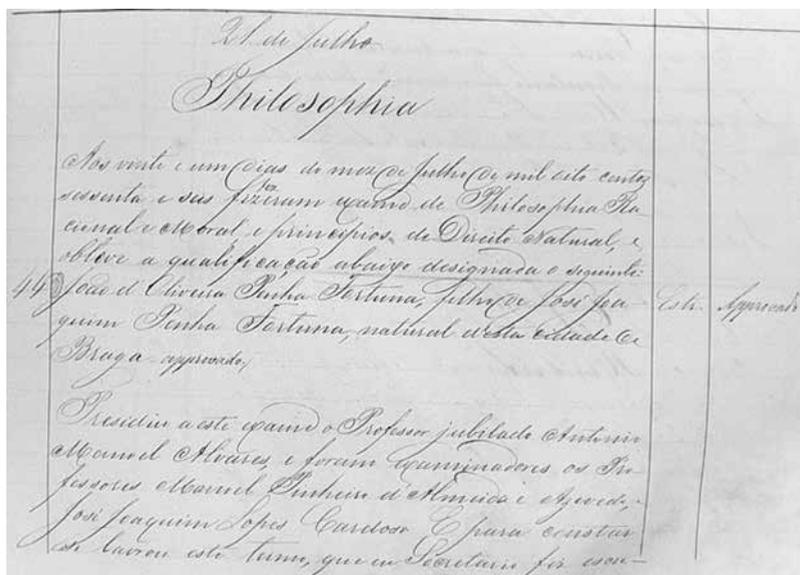
LNB/ESM, Livro IV dos Exames d'Instrução Secundária do Lyceu Nacional de Braga (1856-1870), f. 47.

A 16 de julho, Geografia, Cronologia e História:



LNB/ESM, Livro IV dos Exames d'Instrução Secundária do Lyceu Nacional de Braga (1856-1870), f. 58.

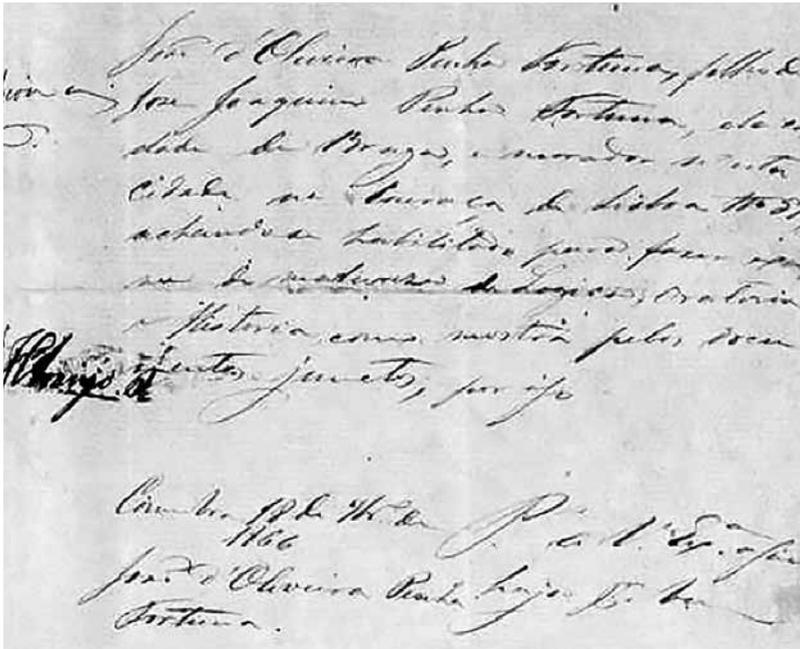
E finalmente, a 21 de julho, Filosofia Racional e Moral e Princípios de Direito Natural:



LNB/ESM, Livro IV dos Exames d'Instrução Secundária do Lyceu Nacional de Braga (1856-1870), f. 64.

Consegue pois ser aprovado no mesmo liceu onde era também professor seu irmão, Manuel Penha Fortuna, que chega mesmo a integrar o júri de um dos exames. Coincidência? Talvez não, mas o certo é que, aos 27 anos de idade, ficava apenas por transpor um último obstáculo à entrada do poeta na Universidade: o temível Exame de Madureza, que se realizava no Liceu Central de Coimbra.

Assim, a 31 de agosto, João Penha solicita a certidão dos exames realizados em Braga e, logo em seguida, volta a Coimbra, dando entrada com o pedido de provas, a 18 de setembro de 1866:



AUC, Livros de habilitação/exame em Ciências Positivas e Ciências Naturais (1866).

Na altura, versava o Exame de Habilitação aos cursos de Ciências Positivas sobre matérias de Lógica, Oratória e História. Era pois um verdadeiro exame final, que obrigava a estudar novamente as disciplinas examinadas em Braga. Decidido a ajudar o irmão, após tantos anos de adiamentos sucessivos, Manuel Penha Fortuna chega a recomendá-lo a um dos examinadores, mas, à última hora, ou porque não se achasse preparado, ou porque ressacava ainda da noite anterior, João decide faltar à chamada, como nos conta Sérgio de Castro:

o exame de madureza, esse então, foi repetido, segundo a tradição que encontrei, umas tres vezes pelo menos. [...] Este exame, que passou á historia ahi por 1873, constava de duas partes: uma escripta, outra oral, em que se interrogava, para Direito, sobre latim,

logica, historia e rhetorica, seleccionada esta, segundo as regras Quintilianas, no purissimo vernaculo do padre-mestre, que falava grego e hebraico, Antonio Cardoso Borges de Figueiredo. Chegou um anno em que o dr. Menezes, um Hercules que ensinava Theologia, enchendo a cathedra e enchendo o pulpito, minhoto de Valença, violento e bom, sendo examinador, se propunha a fazer passar o poeta, dêsse por onde dêsse. Assim passou elle logo na prova escripta: mas, chegando o dia da oral, o examinando não acudiu á chamada! Espanto do dr. Menezes, que lhe certificára a approvação. Espanto e contemplação extrema, porque este foi até mandar-lhe recado á Couraça, a casa dos Seixas, para que fosse... E a meza, numa excepção que pasmava toda a gente, levantando protestos, á espera!... Mas a resposta foi digna da contemplação; resposta a lapis, que dizia assim, n'aquella lettra miudinha, que é indicativa do cinzelamento dos seus sonetos: – “Era costume dos generaes romanos dormirem depois das batalhas; alguns dormiam antes: eu durmo durante...” E com effeito, depois de tal escrever, voltára-se para o outro lado, na cama onde estava, entregando-se nos braços de Morpheu; e, assim, lá se perdeu o exame, lá se foi mais um anno!

(Castro: 1903, p. 3)

Sem Madureza, ficava então João Penha, mais uma vez, impedido de se matricular em Direito ou qualquer outro curso da Universidade. A única exceção passava por inscrever-se em Teologia, como aluno para o Estado Eclesiástico, pois nesse caso havia dispensa ao Exame de Habilitação, sendo apenas necessário apresentar atestado de *vita et moribus*, certidão de idade e comprovativo dos exames de Português, Latim, Francês, Filosofia, História, Matemática e Princípios de Física e Química e Introdução à História Natural.



J. Laurent, Universidade de Coimbra, 1869.

Assim se compreende que o nosso cábula, em último recurso, decida entrar com petição de matrícula em Teologia, a 15 de outubro de 1866, comprometendo-se a apresentar o atestado de boa conduta, no prazo de quinze dias:

N.º 11
15 de Outubro de 1866
A. A. de Iguaçu

Comme je n'ai pu me faire inscrire
à l'Université de Coimbra, par suite
de l'absence de mon oncle, j'ai
adressé à M. le Recteur de la
Faculté de Théologie, le 15 Octobre
1866, la pétition ci-jointe.

Monsieur l'Orateur, Monsieur le Recteur,
Fils de José Francisco Pacheco
Teixeira, natural de Braga, né le
30 Mars 1842, je vous supplie
de me faire inscrire à la Faculté
de Théologie, en vertu de la loi
qui autorise les étrangers à
s'inscrire dans les Universités
de ce Royaume, et de me délivrer
un diplôme de bachelier en
Théologie, si vous le jugez
convenable.

O. A. de Iguaçu adjuvante
à l'Université de Coimbra
le 15 Octobre 1866
M. le Recteur, dans le délai
de quinze jours.

Année D. M. C. LXVI
Cours de Théologie, N.º 32

AUC, Petições de matrícula/inscrição na Faculdade de Teologia (1866-1867).

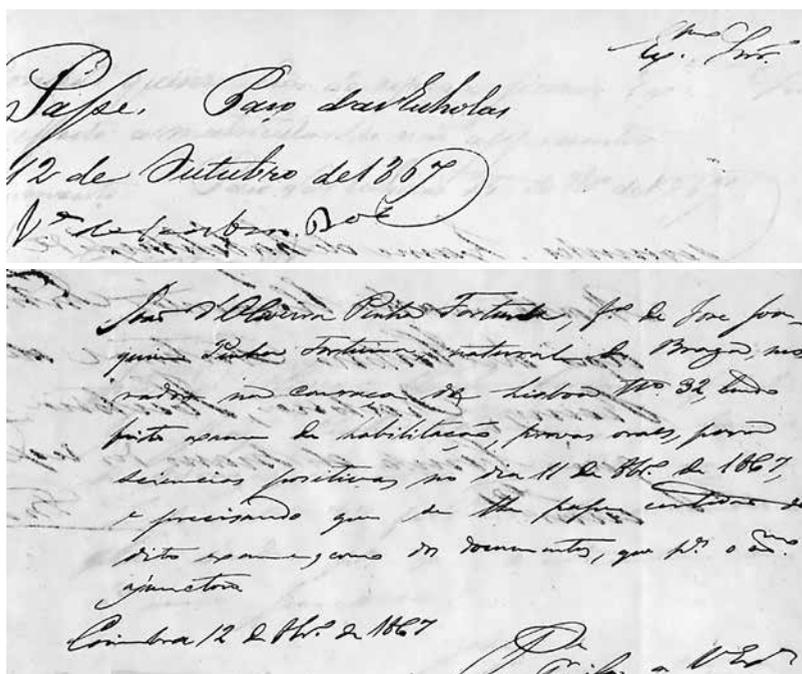
Na classe, onde ocupava o n.º 11, teria como condiscípulo Abílio Manuel Guerra Junqueiro e outros doze rapazes, que assim procuravam contornar o acesso falhado a Direito. O estratagema, comum na altura, é descrito por Trindade Coelho, em crónica do jornal *Novidades*²⁷:

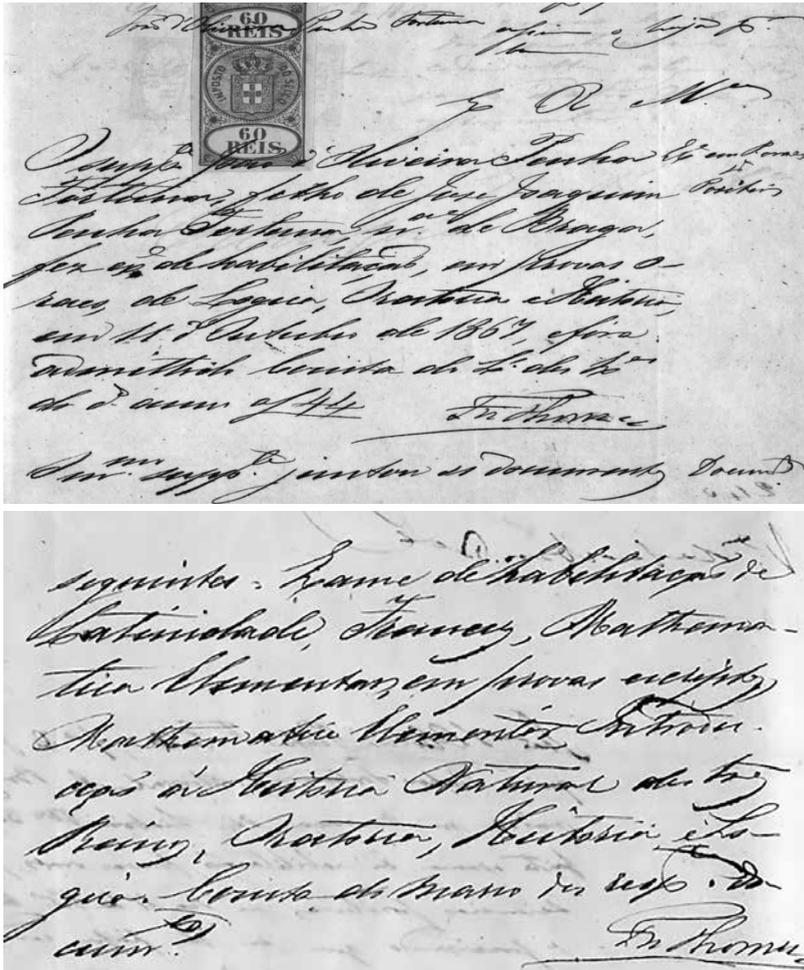
²⁷ Referimo-nos a um conjunto de crónicas intituladas “In illo tempore”, que se publicaram neste jornal, sob o pseudónimo Aza. É o próprio Trindade Coelho quem assume a autoria das mesmas, em carta para João Penha (ADB, Ms. 547^{maç01}, ff. 1-2).

In illo tempore... – quando ainda havia exame de madureza, os rapazes, lá em Coimbra, descobriram uma maneira muito curiosa de escapar ao temível exame. Como aos exames de madureza ia, infallivelmente, o doutor Damazio, que era lente de theologia na Universidade, o que faziam os rapazes? Matriculavam-se em theologia, porque para isso não era preciso madureza, e como no 1.º anno um dos lentes era o Damazio, os rapazes estudavam-lhe a valer, faziam uma frequencia bonita, e captavam desse modo não só a sympathia, mas a benevolencia do doutor – quando o doutor, no fim do anno, os examinava no lyceu... E assim escapavam na madureza, e abandonando depois a theologia, cada qual seguia o seu rumo, consoante a faculdade em que queria formar-se. Nestas condições, está claro que os rapazes não estudavam nada, no 1.º anno de theologia, para os outros lentes além do Damazio.

(Aza: 1893, n.º 2736, p. 2)

Efetivamente, quem regia a cadeira de História Eclesiástica, no primeiro ano de Teologia, era o Doutor Damásio Jacinto Fragoso, cujas boas graças todos queriam conquistar, e o certo é que, no ano seguinte, a 11 de outubro de 1867, encontramos João Penha aprovado no Exame de Habilitação, que lhe abria as portas de Direito:





AUC, Petições de matrícula/inscrição na Faculdade de Direito (1866-1868).

Comprometia-se o estudante a apresentar certidão de idade, no prazo de quinze dias, efetuando-se então a matrícula no primeiro ano jurídico, onde ocupou o n.º 43 da classe, tendo como professores os Doutores Pedro Augusto Monteiro Castelo Branco, Bernardo de Albuquerque e Amaral, José Augusto Sanches da Gama, José Dias Ferreira, Manuel Emídio Garcia e Joaquim Maria Rodrigues de Brito.

Ora, é precisamente numa aula deste último (catedrático de Filosofia de Direito e História de Direito Público Constitucional Português) que João Penha compõe uma conhecida sátira (vol. II, t. I, n.º 245), valendo-lhe a reprovação, no final do ano letivo. Disso mesmo dá conta Vitoriano Peres Furtado Galvão, em carta para o poeta:

os annos da nossa formatura – 6 –, porque eu, tu, e creio que mais 11, ficamos reprovados no 1.º anno, em 1868. Os 12 porque o cão de quinta – ão ão ão – (B. d'Albuquerque) embirrou com elles: e tu, por causa do teu bello soneto, d'uma inexcedivel justeza photographica, reproduzindo n'elle as theorias ao Dr. Brito.

(ADB, Ms. 559^{maço3}, ff. 1-4, carta de 9-V-1903)²⁸.

Seria esta a primeira e única reprovação de João Penha, durante a sua passagem pela Universidade. No ano seguinte, voltamos a encontrá-lo no primeiro ano de Direito, para onde Guerra Junqueiro acabava de se transferir também, e desde então o percurso académico dos dois amigos nunca mais voltou a divergir.

Assim, no ano letivo 1868-69, foram seus lentes os Doutores Joaquim Maria Rodrigues de Brito, Manuel Emídio Garcia, José Dias Ferreira, Bernardo de Albuquerque e Amaral, Pedro Augusto Monteiro Castelo Branco e José Augusto Sanches da Gama. No segundo ano (1869-70), são lecionados pelos Doutores Vicente José de Seíça e Almeida e Silva, Manuel Nunes Giraldes, Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, José Dias Ferreira e José Augusto Sanches da Gama. No terceiro ano (1870-71), são professores os Doutores Manuel Emídio Garcia, João José de Mendonça Cortez, António dos Santos Pereira Jardim e José Joaquim Fernandes Vaz. No quarto ano (1871-72), as aulas são asseguradas pelos Doutores João de Sande Magalhães Mexia Salema, José Adolfo Trony e Bernardo de Serpa Pimentel. Finalmente, no quinto ano (1872-73), são seus professores António Aires de Gouveia, António Luís de Sousa Henriques Seco e Joaquim José Pais da Silva Júnior.

À saída da Universidade, tinha João Penha nada menos do que 34 anos de idade; à entrada contava já 27. Sobressaía, pois, entre os demais estudantes, tanto na idade como pela excentricidade da figura, com «o seu insolente monoculo, a sua figura distincta, fazendo destacar a batina correcta e as luvas brancas» (Ayres: 1902, p. 12).



João Penha
de capa e batina



Guerra Junqueiro
de capa e batina



João Penha
estudante de Direito

²⁸ Vd. transcrição integral no Arquivo documental dopoema n.º 245 (vol. II, t. II).

São unânimes os testemunhos da época, dando conta do prestígio que o poeta detinha no seio da Academia. Cândido de Figueiredo (1881, p. 193), por exemplo, diz-nos que «o nome de *João*, sem mais nada, era pronunciado por centenaes de bocas com o mesmo laconismo inteligente e amigo, com que se diz: a arte, o mestre, a bohemia», e também Garcia Redondo haveria de recordá-lo assim:

João Penha era o encanto dos que com elle privavam pelos seus paradoxos, pelos seus conceitos humoristicos e pela sua satyra, umas vezes excessivamente mordaz, outras levemente picante.

(Redondo: 1908, p. 59)

Sobreviveu até hoje a fama do repentista implacável, compondo epigramas «de improviso, nas costas das bancadas das aulas, pelos albuns, nas venerandas sebentás» (Crespo: 1878, p. 63), como demonstra o vol. III desta edição. E os visados retribuía-lhe muitas vezes o gesto, nessa espécie de moeda de troca, que serviu também para robustecer a lenda. Deixamos aqui apenas um, desferido pela seta ervada de Guilherme Gama:

*João Penha, pobre rapaz,
Faz*

*O que Deus impoz por lei:
Procura nicar actrizes
E, sem cahir de narizes,
Nicara a mulher do Rei!*

*João Penha é filho de Braga;
(Traga,
André, traga vinho bom!
Quero beber por engano
D'um piano
Ao som!)*

*João Penha estuda em Coimbra
Timbra
Portanto em ser nicador!
Se eu soubesse uma parábula
Diria a historia d'um cabula...
Cabula... menos d'amor!*

*João Penha detesta a raça
Das mulheres
Que prostituem na praça
O corpo aos torpes praseres
De quem passa.*

– Mas o cidadão de Braga
Nunca odeou a Ernestina
Que: Musão!
Se elle julga-a gente fina
E ella... é um negro coirão,
João!

(Guilherme Gama, BPMP, M-AF-1158)

A mordacidade dos improvisos, aliada às extravagâncias da vida notívaga, criaram pois em redor de João Penha uma aura lendária, que o tempo não ousou dissipar. A sua rotina em Coimbra é-nos descrita por Cândido de Figueiredo, como tendo «a regularidade de um pendulo»:

Dormia pouco. Às oito horas da manhan, descerrava os olhos, corria-os pelos compendios de direito, e preparava-se ligeiramente para a lição do dia. Às dez, barbeado e anafado, erguia do quarto e regava uma planta exotica, a que elle votara mais carinho que Jussieu ou Brotero. Almoçado e embatinado, accendia um charuto, assestava o monoculo, e seguia o caminho das aulas. Durante as horas de prelecção, o seu espirito, um tanto travesso á jurisprudencia pratica, perdia-se num labirinto de rimas e ironias, e um grande numero dos seus melhores improvisos é o que lhe suavizou as horas fastientas da prelecção academica. [...] Depois de jantar, descia á sala do fumo, onde os seus commensais e companheiros de casa infringiam os regulamentos administrativos, arriscando uns vintens na batota. [... João



CRP, Desenhos feitos em Coimbra por Luís d'Andrade, representando a ele de pé, e ao João Penha sobre a pipa, com o Crespo á direita e Guerra Junqueiro à esquerda. Oferecido por B. Machado em 28-7-907.

Penha ficava de pé,] porque nunca se sentava, senão por obediência ás leis de alimentação e ao regimen das escolas. [...] Saía depois] aprumado, grave, e descia lentamente a rua da Couraça de Lisboa, que domina o Mondego [...] Depois, internava-se no bairro da cidade, entrava num pequeno quintal, que elle denominava enfaticamente o Luxemburgo, e por ali penetrava na sala reservada da taberna de um homem illustre, o Homem do gaz. N'aquella sala, sem forro nem cadeiras, mas espaçosa, e allumiada por um bico de gaz que lhe dera vasto renome, reunia-se a flôr dos academicos letrados.

(Figueiredo: 1881, pp. 193-196)

Esta ampla sala do gás – onde, dizia o poeta, «só eram admittidos estudantes, quasi sempre os mesmos, porque, pela sua categoria academica, pelo seu renôme, e medo

que inspiravam, affastavam os outros» (vol. IV, t. I, n.º 734) – era então frequentada por Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, Luís de Andrade, Bernardino Machado, Marçal Pacheco, J. Frederico Laranjo, Júlio de Vilhena, Augusto Rocha, Teixeira de Queirós, Simões Dias, Cândido de Figueiredo, Eduardo Cabrita, Alves de Moraes, Sérgio de Castro e Alberto Braga, entre outros. Aí comparecia João Penha todos os fins de tarde, presidindo às discussões, como um pontífice junto à sua tribo:

envolto num comprido e amplo casaco couleur de muraille, com um bonnet hungaro na cabeça e as mãos atrás das costas, cortava diagonalmente a sala com os seus passos solemnes e graves. De vez em quando parava para ouvir mais atentamente a discussão, e dava a sua sentença. Preferia a todas as discussões as que versassem sobre teologia e sobre medicina, e tinha a vaidosa pretensão de dizer sempre a ultima e decisiva palavra a tal respeito.

(Crespo: 1878, p. 58).

Nesta mesma sala ocorreram vários episódios dignos de registo. Aí ditou João Penha «duas duzias de sermões» a um padre missionário a caminho de África (Crespo: 1878, p. 58), e aí também esgrimiou, já no último ano da formatura, um célebre duelo rimado com Guerra Junqueiro²⁹. Sobre este incidente, dizem-nos as testemunhas que, durante vários dias, os dois companheiros arremessaram despiques amargos contra as paredes do estabelecimento, que o bom taberneiro mandou depois cair, selando a paz entre os amigos. Chamava-se Campos este Homem do Gás, e tinha por João Penha uma devoção genuína:

João Penha dominava este colosso do Homem do Gaz, como um cornac domina um elefante. Fêl-o passar, gradualmente, de patuleia ingenuo e inconsciente a republicano, de republicano a socialista, de socialista a petroleiro, de petroleiro a atheu. [...] quando este bom gigante do Homem do Gaz viu n'uma triste hora o destino separar todos estes rapazes, [...] deixou-se vencer de uma grande melancolia, e passado um anno depois da dispersão do cenaculo, cahiu na cama, e rebentou... de saudades... Dous dias depois escrevia-nos João Penha, de Braga, e enviava-nos [um "Epitaphio"].

(Crespo: 1878, p. 60)

Acabavam sempre tarde as acaloradas sessões na tasca do gás, após as quais havia novo itinerário:

Acompanhado ou só, João Penha ia depois cear. A ceia tinha invariavelmente lugar em uma de duas casas: ou na do Conselheiro, ao caes, ou na da tia Camella, na rua Larga. Se João Penha tinha recebido pouco antes a mezada [...] ceava no Conselheiro, e ahi tinha [...] lauta ceia de frangão assado, queijo da serra, laranjas, e dois decilitros de bom vinho. Mas se as algibeiras se espapavam leves [...], ia bater á porta da tia Camella, porque só ella seria capaz de lhe vender por trinta e cinco réis o melhor peixe frito d'este mundo e o vinho mais insuspeito de Coimbra.

(Figueiredo: 1881, p. 197).

²⁹ Vd. textos editados na secção 3.1.2., no vol. III desta edição.

A famigerada tasca das irmãs Camelas ficava na velha alta coimbrã, e aí compareceram gerações sucessivas de estudantes:

era uma lojinha escura, cheia de fumo e de aromas de azeite frito, com uma porta para a rua Larga, e outra para a rua do Borrvalho.

(Figueiredo: 1881, p. 197)

As mesas eram de pau; muito negras do tempo, já moles pela humidade e o pó acumulado, servia de toalha; os bancos eram de 3 pés ou tripeças, muito parecidos com as mesas e sempre húmidos, pareciam chorar a sua desgraça; a frente da casa era adornada por um enorme ramo de loureiro e aos lados da entrada, pela porta principal e única, como mostradores ou vitrinas, sobre dois caixões que em outro tempo tiveram orgulho das velas de sebo que os enchiam, dois alguidares de barro contendo apetitoso acervo de sardinhas já fritas. Lá dentro, [...] as paredes eram ornadas de quadros de Santos; duas longas filas de candeias de um só bico pendentes do gancho espetado na parede iluminavam a giorno o salão corrido. [...] ao fundo erguia-se o fogão onde estourava a gordura e chiavam as sardinhas manipuladas pelas mãos hábeis da Tia Maria Camela, a mais velha das três irmãs, todas três Marias e todas três Camelas, que virgens nasceram, virgens viveram e virgens morreram.

(Vasconcelos: 1956, pp. 217-219)

A dona da taberna, à semelhança do Homem do Gás, tinha também uma afeição especial por João Penha, mantendo com ele diálogos enternecedores, invariavelmente versando sobre mistérios celestes e o desejo que a pobre velhinha tinha em integrar o coro divino das onze mil virgens. Tranquilizava-a o douto estudante, garantindo-lhe um lugar no grupo das eleitas, e quando a tia Maria finalmente subiu aos céus, por volta de 1880, o poeta mandou erigir «no cemitério do Pio uma lápide de mármore, que perpetuasse a memória da sua passagem pela terra» (Vasconcelos: 1956, p. 218).

Era, pois, esta a «boémia recatada» (Bettencourt: 1931, p. 43) de João Penha em Coimbra, com o vinho e as delícias da mesa a servirem apenas de «estimulante ao seu genio e veia poetica»³⁰ (Moraes: 1902, p. 15); uma boémia que – diz-nos Sérgio de Castro – «tinha festins, a meio tostão por cabeça, na Tia Camella; que de vez em quando se permitia um banquete no João d’Aveiro; que por excepção de grande extravagancia abancava á lampreia e ao bife afamado do Paço do Conde; que philosophava, politicava e versejava peripateticamente pela ribeira de Ceselhas, pela Estrada de Lisboa, pelos meandros do Choupal, pelos horisontes largos da Portella, pelo Penedo da Saudade, por todos esses arredores encantados» (Castro: 1903, p. 3).

³⁰ O próprio João Penha confessa que não bebia para apagar a sede ou esquecer paixões, «mas para dar tom aos nervos e activar os movimentos do maquinismo intelectual» (Pimentel: 1893, p. 50).

Finda a noite, o poeta recolhia ao seu quarto, na Rua da Couraça de Lisboa, onde sempre residiu, desde os primeiros anos em Coimbra. Garcia Redondo, que ocupava o aposento contíguo (apenas separado por um tabique) descreve-nos essas madrugadas:

Muita vez, a essa hora tardia, era interrompido o meu somno reparador pela voz untuosa e um pouco roufenha do poeta [...]. Se João Penha vinha apenas picado, com uma pequena dose de rascante no estomago, a conversa continuava, elle de um, eu do outro lado do tabique [...]. Se a dose do rascante era exaggerada, o poeta recolhia sempre macambuzio e aproveitava o ensejo para desancar, em sonetos, a celebre Catharina, que elle amava doidamente e que não fazia caso d'elle. Outras vezes, elle vinha acompanhado, ora do Guerra Junqueiro, ora do Marçal Pacheco, ora do João de Campos Carvalho [...] Então começava uma algazarra interminavel que ia até á madrugada e que me não deixava dormir. Quasi sempre, a essa hora impropria e trevosa, João Penha, que amava as flores e que as cultivava em caixotes e vasos á janella, lembrava-se de mostrar o seu jardim ás visitas!... [...] E a luz da lampada agitava-se na mão do legendario estudante, o unico que, n'esse tempo, – do reinado do azeite e do candieiro de latão, de tres bicos – usava o petroleo, em lampada de porcellana, com abat-jour de papel redondo.

(Redondo: 1908, pp. 57-59)

Ficava pois este quarto sobranceiro ao Mondego, no último andar de uma casa arrendada pelas senhoras Seixas; a «mais pequena, um pouco recolhida da rua» (Machado: 1902, p. 8), onde se entrava «por escada exterior, de seis degraus» (Cabral: 1942, p. 56). Aí mesmo se estabeleceu a redação d' *A Folha*, como testemunha Garcia Redondo:

Eu vivia então na rua da Couraça de Lisboa, numa republica celebre – a casa das Seixas – solteironas sexagenarias e apparatusas, de genio brando e alma docil, muito ciosas da fama da sua casa, que davam alojamento e pensão a estudantes pela modica quantia de onze mil reis mensaes, sob a condição, porém, de respeitarem as creadas e pagarem pontualmente a contribuição mensal. E commigo viviam, na mesma casa, João Penha, Gonçalves Crespo, Vicente Monteiro, J. Victorio Pareto e outros de menos nomeada. Era n'essa casa a redacção da Folha – celebre revista que João Penha fundara – e era para ahi que todas as tardes affluam os collaboradores do poeta, reunindo-se ás duzias no seu pequeno quarto, contiguo ao meu, ou no de Gonçalves Crespo, que ficava no pavimento terreo.

(Redondo: 1908, p. 55)

Desde a fundação do periódico, em finais de 1868, a casa era então frequentada diariamente pelos colaboradores, que se reuniam em torno de João Penha, ouvindo-o «como a um mestre» (Braga: 1902, p. 15). Cândido de Figueiredo, que integrou o periódico a partir de 1869, lembra:

Á volta dele, sentados na borda do leito, ou em cadeiras de pinho, ou em rumas de sebentas, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro e eu, reuniamos os materiaes do nosso periódico a Folha, e traçavamos ousadamente os destinos da literatura europeia... Ás vezes, assomava á pequena porta a bella barba castanha do Luis Jardim, a face meditativa e séria do Bernardino Machado, o gesto largo do Coelho de Carvalho, o olhar irónico do Marçal Pacheco, o bigode loiro do poeta brasileiro Luis de Andrade, a luneta do Teixeira de Queiroz, o nariz adunco do Frederico Laranjo...; e o debate generalizava-se, a athmosfera impregnava-se de fumo, de poesia, de filosofia e de mocidade... Mas a última palavra era sempre do anfitrião; palavra simples e terrível, como a de um Pombal, expulsando os jesuitas: – Rual!

(Figueiredo: 1902, p. 4)

Na direção da revista, era o poeta aliás conhecido pela avaliação implacável das colaborações, e «era de um tal rigor e intransigencia em questões de linguagem e versificação, que se malquistou com varios escritores muito applaudidos, aos quais elle negou entrada na collaboração d'aquelle jornal» (Figueiredo: 1881, p. 200), como sugerem aliás os acutilantes “Expedientes” da última página (vol. IV, t. I, secção 3).

E no entanto, muitos dos seus companheiros lembram também a benevolência do Mestre, estimulando todos os «que arriscavam hesitantes os primeiros passos nas lettras» (Braga: 1902, p. 15). Diz Bernardino Machado:

Quem tinha poesia ou prosa para lhe mostrar, ia [...] entregar-lha; e elle depois a restituia com as suas correções, singelamente, accrescentando antes um gesto, um sorriso de incitamento [...]. João Penha era para nós, seus contemporaneos, mais até do que um mestre; era o pontifice [...]. Cheio de curiosidade por tudo, tão repentista como laborioso, poeta e prosador impeccavel, humorista, a sua figura, de fino relevo original, não tinha contudo arestas que ferissem [...] a sua superioridade não doia a ninguém.

(Machado: 1902, p. 8)

Na verdade, entre os seus pares, João Penha era inquestionavelmente considerado uma autoridade, em métrica e correção linguística, conquistando mesmo fama de cinzelador obstinado da palavra, como reza o célebre soneto de Gonçalves Crespo:

João Penha

*Nervoso mestre, domador valente
Da Rima e do Soneto portuguez,
Não te eguala a pericia de um chinez
Na pintura de um vaso transparente.*

*Ha no teu verso a musica dolente
Da guitarra andaluza, e muita vez
Rompe em meio da extranha languidez
O silvo estriduloso da serpente.*

*No Vinho e Fel traçaste o escuro drama
Em que soluça e ri, na extensa gamma
Teu desgrenhado amor, doido e fatal...*

*Mas se do peito ancioso o dardo arrancas,
Teu canto exhala as alegrias francas
De uma rubra Kermesse colossal.*

(Crespo: 1913, pp. 293-294)

Cândido de Figueiredo confirma esse rigor extremo do chefe da tribo, filiando-lhe os zelos linguísticos na observação direta dos modelos clássicos:

o Filinto Elisio ficava-lhe á cabeceira, e não havia crime de lesa-vernaculidade, que êle não excomungasse em nome do padre e dos direitos da lingua.

(Figueiredo: 1906, p. 38)

O próprio João Penha confirmaria esse método de aprendizagem³¹, afirmando, em carta para Albino Forjaz de Sampaio, que durante todos os anos passados em Coimbra, a leitura representava para si «a unica amiga e duravel que existe neste mundo» (vol. II, t. II, n.º 333 A. d.). Gonçalves Crespo, que privou de perto com o poeta, refere-se às leituras então preferidas pelo Mestre:

o que o encantava era a radiosa leitura dos poemas de Hugo, de Byron e de Musset, a cativante Comedia Humana de Balzac, a historia feudal de Inglaterra e Escossia vista atravez da opulenta imaginação de Walter Scott, a galeria attrahente e fascinadora do fecundo e prodigioso papá Dumas, o Orlando furioso do Ariosto, a trilogia titanica de Dante, e o deslumbrante colossal e monstruoso teatro de Shakspeare.

(Crespo: 1878, p. 56)

Nem Proudhon, nem Quinet, nem Taine, nem Littré – leituras recomendadas por Antero na “Nota sobre a Missão Revolucionária da Poesia”, que serviu de prefácio às *Odes Modernas* (1865). João Penha estava pois longe de ser um revolucionário; era antes um conservador – como lembra Alberto Pimentel –, amando a «tradição da Arte, os velhos pergaminhos da lingua, a lição classica dos mestres, a compostura aristocratica da phrase, que não chega a desfraldar-se no epigramma, nem a esbagaxar-se na satyra» (Pimentel: 1893, p. 35).

Sobre esta fase da sua vida, muito ganharíamos com as *Memorias de Um Estudante de Coimbra*, que o poeta chegou a anunciar n’ “A Orgia”³², sem, infelizmente, passar

³¹ «O meu systema de pôr em pratica o que aprendi, e de ensinar (embora me não julgue mestre em sciencia, arte ou officio algum) isso que aprendi, é extremamente simples: faço como aprendi nos mestres, e ensino o que nos mestres aprendi» (nota final às *Novas Rimas*, reproduzida no Arquivo documental II do poema n.º 183 – vol. I, t. II).

³² Vd. vol. IV, t.I, n.º 729, ll. 13-16. O livro é também anunciado na contracapa de *Por Montes e Valles*.

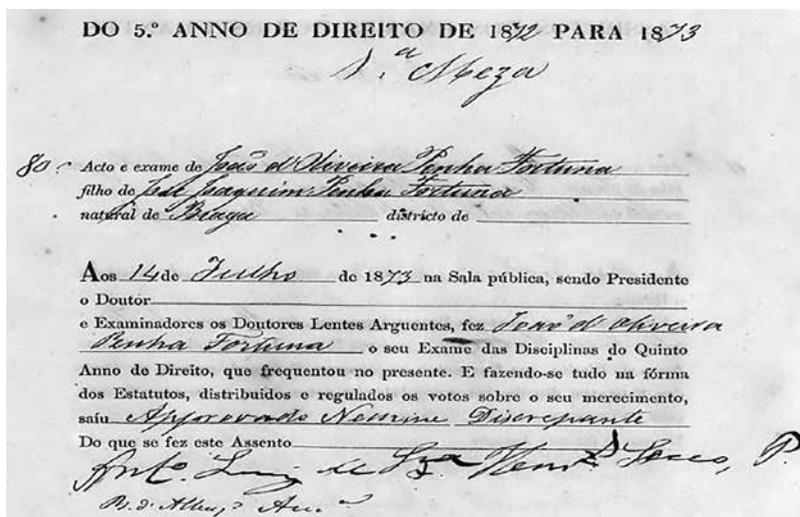
do intento. Uma certeza, porém, emerge nos testemunhos de quantos privaram com o poeta; João Penha foi, essencialmente, um produto coimbrão, e durante todos esses anos, era nas margens do Mondego que ele se sentia verdadeiramente em casa. Por isso, terminadas as aulas, quando todos partiam em férias, o vate deixava-se ficar ainda um pouco, como confessa aliás nas páginas de “Sylvia”:

Coimbra, a cidade mais poetica do mundo – do mundo meu conhecido. Era no mez de junho, e a academia, na sua quasi totalidade, fechadas as aulas, partira em debandada para longes terras, deixando-me só. Por que não partira eu tambem? Exactamente por aquillo; porque, para mim, Coimbra era a cidade mais poetica do mundo.

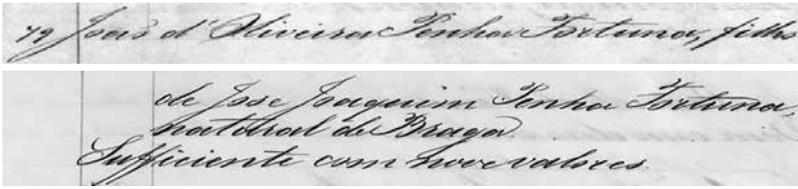
Todos os dias, ao cair da tarde, seguia eu pela ponte fóra: no O detinha-me um pouco a ver as pernas das raparigas que, de saias levantadas entravam no Mondego a encher as suas bilhas; – depois seguia para além, e sentando-me sempre no mesmo lugar, isto é, na extremidade do paredão, do lado esquerdo, dahi contemplava, no seu poente, o sol que se ia escondendo por detraz do Choupal, levando no ouro do seu esplendor as linhas e a còr accentuada das cousas, a visão clara e distincta da paizagem. Pelo rio, para áquem da ponte de ferro, subiam, silenciosos, alguns barcos á vela, e no arvorêdo das margens os rouxinoes, innúmeros nãquellas regiões, davam principio aos seus concêrtos nocturnos. Espectaculo unico no mundo, de uma satisfação intima, serena e consoladora!

(vol. IV, t. I, n.º 726, ll. 18-35)

João d’Oliveira Penha Fortuna concluiu o curso de Direito a 14 de julho de 1873, sendo aprovado *nemine discrepante*, com 9 valores:



AUC, Livros de Actos e Graus, vol. 26 (1872-1873), f. 181.



AUC, Livros de Informações Finais, vol. 6 (1865-1887), ff. 67v-68r.

Do mesmo curso (que em récita de despedida levou à cena a *Fabia*, de Francisco Palha³³), constavam alguns nomes que iriam desempenhar cargos proeminentes na vida política e social do Reino:

[Guerra Junqueiro, o poeta mais lido do seu tempo;] Alberto de Moraes Carvalho, que viria a ser ministro, par do Reino e conselheiro de Estado; Artur Fevereiro, que viria a ser director geral dos Negócios Políticos do Ministério do Reino; Fernando Pereira Palha, que viria a ser deputado e presidente da Câmara Municipal de Lisboa; Francisco Maria da Veiga, o célebre juiz Veiga, que viria a ser juiz de instrução criminal em Lisboa; Gonçalo Pereira da Silva de Sousa e Menezes, que viria a ser conde de Bretiandes e presidente da Câmara dos Pares do Reino; José Borges Pacheco Pereira – o Borges de Infias –, que viria a ser deputado da Nação; José Joaquim de Castro Feijó, irmão mais velho [... de] António Feijó, o poeta [...]; José Joaquim de Sousa Cavalheiro, que viria a ser ajudante do Procurador Geral da Coroa; [...] João Taborda de Magalgães – o Tabordinha –, que viria a ser desembargador do Tribunal da Relação de Lisboa; José Joaquim Pinto – o Pinto Lambaça – que viria a ser conservador do Registo Predial em Rezende e juiz de Direito; José Manuel Neto Parra, que viria a ser juiz municipal no julgado de Freixo de Espada-à-Cinta.

(Cabral: 1942, pp. 39-40)

João Penha, por seu lado, regressa a Braga, para mudar definitivamente de hábitos. Inicialmente, a vontade de permanecer ligado ao meio editorial ainda o levou a fundar *A Republica das Letras* (que alguns quiseram ver como desejada *ressurreição* d' *A Folha*)³⁴, mas tratou-se de experiência passageira, entre abril e junho de 1875. A disponibilidade para a literatura era cada vez menor, como se lê em carta para Albino Forjaz de Sampaio:

Tive, pois, de dividir a minha actividade intellectual, mas poucas eram as horas que podia roubar ao labor profano para me entregar á divina arte do verso.

(vol. II, t. II, n.º 333, A. d.)

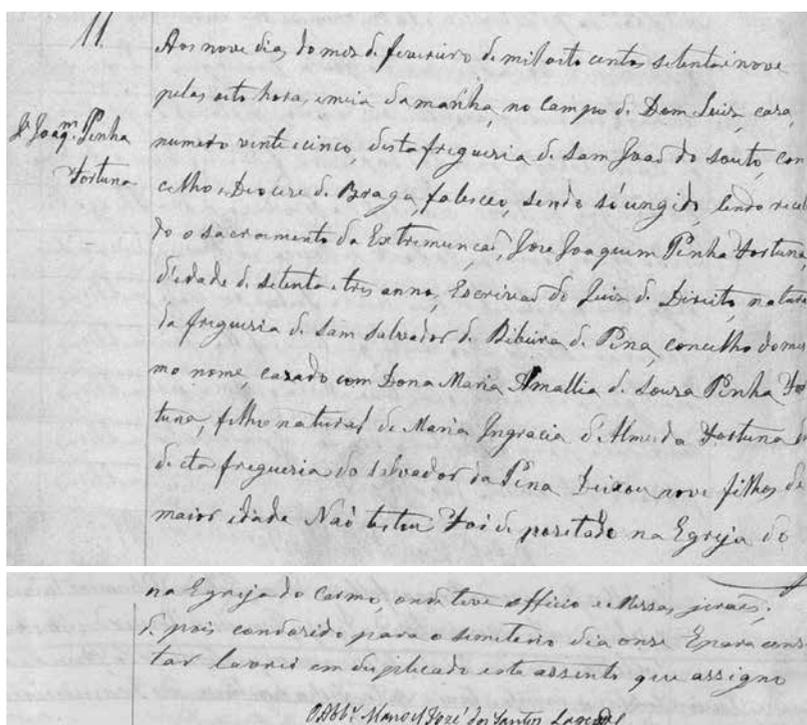
³³ Cabral: 1942, pp. 40-41. Leia-se a transcrição no Arquivo documental do poema n.º 712, no t. II do vol. III.

³⁴ A expressão é sintomaticamente empregada por Luciano Cordeiro, em carta enviada para João Penha, a 21 de fevereiro de 1875 (BPMP, M-AF-4442). Posteriormente, em 1879, sabemos ainda, por carta de Gonçalves Crespo (ADB, Ms. 546^{maço 2}, ff. 32-33), que o nosso escritor chegou a preparar-se para dirigir um outro periódico – *O Norte* –, mas o projeto acabou por não se concretizar. Só em 1897, Penha voltaria às lides editoriais, coadjuvando Alberto de Madureira na direção da revista *Novos e Velhos*.

Assim, logo em 1874, o poeta começa por desempenhar funções de Juiz Ordinário no julgado da Sé de Braga³⁵, passando mais tarde a exercer advocacia, no escritório de sua casa, ao Campo de D. Luís I, n.º 107³⁶.

Foi pois nesta atividade profissional que Penha concentrou grande parte dos seus dias, «porque tinha, como um burguez qualquer, de lutar pela vida» (vol. II, t. II, n.º 333, A. d.). Os despreocupados tempos da mocidade (levada, «á romana, ate aos 40» – BPMP, M-AF-1182(9)) iriam terminar em breve, com desaparecimentos sucessivos, no espaço de três anos.

O pai, José Joaquim Penha Fortuna, morre a 9 de fevereiro de 1879, com 73 anos:



ADB, Registo Paroquial, concelho de Braga, freguesia S. João do Souto, Livro de Óbitos n.º 9, anos 1878-1881.

³⁵ Vd. Cândido de Figueiredo: 1881, p. 202. Também Joaquim de Araújo se refere ao mesmo cargo, em duas cartas dirigidas ao poeta (ADB, 546^{maço 9}, ff. 112-113, 118-119). Lembre-se entretanto que, em abril de 1874, os juizes ordinários passaram a ser objeto de nomeação régia, por um período de três anos, acabando o cargo por ser extinto em 1886, com a transição das suas competências para os Juizes de Direito e de Paz.

³⁶ O Campo de D. Luiz I (atual Praça Conde de Agrolongo) é popularmente conhecida também como Campo da Vinha, o que justifica alguma oscilação nas referências à morada de João Penha.

Pouco depois, a 16 de dezembro de 1881, é D.^a Maria José Amália Penha Fortuna quem se junta ao marido, no rol dos finados:

199
 Nos dezassete dias do mez de Dezembro de mil oitocentos e
 tenta um anno, pelas quatro horas da manhã no tempo
 de Dom Luis, casa numero vinte e quatro d'esta fregue-
 sia de São João do Souto, concelho Diocese de Braga, fe-
 leceu repentinamente sem sacramentos tendo se con-
 fessado a poucos dias Dona Maria José Penha Fortuna
 Maria José na idade de sessenta e seis annos, natural da freguesia
 Penha Fortuna da Lezíria, viúva que ficou de José Joaquim Pen-
 nha Fortuna, escrivão de direito, filha legítima de
 João Alves de Oliveira e de Isabel Egolastica de Oli-
 veira da dita freguesia. As suas testas e seis
 filhos foi sepultada na capella da Senhora do
 Carmo e se teve officio e missas rezas e depois
 conduzida para o cemitério dia dezassete. E para
 constar escrevi com duplido este assento que
 assigno.

O M.º Manoel José dos Santos Leg.º

ADB, Registo Paroquial, concelho de Braga, freguesia S. João do Souto, Livro de Óbitos n.º 9, anos 1878-1881.

Por fim, a culminar a sequência funesta, João Penha recebe um último e duríssimo golpe. Seu querido irmão, ilustre advogado, professor e antigo deputado, Manuel Joaquim Penha Fortuna, morre prematuramente a 5 de agosto de 1882, com 45 anos de idade:

N.º 70
 Nos cinco dias do mez de Agosto do anno de mil oitocentos e
 to, duas, na casa numero trinta e duas, da freguesia de Penha
 Branco, d'esta freguesia de São Vitor, do concelho de Braga, de
 idade de sessenta e cinco annos, com quarenta e cinco annos
 de idade, um individuo de nome Manuel Joaquim Penha Fortuna,
 de profissao advogado, casado com Dona Maria José Penha
 Fortuna, filha legítima de José Joaquim Penha Fortuna,
 e de Dona Maria José de Oliveira Penha Fortuna, mas que se
 casou sem os sacramentos de Santa Theresia, mas de seu filho,
 e se teve officio e missas rezas e depois
 conduzida para o cemitério publico, d'esta cidade. E para constar mandei
 escrever este assento que assigno. Com se depon-

O Encarregado Pedro Frederico

ADB, Registo Paroquial, concelho de Braga, freguesia S. Vitor, Livro Misto n.º 11, ano 1882.

Ficava então o vate com um pesado encargo de mais de onze pessoas³⁷, incluindo sete irmãs solteiras, que viam na sua profissão a principal fonte de rendimento familiar.

Coube pois à advocacia garantir-lhes o sustento, até ao fim da vida, mas a «chusma de clientes» que Penha aturava «todos os dias, no seu escriptorio» (Pimentel: 1893, p. 15-16), impedia-o naturalmente de se dedicar àquilo que mais amava: a literatura.

Alberto Pimentel, encontrando-o certa vez na companhia de um demandante cliente em questão de águas, traça-nos o retrato psicológico de um homem, que até no exercício das obrigações profissionais, vivia confrontado entre o plano ideal da vivência lírica e o concretismo rasteiro das situações quotidianas:

Filado pelo cliente, João Penha era, naquela hora, sob o ceu azul, radioso de sol, uma vítima do Direito, que legisla sobre regos e outras coisas mais. [...] E João Penha, sorrindo, voltado para mim, repetia-me: – Não se esqueça de lêr a Nature de Rollinat. É soberba!

(Pimentel: 1893, pp. 16-17, 19)

Não admira, pois, que o poeta, tornado advogado, se referisse com algum rancor à profissão que exercia diariamente:

*Para o pão de cada dia
(Eis-me aqui chegado á prosa)
Deu-me a sorte a advocacia,
Uma velha remelosa.*

*Quiz fugir-lhe: vão esforço!
Já quiz imponentá-la a murro,
E filou-se-me no dorso,
Como um moscardo de burro.*

*E que seria de mim,
Sem os bons lados que tem?
Isto confirma o anexim:
Há males que vêm por bem.*

(vol. II, t. I, n.º 466, vv. 61-72)

E no entanto, apesar do indisfarçado desdém pela atividade jurídica – que sempre descreveu com enfado³⁸ – a verdade é que J. Penha Fortuna conquistou reputação de

³⁷ Vd. carta datada de 29-IX-1912, à guarda da BPMP (M-AF-1180(4)). Após a morte do tio-padrinho, João S. Romão, a 24 de abril de 1898, o poeta desabafa: «Agora, se me não engano, sou eu o decano da minha vasta família: que tristeza!» – BPMP, M-F-1157(14).

³⁸ A sua relutância pela advocacia é referida com humor, no prefácio a um dos livros de Antero de Figueiredo: «Quem publica um livro não o faz para o ler, publica-o para que os outros o leiam. Quer,

jurisconsulto brilhante, honrando plenamente os pergaminhos familiares³⁹. Já Alves de Moraes falava do «longo tirocinio» que o advogado empreendeu «na sua terra natal onde» «os varios juizes da comarca de Braga, *et reliqua* do Minho, [...] o têm á perna» (Moraes: 1902, p. 15), e também Queirós Ribeiro escrevia em carta para o autor:

Mas como pôde ter tanto desdem pela advocacia quem n'ella attinge a maior culminancia?! Sim, eu comprehendo que não sinta uma grande consideração pela Sciencia Juridica, porque, afinal de contas, é filha de convenções; tambem acceito o rancor á parte material da profissão – ás vezes execravel, sobretudo para um artista. Simplesmente, quando se possui, n'um grau tão maravilhoso, a faculdade rara e interessante a que chamarei o tacto juridico; quando se tem um poder tamanho de comprehensão, de relação e de expressão; em suma, quando se é tão superior – aquelles defeitos devem perdoar-se e até esquecer-se.

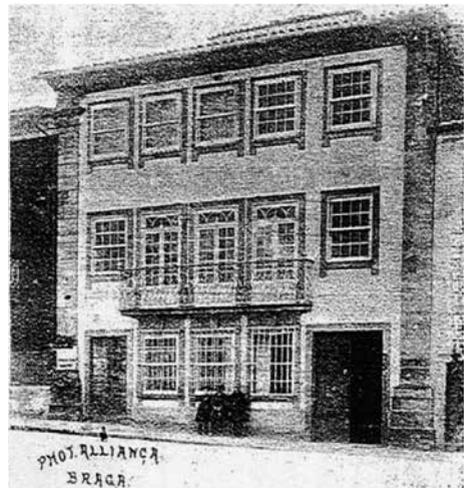
(ADB, Ms. 556 ^{maço 7}, ff. 25-26, carta de 6-IX-1913)

São efetivamente unânimes os testemunhos da época, ao realçarem a competência do nosso causídico, e até mesmo a própria obra literária de João Penha contém evidências do grande respeito granjeado entre os seus conterrâneos. Em “Almôço campestre” (vol. IV, t. I, n.º 744), por exemplo, descreve-se um lauto banquete oferecido em honra do insigne advogado, cujo escritório Alberto Pimentel dizia ser concorrido por vasta freguesia:

Tem, como advogado, uma grande clientella posto não vá nunca ao tribunal. Mas a sua competencia em questões do civil não soffre rivalidade. Escrevendo nos processos, é um jurisconsulto de primeira ordem. Às duas horas da tarde fecha impreterivelmente o escriptorio. Os clientes voltarão, se quizerem, no dia seguinte. Mas voltam sempre.

(Pimentel: 1893, p. 18)

O gabinete onde Penha Fortuna atendia os clientes ficava na mesma casa onde habitava com a família; um prédio de três



Casa de João Penha

portanto, produzir um efeito qualquer, efeito que, em todo o caso, não pôde ser o do somno: para este ha o opio, a belladona e o Codigo do processo civil» (vol. IV, t. I, n.º 746, ll. 81-84).

³⁹ Como jurisconsulto, foi aliás agraciado com algumas distinções honoríficas: Sócio da Real Academia de Jurisprudencia de Madrid e Representante no Distrito do Minho do Centro Internacional Jurídico, também em Madrid (MJD, Espólio de Teixeira de Queirós, maço 30, carta de 1-I-1909).

andares, com porta aberta para o Campo da Vinha, que Sérgio de Castro descreveu um dia:

O seu escriptorio é no Campo da Vinha, [...] perto, muito pertochinho do Tribunal... Por baixo, na loja, um cartorio de tabelião, ou de notario [...]. Subi, e como a porta, larga, franca, estava escancarada, entrei. Sala grande: ao canto, á esquerda, a secretaria, coberta de processos, codigos e regulamentos em pequeno formato: junto, uma estante grande, atulhada – O Direito, A Revista de Legislação e Jurisprudencia, os infolios setecentistas, que passam de geração em geração nas familias de advogados, como a de João Penha, e que servem para o cliente vêr; commentadores, praxistas e expositores; toda a artilheria... Apenas, amenisando, mas sem que a livraria perdesse a linha, as obras de Francisco Alexandre Lobo...

– Os outros, os livros do coração, disse-me elle depois, estão la em cima.

Duas janellas enchem de luz o gabinete, e sobre o parapeito de uma d'ellas, a darem signal do poeta no meio d'aquella aridez, viam-se dois manjeriões bem tratados.

(Castro: 1903, p. 3)



Campo de D. Luís I (vulgo Campo da Vinha), em dia de feira.

Aí foram consultá-lo António Casimiro da Cruz Teixeira e muitos outros clientes, em busca de interpretações engenhosas da lei:

Ao fundo d'uma larga e singela sala e por detraz de uma banca carregada de livros e de processos, João Penha, uma casquette enterrada na cabeça, o monoculo pendente d'uma fita caída ao longo do peito, ouviu silenciosamente a explanação do meu caso; e, mal eu terminara, as suas mãos começaram de seguida a percorrer, sem hesitações, um minuscuro código civil, onde não havia nem uma nota [...]. Mas foi depois que a minha admiração mais cresceu, quando n'um improviso intelligente e promptissimo, a exegese começou, n'uma interpretação luminosa da lei.

(Casimiro: 1906, p. 183)

Era pois sobretudo em habilidosas exegeses ao Código Civil que assentava o reconhecido labor do nosso advogado, mesmo que tais recursos possam hoje parecer, de alguma forma, restritivos:

Conta-se que João Penha dispunha de poucos livros de Direito – a prova disso está nos vários cartões que possui o meu colega e querido amigo dr. Luiz de Almeida Braga, em que o Poeta pedia insistente ao saudoso dr. Carlos Braga vários livros de especialidade [...]. Em todo o caso, não devemos encontrar neste facto um argumento que afecta a cultura jurídica do advogado. A época era bem diferente da que agora atravessamos no mundo das leis. Tinham-se codificado nesse tempo as várias legislações. Sobretudo o Código Civil – e João Penha foi essencialmente um civilista – teria de ser estudado em face da própria lei, da sua história, se quisermos, mas não havia ainda comentadores e raras seriam as decisões jurisprudenciais. É absolutamente natural que João Penha, confiante em si, dispensasse o auxílio alheio e tirasse ele próprio da lei desnudada, em exegeses perfeitas, as verdadeiras soluções para as hipóteses que tratava.

(Braga: 1989, p. 4)

Na altura, foi essa argúcia que lhe garantiu sucesso indiscutido, conquistando rasgados elogios as «allegações jurídicas suas, em que a copia de saber, o vigor da argumentação e o primor da forma sobrelevam e lustram por igual» (Matheus: 1902, p. 11). Daí que as minutas publicadas por J. Penha Fortuna apareçam celebradas, pelo «alto espírito crítico, a profundidade do saber, a perfeição da forma e a correcção e elevada elegância com que os assuntos são tratados» (Braga: 1989, p. 4).

O certo é que, para o bem e para o mal, as facetas de advogado e de poeta são indissociáveis no nosso autor, influenciando-se mutuamente. Em alguns opúsculos jurídicos, é possível surpreender o mesmo cuidado formal dos seus escritos literários, e em muitas prosas do escritor sobressai também um impulso argumentativo que lhe advinha da profissão. Esse espírito belicoso, tão propício à sátira⁴⁰ como à polémica⁴¹, ficou aliás patente nas várias controvérsias literárias em que o poeta se envolveu, procurando sempre contrapor e argumentar, como se de um tribunal se tratasse⁴². Fá-lo muitas vezes até à exaustão, sobrepondo até os zelos proposicionais da

⁴⁰ Como observa Carlos Nogueira, o discurso agónico da sátira pressupõe uma projecção verbal de punições, que se querem metaforicamente corporais; «ou é mesmo, em parte, agressão física, já que as palavras [...], que são actos, têm necessariamente um efeito físico no destinatário» (Nogueira: 2011, p. 215).

⁴¹ Vitorino Nemésio (1964, p. I) nota que a palavra *polémica* pertence, na origem, ao domínio da guerra, sendo depois transposta metaforicamente para o plano da controvérsia ideológica, onde passou a traduzir «as atitudes opostas e pugnazes dos que não só pensam diversamente, afirmando diferentes proposições sobre o mesmo, – mas em adversidade, isto é: com ânimo de contrariedade e de oposição».

⁴² Vd. especialmente os textos editados nos n.ºs 727 e 728 do vol. IV. A generalidade das polémicas travadas na imprensa periódica de oitocentos incorporou, de resto, «padrões de argumentação jurídica,

sua lógica argumentativa a qualquer outra convicção de base; o que, inevitavelmente, acabava suscitando alguma deferência nos seus pares... mesmo quando já ninguém lhe reconhecia razão alguma:

O genio de Penha é methodico e logico; posto que muitas vezes não seja verdadeiro.

(Moraes: 1902, p. 15)

Um dos traços mais encantadores para quem privava com João Penha, desde os míticos tempos de Coimbra, era mesmo «a tentação irresistível para dissertar sobre matéria de que não» percebia absolutamente nada:

Então arranja de subito uma theoria especial para seu uso, principios que só elle encontra, e é capaz de fallar durante muitas horas n'uma materia que lhe é completamente alheia.

(Olympio: 1883, pp. 1-2)

A situação descambava, amiúde, num «cómico irresistível, apesar de Penha pretender, com muito apurmo, fazer-nos acreditar na seriedade científica do assunto» (Lima: 1948, p. 244). São numerosos os exemplos que encontramos nos textos em prosa, e até mesmo na correspondência pessoal do autor. Em carta para Antero de Figueiredo – corroborada por Sérgio de Castro – chega a expor uma teoria «sobre a fabricação do ouro, que o dr. Bernardino Machado achou bôa, sorrindo, prontificando-se a ser capitalista da empresa o sr. Guerra Junqueiro» (Castro: 1916).

Uma das teses mais recorrentes era, no entanto, a de que «as plantas [...] têm alma, consciencia da sua existencia, paixões, odios e sympatias, riem e choram, e digo mais: vêem e ouvem», como assegurava em carta também para Sérgio de Castro (Penha apud Castro: 1916).

Várias passagens, tanto da biografia, como da obra literária de João Penha, discorrem precisamente sobre esta hipótese. Raul Brandão conta que, certa vez, no Bom Jesus, o poeta inferira do amor devotado por uma carvalheira, que subitamente lhe atirara uma landre à cabeça (Brandão: 1988, pp. 143-144), e o próprio poeta narra também, em “Sylvia”, a história de um salgueiro que se apaixonara pelo narrador, acabando por morrer de desgosto (vol. IV, n.º 726). Algo semelhante acontece aliás à gata Colombina, reencarnação de uma amante repudiada, que tragicamente busca a morte nas águas plácidas do Mondego (vol. IV, t. I, n.º 734).

Esta afeição de Penha por gatos e plantas foi, de resto, uma constante ao longo da vida. Já em Coimbra amava as flores, cultivando-as, em caixotes e vasos à janela do quarto (Redondo: 1908, p. 58), ficando célebre, entre todos, o episódio em que

com as réplicas e trélicas próprias dos tribunais [...]: cada um dos debatedores advogava a sua própria causa, como se estivesse diante de um júri hipotético, formado pelo público» (Ventura: 1991, pp. 10, 149).

terá regurgitado um manjeriço, administrando-lhe vinho, para grande assombro da Academia (Crespo: 1878, p. 58; Redondo: 1908 p. 59). O hábito de cultivar pequenas plantas à janela manter-se-ia igualmente em Braga, como demonstra o testemunho de Sérgio de Castro (vd. *supra*) e também uma carta do poeta para o mesmo amigo, onde menciona um perigoso cato de instintos vingativos, que o poeta heroicamente se vira obrigado a castigar com as próprias mãos (Castro: 1916).

Talvez se pudesse encontrar nestas e em muitas outras histórias, esboçadas entre a vida e a ficção, alguma afinidade com o pampsiquismo e a crença na transmigração das almas, até porque João Penha proferiu várias vezes a sua adesão aos princípios budistas:

Eu, obscuro e humilde, confessando-me, como aqui publicamente me confesso, não hesito em declarar que também sou bouddhista, mas com modificações [...], em ordem a não ir de arrepio á evolução dos tempos em que vivo.

(vol. II, t. II, Arquivo documental do poema n.º 130, ll. 118-120, 140-141)

No entanto, a divertida candura com que chega a aplicar os ideais de Buda à sua aversão por moscas⁴³ só poderia ser de um desassombro contrastante com a solenidade das declarações proferidas por tantos homens de letras que, na viragem do século, se aproximaram das religiões orientais.

Não admira, por isso, que a mesma naturalidade com que João Penha se dizia budista o leve também a declarar-se ateu e, a maior parte das vezes ainda, católico (vol. II, t. I, poema n.º 250):

*Eu d'aquelles não sou, que se consomem,
Como Oedipos, atraz d'uma illusão.
Mas, enfim, por descrente não me tomem,

Que no dia fatal da transição,
Graças darei a Deus, que me fez homem,
Podendo ter-me feito... aranha ou cão*

(vol. II, t. I, poema n.º 317, vv. 9-14)

⁴³ BPMP, M-AF-1170(2), carta de 29-VII-1905: «Para mim, a mosca é o animal mais immundo que existe na face da terra, e tem o condão especial de me fazer feroz: Podesse uma só nau contêl-as todas. E a aranha fosse eu! E contudo esses animaes hibernantes [...], digo eu, têm indubitavelmente uma alma. Que destino será o d'essa alma? Segundo a divina religião de Bouddha, mau, porque esses repugnantes animaluscos não cumprem a lei da expiação pela dôr. Causam-a, teimosa e malevolamente. O melhor do seu tempo passam-o, n'uma voluptuosidade criminosa, de trombas mettidas em lambugens, e em toda a especie de immundicias. Assim, longe de ascenderem a um mundo melhor, aqui permanecerão durante outra ou outras existencias, sob uma forma relativamente inferior. Qual? Eis ahi o mysterio. Talvez sob a de mosquitos, de trombeteiros, de moscardos de burro».

O que mais sobressai na correspondência do nosso autor é todavia o lado mais ritualisticamente burguês da superstição, quer no apego a amuletos⁴⁴, quer ainda num misto de ironia e receio pela figura folclórica de Satanás⁴⁵.

Havia, pois, no espírito eclético de João Penha, oscilações desconcertantes, que advinham justamente da ligeireza com que encarava a vida, e por isso o seu pensamento ideológico era tão propenso a incongruências várias.

Nunca se interessou por política ativa, ou sequer engrossou as fileiras do Partido Progressista Histórico de seu irmão:

Desde que nasci ate ao dia d'hôje vivi sempre, como artista que sou, estranho à politica [...] nem sequer [...] dei o meu voto a pessoa alguma, nem mesmo a meu irmão Manuel, quando, por duas ou tres vezes, se propoz a deputado por Braga!

(BPMP, M-AF-1173(2), carta datada de 25-XI-1904)

Todavia, na intimidade, afirmava-se umas vezes conservador e adepto do Franquismo:

Republicano, fui-o em creança, – mas agora não o sou. Com o partido progressista nunca sympatizei [...]. Propendo realmente para o franquismo, do qual faço propaganda, aqui, no meu escriptorio; [...] sympatizo com o João Franco, a quem ate dedico um livro (ácerca do Decreto de 29 de maio) – que ja esta a brochar – mas, repito, seria da minha parte manifestamente incorrecto, – acceitar a sua proposta, de fazer parte do respectivo centro neste distrito.

(BPMP, M-AF-1173(2))

Noutras alturas, canalizava os elogios em sentido contrário, admitindo até preferência pelo socialismo:

– Você bem sabe que eu não sou progressista, nem regenerador. Sou socialista da escola Fourier. Pois quê! Haverá nada mais sympathico do que o familisterio? Hoje engraxa-me você as botas; amanhã engraxo-lhe eu as suas. Isto comprehende-se é justo, é humano, é equitativo.

(Penha *apud* Olympio: 1883, pp. 1-2)

⁴⁴ Vd. carta enviada para o Conde de Arnoso em 16-V-1900 – BNP, Espólio 32, Ms. 2726 – ou ainda a correspondência trocada com Sérgio de Castro, onde assume andar sempre com uma figa «de azeviche, que, depois de banhada numa pia d'água benta, passei a usar, constantemente, no bolso do collete» (Castro: 1916).

⁴⁵ Veja-se a carta para Antero de Figueiredo, transcrita no Arquivo documental II, ao Aparato Crítico do fragmento II do texto n.º 729 (vol. IV, t. II). Também noutra carta para o mesmo amigo, o poeta relata uma queda aparatosa que um cliente dera no seu escritório, ao partir-se a perna de uma cadeira: «Estava preparada para mim: o Diabo, depois que defendi os frades, não me deixa um momento, é o diabo porque contra o Diabo não se luta!» – BPMP, M-AF-1154(14).

No fundo, diríamos que as flagrantes incongruências do seu pensamento evidenciavam apenas a desarmante coerência de um homem, cuja principal qualidade intrínseca era «a bonhomia com que» ia «levando a vida»⁴⁶, aqui realçada por Eça de Queirós:

Ah meu velho, de todos nos és tu o que tens juízo. Realizas o sonho, a visão, o azul em plena vida burguesa e constitucional. Nem sequer das ao mundo a importancia de te aborreceres n'elle.

(BPMP, M-AF-4391(2), carta de Eça de Queirós)

João Penha foi, na verdade, um homem lhano e despretencioso. Assumia ser um contemplativo (BPMP, M-AF-1175(5)), por vezes descrito como «vulto scismador [...] sempre palido, pensativo, analysador»⁴⁷, mas não eram as questões filosóficas que cativavam a sua atenção. Preferia, mais que tudo, a beleza da Arte, o gozo da escrita, o consolo da leitura:

Sempre se mostrou estudioso, amante de livros, um verdadeiro letrado no sentido complexo desta palavra antiga. É o que modernamente, por importação do estrangeiro, se chama um intellectual, pois que o seu espirito sempre abrangeu com amor tudo quanto viesse da criação superior dos que estudam e sabem.

(Queirós: 1909, p. 280)

A sua biblioteca pessoal guardava mais de 4000 volumes (BPMP, M-AF-1196(8)), predominantemente dedicados às artes pictóricas (de que foi entusiástico colecionador)⁴⁸ e sobretudo à literatura, como confessa em carta para Albino Forjaz de Sampaio:

Nascido em pleno romantismo, todas as minhas inclinações eram, até ainda bem pouco tempo, para os escriptores d'essa epoca luminosa: o Hugo, o Alfred de Musset, Balzac, Dumas pae, Th. Gauthier, Flaubert, etc., e ainda hoje os leio, como uma recordação da infancia, como uma saudade. Dos actuaes, apraz-me a leitura de F. Coppée, e de Sully Prudhomme, divinos poetas parnasianos, e, de entre os prosadores: Anatole France, Marcel Prevost, Abel Hermant, o Lavedan, Bazin, Rosny, Jean Lorrain, etc. Mas, acima de tudo isso, e n'uma altura inacessivel, está, para mim, Shakspeare, o mais extraordinario genio dos tempos modernos.

(vol. II, t. II, n.º 333 A. d., carta datada de 18-X-1906)

⁴⁶ ADB, Ms. 550, ff. 95-96, carta de Antero de Figueiredo, datada de 1-I-1898.

⁴⁷ *Jornal Academico: Folha Litteraria e Noticiosa Dedicada á Mocidade Escolastica* (ed. Almeida Maia), Braga: [s.n.], breve nota publicada a 10 de maio de 1877, em que se anuncia para breve o primeiro livro do poeta.

⁴⁸ O poeta foi colecionador de gravuras e água-fortes, abundando na sua correspondência as referências ao espólio que foi construindo ao longo dos anos: «a aguaforte é a minha paixão, e sabe de quem ellas são? De pintores como J. Dugré, Henner, Jaques, Duez, Millet, Rousseau, Courbet, Laurence, T. Bretou, Van Ortade, Troyou, Gérôme, Fragonard, etc. E de aguafortistes, como, Rouvad, Jacquemart, Le Rat, Latauze, Campolliou, Mougui, etc.» (BPMP, M-AF-1196(5), carta datada de 20-IX-18).

Foi precisamente esta curiosidade intelectual do poeta e a extensa cultura, versada nos clássicos, que lhe mereceu a admiração de todos os que, à semelhança de Luís de Andrade, não hesitavam em considerá-lo o homem com educação mais vasta e completa das suas relações (ADB, Ms. 547 ^{maço 8}). Assim se compreende o marcante ascendente exercido sobre todos aqueles que, para Braga, continuaram submetendo versos ao exigente lápis do Mestre d' *A Folha*. Entre as missivas que o testemunham, sobressaem nomes como Antero de Figueiredo⁴⁹, Alberto de Madureira⁵⁰, Manuel Duarte de Almeida⁵¹, Luís da Silva⁵², Albano Belino⁵³ ou Guerra Junqueiro⁵⁴.

A todos, o poeta pregava incansavelmente o mesmo culto da forma, aqui reiterado a Antero de Figueiredo:

Sem uma fôrma absolutamente correcta nada fica – tenho-o berrado como um cabrito, e hei-de continuar a berral-o ate ao fim da existencia.

(BPMP, M-AF-1144(31), carta de 1897)

Ao longo dos anos, esta correspondência tornar-se-ia mesmo no único veículo de comunicação com o meio literário, nacional e estrangeiro⁵⁵, pois como João Penha frequentemente se queixava, ao Minho não chegavam sequer muitos dos jornais, com

⁴⁹ Numerosas cartas aludem à revisão de João Penha, em praticamente todas as obras deste autor: BPMP, M-AF-1134(2), M-AF-1144(1), M-AF-1144(29), M-AF-1144(31), M-AF-1157(1), M-AF-1157(4), M-AF-1157 (5), M-AF-1162(9), M-AF-1162(10), M-AF-1169(8), etc.

⁵⁰ Eis algumas cartas em que se solicita a revisão do poeta: ADB, Ms. 546, ^{maço 12}, f. 4, f. 30, f. 32, f. 54; Ms. 554, ^{maço 1}, ff. 98-99; Ms. 554, ^{maço 3}, ff. 19-20; etc.

⁵¹ Pede-se a revisão de poemas, em várias cartas pertencentes ao ADB, Ms. 547, ^{maço 5}.

⁵² Indicamos apenas uma carta, pedindo orientações ao poeta ADB, Ms. 555 ^{maço 1}, f. 179.

⁵³ Veja-se um testemunho em ADB, Ms. 556, ^{maço 4}, f. 9.

⁵⁴ Em carta remetida a Araújo, J. Penha confia que Junqueiro ter-se-á deslocado ao Minho para lhe submeter as provas da sua *Oração á Luz* – BNMV, Ms. 12242, carta datada de 7-II-1904.

⁵⁵ O epistolário do poeta, guardado no ADB, compreende maioritariamente a correspondência recebida, permitindo auscultar a rede de contactos pessoais em que o autor se movia (vd. relação completa dos interlocutores, na Bibliografia). Grande parte dessas cartas foi remetida pelos seus mais fiéis amigos no mundo das letras: Antero de Figueiredo e Joaquim de Araújo, na condição ímpar de agente dinamizador da cultura portuguesa na Europa. Como se depreende da correspondência trocada com o discípulo penafidense, foi este aliás o grande divulgador de Penha no estrangeiro, providenciando artigos, recensões e traduções em vários países europeus. A este diplomata português se devem todos os contactos superficiais que o nosso autor estabeleceu com cerca de uma dezena de lusófilos estrangeiros: o sueco Göran Björkman, o alemão Wilhelm Storck, os franceses Achille Millien e René Ghil, o inglês Edgar Prestage, o espanhol Rafael d'Altamira e os italianos Prospero Peragallo, Antonio Padula, Tomaso Cannizaro e Belli di Leonardi. Foram ainda estes contactos que ditaram algumas distinções honoríficas com que o poeta foi agraciado, nomeadamente o de Sócio da Sociedade Luigi Camoes (de Nápoles) e o de Presidente Honorário da Sociedade de Dante Alighieri (de Catania, em 1903). Para mais pormenores, vd. o nosso artigo Pereira: 2012 ³.

as polémicas que marcavam a atualidade⁵⁶. Vivendo em Braga, longe dos centros intelectuais e sem contactos estimulantes, o isolamento era palpável, como observam alguns dos seus interlocutores:

o meu amigo [...] vive inteiramente isolado, principalmente de artistas que são reles que não habitam em Braga [...]. De resto, João Penha foi um producto coimbrão. Em Braga é exótico.

(ADB, Ms. 551, ff. 148-149, carta de A. Figueiredo, em 1-VI-1916)

Por aí se ressentiu também o discernimento crítico do nosso poeta, apontado por Teixeira de Queirós, em parecer redigido à Academia Real das Ciências⁵⁷:

Tem feito mal a este lucido espirito e de um apurado gosto litterario o afastamento, que sempre adoptou como norma de vida. Habitando hoje uma cidade da provincia, onde os elementos intellectuaes não abundam, separado da conversa viva dos seus antigos companheiros de Coimbra, critica erradamente muitos phenomenos intellectuaes occorrentes. Assim reprehende o modo de dizer do actor Antoine, que não viu representar, e o processo de descrever ou dialogar de certos escritores, que não aponta, mas pelo que diz se reconhece a confusão.

(Queirós: 1910, p. 279)

Esta mesma ideia era aliás corroborada por Antero de Figueiredo, chegando a repreender o Mestre, porque o achava «mettido numa toca, e ignorava a vida, o que se passava por esse mundo fóra» (BPMP, M-AF-1180(4), carta de Penha, em 29-IX-1912).

O certo é que, depois de Coimbra, João Penha nunca mais abandonou a terra natal, nem mesmo perante a insistência dos amigos⁵⁸. Apenas saía de casa para veranejar à Póvoa de Varzim, hospedando-se com as irmãs na Rua do Passeio Alegre, onde fruía a desprezenciosa companhia do «Martins Sarmento, e o Abilio Lelo com uma

⁵⁶ Vd. carta para Antero de Figueiredo, onde o poeta se escusava a responder aos «tours de palanque», por não ter sequer lido aquilo «com que uns e outros se esmurram». Queixava-se de já não chegarem ao Minho jornais como o *Novidades*, recebendo apenas o *Reporter* e a *Mala da Europa* – BPMP, M-AF-1143(2), carta de 1896.

⁵⁷ Trata-se do parecer que formalizou a candidatura de João Penha a sócio correspondente da Academia Real das Ciências (na Classe de Ciências Morais, Políticas e Literatura, a 25 de fevereiro de 1909). Foi redigido por Teixeira de Queirós, com subscrição de Henrique Lopes de Mendonça e José de Sousa Monteiro, sendo publicado no *Boletim da Segunda Classe*, volume II. A admissão foi comunicada ao poeta, em carta de 17 de abril de 1909 (ADB, Ms. 561 ^{maço} 11, f. 1), sendo o diploma finalmente enviado a 23 de junho de 1910 (ADB, Ms. 561 ^{maço} 11, f. 4).

⁵⁸ Vejam-se, no epistolário, os repetidos convites endereçados nomeadamente por Luís de Andrade (ADB, Ms. 547 ^{maço} 8, f. 6) e pelo Conde de Valenças, Luís Jardim (ADB, Ms. 552, ff. 5-6; Ms. 552, ff. 9-10; Ms. 552, ff. 69-70).

collecção de jòvens filhas (jeunes filles) mais ou menos interessantes. Isto e o mar me basta» (BPMP, M-F-1154(15b)), desabafava o poeta⁵⁹.

Enraizado em Braga, onde se plantou como uma árvore⁶⁰, João Penha recolhia uma existência «serena e melódica»⁶¹, por vezes arredada até do convívio social:

Por mais que eu pergunte a quem vem d'ahi noticias suas ninguem mas dá. Dizem-me que não o vêem, que o meu amigo nunca sahe de casa.

(ADB, Ms. 550, ff. 19-20, carta de Antero de Figueiredo, em 15-II-1896)

Aqui estou a saber da sua saude, pois às pessoas aquem d'aqui pergunto pelo meu amigo todos me respondem: – que não sabem, que ninguem o vê.

(ADB, Ms. 550, ff. 25-26, carta de Antero de Figueiredo, em 6-XII-1896)

A rotina que aí manteve, ao longo dos anos, tinha, como em Coimbra, uma «regularidade infalível» (Crespo: 1878, p. 62), salientada por Júlio Brandão:

Conheci-o de vista, ainda relativamente moço, sempre bem vestido, deambulando matinalmente, com o seu monoculo, o seu chapéu claro, uma linda flor ao peito – para, ainda cedo, se recolher ao escritório, onde trabalhava apenas até às duas horas da tarde.

(Brandão: 1943, p. 130)

O testemunho é confirmado ainda pelo cronista d' *A Folha Nova*, que em setembro de 1883, aludia aos desdobramentos do poeta-advogado, para conciliar a atividade literária com as obrigações profissionais que lhe ocupavam o dia:

⁵⁹ Em correspondência para Antero de Figueiredo, João Penha descreve a pacatez da sua rotina nesta estância estival: «Effectivamente, cá estou na Povoia, na mesma casa (Passeio Alegre, 120, 2.º e 3.º). O dia, hoje, está triste, mas não obstante, saí ás 6, – dei um passeio pela avenida á margem do mar; tomei depois pelo interior das terras e cheguei à praça do Almada; entrei numa loja de livros, e comprei ahi um decimo da lotaria (o 3037) – voltei pela Junqueira, e entrei no photographo Marques, onde tirei o meu retrato em tres poses convencionais (com ella e sem ella); – recolhi depois a casa, onde almocei summariamente: um bife, um pastel de peixe, dous ovos, o chá e as tostas: vinho, um copo. Accendi um cigarro e fui ver o que se passava na rua. Rápido, assentei-me á mesa para concluir uma minuta [...] e subi ao alto, isto é, ao 3.º andar. Estendi os olhos ao longe, e vi o mar triste, côr de cinza. Desci pois, apressadamente, e sentei-me á banca para escrever esta carta. Eil-a ahi vae com a descripção das tres 1.ªs horas do dia corrente» (BPMP, M-AF-1154(14), carta de 11-IX-1898).

⁶⁰ Sobre o assunto, brincava João Penha, a 7-IV-1903: «vivo no Monte Branco, no Jungfrau, vivo em Braga, onde, araucaria de nova especie, me plantei para sempre. E porque? Porque ganharia aqui raizes de velho quercó? Porque ahi onde o meu amigo tem a protuberancia, ou bossa da locomoção, tenho eu uma fossa! É por isso, e talvez porque durante muitas das minhas existencias anteriores, eu fosse arvore» (BPMP, M-AF-1168).

⁶¹ A expressão é de Guerra Junqueiro, em carta publicada por Manuela Azevedo (1981, p. 222).

De resto eu não conheço humorista mais sóbrio e mais regular em todo o seu modo de viver, do que João Penha. Trabalha poucas horas no seu escriptorio de advogado, mas afirma que dá solução a enormes affazeres, e quando eu o censurava pela sua abstenção das lettras elle indignava-se todo, affirmando que trabalhava muito, porque estava relendo e corrigindo as suas antigas produções.

(Olympio: 1883, p. 2)

Não admira, pois, que o processo de revisão que antecedeu as *Rimas* (1882) fosse longo e moroso⁶², suscitando até a apóstrofe de um admirador que aguardava o livro com impaciência:

João Penha

*Anda ha dez annos a rever os versos,
Os bons sonetos, as canções supremas,
A refundir, a cinzelar poemas,
Compostos d'oiro e marmores diversos.*

*Dos cantos joviaes, que traz dispersos,
– Perolas soltas, em risonhos themes –
Anda a bordar os bellos diademas,
Dos seus dias de gloria incontroversos.*

*N'este labor – artista delicado –
Que a doce inspiração na fronte beija;
Beijos proprios d'um dia de noivado,*

*Não tem aos homens nem ao mundo inveja,
Só tem um pensamento amargurado:
– Deixar um dia de beber cerveja.*

(A Folha Nova, n.º 40, 12 de julho de 1881, p. 2, poema de Manfredo)

Na verdade, só depois de cumprir expediente na sua banca de advogado, podia João Penha fechar a porta aos olhares mundanos, e enfim desabrochar para o «verdadeiro trabalho artistico»:

Triste, e com passo vagaroso, penetro na sala, onde trabalho, de noite, e ahi n'um silencio absoluto, lanço-me á obra, como um bulldog se fila á orelha d'um toiro recalcitrante, e não a largo senão depois de lhe ter dado uma forma toleravel. Já se vê que essa primeira forma me não satisfaz, sendo ás vezes necessario duas ou tres operações sucessivas, para que eu,

⁶² Em carta para Joaquim de Araújo, Penha confessa ter demorado muito mais tempo a rever as *Rimas* do que a compô-las. Vd. transcrição no Arquivo documental do poema n.º 22 (vol. II, t. II).



severo, a julgue viavel. Durante esse trabalho, em que não gasto, nunca mais de 2 horas, não fumo, não como, nem bebo, nem ainda, em calores tropicaes, um copo d'agua, droga que detesto.

Mais tarde, n'uma sala completamente solitaria, e depois de me assegurar que ninguem me pode ouvir, recito a composição acabada, e vendo que ella resiste ao meu modo de recitar, fico satisfeito, e digo: pode seguir.

(vol. II, t. II, n.º 333, Arquivo documental, carta datada de 18-IX-1906)

Ficara-lhe o hábito de Coimbra, onde também compunha os poemas à noite, quase sempre «deitado e de barriga para o ar», depois de um longo serão orgiástico, percorrendo as tascas da Lusa Atenas⁶³:

A obra era escripta a lapis, instrumento que adoro, e soffria varias modificações quando, depois, era passada a limpo. Assim, e deste modo, foram creadas as Rimas velhas.

(vol. II, t. II, n.º 333 A. d., carta datada de 18-IX-1906)

Em Braga, todavia, a boémia extravagante de outrora deu lugar a costumes mais brandos e recatados. Sabemos que saía à rua, pouco depois de jantar, «vestido como se fosse para uma *soirée*»⁶⁴:

Todas as tardes, pouco antes do cahir da noite, João Penha rigorosamente vestido para passeio e monoculo ao canto do olho esquerdo, sahia da sua casa do Campo de D. Luiz 1.º e seguia bamboleando o busto, n'um movimento de homem do mar, de bombordo para estibordo, pela rua dos Capellistas, atravessava o largo de S. Francisco e o Campo de Sant'Anna, (lado occidental, passeio da direita), até ao cruzeiro da Senhora-a-Branca. Chegado a esta estação terminus, gravemente, como se viesse de visitar um diplomata ou de offerter uma perola á Theo, João Penha voltava pelo mesmo trilho, e, cortando o largo de S. Francisco introduzia-se pela pequena porta da livraria Chardron, onde passava horas e horas examinando a lombada de livros que eu conheci alli durante annos, immoveis como as obras de uma bibliotheca de theatro.

Eram então frequentadores da casa do bom Eugenio, mas raras vezes alli se encontravam todos reunidos, Alberto Braga, Gonçalves Crespo, dr. Correia, Emygdio d'Oliveira, Cunha

⁶³ «João Penha, deitava-se ás duas ou trez horas da manhan, e não adormecia logo. Desde que se deitava até que apagava a luz, é que elle compunha os seus adoraveis sonetos. Muitos destes sonetos foram publicados com o titulo generico de Vinho e fel» (Figueiredo: 1881, p. 200).

⁶⁴ Descrição publicada no *Diário de Notícias*, a 25 de janeiro de 1917, p. 1.

Vianna, dr. Luiz Maria, Gaspar Leite, João Penha, Alfredo Campos e alguns professores do Lyceu e do Seminario.

Na frieza d'aquelle pequeno recinto discutiam-se por vezes os assumptos mais quentes da politica local, da politica externa, da litteratura.

(Olympio: 1883, p.1)

Parava depois «aqui e além, á porta de algum estabelecimento conhecido, onde, atraz duma porta, envergonhadamente, bebia o seu copinho»⁶⁵. As mais das vezes, no entanto, dirigia-se para a Rua de S. Marcos, onde era certo encontrá-lo a rondar o mostruário de bolos finos, na pastelaria do Anacleto:

Á noite, João Penha, invariavelmente de luvas pretas, monoculo posto, frequenta a confeitaria do Anacleto á rua de S. Marcos. [...] sempre de luvas, correctamente vestido, sobraçando ás vezes um pacotinho de doces.

(Pimentel, pp. 18-19)

Foi aí que, certa noite, Camilo Castelo Branco, de passagem por Braga, veio encontrar o bardo, em plena fruição dos prazeres da gula:

numa das suas visitas a Braga, mostrou Camillo desejo de conhecer João Penha. Alfredo Guimarães satisfez-lhe a vontade acompanhando-o uma noite ao Anacleto da rua de S. Marcos, onde era certo João Penha a comer dôces e a beber cerveja. Feitas as apresentações, Camilo deligenciou ouvir descreitar Penha sobre assuntos de litteratura mas o Poeta respondia com monossilabos e não cessava de passear atravez da loja do Anacleto, saboreando o seu doce e a loura cerveja. Camilo saiu mal impresionado pela pouca atenção que João Penha lhe ligou e no dia seguinte voltou a procura-lo, talvez com o intento duma desforra. Enganou-se porque encontrou no reservado da vespera um argumentador brilhante e um conhecedor profundo da historia litteraria da epoca, mantendo os dois uma longa polemica em que o Mesire não levou a melhor, segundo Alfredo Guimarães por varias vezes nos afirmou⁶⁶.

Camilo, que já antes participara n' *A Folha*, manifestando admiração pelo seu diretor⁶⁷, terá ficado aí rendido ao carisma do poeta, brindando, mais tarde, a dedi-

⁶⁵ Descrição publicada no *Diário de Notícias*, a 25 de janeiro de 1917, p. 1.

⁶⁶ Artigo «Camilo e João Penha», publicado pela redação do *Diario do Minho*, a 15 de março de 1925.

⁶⁷ Em carta para Cândido de Figueiredo, Camilo Castelo Branco respondia assim ao convite d' *A Folha*: «Acho infinita graça a uns sonetos do Penha Fortuna, sujeito que vê o mundo moral melhor do que Herschel o planetario. Aquilo é a poesia d'estes dias e para esta geração» (Figueiredo: 1924, p. 29). Também no *Cancioneiro Alegre*, tecerá o romancista as seguintes considerações acerca do nosso poeta: «Tem sonetos encantadores. A fórma archaica [...] rejuvenesceu-a João Penha. [...] De modo que deu ao soneto um *cachet* nacional, que elle nunca tivera [...]. Ai d'elle, se o fazer ridentissimos sonetos significasse poesia, a nostalgica filha do céo!» (Branco: 1927, pp. 117-118).

catória das *Rimas*, em termos francamente joviais⁶⁸. João Penha, por seu lado, não escondia, na intimidade, alguma reserva pelos méritos literários do romancista⁶⁹, mas naquela noite, entre copos e guloseimas várias, a conversa correu franca e desabrida.

Assim era o nosso autor: tímido e imperturbável à primeira vista, mas alegre e generoso quando se estreitava a convivência:

Raro era o assumpto que lhe provocava uma observação. Não havia debate em que elle se intromettesse, respondendo quando muito por monosyllabos, como um homem completamente alheio aos interesses que o rodeavam. Geralmente João Penha não quebra a sua linha grave, de diplomata, mettido duramente n'uma sobrecasaca preta, e falla tão baixo, conversando, como se receiasse perturbar um doente, ou o leitor d'alguma revista ingleza. Todavia nós tinhamos um meio seguro, infallivel de arrastar João Penha para a conversação e de fazermos commover aquella imperturbavel seriedade [...] defender uma ideia que estivesse em completa divergencia com o espirito do nosso amigo.

(Olympio: 1883, pp. 1-2)

Para o conquistar, nada melhor do que uma boa mesa, onde os ânimos se rendiam à inspiração de Baco. É certo que o apetite do autor estava longe da fama pantagruélica que lhe quizeram dar. Em “Almôço campestre” (vol. IV, t. I, n.º 744), chega mesmo a exprimir alguma náusea pela infundável sucessão de pratos com que o brindaram, de uma só vez. Diz-se até que João Penha «raras vezes pedia mais d'um copo que era de pequenas dimensões» (Moraes: 1902, p. 15), não morrendo sequer de amores pelos presuntos e salpicões que tantas vezes celebrou na poesia (Figueiredo: 1902, p. 13). Ainda assim, diríamos que a correspondência trocada com amigos oferece bastas evidências de um gosto genuíno pelas delícias gastronómicas. Isso mesmo comprovam algumas ofertas de paios (BPMP, M-AF-1164(1)), presuntos (BPMP, M-AF-1157(14) e até sardinhas (BPMP, M-AF-1175(5)), galhardamente enviadas por Antero de Figueiredo; o mesmo companheiro que ressaltará n' *A Chronica* o óbvio alcance metafórico que estas iguarias assumem na sua obra (Figueiredo: 1902, p. 13). A este fiel discípulo, agradecerá o poeta:

⁶⁸ Vd. composição dedicada a Camilo no vol. II, t. I, poema n.º 58. Camilo agradece a oferta, num bilhete mais tarde vindo a público: «O escalavrado capitão de milicias agradece ao seu ex.^{mo} João Penha o mimo de seu livrinho, cuja posse já devia á liberalidade dos editores. O referido capitão de veteranos faz votos por que o juvenil alferes da hoste dos sensatos, de vez em quando, atire á cabeça dos hunos da Arte com um infolio de Pegas á ordenação. S. Miguel de Seide, I-5-83» (*Nova Alvorada*, ano X, n.º 1, janeiro 1903, p. 5).

⁶⁹ Isso mesmo comprova uma carta para Antero de Figueiredo, dizendo que o romancista «não só não era mestre da lingua, mas até nem de grammatica sabia, satisfatoriamente» (BPMP, M-AF-1157(5), carta de 19-II-1899).

Vae, pois, agora o cordeal abraço de agradecimento pelas bellas palavras que me dedicou na tal homenagem. São poucas mas boas, e com certo fundo de verdade, menos quando diz que não gosto de paios, pois que ate o meu amigo me tem mandado alguns, que tenho saboreado, – e quando declara que tenho vivido isento de paixão. Não é assim: não comprehendo que se possa viver sem amar, e quasi desde a infancia tenho andado envolvido, e ainda actualmente o ando, em diversas aventuras femininas.

(BPMP, M-F-1164(1), carta datada de 13-VII-02)

João Penha foi, efetivamente, o que se poderia chamar um *bon vivant*: apreciador da boa mesa, colecionador de arte, amante da literatura e eterno conquistador de belas mulheres.

Toda a sua figura transparecia uma elegância aprumada; raramente descalçava as luvas, e o inseparável monóculo acompanhava-o até nas situações mais incômodas⁷⁰.

É deveras sugestivo um retrato tirado em setembro de 1900: corpo inteiro, a três quartos, mas o rosto sibilino enfrentando a objetiva. Fato preto, assertoado, gola alta e um irreverente chapéu branco, fazendo jogo com as luvas. Mão presa no casaco; na esquerda, um aromático charuto.



João Penha, em setembro de 1900.

Barbeado ao extremo, como sempre, empergaminhando-se-lhe a cutis, muito fina de natureza; bigode, cada vez mais pequenino, á força de ser aparado, e cada vez mais preto, d'azeviche, com reticencias. O lendario monoculo, pendente de trancelim de seda preta, tal e qual como em Coimbra.

(Castro: 1903, p. 3)

⁷⁰ Segundo Gonçalves Crespo, «o lendario monóculo ao canto do olho esquerdo [...] era uma parte integrante da expressão do seu rosto, e que o poeta não abandonava, nem quando dormia» (Crespo: 1878, p. 56). Também uma carta de Antero de Figueiredo alude ao almoço da Páscoa de 1893, quando após o repasto no Hotel do Parque do Bom Jesus, jogaram o chinquillo, no sítio da Mãe-de-Água: «Por sinal que o meu amigo me ganhou a partida apesar de ter a estorvar-lhe a pontaria o monoculo» (ADB, Ms. 550, f. 14).

Contava, na altura, 61 anos de idade, mas a nobreza do porte aparentava-o mais jovem; sugestão aliás que ele procurava cultivar, ocultando prudentemente a idade, numa operação de imagem que o retrato veio também reforçar:

No artiguete [...] sahiu uma phrase que me desagradou e é ella: 'J. P. é um velho do meu tempo.' Imagine que os meus sette namoros liam essa phrase, malencontreuse!

O que mais me envelhece é, não tanto o decurso dos annos, mas a idea, e o aspecto da vilhice. Os individuos que ignoram quando nasceram chegam todos aos 100 annos.

Por isso, foi sempre meu proposito pensar n'outra cousa, e usar de todos os meios ao meu alcance, não para illudir os outros, mas, por hygiene da alma e do corpo, para me illudir a mim mesmo. Demais, estou que se eu fosse submettido a uma Junta de inspecção, composta do Mundo, do Diabo e da Carne, essas tres entidades me julgariam ainda apto para todo o serviço.

Realmente, entendo de primeira necessidade o eu tirar o meu retrato para que [...] vejam que o diabo não é tão velho e feio como o pintam.

(BPMP, M-AF-1144(25)), carta de 6-XII-1897)

A fotografia saiu a preceito, causando algum furor, junto do público feminino. Mais tarde, organizando-se uma homenagem d' *A Chronica* ao poeta⁷¹, recomendava ele ainda, com insistência:

não convem que a minha actual mocidade se alongue a epocas demasiadamente distantes. É que eu, graças ao meu systema nervoso, encontro-me ainda em plena actividade amorosa...

(BNP, E 32 / 2739, carta para o Conde de Arnoso, em 24-XII-1901)

abstem-te de quaesquer revelações hors de saison, porque eu, segundo o meu costume, que data do dia em que nasci, ando embrulhado em diversas aventuras romanescas, e ellas lêem a Chronica. Parece-me ate que os primeiros versos que fiz foram á têtta da minha ama de leite.

(MJD, Espólio de Teixeira de Queirós, maço 30, carta de 22-XII-1901)

É que os olhos d'ella vão ler esse numero, e ella mesma ahi collabora. Ella bem sabe que eu não estou no viço dos meus annos, porque me conhece perfeitamente, e commigo falla, mas um pouco de mysterio sobre certos assumptos é muito adequado aos episodios de amor.

(BPMP, M-AF-1163(5), carta para Antero de Figueiredo, em 14-XII-1901)

⁷¹ Tratou-se de um número especial d' *A Chronica*, publicado em abril de 1902 com o empenho do próprio homenageado, e em que participaram 50 colaboradores, entre amigos e simples conhecidos do poeta. Entre estes, contam-se alguns lusófilos estrangeiros, angariados por Joaquim de Araújo, graças aos seus contactos diplomáticos. Embora disfarçando o entusiasmo, percebe-se que poucas homenagens o terão deixado tão comovido: «Não sou homem de expansões, mas as cousas cá me ficam, como dizia o Mithoire» (BNMV, Ms. 12242, carta de 5-II-1902).

Na verdade, a correspondência de João Penha é pródiga em indiscrições amorosas⁷², não faltando sequer ajustes de contas, por alguns familiares, ciosos da honra das moças⁷³.

De resto, a presença feminina foi uma constante na vida do poeta. Percorrendo o epistolário e a sua obra literária, vemos sucederem-se os nomes das amadas, numa sequência linear de amores infelizes: Catarina (nos tempos de Coimbra⁷⁴), Palmira Lacerda (já falecida em 1897⁷⁵), Laura Lopes (até 1900⁷⁶), Zulmira de Melo, a partir de 1901⁷⁷.

Tinha esta jovem apenas dezanove anos, quando se enamorou de João Penha, lendo a “Sylvia” (vol. IV, n.º 726) n’ *A Correspondência do Norte*. Confessará mais tarde que esse mesmo texto lhe despertou a mais profunda e irresistível atração⁷⁸:

Nunca tinha lido coisa que tão profundamente me impressionasse. Não podia explicar o que em mim se passava, sentia-me arrebatada, subjugada, fascinada! Esse escriptor desconhecido exercia sobre mim um poder de atracção irresistível, sobrenatural! [...] E foi d’ahi, desse conto de fadas, que me veio o desejo de o vêr, de o conhecer, de lêr as suas obras. Dizer como depois, muito mais tarde, e ao cabo de mil peripecias de romance, se effectuou esse conhecimento não vem para aqui.

(Mello: 1902, p. 14)

⁷² Existem no espólio do poeta cerca de 25 cartas sentimentais, endereçadas por várias namoradas: ADB, Ms. 563 ^{maço} 1, f. 11, f. 14, f. 18 (assinadas por E.); ADB, Ms. 563 ^{maço} 1, ff. 16-17 (assinadas pela humilde Alzira dos Anjos); ADB, Ms. 563 ^{maço} 1, f. 28 (remetida por uma senhora anónima, que se percebe ser casada e rica); ADB, Ms. 563 ^{maço} 1, ff. 26-27 (enviada pela jovem M.C.A.F., a quem o poeta oferecera alguns poemas). Em carta de José de Lima Brandão, pode ler-se também: «Segredou-me um satyro meu amigo que, quando ahi estivemos, fôras visto á tarde, acenando com um lenço de seda a uma Galathea de Espinho ou Pedralva, que te fugia por entre o arvoredo, arrastando-te para a profundeza dos bosques em sorrisos promettedores» (ADB, Ms. 558 ^{maço} 14, ff. 5-8).

⁷³ Veja-se a aridez de uma carta, proibindo o poeta de requestar certa menina da confeitaria, se não quisesse ser desfeito em plena rua (ADB, Ms. 563 ^{maço} 1, f. 22).

⁷⁴ A este propósito, vd. testemunhos transcritos no Arquivo documental do n.º 1.

⁷⁵ Vd. carta BPMP, M-AF-1144(17), datada de 08-X-1897 e transcrita no Arquivo documental I do texto n.º 718 (vol. IV, t. II): «Pobre Palmira! quanto mais morta ella está mais eu a ammo. Quando eu morrer, hei-de ir por esses mundos fóra ate a encontrar, e assim que a encontrar hei-de fazer-lhe uns versos tão lindos, que ate o Padre Eterno hade por a mão em concha no ouvido, para os ouvir melhor».

⁷⁶ Vd. vários poemas das *Novas Rimas* (vol. II, n.ºs 168-169, 171).

⁷⁷ Seguem-se ainda, no final da vida, Augusta e Cristina da Piedade.

⁷⁸ O testemunho é corroborado pelo próprio João Penha, em carta para Joaquim de Araújo: «Desde que leu a Sylvia, apaixonou-se por mim, sem me conhecer, e agora diz que nem a morte será capaz de separar as nossas almas» (BNMV, Ms. 12242, carta de 6-I-1902).



Zulmira de Melo, ca. 1902.

Estávamos em novembro de 1898; fazia então a jovem as primeiras incursões na poesia.

Pertencente a uma família aristocrática da Póvoa de Lanhoso, Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964) era natural da freguesia da Fonte Arcada, onde seu avô construía a imponente Casa das Agradas. Dele herdou a sensibilidade literária⁷⁹, manifesta em vários poemas que *A Correspondência do Norte* publicou, ora com o próprio nome, ora encoberta pelo pseudónimo Alecrim do Norte⁸⁰.

Entre os sonetos publicados na altura, conta-se um que terá chamado a atenção de João Penha:

vi n'uma revista, em tempos não distantes, firmado pelo rescendente pseudonymo Alecrim do Norte, este delicado soneto, que fazia lembrar o do poeta d'Arvers:

*A branca violeta, a flôr modesta,
Que se debruça á margem da corrente,
Ás caricias da briza indiferente,
Não sonha amores no calor da sesta.*

*Que a pobresinha amasse, nada o attesta.
Sentia a viração; mas, indolente,
Gostava de rever, no transparente
Crystal da lympha, a sua face mesta.*

*Um dia viu porém irradiar
Uma estrêlla de mágico fulgor,
E a pobresinha então n'um vago ancilar,*

⁷⁹ Após engrossar as fileiras liberais do exército de D. Pedro, José Joaquim Ferreira de Melo Freire de Andrade empenhou-se pessoalmente na construção do solar, que ele próprio projetou com uma apurada sensibilidade artística. Tornou-se depois amigo de Camilo Castelo Branco, colaborando no enredo de alguns dos seus romances. A este propósito, vd. correspondência trocada entre ambos, em Cabral (1990). Foi aliás Zulmira quem cedeu as cartas do avô, para que fossem publicadas na homenagem d' *A Chronica* a João Penha (1902), como testemunha uma carta pertencente ao espólio do poeta (ADB, Ms. 563 ^{maço 4}, ff. 4-5).

⁸⁰ Publicados sob pseudónimo foram os sonetos “Verdade ou mentira”, “Phantasia”, “A inconstancia do poeta” e “Olhos indecisos”, incluídos nos n.ºs 1966, 1970, 1980 e 1987 d' *A Correspondencia do Norte* (entre agosto e outubro de 1900).

*Sentiu su'álma prêsa, e agora a flor
A si mesma pergunta a suspirar:
«Eu amo-a e saberá do meu amor?»*

E, um pouco mais tarde, este, ainda mais poeticamente perfumado:

*Se eu tivesse o poder que têm as fadas,
E a classica varinha de condão,
Tocava esse teu frio coração,
Mudando em chamma as cinzas apagadas.*

*Revestia mil fórmãs encantadas,
Accendia em teu peito uma paixão
Mais ardente que a lava d'um vulcão,
Se eu tivesse o poder que têm as fadas.*

*Mas, ai! eu não sou fada, nem rainha,
Nem tenho aquella mágica varinha
Que architecta palacios de diamante,*

*Mas em tróca hei-de amar-te eternamente,
Que és o meu sonho, o meu pensar constante,
E eu vivo para ti, amor, sómente.*

Quem será, pensava eu, esta ignota poetiza que firma, com um pseudonymo, versos que poderiam ser firmados por qualquer dos nossos grandes poetas? [...] Andava eu n'estas hesitações, quando uma joven escriptora, cujo nome, altamente distincto, já é conhecido no mundo das letras, D. Zulmira de Mello, se me dirigiu n'uma preciosa missiva, em que, com adoravel simplicidade de creança, me perguntava 'se devia continuar' e se, no caso affirmativo, lhe quereria dar o prazer de a dirigir pelas sendas escabrosas do mundo da arte. Inutil seria dizer qual foi a minha resposta: foi um sim entusiastico e sincero, sobretudo porque desde logo vim no conhecimento de que Alecrim do Norte, a autora d'aquelles pequeninos poemas, era ella mesma.

(vol. II, t. II, texto n.º 183, Arquivo documental II)

As composições, aqui citadas pelo poeta, vieram efetivamente a lume n' *A Correspondencia do Norte*, mas sem o pseudónimo aludido e apenas a 21 de julho e 8 de setembro de 1900, respetivamente. Confirma-se todavia que a jovem vinha publicando assiduamente naquele jornal, desde novembro de 1898, e a carta que estabeleceu o primeiro contacto com o poeta encontra-se no espólio, datando de 21 de julho de 1899:

Ill.mo e Ex.mo Sn.r

Começo por pedir mil desculpas por assim me dirigir a V. Ex.^a, a quem, nem ao menos tenho a honra de conhecer pessoalmente; mas, na actual conjuntura, não hesito em o fazer, por ser a unica pessoa que eu julgo competente, para me elucidar.

É confiada no profundo saber de V. Ex.^a que eu tomo esta resolução, e se isso o não contrariar, eu pedia a V. Ex.^a o especial obsequio de fallar com a maxima sinceridade. Aprecio a franquesa rude e desprezo a lisonja mentida. Não receie, pois, V. Ex.^a magoar o meu amôr proprio, não. “Disseram-me: que me deixasse de fazer versos, e que as minhas poesias não eram poesias que se podessem publicar.” Será isto verdade?

Porque é então que a “Correspondencia do Norte” e mais tarde a “Tribuna” – jornaes altamente considerados – teem accetado os meus escriptos? Porque será que os teem transcripto varios jornaes do paiz e até a “Encyclopedia das Familias”?

Não sei. Por isso, é que eu não hesito em me dirigir a V. Ex.^a e pedir-lhe o favor de me não occultar a verdade, qualquer que ella seja. Crente na benevolencia e no character rectissimo de V. Ex.^a espera ser attendida e aguarda a honra duma resposta a

De V. Ex.^a

m.to att.^a e obrig.ma

Zulmira de Mello

C. de V. Ex.^a

R. dos Pellames, 4.

Braga, 21-7-99

(ADB, Ms. 563 ^{maço 4}, ff. 1-2)

Foi pois através desta missiva que ocorreu a aproximação entre ambos, convertendo de imediato João Penha no *bondoso mestre*⁸¹ de Zulmira de Melo. Encontrava-se já o poeta na casa dos 60, mas a ingenuidade da adorável discípula logo lhe conquistou o coração, como ninguém antes conseguira fazê-lo. Assim o confessa a Antero de Figueiredo:

Amigo: é chegada a hora do meu castigo: soberbo, tyrannico, e intransigente para com as infelizes que tiveram a desdita de quererem ser amadas por mim, estou agora dominado por uma creança!

(BPMP, M-AF-1163(5), carta de 14-XII-1901)

⁸¹ A expressão é da própria poetisa, na dedicatória a um dos seus sonetos, publicado n’ *A Chronica*, em maio de 1904.

É esta musa que irá inspirar grande parte das *Novas Rimas* (significativamente, o livro preferido de João Penha), onde o perfil da amada (vol. II, t. I, n.º 181; vol. IV, t. I, n.º 759) surge identificado com a imagem romântica de fada pura, casta e virtuosa:

*A branca Zulmirita é uma fada
Que n'uns vagos jardins, cantando, mora.
Que linda, que mimosa! mais que a Aurora,
Que por Julio Romano foi pintada.*

*É como a Melusina da ballada
Dos bons tempos medievaes d'outrora.
Só de a vermos, um fogo nos devora,
Que nasceu para amar e ser amada.*

(vol. II, t. I, n.º 182)



Zulmira de Melo, ca. 1902.

O sarcástico poeta de sempre, que tantas vezes rebaixara a sentimentalidade ao mero plano escatológico, rende-se então a um puro idealismo romântico:

Nova musa

*Sem pena alguma, sem amargo pranto,
A minha lyra abandonei d'outrora.
Oh! quantas vezes a minha alma córa
Das alegres canções que amara tanto!*

*Nem áquelles que me amam cause espanto
Se nesta phase em que me encontro agora,
Cercada a frente d'um clarão de aurora,
Eu, de Tenorio, me transforme em santo!*

*Que mudança, senhora, em mim fizeste:
O vate da alegria, eil-o defunto;
Outro mais grave as suas fórmias veste!*

*Cantei o paio atroz, o vil presunto;
Agora és tu, só tu, musa celeste,
A minha inspiradora, o meu assumpto!*

(vol. II, t. I, n.º 185)

Comparando as poesias de João Penha, na altura, com as inocentes composições de sua jovem discípula, surpreendemos até uma afinidade flagrante, nas referências aos domínios mágicos de fadas e outros seres alados, como anjos e pássaros (vol. II, t. I, n.ºs 183, 209):

Loucura

*Se eu tivesse o poder que têm as fadas,
E a classica varinha de condão;
Tocava esse teu frio coração,
Mudando em chamma, as cinzas apagadas.*

*Revestia mil formas encantadas,
Ateava em teu peito uma paixão,
Mais ardente que a lava d'um vulcão,
Se eu tivesse o poder que têm as fadas!*

*Mas ai! eu não sou fada, nem rainha,
Nem tenho aquella magica varinha,
Que architecta palacios num momento.*

*Mas em troca, hei de amar-te eternamente,
Se és tu o meu mais caro pensamento,
E eu vivo para ti, amôr, sómente.*

(Zulmira de Melo, *A Correspondência do Norte*, n.º 1974, 8 setembro de 1900, p. 2)

A fada

*Em sua tão radiosa primavera
Aquella fada, tão jocunda e viva,
A falsos galanteios sempre esquiva,
Julgava Amor um sonho, uma chimera:*

*Semelhava um vulcão, mas sem cratera,
Uma estatua de jaspe, insensitiva.
Agora, solitaria e pensativa,
Sente-se prêsa, transformada, austera.*

*E de balde lhe dão loucos amantes
Serenatas em noites perfumadas,
Que traz a alma em regiões distantes,*

*Entre os astros de cinzas apagadas...
E comtudo, em seus olhos deslumbrantes
Ella tem o poder que têm as fadas!*

(João Penha, *A Chronica*, n.º 57, janeiro de 1902, p. 1)

E é também através dos carmes, publicados por ambos, que podemos reconstruir o trajeto emocional da relação, desde os píncaros do enamoramento⁸², aos inevitáveis arrufos que estiveram depois na origem de algumas composições despeitadas⁸³:

In amaritudine

*Ai d'aquelle que um dia se abalance
A procurar na vida uma alma pura!
Bem depressa verá quão pouco dura
Essa illusão, se de a sonhar não canse.*

⁸² Vd., por exemplo, o poema editado no n.º 189. Como testemunha o Arquivo documental (vol II, t. II), essa poesia evoca uma idílica despedida, no final do verão de 1901, que ambos passaram na Póvoa de Varzim. Foi originalmente publicada em parceria, com a primeira parte assinada por João Penha, seguida da resposta de Zulmira de Melo.

⁸³ O primeiro abalo no relacionamento dá-se em maio de 1902, quando Luís da Silva alerta o poeta para a afeição de sua discípula pelo jornalista lisboeta Armando Ribeiro, com quem antes trocara algumas cartas íntimas (ADB, Ms. 555^{maço 1}, ff. 140-141, 143-144) e outros tantos poemas (*A Correspondência do Norte*, n.ºs 1890, 1891, 1893, 1894, 1895, 1897, entre outubro e novembro de 1899).

*Era feliz, mas em funéreo transe
A luz se me desfez em sombra escura.
Ai! de mim! era um sonho de loucura,
Um castello no ar, o meu romance.*

*Desfeito o sonho que em minh'álma tinha,
Dos labios afastei a amarga esponja,
E menti-te em meus versos linha a linha:*

*Chamei-te anjo com azas, por lisonja!
Ophélia com bom senso e burguezinha,
Contrata um bacharel, ou faz-te monja!*

(vol. II, t. I, n.º 220)

Regressava, nestes momentos, a cínica descrença na virtude das mulheres, mas eram apenas zangas passageiras. A verdade é que foi sólida e duradoura a mútua devoção de João Penha e Zulmira de Melo, não ficando por isso despercebida no meio literário da altura.

Quando, no verão de 1902, surge n' *A Chronica* um conjunto de poemas de inspiração arcádica, pelos pseudónimos Josino e Almira (vol. II, n.º 191), logo despontaram na imprensa várias charadas ao magistério de Penha⁸⁴, dando como certo um iminente casamento. Dizia então Luís da Silva:

no mundo das letras é fallado o seu idyllio. Os Echos da Avenida e mais tarde o Tempo deram até a noticia de que um notavel poeta do norte estava para casar com uma poetiza bracarense. Mais tarde o Tempo quando saia o torneio, referia-se sempre ás quadras, parecendo que conhecia os contendores. Largava sempre piadas.

(BPMP, M-AF-2969(17), carta de Luís da Silva)

O enlace nunca chegou a acontecer, em parte devido à reserva de Zulmira, quanto aos sentimentos do poeta:

*Tem por mim, seu trovador,
Uma certa inclinação,
Mas, ri-se do meu amor,
E negou-me, a rir, a mão.
um bom amigo;*

*Sou tua musa, a dilecta,
Mas não me caso contigo.»
– «Que indecifrável mystério!»
– «É que sendo tu poeta, – «És, me disse,
Não posso tomar-te a sério!»*

(vol. II, t. I, n.º 502)

⁸⁴ Vd. Arquivo documental III, no Aparato Crítico do fragmento II do poema n.º 191 (vol. II, t. II).

Terão sido, no entanto, motivos de ordem económica os que mais impediram João Penha de desposar a jovem. Condiçionava-o, antes de mais, um pesado encargo de sete irmãs solteiras, agravado ainda pelo decrescente rendimento familiar, também sugerido nalguns versos:

*Não caso, nem me apodem de casmurro:
 Não se casa no mundo quem bem quer:
 Eu, se nem posso sustentar um burro,
 Como sustentaria uma mulher?*

(vol. II, t. I, n.º 406)

A bela discípula, no entanto, permaneceu fiel a seu mestre, durante grande parte da juventude. Acabaria por casar apenas em 1918, com um abastado proprietário, quando contava já 38 anos de idade⁸⁵. João Penha chegou ainda a exprimir alguma desilusão, nos seus derradeiros poemas (vol. III, t. I, n.º 647), mas acabará confessando a Antero de Figueiredo que não podia opôr-se ao enlace, devido à sua própria idade avançada:

Agora uma noticia inesperada: a Zulmira vae casar, com um poeta rico, chamado Bello. A tal casamento não podia eu de maneira alguma oppor-me, não só porque entre nós já não havia senão uma terna amizade, mas tambem porque, pela minha atroz idade, e achaques, não podia obstar que ella melhorasse de situação financeira.

(BPMP, M-AF-1196(1), carta de 14-IV-1918)

Conscientemente, sabia também o poeta que não devia exigir muito mais dessa longa relação platónica. Sabemos que João Penha tivera já quatro filhos naturais, de uma concubina espanhola, com quem se relacionou desde, pelo menos, 1899⁸⁶. É o próprio quem o assume, em maio de 1915:

Da mesma pessoa, que actualmente deve orçar pelos 40, e que ainda está excellente para o peccado, tive quatro rejeitous, e mais teria se, de commum accôrdo, nos não arranjassemos de maneira, que o factio se não repetisse.

Foram tres rapazes, e uma menina.

Dos rapazes, um morreu do garrotinho, e outro, que mandei criar na aldêa, foi lá assassinado por um curandeiro de má morte. A rapariga matou-a um orgão de Hamburgo que lhe dei, de manivela pêrra, e em que ella, douda por musica, estava a tocar de dia e de noite.

⁸⁵ Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade (*1879 †1964) casou-se a 17 de outubro de 1918, com António Belo de Matos Antunes (*1879 †1934). Vd. certidão de casamento no Arquivo documental do poema n.º 646 (vol. III, t. II).

⁸⁶ Em carta para Antero de Figueiredo, brincava o poeta: «A mim tambem hade ser uma hespanhola que me hade matar: por mais que lhe diga que me dá cabo da vida, é o mesmo que cousa nenhuma!» (BPMP, M-AF-1157(12) carta de 13-VI-1899).

D'essa prole resta, pois, um rapaz, o qual está empregado na chamada municipalização de serviços, a qual passou agora ao Xavier Esteves, e outro, d'essa cidade. [...] o dito rapaz, que, sem eu o autorizar a isso, usa do nome de João Penha Junior [...] é trabalhador, e quanto a intelligencia, só digo, com a modestia que me caracteriza: filho de peixe sabe nadar.

(BPMP, M-AF-1187(3), carta de 1-V-1915, integralmente transcrita no Aparato do poema n.º 649, vol. III, t. II)

Na altura, era seu filho, João Penha Júnior, «amanuense, na secção da electricidade, dos chamados Serviços Municipalizados» (BPMP, M-AF-1187(4)), e por ele intercedia o poeta, em carta dirigida a Antero de Figueiredo. Foi este filho quem zelou pelos seus interesses, nos últimos anos de vida, já depois de consumada a perfilhação em escritura pública (BPMP, M-AF-1196(8), carta de I-X-1918), e sabemos também que por ele foi ainda assegurada a descendência do clã⁸⁷.

Nunca chegou todavia João Penha a casar, permanecendo antes fiel à reputação de solteiro inveterado, que lhe valeu alguns epigramas mordentes:

*Por que é que toda a gente
tem o habito inveterado
de dizer: que João Penha
nunca ha de ser cazado?*

*Nos jardins d'esta cidade
ha só hervas, não há flôres.
Não admira: João Penha
é poeta, sem ter amôres!*

(ADB, Ms. 616, epigrama de Beatriz)

Não era contudo certo que vivesse desprovido de amores. Se há algo de constante no perfil do poeta, é justamente ter sido um amador até ao último suspiro de vida; enamorado das mulheres e enamorado de si mesmo, como aliás sugere uma reflexão existente nos papéis avulsos do seu espólio:

*Amo-a, porque me amo.
A mulher é o animal que ama, o homem o que se deixa amar.*

(ADB, Ms. 615)

Mesmo septuagenário, podemos ainda vê-lo cortejar alguma moça gentil, sobre quem exercita o poder de sedução, escrevendo cartas em verso, que dariam depois origem às *Ultimas Rimas*:

⁸⁷ Em 1942, António Cabral dava conta da «miséria mais atroz» em que viviam os netos do poeta (Cabral: 1942, p. 62), já depois de ter falecido João Penha Júnior.

meu novo livro de versos [...] já vae mais além da sua primeira metade. Para que sahisse com mais sentimentalidade do que os Echos, propuz um flirt a uma pequenita, que bem podia ser minha neta e que o acceitou da melhor vontade. Um dia sim, outro não, mandolhe uma composição, ou carta de namoro, em verso, visto ella ser uma deusa, e o verso ser, como sabes, a linguagem dos deuses.

(MJD, Espólio de Teixeira de Queirós, maço 30, carta de 18-VII-1915)

Isso mesmo confirma Raul Brandão, que em agosto de 1913 descrevia o poeta, invariavelmente fechado no quarto (por causa das correntes de ar), relembando velhos triunfos amorosos:



João Penha septuagenário.

João Penha tem hoje setenta e tantos anos. Está surdo como uma porta, mas conserva ainda aquela lucidez de espírito que há muitos anos fez dele árbitro nos casos intrincados em que é preciso escrever uma minuta que leve os tribunais a decidir as questões. O seu quarto nunca se abre, porque tem um medo horrível às constipações. Ali vive com o cofre cheio de cartas de namoro, que relê de quando em quando, até à última – pretensioso, apumado e janota.

(Brandão: 1988, p. 143)

Passava então grande parte do seu tempo em casa, devido a uma série de problemas de saúde, como entorses e crises reumáticas, que em muito lhe tolhiam a mobilidade⁸⁸. O próprio João Penha confessava ainda um profundo horror ao vento⁸⁹ e às constipações, por estarem na origem de uma progressiva e constringedora surdez, manifestada já desde os 60 anos de idade:

⁸⁸ Já em carta datada de 8-III-1899, Penha atribuiu o seu mau-humor a uma deplorável entorse que o mortificava há mais de oito dias (BPMP, M-AF-1157(6)). Em 8-VII-1901, o episódio repetia-se (BPMP, M-AF-1163(2), carta transcrita no arquivo documental do poema n.º 625 – vol. III, t. II) e, à medida que os anos avançam, pioram ainda as queixas contra o reumatismo: «A sua carta veio encontrar-me n'uma deploravel disposição de espírito. Imagine que ahi por meados do findo setembro, quando ja preparava as malas para ir para o Bom Jesus, me aparece n'um pé, e depois n'um joelho, essa nauseabunda cousa chamada o rheumatismo! O papa curaram-no, em alguns dias, d'um mal parecido, e eu, passados 15, so já não ando de bengala, ainda me não sinto com coragem de calçar uma bota» (BPMP, M-F-1175(5), carta de 9-IX-1909).

⁸⁹ Em humorada carta para Sérgio de Castro, a 5-IX-1916, atribuiu o poeta essa aversão pela nortada ao facto de ter sido uma begónia, em existências vegetativas anteriores (Castro: 1916, n.º 1078).

Para aqui estou. Como vês, surdo. Foi uma vistoria: um temporal medonho; uma constipação, e depois isto, a mais e mais, sem alívio. [...]

Mas podias ir lá fóra...

Dizem que sim, que me curavam. Mas era preciso sahir uns mezes, e não posso. Ganho aqui a vida, dia a dia; tenho oito irmans, e os livros de versos... Ha tempo deram-me por uma edição cento e cincoenta mil réis, e isso ganho eu num inventario. Não posso sahir.

(Castro: 1903, p. 3)

Não foram fáceis os últimos tempos de vida. Ano após ano, a correspondência pessoal vai dando conta do paulatino avanço da doença e da velhice, fustigando-o a si e às irmãs. A condição agrava-se sobretudo com a implacável surdez, que impossibilitava o advogado de exercer a profissão em tribunal, arrecadando daí os correspondentes honorários.

Assim se compreende que várias vezes Penha recorra aos amigos, na tentativa de conseguir a colocação num cargo público, com maior segurança remuneratória. É o que acontece em 1902, em carta para o antigo companheiro Luís Jardim (ADB, Ms. 552, ff. 39-41), e mais tarde ainda, em 1914, junto de Antero de Figueiredo (ADB, Ms. 551, f. 119).

Foram porém esforços infrutíferos. Impossibilitado de trabalhar para sustento das irmãs, os rendimentos passaram a resultar quase exclusivamente das propriedades que a família possuía nos arredores de Braga⁹⁰: a Quinta de S. Paio, em Sequeira, e alguns fóros⁹¹.

Com o passar dos anos, vão-se acumulando os problemas financeiros, agravados pela cobrança coerciva de dívidas fiscais. Assim, já em fevereiro de 1910, o poeta escrevia ao Conselheiro António Cabral, pedindo intercedência junto do Ministério da Fazenda, para que as contribuições atrasadas pudessem ser pagas em prestações anuais de 50.000 réis:

As minhas contribuições erguem-se, por anno, a uns duzentos mil réis. Como posso eu, simples advogado de provincia, com uma numerosa familia, e com os meus renditos reduzidos a 50 por cento, em virtude de uma quasi surdez com que a Divina Providencia me agraciou, andar em dia com a Fazenda Nacional? Impossivel, e d'ahi vêm os meus embarços, que me enervam e entristecem.

(Cabral, 1942, p. 59)

⁹⁰ Em carta para Joaquim Araújo, João Penha dizia ter duas quintas perto de Braga, mas que só lá fora uma vez, por ter «receio de enraizar» (BNMV, Ms. 12242, carta de 7-II-1904).

⁹¹ Entre os autores que se referem a estas propriedades contam-se Magalhaes Basto (1959², p. 3) e Maria Amália Ortiz da Fonseca (1963, p. 20), que informa ser uma dessas herdades a conhecida Quinta de S. Paio. Desta casa apalaçada sabemos apenas que pertencera a Manuel José Gomes da Costa São Romão, um abastado homem de negócios, de que foi herdeiro parcial o tio e padrinho de João Penha, João António de Oliveira Braga (Martins: 1992, p. 370).

Mais tarde, em abril de 1914, acabará mesmo contraindo um pequeno empréstimo, junto de Antero de Figueiredo, para poder saldar os juros relativos a três anos de imposto em atraso (BPMP, M-AF-1185(5)).

A situação era cada vez mais aflitiva, como testemunham as composições da altura:

Dúvidas

– «*De que me vale a força de vontade,
Uma existencia de incessante lida,
Se a má sorte, que a entrar ninguém convida,
Não mais nos deixa em paz, se nos invade!*

«*Eu luto de contínuo, e n'èsta idade,
Em meio do caminho d'èsta vida,
Já nem vejo a ventura apercebida,
O sonho, as illusões da mocidade!*

«*Serei sempre infeliz, até que morra?
Eu não peço a riqueza, essa distingo-a
Como luz que se vê d'uma masmorra.*

«*Dia por dia, cresce a dor, a mingoa,
E em vão implóro a Deus que me socorra!*»
– «*É que talvez ignore a tua lingua!*»

(vol. II, t. I, n.º 309)

A própria urgência que o escritor vai manifestando em publicar os seus últimos livros (largamente inferiores aos primeiros⁹²) parece aliás responder a esta necessidade premente de angariar fontes de rendimento extraordinário. Mesmo quando João Penha se queixava da ínfima remuneração que o labor poético lhe rendia⁹³, sempre se depreende, na correspondência enviada a amigos, que este fator não deixava de ser contemplado por si⁹⁴.

⁹² A diferença de qualidade deve-se, em grande parte, ao tempo de maturação. A propósito das *Rimas*, dizia o poeta: «Se juntas as horas que gastei em compor as Rimas apparecesse um total de 6 meses, juntas as que gastei em corrigil-as appareceria um de dous ou tres annos» (BNMV, Ms. 12242, carta de 27-I-1902). Referindo-se depois a composições das *Ultimas Rimas*, dirá: «se [...] não gostar, faço-lhe outra, o que, no meu estado actual de caganeira metrica, me será da maior facilidade. Basta dizer que hontem, fiz nada menos de 26 quadras, que intitulei Snobbs!» (BPMP, M-AF-1196(7), carta de 26-IX-1918).

⁹³ Vd. carta enviada para Antero de Figueiredo, em 7-IV-1903: «isto aqui é uma desgraça: dá vontade de chorar. A minha desventura provém de me ter plantado neste paiz, e não em França, ainda que fosse em Vernet-les-Bains! Outro seria o meu destino, quanto a opulencia. Por esse livro, em que gastei dous annos de trabalho artistico, duvido muito que os arrogados editores lusitanos me dêem o mesmo que qualquer agricola me paga por qualquer questiuncula àcerca de aguas de lima e rega!» (BPMP, M-AF-1168).

⁹⁴ No auge da sua carreira literária, Penha nunca reclamou qualquer estipêndio pela colaboração em periódicos, excetuando apenas um contrato com a revista *Passatempo*, em 1903 (vd. vol II, t. II, n.º

O flagrante desequilíbrio financeiro que atingia o agregado familiar, acrescido das contrariedades inerentes à doença, velhice e morte⁹⁵, acabaram enfim mergulhando o autor num estado de profunda tristeza e angústia. Grande parte dos poemas compostos nesta altura acusa um marcado tom pessimista, não faltando alusões à Guerra⁹⁶ e à carestia que fustigava a Europa⁹⁷, mas muito concretamente também a sua própria existência:

Os miseráveis
 – «Não ha na face da terra
 Um ente mais infeliz,
 Mais desgraçado do que eu:
 Do que o trabalho me deu,
 Não me restam dous ceítis.
 A minha filha morreu,
 E ando, em meios, tão baldo
 Que nem tenho para o caldo!

131). Contudo, a necessidade obrigá-lo-á, no fim da vida, a encarar a literatura também como fonte de rendimento. Numa das cartas já aludidas, por exemplo, depreende-se que a quantia adiantada por conta da publicação do livro *Echos do Passado* serviu para saldar uma dívida à Misericórdia (BPMP, M-AF-1185(5), carta de 10-IV-1914). Também em várias cartas datadas de 1917, o filho, João Penha Júnior, alude às dificuldades por que passava a família (BPMP, M-AF-1194(1)) e ao adiantamento de 80\$00 que, por esse motivo, João de Barros providenciara, à conta do manuscrito das *Escavações Literárias* (BPMP, M-AF-1194(5)). Sobre as peripécias que rodearam a publicação desta obra, vd. descrição do testemunho A, no Aparato Crítico do poema n.º 333 (vol. II, t. II).

⁹⁵ Uma das irmãs do poeta, Maria do Patrocínio, faleceu a 22 de janeiro de 1917. Em notícia publicada num jornal bracarense, depreende-se a profunda religiosidade desta senhora, que chegava a roçar as franjas da demência: «Educada cristhãmente por seus paes com suas virtuosas irmãs, mas contrariada valentemente na vocação para o estado religioso, resolveu-se a abandonar o mundo por completo [...]. Contava 26 annos d'idade, quando despe a contente gala dos vestidos do seculo, para trajar um negro vestido sem atavios, um simples chaile que lhe envolvia o corpo, e um modestissimo lenço que lhe cobria a cabeça! Perdeu o juizo, clama o mundo com despeito! É uma louca! bradam outros. Que demencia! exclamam algumas amigas. Demente lhe chamava ainda ha pouco alguem, que pedia a comiseração d'amigos para a infeliz familia, a braços com a adversidade. [...] Uma vez postas de lado as vaidades do mundo, D. Patrocínio Penha entrega-se toda afanosa ao exercicio da caridade chistã. [...] Se com os outros era prodiga de atencções e carinhos, comsigo era d'uma austeridade rigorosa. O alimento quotidiano, que tomava era uma simples chavena de chá com leite e uma fatia de pão ao almoço, refeição que sempre tomava de pé; uma sopa com um pouco d'arros e raras vezes, a instancias das irmãs um ovo, e a ceia um simples caldo. Nas duas refeições principaes tomava um pouco de vinho com agua. Quanto ao dormir, tinha antes de preparar o leito, por forma que no verão a molestasse o calor e d'inverno a não desamparasse o frio. A loucura da Cruz, ensinada pelo Mestre divino, tem d'estas extravagancias, que a Deus agradam e o tornam propicio para com os infelizes peccadores. [...] O seu funeral foi humilde, não entrou nelle a menor sombra de vaidade» (*Echos do Minho*, n.º 1190, 28 de janeiro de 1917, p. 2).

⁹⁶ Vol. II, n.os 467 e 468

⁹⁷ Sobre este assunto. vd. o nosso artigo Pereira: 2015.

*Cheio de fome e de frio
Sou um pária, um cão vadio.
Sois homem rico e de préstimo:
Assim tão pobre e tão fraco;
Venho pedir-vos, de empréstimo,
Um miserrimo pataco.
De penuria, ao desamparo,
Até receio morrer.»
– «Está tudo muito caro,
E esta maldita guerra,
Obriga-me a ser avaro:
Agora não póde ser».*

(vol. III, t. I, n.º 649)

Em carta para António Cabral, a 27 de janeiro de 1917, referia-se o filho nestes termos, ao debilitado estado do poeta:

O seu mal não é grave; mas devido a não se querer alimentar o suficiente e não querer medico, está n'um estado de fraqueza que nos preocupa muito.

(Cabral: 1942, p. 61)

Dias antes, a 23 de janeiro, surgia no *Jornal de Noticias* o alerta de que João Penha se encontrava doente e na miséria, com sete irmãs a seu cargo, também elas debilitadas:

De Braga recebemos a carta que a seguir publicamos, profundamente comovedora, e que nos revelou, como sem duvida vai revelar á maioria dos nossos leitores, uma triste e pungente verdade: Sr. Redactor – Encontra-se gravemente doente e pobre, nesta cidade, o dr. João Penha, o ilustre poeta e grande juriconsulto, tão conhecido e querido no paiz.

A miseria, que ha muito tempo adejava em volta do lar do grande poeta da escola coimbrã, porque ha longos anos João Penha ensurdecera, mal ganhava para o seu sustento e das 7 irmãs, velhas como ele, entrou-lhe finalmente em casa, encontrando-o prostrado pela doença no leito, com as irmãs a cercá-lo, estando duas mais doentes ainda do que ele, uma demente e as outras angustiadas com a falta de recursos para o tratamento do doente e satisfação das mais urgentes necessidades da familia.

Eis, traçado em escorço, o quadro triste e infelizmente verdadeiro da situação do lirico e parnasiano mimoso, de quem se mandou informar o sr. presidente da Republica, seu amigo e companheiro em Coimbra, como o foram os mais notaveis homens da geração que finda. V., que tem as columnas do seu jornal sempre abertas ás melhores causas, não poderia chamar a atenção do governo e parlamento para a amargurada vida do grande mestre e jurisperito, gloria nacional, a fim de lhe concederem uma pequena pensão, que lhe evitasse, no fim da vida, a fome que o assedia, e que já o teria aniquilado, se não fosse a caridade particular, que por meio de subscrição tem conseguido alguns meios para sustentar João Penha mas a qual v. sabe bem que cansa em poucos meses?

Fazendo-o prestaria mais um serviço aos homens de letras da nossa terra, um dos quais está quasi, como o cantor dos 'Luziadas', na imniencia de ser recolhido gratuitamente no Hospital, se não fôr já socorrido.

Braga, 20-1-17.

De V. etc.

Antonio Francisco de Sousa [...]

(Jornal de Noticias, 23 de janeiro de 1917, p. 1)

Vários jornais do país fizeram eco desta notícia⁹⁸, chamando a atenção do governo para as constrangedoras dificuldades em que vivia o poeta, a fim de lhe atribuírem alguma ajuda de sobrevivência. Logo depois, um grupo de deputados mobilizado por Teixeira de Queirós votava no Parlamento uma pensão vitalícia anual de 480\$00.

O projeto de lei, submetido por Jaime Cortesão, aparece registado no *Diario da Camara dos Deputados*, a 26 de janeiro de 1917:

O Sr. Jaime Cortesão (Para um negócio urgente): – Sr. Presidente: eu pedi a palavra para um negócio urgente, em cuja defesa vou tomar pouco tempo à Câmara, porquanto o projecto que vou apresentar não necessita de muitas palavras para se impor à atenção de todos os meus colegas. Dizem os jornais, que o illustre poeta João Penha está na miséria, além de sofrer nesta ocasião dores crudelíssimas, pelo luto recente duma irmã e de se encontrar muito doente. Eu tive a honra, há tempos, de apresentar nesta Câmara, renovando a iniciativa do Sr. Presidente do Ministério, um projecto de lei pelo qual era concedida ao poeta Sr. Gomes Lial uma pensão. É quasi do mesmo teor o projecto que hoje apresento. Eu não quero, nem acho a ocasião própria, comparar o valor destes dois poetas, mas entendo que o Estado deve prestar a sua solidariedade a todos os grandes escritores, poetas e artistas, porque são eles que representam o valor e a cultura duma sociedade.

Mando, pois, para a Mesa este projecto, que é assinado por vários colegas meus desta Câmara, e peço para êle a urgência e dispensa do Regimento.

O orador não reviu. Leu-se na Mesa o projecto. E o seguinte:

Projecto de lei

Artigo 1.º É concedida a pensão vitalícia anual de 480\$, livre de qualquer ónus ou encargo, ao poeta João Penha.

§ único. Esta pensão será paga em duodécimos.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrário. – Os Deputados, Jaime Cortesão – Domingos Pereira – Joaquim José de Oliveira – Eduardo de Sousa – João Carlos de Melo Barreto – Vasco de Vasconcelos.

Foi aprovada a urgência e dispensa do Regimento.

O Sr. Fernandes Rêgo: – Requeiro a contraprova.

⁹⁸ Entre os periódicos lisboetas que transcreveram a carta do *Jornal de Notícias*, ou que a ela fizeram referência nas suas páginas, contaram-se o *Diario de Noticias*, *O Dia*, *A Opinião* e *A Nação*.

Uma voz: – Ora, ora. V. Ex.^a é pouco humanitário.

O Sr. Fernandes Rêgo: – Cada qual vota como entende em sua consciência.

Ha muitos republicanos na miséria a quem não se concedem pensões.

Feita a contraprova, verificou-se o resultado anterior.

O Sr. Ministro das Finanças (Afonso Costa): – Sr. Presidente: apesar de estar em vigor a lei de 15 de Março de 1913, eu tenho a honra de declarar a V. Ex.^a que não me oponho a este projecto, muito embora já esteja apresentado o Orçamento.

O Sr. Dr. António José de Almeida, assim como os membros do Governo aqui presentes, associam-se, como eu, à iniciativa tomada pelo Sr. Deputado Jaime Cortesão.

É verdade que há muitos republicanos pobres; mas para êsses estabeleceu a República o serviço da Assistência Pública em condições que não devem deixar de merecer o respeito de todos nós. Êste serviço ampliar-se há depois da guerra, e oxalá que a situação difícil do Tesouro Público se transforme, porque serei eu o primeiro a propor que se melhorem consideravelmente não só os serviços da Assistência Pública, como os dos hospitais e as escolas primárias. Em todas essas obras se reconhece a solidariedade protectora do Estado. Mas, desde já, tratando-se dum homem como João Penha, que marcou com brilho o seu admirável talento de poeta e que se encontra numa situação angustiosa, eu entendo que o Parlamento pratica um acto que o honra significando-lhe, pela aprovação dêste projecto, que não vê com indiferença o seu atribulado viver.

O orador não reviu.

O Sr. Vasco Vasconcelos: – Sr. Presidente: eu pedi a palavra para declarar a V. Ex.^a e à Câmara que o Partido que tenho a honra de representar nesta Casa do Parlamento dá o seu voto a este projecto de lei.

O Partido Evolucionista entende que a sua aprovação representa um acto de justiça.

Não é ocasião para fazer o elogio de João Penha; mas a República só pode dignificar-se demonstrando sempre que dá o aprêço devido aos excelsos cultores da literatura nacional.

O orador não reviu.

O Sr. Domingos Pereira: – Sr. Presidente: pedi a palavra para, em nome da cidade de Braga, e como conhecedor, de perto, da situação aflitiva em que se encontram o poeta João Penha e suas irmãs, me associar calorosamente ao projecto apresentado pelo Sr. Deputado Jaime Cortesão.

O poeta João Penha era o chefe dessa família, era o seu único amparo; hoje, porém, devido ao seu estado de saúde, não lhe é permitido continuar a manter a comodidade relativa de que gozavam suas velhas irmãs.

É bem justo que os poderes públicos do Estado Português velem por êsse homem, e, se V. Ex.^a e a Câmara me permitem eu alvitrava que, se este projecto merecesse a aprovação da Câmara, a pensão fôsse concedida até a última sobrevivente de suas irmãs.

Tenho dito.

O orador não reviu.

O Sr. Almeida Ribeiro: – Pedi a palavra para, em nome da maioria parlamentar, me associar também ao projecto apresentado pelo Sr. Deputado Jaime Cortesão.

O nome de João Penha é daqueles que se impõem à nossa admiração, não podendo, portanto, deixar de nos associarmos ao projecto, dando-lhe com toda a boa vontade o nosso voto. Tenho dito.

O Sr. Presidente: – Como não está mais nenhum Sr. Deputado inscrito, vai votar-se o projecto na generalidade.

Foi aprovado, sem discussão, na generalidade e na especialidade.

O Sr. Jaime Cortesão: – Requeiro dispensa da última redacção.

Foi aprovado.

(Diario da Camara dos Deputados, Sessão n.º 23, sob Presidência de Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, 26 de janeiro de 1917, pp. 16-17)

Sobre esta iniciativa, esclareceria mais tarde Teixeira de Queirós, em carta para o poeta:

Amigo João

Recebi a tua carta. Pouco me tens a agradecer acerca do facto do parlamento ter-te votado uma pensão, como homenagem prestada aos teus talentos e serviços ás letras patrias, como tem feito a outros entre elles João de Deus e Gomes Leal. A iniciativa deve-se principalmente ao Bernardino Machado actual presidente da Republica, que n'isto mostrou ser um teu verdadeiro amigo. A proposta foi appresentada por um poeta novo, que eu não conheço, deputado pelo Porto e que se chama Jayme Cortesão, creio que é da redacção da Revista litteraria portuense intitulada Aguia. Um dos que assignaram a proposta é um deputado por Braga, chamado Domingos Pereira e ainda houve outros deputados que assignaram. Qualquer destes te poderá dizer quem elles são. Se ahi mandares procurar o Diario do Governo em que vem a lei saberás quem são os subscriptores da proposta. Não me é facil arranjar-te um Diario do Governo; mas se puder conseguil-o t'ò enviarei.

Agora o que é preciso é que recebas a pensão. Creio que na Agencia do Banco de Portugal em Braga deve haver ordem para isso; porem se houver qualquer difficuldade escreve directamente ao Bernardino que elle desembaraçará tudo. O Gomes Leal esteve algum tempo sem receber, empatado, não sei por quem, nem porque; mas actualmente já recebe. Se te prestar para alguma coisa neste ponto escreve-me; porem como eu para isso terei de procurar o Bernardino, é melhor tu escreveres-lhe directamente. [...]

Mais uma vez parabens, pela homenagem que o Parlamento te prestou.

Teu velho amigo

Teixeira de Queiroz

(ADB, Ms. 547^{maço} 9, ff. 24-26, carta de 23-V-1917)

A lei n.º 649 seria enfim publicada n' *O Diário do Governo*, n.º 21, 1.ª Série, a 6 de fevereiro de 1917, estabelecendo uma pensão de 480\$00, pagos em duodécimos⁹⁹.

⁹⁹ Em artigo publicado na *Ilustração Catholica*, J. Faria Machado alude à pensão mensal, no valor de 40.000 réis, como «o ordenado d'um amanuense, a miseria d'um mestre escola, a mediania escassa d'um burocrata» (Machado: 1917).

Conhecidas as circunstâncias, o *Diário de Notícias* tomou ainda a diligência de angariar donativos que pudessem valer ao poeta, enquanto esperava a prestação do Estado:

Foi o Jornal de Noticias o primeiro que tornou publica a má situação em que se encontra o poeta das Rimas, João Penha, e foi o Diario de Noticias quem mais directa e nobremente secundou o apelo feito aos amigos, e admiradores do grande infortunado.

O illustre director daquele jornal, o nosso presado amigo, sr. dr. Alfredo da Cunha, tendo reunido, com a venda de alguns livros do poeta, a quantia de reis 130\$000, acaba de se servir do director deste jornal para a fazer chegar ás mãos do poeta.

(*Jornal de Noticias*, 31 de janeiro de 1917, p. 1)

Quanto á quantia de 130\$00 reis que o nosso presadissimo amigo sr. dr. Alfredo da Cunha illustre director do Diario de Noticias nos enviou com destino ao dr. João Penha, foi entregue já pelo nosso solícito correspondente em Braga á irmã do poeta, a sr. D. Emilia de Penha Fortuna. Sua irmã patenteou o seu reconhecimento pela preciosa iniciativa do Diario de Noticias, afirmando que o enfermo se não fora a proibição e ao mesmo tempo a impossibilidade de escrever – prontamente agradeceria por seu proprio punho.

(*Jornal de Noticias*, 6 de fevereiro de 1917, p. 1)

Dada a aceitação por parte de João Penha, da quantia que lhe enviamos e que alguns dos seus admiradores nos entregaram para tal fim, vamos remeter-lhe a importancia restante ainda em nosso poder e que recebemos depois daquela primeira remessa.

(*Diario de Noticias*, 7 de fevereiro de 1917, p. 1)

A remessa, que hoje fazemos, das ultimas quantias que recebemos com destino ao grande poeta João Penha, é de 18\$10, que enviamos, como a precedente, ao sr. Annibal de Moraes, illustre director do 'Jornal de Noticias', do Porto.

(*Diario de Noticias*, 8 de fevereiro de 1917, p. 1)

Perante a exposição da sua penúria, João Penha chega ainda a manifestar algum constrangimento pela humilhação, mas em carta para Antero de Figueiredo confessa não estar em condições para recusar a solidariedade:

O caso da pensão, cousa em que nunca tinha pensado, rebaixa-me aos meus proprios olhos. Mas que fazer-lhe? Rejeital-a? Seria offender o Bernardino, o Alfredo da Cunha e o Guerra Junqueiro, que foram, segundo me dizem, que[m] m'o arranjaram. Fique, pois, mesmo porque emfim sempre dá para as cebollas, e os tempos vão bicudos.

(BPMP, M-AF-1193(1), carta de 30-VI-1917)

Na tentativa de confortá-lo, o amigo lembrará outros escritores que também receberam pensões, destacando entre estes o nome de Gomes Leal, a quem recentemente fora votado o mesmo subsídio:

É principalmente ao Teixeira de Queiroz e ao Bernardino que o meu amigo deve a pensão que o deve honrar. Teve-a o Eça de Queiroz, o João de Deus, o Bordalo Pinheiro (as famílias) e

tem-na o Gomes Leal – para só falar destes. Durante os primeiros alarmes das suas dificuldades, respondi-me muito com o Teixeira de Queiroz, e vi quanto ele era seu amigo.

(ADB, Ms. 550, ff. 208-209)

Efetivamente, o constrangimento do poeta das *Rimas* irmanava-se, em larga medida, ao autor das *Claridades do Sul*, provocando então comparações inevitáveis. O próprio Gomes Leal, como aguardasse ainda o pagamento decretado a 20 de janeiro¹⁰⁰, decidiu expor o incumprimento, numa série de cartas abertas no *Diário de Notícias*. Terminava com um poema original, aludindo à situação de João Penha, amplamente contrastante com o sibaritismo de um conhecido político da altura, que não dispensava ao almoço a requintada *omelete ao rum*:

Pensões entre Nuvens...

*Vou dar fim ás minhas cartas,
Não por medo dos esbirros,
Mas por já ter três «bronquites»,
E andar sempre a dar espirros!*

*Salvé, velhinhas gementes
que já sois avós e tias,
e molhaes com vossos prantos
degrãos e secretarias!...*

*Salvé, tristes pensionistas,
sem pão e conforto algum,
e que nunca ides ás festas,
onde haja «omelette ao rhum».*

*Salvé magros reformados
sempre crentes na pensão
taes como os «sebastianistas»,
crêem, em D. Sebastião!...*

*Salvé João Penha Fortuna,
que fortuna alguma tens,
que és mui rico do Intelecto,
mas «magriço» de vintens.*

*Salvé ó meu velho João Penha,
ó fraterno amigo meu,
que has de obter uma pensão,
«De S. Pedro lá no Céu!...»*

Lisboa, 16-2-917

(*Diário de Notícias*, n.º 18419, 17 de fevereiro de 1917, p. 2)

¹⁰⁰ A lei n.º 646, que concedeu uma pensão de 600\$00 ao poeta Gomes Leal, foi publicada em *Diário do Governo*, a 20 de janeiro de 1917.

Logo surgiram novos artigos na imprensa, manifestando revolta pela ingratidão com que estavam sendo tratados dois grandes poetas contemporâneos:

JOÃO PENHA – GOMES LEAL

Pedimos venia ao nosso presado Primeiro de Janeiro para reproduzirmos das suas colunas o seguinte artigo, com o título acima, do ilustre jornalista e seu brilhante colaborador Guedes de Oliveira [...]:

O Diário de Notícias, de Lisboa, publicava ontem umas quadras de Gomes Leal, intituladas Pensões entre nuvens [...]

O poeta das Claridades do Sul, tem uma pensão, votada pelo Parlamento, que não recebe, e outro tanto ele pensa ha de suceder a João Penha, a cuja angustiosa velhice o mesmo Parlamento espectacularmente declarou acudir – mas não acode, porque uma coisa é votar filantropicamente um subsidio que é ao mesmo tempo uma homenagem, outra coisa é pagá-lo. [...] Para isso um Parlamento reúne, um senhor representante do Povo pede a palavra, diz duas coisas muito solenes, apresenta uma proposta que os outros senhores representantes aprovam com patriótico zelo pelo bem comum, os jornais apregoam a grandeza do acto e dos sentimentos da soberania nacional, e depois de todos estes tramites, esforços e solenidades, os contemplados continuam na miseria, com um país inteiro regalado na suposição de lhes haver premiado o valor e o talento! É isto o que sucede a Gomes Leal? É isto que espera João Penha? Terá ele de sair do leito em que a doença e a velhice o detem, meter-se no comboio, seguir para Lisboa e de chapéu na mão, as joelheiras coçadas e o olhar vago das anciedades e incertezas, percorrer aquela bemdita nitreira do Terreiro do Paço durante o resto da vida? [...]

(*Diário de Notícias*, n.º 18422, 20 de fevereiro de 1917, p. 1)

A verdade é que, em julho de 1917, João Penha ainda não havia recebido qualquer duodécimo, vendo-se obrigado a recorrer ao antigo companheiro de Coimbra, Bernardino Machado, para agilizar o desbloqueamento da verba. Em carta remetida ao Presidente da República, justificava-se dizendo que cedera a renda às irmãs, e por isso solicitava que elas pudessem continuar a recebê-la, mesmo depois da sua morte¹⁰¹:

B. 12-VII-[19]17

Meu caro Bernardino

Consinta que lhe tome alguns minutos, para me ouvir ácerca da pensão, com que o meu dilecto amigo me quiz beneficiar.

Esta espécie de pensões, que se entendem para alimentos (coisa que nunca me faltou), vencem-se e pagam-se no dia 1 de cada mez, e a lei de 6 de fevereiro que m'a concedeu, assim o declara, mandando-a pagar em duodecimos.

É exactamente o que se não tem cumprido. Assim, o duodecimo respeitante ao mez de junho, ainda até agora, meados de julho – quando outro já está vencido, ainda me não foi mandado pagar!

¹⁰¹ Já depois de o poeta falecer, João Penha Júnior voltaria a contactar Bernardino Machado, queixando-se da dificuldade de suas tias em receber a pensão, «em virtude de os titulos terem de serem substituidos pelo fallecimento de minha tia Carolina». Pedia ainda um aumento da pensão (de 40\$00), para acudir à doença das quatro irmãs sobreviventes (FMS, 06696.069).

Eu não fallaria a este respeito, se não tivesse cedido a tal pensão a minhas irmãs, as quais estão fartas de mandar à repartição de Fazenda, não obtendo outra resposta senão esta: os papeis ainda não vieram de Lisboa!

Que papeis são esses? É meia folha de papel, impresso, a encher os brancos do qual o mais que se gasta é um minuto; é remetido para Lisboa, onde para o legalizar também mais de um minuto se não gasta, e passam-se semanas e meses sem que tão extraordinario serviço se ultime!
«Se te não pagarem, me disse ha tempos o Dr. Francisco Teixeira de Queiroz, escreve ao Bernardino, e logo te pagarão», e é o que o meu dilecto amigo vê que faço.

Como disse, eu cedi a minhas irmãs a pensão, e a minha esperança é que o meu amigo faça que, depois da minha morte, ella se lhes continue a pagar.

Tão mimosas tem vivido até agora e, sem essa ajuda, ficariam em desagradaveis circunstancias, isto é, com os unicos rendimentos da quinta de Sequeira, e com alguns fóros!

Essa concessão não seria cousa nova, porque assim se procedeu com relação às familias de Eça de Queiroz, de Bordallo, de Camilo Castello Branco, e de João de Deus. Espero, pois, que o meu querido amigo attenderá estes dois meus pedidos.

Seu, ex corde

João Penha

(Basto: 1959², p. 3)

Pouco tempo iria João Penha usufruir desta pensão. A morte aproximava-se a largos passos. Não chegou sequer a ver entrar nos prelos o livro em que retribuía a benesse concedida¹⁰², mas continuou poetando até ao fim, e a derradeira composição foi escrita por seu próprio punho, dias antes do último suspiro:

Carta

*«Chora neve o ceu nublado:
 Não sábio do meu abrigo.
 Que fazer? fallar comtigo
 Do presente e do passado.*

*«Vejo-te muito acabado;
 Ja não és o leão antigo;
 Eu, francamente t'ò digo
 Não me agrada o teu estado.*

*«Trocaste a cerúlea altura,
 Lá onde o condor adeja,
 Pela terra, e, que loucura!*

*«O vinho pela cerveja,
 O riso pela «atra cura»
 A taberna... pela egreja!»*

10-I-19

(vol. III, t. I, n.º 655)

¹⁰² As *Ultimas Rimas* vieram a lume a 30 de julho de 1919, já depois da sua morte. Em carta enviada para Antero de Figueiredo, o poeta referia-se às mais de trinta «pessoas a quem, quasi como despedida, offereço composições» (BPMP, M-AF-1196(7), carta de I-X-1918).

O rev. Padre José do Egypto Vieira presidiu aos responsos coadjuvado por 5 sacerdotes na capella do cemiterio.

No cemiterio foram organisados os seguintes turnos:

1.º turno – Dr. Vieira de Campos, dr. Monteverde, dr. José Coimbra, dr. Lumiar Ramos, dr. Pereira de Magalhães e dr. Alberto Feio.

2.º turno – Governador Civil (representado pelo sr. dr. José Azevedo Moura), dr. Carlos Braga, dr. Braga da Cruz, dr. Eduardo de Moura, dr. Francisco Duarte e dr. Assis Teixeira.

3.º turno – Dr. Gustavo Brandão, dr. Francisco Pinheiro Torres, Alvaro Pipa, José Antonio da Cruz e José Gomes.

4.º turno – Pela Academia.

Dirigiu o funeral o sr. dr. Carlos Braga, amigo dedicado do saudoso extincto.

No funeral fizeram-se representar por piquetes os Bombeiros Voluntarios e Municipaes.

A chave da urna foi entregue ao sr. dr. Alberto Carlos Magalhães Menezes Azambuja.

O funeral esteve a cargo da conceituada casa dos armadores Viuva Baptista Ribeiro, Sucessores.

(Echos do Minho, 5 de fevereiro de 1919, p. 1)

A julgar pelas descrições da época, o funeral parecia contrariar em tudo a mais genuína vontade do poeta:

Ultima vontade

O corpo n'um lençol, e assim mettido

Em minha mãe, d'onde nasci, a terra.

Nada do som do bronze, um som que aterra,

Que descontenta um delicado ouvido.

Ninguem ouse soltar um só gemido

Junto da cova que o meu corpo encerra:

Longe, a minh'alma em outros mundos erra,

Dêem-lhe a paz d'um sempiterno olvido.

Nada de luto, de sanefas prêtas;

Onde eu fique, um recôndito jardim,

Onde Ella, a mais divina das Julietas,

Se por acaso se lembrar de mim,

Possa colher um ramo de violetas,

Com que inflore o seu peito de setim.

(vol. II, t. I, n.º 249)

O alegre canteiro, que tanto desejara para sepultura, demoraria trinta e cinco anos a concretizar-se.

Em 1925, a Câmara Municipal começa por acolher a sugestão, avançada por colaboradores d' *O Primeiro de Janeiro* e do *Diario do Minho*, no sentido de atribuir o nome do poeta a uma das ruas da cidade¹⁰⁴:

João Penha

O parnaseano das 'Rimas' vai ter a sua consagração.

Não foram perdidas as palavras que dedicamos á divida em aberto ao conterraneo illustre nas letras e nas sciencias do Direito, o malogrado João Penha.

A Camara Municipal, em sua sessão da passada sexta-feira, deliberou perpetuar-lhe o nome num busto que ornamentará um dos canteiros da Avenida Central, promovendo para a sua inauguração uma festa de Arte.

Bem haja a nossa edilidade pela iniciativa da consagração do Poeta e ele que tanto amava as plantas, fazendo do seu quarto uma verdadeira estufa, agradecerá em Espirito a lembrança de mostrarem aos vindouros o seu busto a emergir do meio das queridas amiguinhas de todas as horas.

(*Diario do Minho*, 26 de julho de 1925, p. 1)

É então que, por proposta do vereador António Ferreira de Almeida, a Câmara se compromete a erguer, nos jardins da Avenida Central, um busto de homenagem ao poeta bracarense:

Camara Municipal

(*Sessão da Comissão Executiva*)

Sob a presidencia do sr. dr. João Caetano da Fonseca Lima, secretariado pelo sr. João Martins Gonçalves e com a presença dos srs. vereadores Antonio Ferreira d'Almeida e Antonio Ulisses Taxa Ribeiro, reuniu ontem pelas 15 horas em sessão ordinaria, a Comissão Executiva da Camara Municipal deste concelho.

Presente tambem o sr. João Lemos chefe da Repartição Tecnica da Camara.

Aberta a sessão [...] passou-se acto continuo á leitura do [...]

Oficio do Instituto Historico do Minho, de Viano do Castelo, lembrando ao Municipio de Braga a necessidade de se homenagear a memoria de João Penha, dando a uma das ruas desta cidade, o seu nome glorioso.

O sr. Ferreira d'Almeida, a quem o sr. Presidente concedeu a palavra, diz que veio tarde a lembrança do Instituto Historico do Minho, pois que a Camara de Braga por proposta dele vereador já tinha votado por unanimidade, a consagração necessaria á memoria do Poeta

¹⁰⁴ A iniciativa retomava uma ideia de Alberto Madureira, que já em abril de 1902 propusera a atribuição do nome de João Penha a uma rua da cidade, a par de outros eventos, como um cortejo cívico, uma sessão solene e um número único a publicar no dia do seu aniversário (BPMP, M-AF-1571(3)). A homenagem só não se concretizou porque o poeta, dominado pela superstição, declinou o tributo, implorando que se não chamasse «as atenções do Fado» (ABD, Ms. 546^{maço 12}, ff. 82-83, carta de 28-IV-1902). A mesma ideia haveria de recorrer outras vezes, nomeadamente em 1904, quando Dias Freitas publica uma carta aberta, propondo a atribuição de João Penha ao largo de Santo Agostinho (Praça Conde de Agrolongo, também conhecida como Campo da Vinha), «pela circunstancia de ser proximo d'esse local que nasceu o inimitavel poeta das *Rimas*» (*A Correspondencia do Norte*, n.º 2277, 1 de junho de 1904, p. 1).

que tanto nos honrou, dando o seu nome a uma das melhores ruas da cidade e votando-se a verba precisa para que o busto do egregio bracarense fosse colocado num dos canteiros da Avenida Central como merecido era para prestígio nosso.

Que no entretanto, se agradecesse a lembrança áquele instituto scientifico, mandando-se-lhe copia de parte da acta em que a Consagração a João Penha foi votada, e a certeza de que a Camara de Braga jamais se esqueceria do grande cidadão que tanto honrou a sua terra.

(Diario do Minho, 1 de agosto de 1925, p. 1)

Sabemos também, por ata da Comissão Executiva, que uma maquete do monumento chegou a ser providenciada à Escola Industrial:

*Camara Municipal
(Sessão da Comissão Executiva)*

[...] O sr. dr. Fonseca Lima refere-se depois á proposta feita pelo distincto professor da nossa Escola Industrial sr. Zeferino Couto, encarregando-se das maquetes de Camilo Castelo Branco e de João Penha a colocar breve nos jardins de Braga, pagando a Camara os materiaes gastos somente.

O sr. presidente fez as mais elogiosas referencias ao distincto professor, apoiado por toda a Camara que aceitou a oferta do sr. Zeferino Couto. [...]

(Diario do Minho, 8 de agosto de 1925, p. 2)

O projeto, no entanto, foi sendo adiado, e só em 1939 é erguido um busto da autoria de António de Azevedo (Brandão: 1943, p. 131), mas no Largo de São João do Souto, junto da casa onde o poeta nascera.

Observa, a este propósito, Luís Dias da Costa:

a sina de João Penha, estava traçada, a água que em vida tinha sido o seu 'horror', depois de morto, vingou-se. No busto, a seus pés, no largo tinha um espelho de água. [...] Também a inauguração [...], não foi muito apressada. Vários meses, pronto, esteve coberto por uma zarapilheira, até que um grupo de irreverentes estudantes, numa noite, resolveu fazer a inauguração, rapando da cobertura e colocando na base do plinto a quadra:

*'Quando o Penha viu a água
A chegar-lhe quase à testa,
Não se conteve bradando,
Mas que grande é esta?'*

(Costa: 2010)

Mais tarde, durante o Congresso Nacional de Filosofia (organizado em março de 1955), resolve a Câmara consagrar o Largo de S. João do Souto ao filósofo Francisco Sanches (*1550 †1622), deslocando a escultura de João Penha para a Avenida Central, onde existia finalmente



Busto de João Penha

um canteiro de flores, mas também o inevitável ponto de água. A saga culminaria a 7 de janeiro de 1976, com a transferência do busto para o Largo do Rechicho – mais uma vez, a presença de uma fonte... – e a atribuição do nome do poeta ao novo topónimo bracarense (Oliveira: 2004).

É neste jardim do rechicho, então batizado Largo João Penha, que enfim repousa a figura marmórea do bardo das *Rimas*... talvez fitando as moças que passam, com o irreverente monóculo assestado e o aprumo convicto da imortalidade:



Largo João Penha, Braga.

Inter divos

(A mim mesmo)

*Pelas «Rimas» pozeste alfim remate
Á tua trajetoria resplendente.
Douto e poeta, ahi cantas gravemente
Amor e o paio, os lirios e o tomate.*

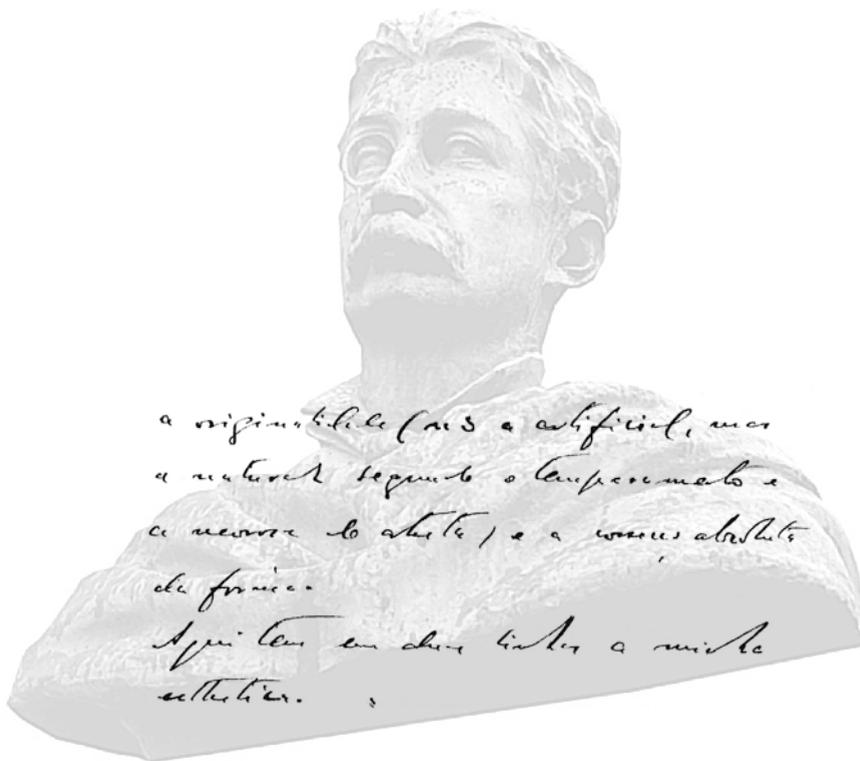
*Não és unicamente um grande vate,
És tambem um heroico combatente
Pelo bem, pelo pão de toda a gente,
Desde o sabio feliz ao pobre orate.*

*Venceste! Por teu canto sublimado,
Tu és dos genios o maior em fóco,
E o mundo te venera prosternado!*

*Em pé, erguido n'um marmóreo sócco,
Estatua viva ainda, enthusiasmado
No numero dos deuses te colloco!*

(vol. II, t. I, n.º 523)

TENHO-ME SEGUIDO A MIM MESMO*



a originabile (mas a artificial, mas
a natural segundo o temperamento e
a natureza do arte), e a comum absoluta
de france.

Apri tem em duas partes a minha
esthetica.

* Vol. IV, t. I, n.º 727 (“Questão litteraria – I – Cerveja e alexandrinos”), l. 263.

ENTRE A FOLHA E A REPUBLICA DAS LETRAS

Indelevelmente associado ao período áureo da nossa história académica, o nome de João Penha não poderia deixar de inscrever-se na célebre Questão Coimbrã, que mobilizou os estudantes em 1865.

Debatia-se ainda o jovem com os preparatórios de acesso à Universidade, mas já então detinha um inegável prestígio, junto aos veteranos da Academia. É o próprio poeta quem refere esse envolvimento nas ceias conjuratórias da polémica, onde terá ficado incumbido de uma sátira emblemática:

Os iniciadores da lucta, quanto á questão theórica, foram Anthero de Quental e Theophilo Braga. Outros poetas, de que fazia parte o individuo que estas linhas escreve, resolveram, com o entusiasmo da sua juvenil idade, pôr em pratica aquellas theorias, e para o levarem a effeito e numa ruidosa ceia preparatoria, accentaram em que se fizesse uma paródia áquelle poema, em que o heroe fosse o proprio Chagas, ahi chrismado, depois, em Chaga. A parodia do prefacio foi feita por Guimarães Fonseca, fazendo eu a do primeiro capitulo. Tudo devia sahir, turno a turno, pelos diversos poetas conjurados, mas com[o] aquella primeira parte fosse lisongeiramente recebida por grêgos e troianos, resolveu-se que eu continuasse, e fizesse tudo até final, ao que, da melhor vontade, accedi.

(vol. III, t. II, n.º 531, fragmento IX, Arquivo documental I)

A ousada composição surgiu anonimamente no folhetim d' *A Liberdade*, entre 30 de novembro de 1865 e 1 de fevereiro de 1866¹⁰⁵, visando abertamente Manuel Pinheiro Chagas e o *Poema da Mocidade*, cujo posfácio de António Feliciano de Castilho desencadeara as famosas réplicas de Antero de Quental e Teófilo Braga.

Sintomaticamente, as primeiras publicações de João Penha em Coimbra combatiam assim o estafado lirismo ultrarromântico, também posto a ridículo em dois poemas herói-cômicos, que o jovem deu à imprensa na mesma altura: “Tancredo” (vol. II, t. I, n.º 81) – na *Revista de Coimbra*, de 1 de dezembro de 1865 a 31 de março de 1866 – e “Onofre” (vol. II, t. I, n.º 52), saído em quatro números sucessivos d' *O Amigo do Estudo* (1867).

Esta participação no rescaldo da grande polémica estudantil confere naturalmente ao autor «um lugar proeminente na história desse movimento» (Simões: 1947, p. 435), mas embora atacando os vícios anedóticos do Ultrarromantismo, a verdade é que nem por isso João Penha aderiu às teses revolucionárias de Antero de Quental e outros *dissidentes*.

¹⁰⁵ Vol. Penha, vol. III, t. I, n.º 531.

Longe de se alistar nas fileiras da Ideia Nova, o poeta acabaria fundando, ao matricular-se em Direito (1868), uma importante revista literária¹⁰⁶, que iria preencher um incómodo vazio gerado pela Questão Coimbrã:

O grito revolucionario, solto pelos celebres dissidentes de Coimbra, produzira grande abalo, os animos estavam desprevenidos, a sensação fôra violenta de mais, e dahi resultou que os discipulos e os proselitos faltaram.

A revolução dos coimbrões fôra platónica, filosofica; a estranheza dos assumptos das poesias de Anthero de Quental e de Theophilo, quasi sempre metafisicos, transcendentos e nebulosos para a maioria dos leitores, apavorou os timidos, agastou os antigos, desanimou os principiantes. A poesia cahira num desanimo e numa hesitação extraordinaria, symptomas tristissimos que se dissiparam com o aparecimento da Folha, periodico dirigido por João Penha.

(Crespo: 1878, p. 62)

O novo periódico surge nos prelos da Imprensa da Universidade, a 25 de novembro de 1868¹⁰⁷, tendo por sede o n.º 97 da Rua da Couraça de Lisboa, onde João Penha partilhava residência com outros companheiros. Entre estes, destacava-se Gonçalves Crespo¹⁰⁸, que iria tornar-se, juntamente com Guerra Junqueiro e Cândido de Figueiredo¹⁰⁹, um dos «redactores da *Folha*»¹¹⁰, ou antes o grupo dos contemporâneos que mais» prezavam o poeta bracarense «e de perto lhe cultivavam as relações» (Figueiredo: 1924, p. 96).

Proposta inicialmente como hebdomadária¹¹¹, a publicação acabaria sofrendo alguma irregularidade, mas conseguiu manter-se ativa, durante a frequência universitária do diretor. Ao longo de cinco séries, distribuídas pelo respetivo calendário letivo, publicaram-se, ao todo, cinquenta e quatro números, inicialmente nos prelos da Imprensa da Universidade (até 1872) e mais tarde na Imprensa Literária (1873)¹¹².

¹⁰⁶ Vd. descrição no Aparato Crítico do poema n.º 1 (vol. II, t. II).

¹⁰⁷ Embora não apresente data, a revista terá vindo a lume neste dia, conforme testemunha António Maria Seabra de Albuquerque (1874, p. 60). Note-se, entretanto, que Maria Amália Ortiz da Fonseca (1963, p. 84) situa o primeiro número d' *A Folha* a 3 de dezembro de 1868, sem contudo apresentar qualquer fonte comprovativa.

¹⁰⁸ À data da fundação d' *A Folha*, Gonçalves Crespo estava em Coimbra, mas não frequentava ainda a Universidade. Igressaria depois em Filosofia, passando para Direito em 1871.

¹⁰⁹ Este só viria para Coimbra em março de 1869, a fim de realizar os preparatórios à entrada na Universidade.

¹¹⁰ O estatuto de redatores era informal, não havendo no cabeçalho da revista qualquer referência aos seus nomes.

¹¹¹ Veja-se o Preâmbulo de João Penha, reproduzido no n.º 774 (vol. IV, t. I).

¹¹² Vd. descrição no Aparato Crítico do n.º 1 (vol. II, t. II).

Três anos após a polémica carta do “Bom senso e bom gosto”, *A Folha* surgia assim no atordoado meio literário coimbrão como uma lufada de ar fresco, que vinha abrir as portas ao desenvolvimento de novas tendências estéticas.

Em carta para Antero de Figueiredo, a 19-IX-1913, o poeta referir-se-ia à revista como uma consequência lógica da «chamada guerra coimbrã (na qual entrei) guerra puramente theorica, e que depois se poz em pratica na Folha» (BPMP, M-AF-1182(5)), mas a verdade é que, seguindo embora na esteira dos foliculários de 1865, a revista de João Penha estava longe de se alistar nas fileiras da poesia social ou metafísica.

Abrindo-se antes à pluralidade de nomes e tendências que coexistiam na altura, *A Folha* tentava conciliar em suas páginas o mais vetusto lirismo romântico com as novas tendências revolucionárias da poesia. Por isso declarava neutralidade a partir do título¹¹³, assumindo-se como um *microcosmo literário*¹¹⁴, que, à imagem do diretor, pretendia ser «eclectico em quasi tudo» (vol. IV, t. I, n.º 774).

Logo no início do Preâmbulo, Penha procurava demarcar a sua revista das duas escolas oponentes, aí desassombradamente identificadas como «a dos metrificadores do ai, ou a de Lisboa; e a dos sacerdotes da ideia vaga, ou a de Coimbra» (vol. IV, t. I, n.º 774). Referia-se, naturalmente, aos corifeus da Ideia Nova, liderados por Antero de Quental e Teófilo Braga, e, por outro lado, aos poetas ultrarromânticos d’ *O Trovador*, d’ *O Bardo* ou d’ *A Grinalda*. Mostrando-se recetivo a todos os talentos, independentemente da filiação estética, o diretor da nova revista fundava assim o projeto literário num conceito de beleza apriorístico, que impunha apenas a condição do respeito escrupuloso pela língua:

O nosso programma, emquanto a publicações, resume-se nisto: são admittidas aquellas que apresentarem novidade e grammatica, mas não novidades grammaticaes.

(vol. IV, t.I, n.º 779)

Este ecletismo comprometido com a correção linguística e formal do verso só poderia merecer o mais entusiástico aplauso do próprio António Feliciano de Castilho, que já em maio de 1867 felicitava João Penha por desenxovalhar «essa boa Coimbra, da praga litteraria, que tão sobejamente a envergonhara», retomando desta forma «as honrosas tradições» dos nossos «clássicos quinhentistas» (BPMP, M-AF-4363(1)). Aceitaria por isso o convite de colaboração, elogiando abertamente o equilíbrio do programa exposto:

¹¹³ Procurando justificar «o titulo vago d’este semanario», esclarece o diretor, no Preambulo inaugural: «Mas folha de que? de lotus? Não. Para os poetas do sentimento, folha d’olaia, onde entõem seus cantos maviosos. Para os poetas da ideia, folha do livro das coisas, onde revelem o verbo do absoluto. Para os meus assignantes, folha de papel» (vol. IV, t. I, n.º 774).

¹¹⁴ A mudança do subtítulo *Microcosmo Litterario* para *Microcosmo Litterario* ocorre apenas no n.º 4, na sequência de uma crítica publicada na revista *Guêpe*. Vd. texto n.º 778 (vol. IV, t. I).

	1871												1872						1873			
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4
Guilherme de Azevedo																						
Henrique Marinho																						
Ignacio Pizarro																						
J. Fontellas																						
J. Frederico Laranjo																						
J. J. L. P.																						
J. Simões Dias																						
João Penha																						
João Rocha																						
Julio Cesar Machado																						
L.																						
Luiz Carlos																						
Luiz de Andrade																						
Luiz Jardim																						
Luiz Vidart																						
M. Duarte d'Almeida																						
Manuel Sardenha																						
Maria Amalia Vaz de Carvalho																						
Ruy Xavier																						
S. V.																						
Santos Valente																						
Sousa Viterbo																						
Theophilo Braga																						
Urbano Loureiro																						
V.																						
Vasco Herminio																						
Victoria Coelho																						

Tabela organizada pelo projeto Gutenberg
 <<http://pap.intraneia.com/autores.pdf>> [9 de maio de 2012]

A análise das cinco séries – já realizada, no essencial, por Pierre Hourcade (1978) – evidencia contudo alguma evolução, no posicionamento ideológico da revista.

Assim, no primeiro ano, prevalece um lirismo nitidamente romântico, dominado por evocações medievais e sentimentalidades exacerbadas, nomeadamente em poemas de Guerra Junqueiro (Série I, n.º 5, p. 39), Eduardo Cabrita (Série I, n.º 6, p. 47; n.º 20, p. 159) e J. Fontellas (Série I, n.º 17, pp. 130-131). Sobressaem nesta série os rasgados elogios a Castilho (Série I, n.º 9, p. 72)¹¹⁶, as menções aos românticos espanhóis¹¹⁷ (Série I, n.º 9, pp. 65 e 67; n.º 12, pp. 89-90; n.º 18, pp. 137, 138 e 139; n.º 20, pp. 153-154), o culto etnológico do folclore (Série I, n.º 3, n.º 7, pp. 20-22; n.º 13, pp. 100-102), bem como as dedicatórias, citações (Série I, n.º 13, p. 99) ou

¹¹⁶ Vd. reprodução do Expediente, no n.º 783 (vol. IV, t. I).

¹¹⁷ Esta tendência, particularmente exacerbada em Simões Dias, prolongar-se-á na Série II, com vários poemas e artigos dedicados a personalidades espanholas (Série II, n.º 3, pp. 17-18; n.º 7, pp. 49-50; n.º 8, pp. 57-59; n.º 9, p. 71; n.º 10, pp. 73-75; n.º 11, p. 81; n.º 3, pp. 22-23).

traduções (Série I, n.º 14, p.112) de Lamartine, que fazem por vezes lembrar as mais dulçorosas páginas d' *A Grinalda* (onde aliás colaboravam vários autores d' *A Folha*¹¹⁸).

Na verdade, embora sobressaia, desde os primeiros números, uma genuína abertura da revista – desde logo evidente na incomum colaboração feminina¹¹⁹ –, apenas na segunda série (1870) começará verdadeiramente a sentir-se a presença da nova literatura. Entre os «filhos ardentes das modernas teorias» (Série II, n.º 1, p. 1)¹²⁰, surgem, pela primeira vez, algumas contribuições de Antero de Quental (Série II, n.º 3, p. 18; n.º 5, p. 34), que inauguram uma evolução, depois acentuada na terceira série.

Efetivamente, a poesia nova vai ganhando destaque a partir de 1871, com a apologia do progresso (Série III, n.º 2, p. 10) e o comprometimento ideológico da poesia social (Série III, n.º 3, p. 24; n.º 7, p. 56; Série IV, n.º 1, p. 1; n.º 2, p. 15; Série V, n.º 2, p. 16¹²¹), mas também já com alguns exercícios precursores do Simbolismo (Série V, n.º 1, p. 6) e uma inegável influência baudelairiana, em poetas como Gomes Leal (Série III, n.º 7, pp. 51-52), Guerra Junqueiro (Série IV, n.º 3, p. 22; Série V, n.º 1, p. 5) ou mesmo Guilherme de Azevedo, cujas *Radiações da Noite* chegam a merecer ao diretor d' *A Folha* uma velada alusão ao maléfico “Couvercle” das *Fleurs du Mal* (Série III, n.º 9, p. 72)¹²².

De resto, incluem-se já na última série (1873) dois poemas claramente identificados com as *Ladainhas de Satan* (Série V, n.º 2, pp. 13-14), que o autor, Antero de Quental, se esforça por atenuar com uma nota de repúdio às perversas doutrinas de Charles Baudelaire¹²³.

Mantendo a imparcialidade, a revista torna-se assim progressivamente mais eclética, à medida que divide as suas páginas entre os fiéis apóstolos da lírica romântica e os convictos defensores da poesia *moderna*.

¹¹⁸ Entre os colaboradores do ano VI d' *A Grinalda* (1869) contavam-se alguns dos principais autores d' *A Folha*: Guerra Junqueiro, Manuel Duarte de Almeida, Simões Dias e Cândido de Figueiredo, entre outros.

¹¹⁹ Além de encômios dirigidos a várias escritoras (Série III, n.º 2, p. 16; n.º 4, p. 31) e à redação d' *A Voz Feminina* (Série I, n.º 3, p. 24; n.º 12, p. 96 – vd. reprodução no vol. IV, t. I, n.ºs 777 e 786), *A Folha* acolhe também nas suas páginas vários textos assinados por mulheres: Mariana Angélica de Andrade (Série I, n.º 10, pp. 74-76; n.º 18, pp. 141-143; Série III, n.º 12, p. 89), Amélia Janny (Série III, n.º 8, p. 58) e Maria Amália Vaz de Carvalho (Série IV, n.º 2, p. 10). A estas autoras somava-se ainda o nome de Vitória Coelho (Série I, n.º 5, pp. 36-37; n.º 6, pp. 43-45; n.º 8, pp. 59-61; n.º 10, pp. 77-78; n.º 11, pp. 84-86), mas segundo Trindade Coelho (apud Silva: 1947, p. 65), tratava-se apenas de um pseudónimo literário de J. Frederico Laranjo.

¹²⁰ Série II, n.º 1, p. 1. Vd. reprodução no n.º 795 (vol. IV, t. I).

¹²¹ O Expediente de Penha encontra-se reproduzido no vol. IV, t. I, n.º 827.

¹²² Vd. o Expediente de Penha no vol. IV, t. I, n.º 817.

¹²³ A nota foi remetida pelo próprio autor, em carta enviada para João Penha (Quental: 1957, pp. 48-49).

Fiel a si mesmo continuará no entanto João Penha, destacando-se no painel d' *A Folha* com um estilo muito particular, que alia o refinamento linguístico e formal do verso a uma tendência algo saloia para exorcisar a frustração amorosa, através da sensorialidade do paio, do «vinho ardente» e do «facil amor de uma hespanhola» (vol. II, t. I, n.º 14, v. 14). Assim se compreende que a forte matriz romântica da revista não baste para cativar as hostes d' *A Grinalda*, que logo declaram a sua animosidade, atacando o diretor e a crueza sarcástica de “Vinho e Fel”. João Penha rebaterá as acusações em vários Expedientes (Série I, n.º 3, p. 24; Série II, n.º 11, pp. 87-88)¹²⁴, mas permanece firme no seu caminho, arrecadando cada vez mais admiração entre os colaboradores, que frequentemente lhe imitam o estilo.

Na verdade, o carisma e a vincada disciplina formal do nosso autor impor-se-iam indelevelmente a todos os companheiros d' *A Folha*, sem exceção.

A prová-lo está uma carta de Antero de Quental, reconhecendo algumas falhas apontadas pelo diretor, em composição submetida ao n.º 2 da quinta série, que o ilustre poeta imediatamente se apressa a corrigir¹²⁵. A este propósito, dirá mais tarde João Penha, em resposta ao convite de Joaquim Araújo para participar no *In Memoriam* de 1896:

Quanto ao artigo que me pede: Anthero e o soneto portuguez não me apraz escrevel-o, porque, segundo as minhas ideas um pouco requintadas quanto á forma, não poderia ser favoravel ao biographado, e teria de, immodestamente, referir a influencia que os poetas da Folha tiveram sobre elle, e que o levou a cuidar um pouco mais da exterioridade das suas poesias, desde então para cá.

(BNMV, Ms. 12242, carta de 23-III-1894)

Idêntico testemunho é aliás corroborado por Cândido de Figueiredo, quando se refere ao Mestre nestes termos:

Na direcção do periodico literario, a Folha, era de um tal rigor e intransigencia em questões de linguagem e versificação, que se malquistou com varios escritores muito applaudidos, aos quais elle negou entrada na collaboração d'aquelle jornal. Outros, conhecendo-lhe a tempera e o character, passavam de largo e desopilavam despeitos nos outros jornaes de Coimbra, e nos de Lisboa.

(Figueiredo: 1881, p. 200)

¹²⁴ Vd. reprodução dos textos no vol. IV, t. I, n.ºs 777 e 806.

¹²⁵ A carta, pertencente ao espólio de João Penha (ADB, Ms. 546 maço 1), foi já publicada (Quental: 1957, pp. 48-49).

A exigência do diretor era pois inflexível, e nem aos amigos próximos admitia abrir concessões. Sabemos, por exemplo, que Teixeira de Queirós nunca chegou a entrar no periódico, por temer «discutir pessoalmente com o Penha as excellencias do romance realista» (Figueiredo: 1881, p. 201), e por isso haveria de submeter trabalhos encobertos por pseudónimo (Queirós: 1902, pp. 10-11), que o chefe da redação imediatamente castigou, no espaço habitual da última página (Série I, n.º 2, p. 16).¹²⁶

Tudo isto é indicativo da grande seriedade que caracterizou o projeto jornalístico de João Penha, bem como o incisivo magistério exercido nos seus colaboradores.

Quem percorre *A Folha* reconhece a nítida influência do poeta, em autores como Simões Dias (Série I, n.º 20, pp. 157-158; Série III, n.º 1, p. 7), Cândido de Figueiredo (Série II, n.º 3, pp. 23-24), Santos Valente (Série IV, n.º 5, pp. 34-35) ou Guerra Junqueiro, que abertamente procura imitar o Mestre numa sequência de poemas a ele dedicados (Série I, n.º 12, pp. 90-91; n.º 13, p. 103; n.º 14, p. 109; n.º 17, p. 131).

De resto, o contributo do nosso autor para o amadurecimento poético do bardo freixenista foi já posto em evidência por Gonçalves Crespo (também ele marcadamente influenciado pelo «amigo e mestre J. Penha»¹²⁷):

Guerra Junqueiro [...], entrando na Folha repleto de romantismo, de reticencias e de admirações, saíu positivo, sobrio, grammatical, quasi classico; nesse poeta, um dos primeiros entre os modernos, assim como em quasi todos os que escreviam na Folha, notará o que se der ao incommodo de lêr esse periodico a benefica e salutar influencia do exemplo de João Penha.

(Crespo: 1878, p. 63)

Reconhecidamente encarado pela crítica mais avisada como elemento determinante à «inflexão de rumo na carreira próxima dos colaboradores» (Pereira: 2004, p. 14), o ascendente de Penha acabaria favorecendo também o desenvolvimento mais lato da poesia da época:

A João Penha, parece-nos, se deve o complemento da obra dos que com tamanha intrepidez deram impulso á nova corrente poetica. Não exageramos: de 1868 – aparecimento da Folha – para cá, vejam se não encontram nos poetas portuguezes um notavel progredir na factura, no lavôr e na perfeição nitida do verso. É incontestavel neste ponto a influencia de João Penha.

(Crespo: 1878, p. 63)

¹²⁶ Série I, n.º 2, p. 16. Vd. Expediente reproduzido no vol. IV, t. I, n.º 776.

¹²⁷ Esta dedicatória foi incluída no poema “A borda”, que abre as *Miniaturas* (1870).

Naturalmente que apenas um estudo completo de toda a produção surgida na altura poderá dar a real medida do impacto de João Penha na literatura finissecular. No entanto, é inegável que foi à volta desta revista e do carismático diretor, que se formou uma *segunda geração coimbrã*¹²⁸, incumbida de renovar a poesia romântica, abrindo o seu ideário a novos jogos de influências. E parece também evidente que a influência do nosso autor se prolonga nas gerações seguintes, com o próprio Cesário Verde a apropriar-se, em muitas poesias, de uma característica marcante da estética penhiana: a inversão brusca na parte final do poema.

Foi este, no fundo, o grande mérito de João Penha e suas revistas, e não – como durante muito tempo se fez crer – uma alegada introdução do Parnasianismo em Portugal.

Sem querer repetir as observações já notadas por Pierre Hourcade, a verdade é que, apesar das aparências cronológicas, «a leitura atenta d' *A Folha* revela-nos um culto profundo pelos líricos românticos e uma indiferença não menos evidenciada por Leconte de Lisle e seus seguidores» (Hourcade: 1978, p. 57).

Se dúvidas houvesse, bastaria ler a carta de Eça de Queirós (BPMP, M-AF-4391(2))¹²⁹, enviada já depois da fundação da revista, em que este alertava o poeta para a grande novidade que vinha de França: o *Parnasse Contemporain: Recueil de Vers Nouveaux*, de 1866¹³⁰. Depositando plena confiança no talento e criatividade do amigo, que considerava ser o «único em Portugal capaz de introduzir a nova escola francesa»¹³¹, Eça procurava apontar este novo caminho ao vate bracarense, que todavia não se deixou impressionar demasiado.

¹²⁸ Referimo-nos ao «grupo de poetas que se seguiu à geração de Antero e de Teófilo e que teve por órgão literário a revista coimbrã *A Folha*» (Brito: 1999, p. 211). Embora, em rigor, o grupo ultrapassasse alguns critérios etários que o termo *geração* implica, entendemos este em sentido lato, conforme defendido por Machado Pires («Podemos, talvez, sintetizando, compreender uma geração como um grupo de indivíduos com afinidades culturais que dita determinados padrões de comportamento durante um certo tempo, ou ainda, um grupo coeso, empenhado, com experiências afins e ideais comuns» – Pires: 1980, p. 35) e Clara Rocha («Na definição de geração literária, há que secundarizar o critério cronológico e biográfico. [...] Assim, cremos que podem ser factores de congregação numa geração, conjuntamente: a proximidade de datas de nascimento dos seus membros, a comunhão de orientações pedagógicas, a partilha de vivências, a eventual submissão a um guia intelectual, a criação de uma linguagem própria e a eventual desagregação de uma geração anterior» – Rocha: 1986, pp. 62-63).

¹²⁹ Vd. transcrição da carta de Eça de Queirós, no Arquivo documental I do Aparato Crítico no n.º 724 (vol. IV, t. II). «A carta, sem data, foi enviada do Rossio n.º 26, quarto andar, onde Eça abriu o seu escritório de advogado. Talvez, por isso, fosse escrita em Março de 1869, depois da inauguração d' *A Folha*» (Dantas: 2011, pp. 20-21).

¹³⁰ Haveria este de ser o primeiro volume de uma série de três, publicados em Paris pelo editor Alphonse Lemerre.

¹³¹ A estima manifestada não impediria contudo que, anos depois, Eça se referisse a João Penha, em termos bem mais distantes e desdenhosos, como pelo menos testemunha uma carta de António Nobre, já publicada: «Falou-me do Penha como vais ver: 'Nos meus tempos havia lá um rapaz Penha. E que é

Contará ele mais tarde:

Já ha muito saía em Coimbra a Folha, quando Eça de Queiroz me assignalou, entusiasticamente, o novo periodico, incitando-me a implantar entre nós a que elle chamava de poesia do futuro. Acostumado á leitura exclusiva dos cinco ou seis poetas que, por aquella epoca, se liam e discutiam em Coimbra, surpreendeu-me a nova publicação, não tanto pela novidade que poderia notar-se no seu elemento poetico propriamente dito, mas, principalmente, pela correccão quasi scientifica da fórma.

Pode afirmar-se que foi ahi que, em França, teve principio a moderna evolução do verso, evolução que eu e outros, absolutamente desconhecedores d'aquelle movimento, tambem tinhamos iniciado na Folha.

Este phenomeno poderia explicar-se por uma das leis de Vico.

(vol. IV, t. I, n.º 724, ll. 25-37)

Perante a novidade anunciada, Penha limita-se a desvalorizar o que lhe tentavam impor, mostrando mais interesse na tradição de Horácio, continuada por «Tasso, Camões, Ariosto e outros» (vol. IV, t. I, n.º 724, ll. 60-61), na medida em que o movimento parnasiano nada vinha acrescentar de essencial ao «elemento poetico, [...] a não ser a exclusão de alguns dos velhos assumptos convencionaes» (vol. IV, t. I, n.º 724, ll. 38-40).

Sem margem para dúvida, ficava assim demarcada a independência da revista coimbrã, relativamente aos poetas do *Parnasse*, que, em boa verdade, nunca chegaram a entrar n' *A Folha*. Cioso da sua identidade, enquanto espaço de diálogo intergeracional, o periódico manter-se-ia fiel à mesma postura, até à extinção, em junho de 1873.

Regressando a Braga no final do curso, Penha deixava então para trás uma dívida de 6\$800 reis aos tipógrafos de Coimbra, que por esse motivo se recusaram a imprimir os dois últimos números da despedida¹³². A informação é confirmada pelo próprio diretor, em missiva para Joaquim Araújo¹³³, e também em carta de Marçal Azevedo Pacheco:

feito dele? Conheceu-o? Eu nunca mais o vi desde então. Creio que está em Braga, burguês e rico...’ Eu expliquei reminiscenciado do que nos disse o Junqueiro. Lembras-te? Falámos do seu livro. ‘Impossível: aquilo não era poesia, era o ‘reclame’ do presunto de Lamego. Eu nem o li... Felizmente’ – terminou ele» (Nobre: 1982, p. 129).

¹³² Note-se entretanto que os derradeiros tempos da revista haviam sido marcados já por alguma irregularidade na publicação, motivada por sucessivos atrasos no pagamento das dívidas, como comprovam vários bilhetes publicados por Adriano do Nascimento (1957, pp. 8-9).

¹³³ Vd. transcrição no Arquivo documental II do texto n.º 740 (vol. IV, t. II).

João

O Paula, é uma besta. Não quer publicar o ultimo numero porque, diz elle, tem muito que fazer, e alem d'isso os senhores da folha são todos quintanistas que se retiram e não estão mais com contas. Fil-o retirar esta ultima asserção, fazendo-lhe ver que não era d'homem probo o seu procedimento.

O debito é de 6\$800 r.!

Adduzi o argumento dos 150 assignantes da provincia, mas o homem respondeu-me que não podia fazer adiantamentos! Mandei-o á merda!

Tenho em meu poder os manuscriptos acerca dos quaes determinarás o que melhor te parecer. [...]

Coimbra 14 de Junho de 73

A. Pacheco

(ADB, Ms. 565 ^{maço 11}, f. 3)

Terminava assim, de modo mais ou menos abrupto, a «mais interessante revista académica, até então publicada» (Figueiredo: 1928, p. 124).

Dois anos mais tarde, correria ainda o rumor de que Penha intentava reanimar *A Folha*, dirigindo-a a partir de Braga¹³⁴. Tratava-se contudo de uma nova revista: *A Republica das Letras*¹³⁵, impressa no Porto entre abril e junho de 1875, e que, mais uma vez, tinha a sua origem claramente demarcada de eventuais influências parisienses¹³⁶.

O impacto deste periódico seria menor, até pela curta duração que teve, mas o prestígio do diretor era suficiente para angariar um respeitado leque de colaboradores, cuja fama chegou a cruzar o Atlântico¹³⁷.

Efetivamente, dos vinte e dois nomes que aí assinaram textos, apenas seis não haviam entrado n' *A Folha*, o que revela desde logo a óbvia filiação do novo projeto:

¹³⁴ Confirma-o uma carta de Luciano Cordeiro, felicitando o poeta pela “ressureição” d' *A Folha* (BPMP, M-AF-4442).

¹³⁵ Vd. descrição no Aparato Crítico do poema n.º 18 (vol. II, t. II).

¹³⁶ Em carta enviada para Joaquim de Araújo (BPMP, M-COR-IV-83), Penha assume desconhecer inteiramente a homónima revista parisiense *République des Lettres* (1875-1877), descartando pela base qualquer aproximação aos movimentos franceses.

¹³⁷ Em carta endereçada para João Penha, a 6 de março de 1875, João Alves Pereira Guimarães (do jornal fluminense *A Monarchia*) saudava o diretor da nova revista, disponibilizando-se para «publicar alguns artigos em nossa folha, chamando a atenção dos nossos compatriotas domiciliados neste Imperio, a fim de auxiliar tão importante jornal, com suas assignaturas» (ADB, Ms. 560 ^{maço 7}, f. 1). Na verdade, algumas coleções completas da revista foram vendidas no Brasil, pela quantia de 2\$250, contribuindo para a boa receção que a globalidade da obra penhiana iria alcançar na antiga colónia.

Distribuição de autores pelos números d' *A Republica das Letras* (1875)

	1	2	3
Alberto Telles			
Alfredo Campos			
Augusto Sarmento			
Camilo Castello Branco			
Candido de Figueiredo			
Cunha Viana			
D. Ennes			
E. A. Vidal			
Eduardo Cabrita			
Gonçalves Crespo			
Guilherme d'Azevedo			
J. Simões Dias			
Jeronymo d'Oliveira			
João Penha			
Luciano Cordeiro			
Luiz de Andrade			
M. Duarte d'Almeida			
Manoel Sardenha			
Severino de Azevedo			
Sousa Viterbo			
Teophilo Braga			
Thomaz Ribeiro			

Quanto à orientação estética, não parece também divergir muito d' *A Folha*. Permanece pois um equilíbrio sadio, entre criações genuinamente românticas (em Tomás Ribeiro, Sousa Viterbo ou Luís de Andrade), alguns carmes de recorte já finamente parnasiano (em Gonçalves Crespo) e outras tantas afrontas da poesia social (em Alfredo Campos e Guilherme de Azevedo), exortando a «Nova Idéa», que «tem por musa Proudhon, fuge a Rosinas» (n.º 3, p. 36). A todos acolherá João Penha, fazendo conviver nas mesmas páginas a «lyra da Vingança» e o «dôce arrabil dos velhos trovadores»¹³⁸.

¹³⁸ Leia-se a troca epigramática entre João Penha e Guilherme Azevedo, no Arquivo documental do poema n.º 53 (vol. II, t. II).

O que indiscutivelmente predomina n' *A Republica das Letras* continua antes a ser o forte ascendente do diretor, através da vigilância linguística (evidenciada nos paratextos¹³⁹) e um distintivo sarcasmo, que vemos recorrentemente imitado nos colaboradores.

Do que fica exposto, ganha por isso nova evidência a conclusão de Gonçalves Crespo, segundo a qual «João Penha concorreu, e não pouco, para a direcção do moderno movimento poetico» (Crespo: 1878, p. 62).

Analisado o contributo das suas revistas para o desenvolvimento de uma geração literária, impõe-se agora um olhar mais cuidado sobre o posicionamento da obra penhiana, na complexa dinâmica finissecular.

¹³⁹ Vejam-se as “Últimas linhas” reproduzidas no vol. IV, t. I, N.º 833.

JOÃO PENHA NA ENCRUZILHADA FINISSECLAR

Uma das primeiras dificuldades para a justa avaliação da obra penhiana assenta na impossibilidade de definirmos o autor, através de um sistema rígido de etiquetas e esquemas convencionais.

Desde os primeiros tempos d' *A Folha* que o autor sempre refutou quaisquer militâncias estéticas, mostrando-se particularmente cioso da sua independência intelectual. O mais distintivo traço de João Penha parece residir antes num profundo ecletismo e consciência de originalidade (até no mais autêntico sentido etimológico de retorno à origem, que a todo o momento se renova ou reinventa), e consequentemente na lúcida relativização do valor novidade anunciado pelas tendências literárias emergentes, em prol do seu real posicionamento no devir histórico, que é cíclico.

Daí ter procurado manter um caminho individual, demarcando-se das escolas que iam pontuando na época, sem contudo se alhear da herança literária ou das novas reconfigurações desse mesmo legado, na complexa amálgama finisseclara¹⁴⁰.

Terá, pois, de ser à luz da mundividência pessoal do autor que devemos olhar, antes de mais, a sua obra, procurando estabelecer, a partir de aí, algumas aproximações aos vários estilos de época que coexistem na altura.

Começaremos por isso observando que um dos principais fundamentos na estética do nosso lírico assenta numa tendência muito própria para conciliar a postura mais idealista e esteta com o dissonante concretismo das situações rasteiras ou comezinhas.

Oscilando entre a *Terra* e o *País dos Sonhos* (como expressivamente sugeria o título de um dos seus livros de poesia), João Penha – que se considerava «um visionário» (vol. II, t. I, n.º 444, v. 4) – estabelece um permanente vaivém entre realidade e idealismo¹⁴¹:

um poeta vive em dois mundos distintos: o do seu pensamento, onde tudo é idealizado, e o das cousas reaes, que o cercam, e em que vive.

(vol. IV, t. I, n.º 743, l. 114)

A travessia, partindo em sentido ascendente, da terra «para os seus vãos às regiões do mysterio» (vol. IV, t. I, n.º 731, ll. 57-58), atingia inicialmente conotações anabáticas, inerentes à busca do amor sublime e à tentativa de elevação através do pensamento. Um pouco à imagem de «Pégaso» (vol. II, t. I, n.º 140, v. 14), o cavalo alado dos adejos poéticos, também o sujeito-amante procura elevar «a alma» às «regiões distantes» (vol. II, t. I, n.º 183, v. 11) de uma «terra dos sonhos» (vol. II, t. I,

¹⁴⁰ A este propósito, vd. o nosso artigo Pereira: 2014.

¹⁴¹ Remetemos aqui para a leitura integral do nosso artigo, dedicado à importância do tema da viagem na obra penhiana – Pereira: 2010.

n.º 147, v. 14), que se conjuga amiúde com o imaginário antigo da Ilha dos Amores (vol. II, t. I, n.º 357), ou ainda as representações judaico-cristãs do Paraíso Celestial e do Jardim do Éden (vol. II, t. I, n.º 283).

Ao adotar o amor como guia do percurso ascensional, no entanto, geram-se inevitavelmente «os tristes desenganos,/ lírios do mal na estrada percorrida» (vol. II, t. I, n.º 247, vv. 11-12), e por isso são frequentes também as modulações do precipício, resultantes da súbita revelação da mulher-anjo em mulher-demónio e a consequente descrença nas virtudes da amada:

*Ai d'aquelle que um dia se abalance
A procurar na vida uma alma pura!
Bem depressa verá quão pouco dura
Essa illusão, se de a sonhar não canse.*

*Era feliz, mas em funéreo transe
A luz se me desfez em sombra escura.
Ai! de mim! era um sonho de loucura,
Um castello no ar, o meu romance.*

*Desfeito o sonho que em minh'álma tinha,
Dos labios afastei a amarga esponja,
E menti-te em meus versos linha a linha:*

*Chamei-te anjo com azas, por lisonja!
Ophélia com bom senso e burguezinha,
Contrata um bacharel, ou faz-te monja!*

(vol. II, t. I, n.º 220)

Confrontado o Ideal com a pungente realidade, o sujeito lírico afunda então num mergulho catabático, precipitando-se dos lugares etéreos do sonho, em franca colisão com «este globo sublunar» (vol. IV, t.I, n.º 731, l. 53), cuja matéria vil muito peculiarmente assume, na poesia deste autor, formas desconcertantes de grosseira carne animal, estrategicamente colocada no final das composições mais idealistas:

*Não tens ingresso nas cythéreas praias:
Tolhem-te o acesso intransitaveis raias,
Recifes de presunto de Lamego.*

(vol. IV, t. I, n.º 69, vv. 6-8)

É assim que, percorrendo a sua obra, nos deparamos com uma bizarra abundância de paios (vol. II, t. I, n.ºs 4, 5, 29, 53, 60, 69, 185, 231-II, 400, 408, 421, 426, 435, 502, 510-I, 523; vol. III, t. I, n.ºs 548, 612, 643), salpicões (vol. II, t. I, n.º 439), chouriços

(vol. III, t. I, n.º 548), presuntos (vol. II, t. I, n.ºs 17, 21, 28, 69, 80, 185, 245, 395, 399, 444, 449; vol. II, t.I, n.ºs 531-V-VIII) e bifés ingleses (vol. II, t. I, n.ºs 60, 156, 210, 423, 439), que funcionam, no imaginário do escritor, como contraponto necessário a todo o idealismo amoroso. Pouco dado a «couzas graves, *gourmées*, pelo menos na aparência» (BPMP, M-AF-1175(6)), era esta a maneira original de o poeta resumir um dos fundamentos mais elementares da vida:

O sonho é uma bella cousa, mas sem a base solida de um presunto de Lamego, não vale nada. Toda a sabedoria humana consiste, a meu vêr, em os equilibrar de modo que um não destrua o outro.

(vol. IV, t. I, n.º 731, ll. 184-187)

Na típica engenharia dos sonetos penhianos, corresponde habitualmente o movimento ascensional de idealização emotiva ao início das composições (sobretudo as duas quadras e o primeiro terceto), culminando depois no final com uma brusca inflexão desmistificadora, que logo nos faz cair «do ceu á terra, com o espirito e os olhos magoados» (Cabral: 1925, pp. 243).

Ao recorrer a uma «chave de ouro ou de latão» (Simões: 1964, p. 228), em súbito contraste com o corpo do poema¹⁴², João Penha surgia assim apostado em desconstruir o lirismo excessivamente lamuriento e piegas do Ultrarromantismo, aproximando-se, neste procedimento desconstrutivo, à inversão paródica que sempre sucedeu a outros momentos da nossa história literária, igualmente pontuados pela exaustão das estéticas idealizantes¹⁴³.

Por isso empenhava-se em apresentar uma visão cínica do amor e da mulher, expulsando do Olimpo todas as donzelas ossiânicas, para colocar em seu lugar «mulheres de carne e osso, as mais das vezes pérfidas, que amavam terrenamente, mentiam como Dalila, tocavam polcas, tinham gatos malteses, liam a Formosa Magalona, e, em lugar das flores etéreas das baladas, aspiravam o aroma dos cravos e dos mangericões» (Brandão: s.d., p. 221).

Parodiando lugares-comuns e a sentimentalidade doentia dos que pranteiam «como chora/ Um baby que pede mãma!» (vol. II, t. I, n.º 107, vv. 13-14), João Penha lançava assim uma apóstrofe contra os exageros da estética romântica, explicitamente

¹⁴² A fórmula não era aliás exclusiva das composições em verso. Também na prosa, Penha adota frequentemente o mesmo sistema. Veja-se, por exemplo, o desfecho de “Sylvia”: «matei-te sem piedade, e não contente com isto, ha já uns poucos de mezes... que me escabicho os dentes contigo!» (vol. IV, t. I, n.º 726, ll. 283-284).

¹⁴³ Não é por acaso que Heitor Gomes Teixeira compara a poesia de um dos nossos autores barrocos a esta característica penhiana de «desconchavo, este arrastar cá para baixo, para o mundo das realidades comezinhas o que os tópicos repetidos faziam pairar, irreal, esta vontade de antipoesia (ou de poesia no antipoético)» (Teixeira: 1977, pp. 110).

condenados, quando refere, por exemplo, os vícios inerentes à morbidez atávica de Michelet ou Edgar Quinet (vol. IV, t. I, n.º 730, ll. 38-45).

Mas se esta afronta aos excessos do Ultrarromantismo aproximava o nosso autor dos combativos escritores realistas, não é menos verdade que a sua independência permitiu manter também um afastamento equidistante, em relação à poesia naturalista, social ou panfletária¹⁴⁴.

Incluindo-se entre «aquelles que entendem que a arte não é, nem póde ser, uma servil reprodução photographica das cousas vulgares e communs, que se vêem todos os dias» (vol. IV, t. I, n.º 731, ll. 43-45), o poeta chegou mesmo a instar com Guerra Junqueiro para que abandonasse os trilhos da poesia revolucionária (vol. II, t. I, n.º 210). E de modo análogo, repudiava também, em apóstrofe dirigida a Guilherme de Azevedo, o pessimismo dos bardos da Ideia Nova, inspirado talvez por alguma camena doentia:

*Deixa-me o velho Collares,
As brancas musas sem tosse,
E o paio dos meus cantares:

Respeita-me a lyra e a posse
D'estes assumptos vulgares:
Respeito ao doutor Pangloss!*

(vol. II, t. I, n.º 53, vv. 9-14)

Efetivamente, as preferências literárias de João Penha sempre estiveram bem longe dos graves *sacerdotes da ideia vaga*, recaindo antes na leitura dos clássicos («o Orlando furioso do Ariosto, a trilogia titanica de Dante, e o deslumbrante colossal e monstruoso teatro de Shakspeare» – Crespo: 1878, p. 56), bem como nos principais românticos¹⁴⁵, ingleses ou franceses: «Byron e [...] Walter Scott» (Crespo: 1878, p. 56), «o Hugo, o Alfred de Musset, Balzac, Dumas pae, Th. Gauthier, Flaubert, etc.» (vol. II, t. I, n.º 333, Arquivo documental).

De resto, parece também evidente que, ao eleger para tema dominante a paródia aos exageros ultrarromânticos, o poeta prestava ainda homenagem ao mais autêntico lirismo subjetivo, que aliás nunca deixou de embeber toda a sua poesia. Veja-se, por

¹⁴⁴ De resto, como nota Massaud Moisés, a propósito d' *A Folha*, o grito de independência que a revista de João Penha soltara em Coimbra «somente não constitui uma total reacção contra o pensamento da geração de Antero porque continha traços de heterodoxia estética que, distanciando-a do pétreo tradicionalismo de Castilho e seguidores, a projectava na direcção do futuro» (Moisés: 2000, p. 282).

¹⁴⁵ Significativamente, até no papel de crítico literário João Penha manifesta preferência pelos escritores neorromânticos, como testemunham algumas recensões a obras de António Correia de Oliveira e Guilherme Gama (vol. IV, t. I, n.os 739 e 740).

exemplo, a adjetivação convencional a que recorrem as composições mais sarcásticas, fazendo lembrar até as melhores páginas d' *O Trovador* ou d' *A Grinalda*¹⁴⁶.

Como bem notou José Carlos Seabra Pereira, não serão menos imbuídos do espírito romântico poetas como João Penha que, durante algum tempo, ensaiaram uma incursão pelo «Realismo lírico [...], antes de paulatinamente fazerem sobrenadar essa substância romântica da sua rota poética» (Pereira: 1999, p. 35).

No caso do nosso autor, embora a predisposição para o lirismo amoroso surja «desde os inícios na sua poesia, fazendo com que mesmo em “Vinho e Fel” as jocosas guinadas finais pareçam postiças ou forçadas perante o empenho declamatório e sentimental do corpo do poema» (Pereira: 2004, p. 15), diríamos que é manifesta uma tendente evolução na obra penhiana, desde a primeira fase irreverente da juventude, para um segundo estágio mais idealístico, que se inicia no livro preferido do poeta: as *Novas Rimas*¹⁴⁷.

Assim se compreende que figurem, neste volume de 1904 e nos seguintes, alguns dos temas que Seabra Pereira (1999) sistematizou para o imaginário neorromântico: o popularismo artístico (no tributo ao romanceiro tradicional e à redondilha), o primado do sonho, do amor e da sensibilidade, a euforia primaveril, a imagística lendária ou religiosa (bem patente nas referências mágicas a seres alados, como fadas e anjos), ou ainda os motivos cavaleirescos e o tema da viagem, projetado nas figuras errantes do trovador (vol. II, t. I, n.º 130) e de D. Juan (que os poetas românticos enobreceram como símbolo da busca pelo Absoluto – Silva: 1999, p. 546).

Com o passar dos anos, aproximava-se pois João Penha do Neorromantismo, «quer pelos temas e estilemas preferidos, quer pela oposição programática à estética objectivista de Taine» (Pereira: 2004, p. 15), que o poeta chega a contrapor aberta-

¹⁴⁶ Citando o poema “Mal póde phantasiar-te a mente accêsa” (vol. II, t. I, n.º 4), Heitor Gomes Teixeira observa: «Palavras todas elas gastas também – a ‘mente acesa’, ela ‘gentil’, ele ‘venturoso’, ‘a vez primeira’, o êxtase do ‘pasmó’, a ‘esplêndida beleza’ decomposta depois nos ‘lábios’, no ‘sorrir’, no ‘olhar piedoso’, no ‘opulento cabelo’ (que!... que!... que!... que!...), a própria postura física (‘assentada num banco de verdura’), o Mondego ‘múrmuro’... Nada existe neste canto do ‘coup de foudre’, que não seja banal» (Teixeira: 1977, pp. 110-111).

¹⁴⁷ Note-se todavia que a sequência não-linear com que foram publicados os livros do autor nos impede de estabelecer fases estanques no seu percurso literário. Assim, os poemas incluídos na *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* (1898 [1897]) foram maioritariamente compostos antes das *Rimas* (1882) – com exceção apenas do conjunto “Arias modernas” –, e de modo análogo, também os carmes pertencentes ao livro póstumo *O Canto do Cysne* (1923) são anteriores às *Ultimas Rimas* (1919). Em todo o caso, é inegável que o ano de 1904 representa um marco na vivência pessoal e literária de João Penha, que várias vezes manifestou a sua preferência pelo livro dado a lume nessa altura, chegando mesmo a considerá-lo superior às primeiras *Rimas* (BPMP, M-AF-1169(1)). Acrescentemos entretanto que é possível distinguir ainda, dentro deste segundo grande momento inaugurado pelas *Novas Rimas*, uma outra fase, abarcando os três últimos livros, cuja decadência (associada a um período difícil na vida do poeta) se traduz, ao nível compositivo, no relaxamento de um princípio essencial da sua estética: o cuidado da forma.

mente à subjetividade dos seus próprios carmes (vol. IV, t. I, n.º 733). Mesmo que, nalguns momentos, condene a expressão aberta de emoções (vol. IV, t. I, n.º 740, ll. 52-65), o certo é que, para o autor, «o essencial, na poesia, foi sempre desde os tempos primitivos, o sentimento: a luta das paixões, o drama ou a tragédia a que ellas dão origem» (vol. IV, t. II, n.º 721, A. d. III), e por isso esclarece:

tendo observado que eu era, como todo o homem, um animal que ri e chora, entendi que devia revelar-me debaixo d'esses dous aspectos, – sem me rir á gargalhada, por ser cousa de mau gôsto, e sem chorar como um recém-nascido, por ser uma cousa feia, que faz mal aos nervos.

(vol. IV, t. I, n.º 718)

Não é por isso de estranhar que o eclético altar penhiano incluísse, entre os *santos* adorados, um nicho destacado para os principais bardos românticos: Garrett, Hugo, Musset e Castilho (vol. II, t. I, n.º 328). A este último mestre especialmente, rendia João Penha a mais sincera admiração desde os tempos d' *A Folha*, não só pela exemplaridade do seu lirismo amoroso, mas sobretudo pela pureza vernacular e o culto da forma, de evidente matriz neoclássica.

De resto, é também já por si indicativo que a referida ladainha aos santos do nosso autor abrisse justamente com alguns dos nossos maiores poetas clássicos: «Santo Luiz de Camões», «Santo Bocage Sadino» e, em particular, «Filinto, cheio de graça» (vol. II, t. I, n.º 328), que o vate bracarense considerava ser o «mestre de todos, os escriptores brilhantes do seculo XVIII» (BPMP, M-AF-1157(1)). Dedicando-lhe um poema (vol. II, t. I, n.º 244), entre várias outras referências¹⁴⁸, João Penha assumia claramente a afinidade que o ligava a este último vate; não só na construção frásica e no recurso ao léxico arcádico¹⁴⁹, mas até na preferência pelos temas hedonistas e o mesmo espírito faceto que suporta o estilo joco-sério.

Como bom bracarense que era¹⁵⁰, Penha parecia aliás talhado para desempenhar com afinco o papel de «último abencerragem» filintista (Lopes: 1984, p. 153), tão reclamado pelos contemporâneos, quando diziam:

¹⁴⁸ Além das notas finais aos sonetos “Filinto Elysio” (vol. II, t. II, n.º 244, A. d. I), “A conquista de Paris” e “Os obuzes” (vol. II, t. II, n.º 467, A. d.), João Penha homenageia o seu poeta de eleição nos sonetos “Ad Agros” (vol. II, t. I, n.º 520) e “Sonho e realidade” (vol. II, t. I, n.º 79), onde abertamente se assume como discípulo do bardo setecentista: «Sou bacharel e de raça/ Jurisconsulto distincto,/ E, como vate, o Filinto/ Na Arcadia meu nome traça».

¹⁴⁹ Anotem-se apenas algumas palavras recorrentes na obra de ambos: chapim, bátrathro, quercio, taful, frondifera, undoso, truculento, jucundo, furibundo, pudibundo, etc..

¹⁵⁰ Como nota Pedro da Silveira, «Braga era, naqueles anos de 60, talvez o último reduto, em Portugal, onde o gosto neoclássico ainda se opunha ao Romantismo, entretanto a entrar no ocaso. Disso se resente, e aliás nunca deixou de ressentir-se, a poesia de João Penha; e o mesmo se deve dizer da prosa,

E no fim deste século, de uma quase tão grande decadência literária como a do fim do século passado, pergunta a gente de onde nos virá um Filinto ou um Bocage, que rape da tesoura com que se há-de cortar a trave à geração futura.

(Ortigão: 1988, p. 51).

Ora, entre as principais manifestações de Filintismo que marcaram a nossa literatura oitocentista, Ernesto Rodrigues destaca precisamente a «reflexão, ainda no corpo do texto, sobre a sorte e mutações do idioma, que, entre novos achados, purificou face ao aluvião de galicismos» (Rodrigues: 1999, p. 71). Esse mesmo zelo purista, que levava o padre Francisco Manuel do Nascimento a invetivar a adoção de francesismos entre os académicos portugueses¹⁵¹, poder-se-ia facilmente aproximar a várias declarações de João Penha contra a deturpação do idioma pela praga do estrangeirismo, tanto vocabular, como sintático (vol. II, t. II, n.º 65, A. d.; vol. IV, t. I, n.º 731, ll. 73-81).¹⁵²

Em alguns comentários à tradução de antropónimos, por exemplo, chega a refletir sobre o mecanismo mais «consentâneo com o genio da nossa lingua» (vol. II, t. II, n.º 373, A. d.), e não deixa de ser relevante também que um dos editoriais d' *A Republica das Letras* – condenando o hábito de grafar «nomes proprios estrangeiros, principalmente os gregos, como os escrevem os autores francezes» (vol. IV, t. I, n.º 833) – tenha mesmo integrado o discurso didático, na célebre antologia dos *Logares Selectos*, de Cardoso Borges de Figueiredo (1883, pp. 143-148).

Quanto ao mais, diremos ainda que, entre as manifestações de apego à integridade clássica da língua, abundam também, nos escritos do nosso autor, a apologia de um léxico culto (BPMP, M-AF-1157(1)) ou da «construção invertida das orações» (vol. IV, t. I, n.º 719, ll. 31-32) e, muito particularmente ainda, os juízos metaortográficos

algo filintista, do Álvaro de Carvalhal dos *Contos* (1868)» ou do próprio Gonçalves Crespo, que também chegou a frequentar o liceu bracarense (Silveira: 1981, pp. 14-15).

¹⁵¹ A esse propósito, desabafava Filinto Elísio: «Ouvi francelhos em Portugal e li os livros em que êles bastardeavam a língua portuguesa, enxertando pepinos de S. Gregório em melões de Benavente, e disse comigo – Mui baldos de lição clássica andam estes tarelos! – Ouvi certo fidalgo de meia tigela dizer *afroso*. Tal nome não o achou êle nos pergaminhos surrados de seus avoengos, única leitura destes soberbões. Certo espantallo legatário arrotava *egídio, massacrar*. Ai, quem me aperta c'um colchão esta cabeça?» (Elísio: 1941, pp. XXVII-XXVIII).

¹⁵² Nas revisões linguísticas que fez a praticamente todas as obras de Antero de Figueiredo, o poeta empenha-se por isso em substituir obstinadamente todos os estrangeirismos encontrados (e.g. *abat-jour*) ou simples palavras que tivessem entrado na língua por via estrangeira (e.g. *banalidade, isolado* – BPMP, M-AF-1162(9) e (10) – ou *diletantismo* – BPMP, M-AF-1169(4)). Maior importância era contudo reservada para os erros de sintaxe: «O meu amigo abranda nos taes solicismos de construcção, a que já me referi na minha ultima carta, isto é, nos anacolutos. [...] N'este erro de construcção, que tem diversos aspectos, cahe muita gente boa, e até graúda, como os Goncourte. Contudo, evite-o cuidadosamente, porque sem uma fórmula absolutamente correcta nada fica – tenho-o berrado como um cabrito, e hei-de continuar a berral-o ate ao fim da existencia» (BPMP, M-AF-1144(31)).

com que Penha atacou a Reforma de 1911¹⁵³ (vol. IV, t. I, n.º 735), por desfigurar o «aspecto artístico» (vol. IV, t. I, n.º 735, ll. 59-60) da ortografia «dos Barros, Lucenas, Bernardes e Vieiras» (vol. II, t. II, n.º 327, test. B).

Desvelado cultor da língua vernácula, exímio artífice da palavra e do metro, o vate bracarense ficaria pois indissociavelmente ligado à imagem do «correctíssimo poeta, o clássico poeta da forma» (Castro: 1916, n.º 1076), mesmo que a redução do seu nome a esse aspeto superficial das criações o deixasse por vezes agastado¹⁵⁴.

A ele se deve a reabilitação definitiva do soneto – habitualmente atribuída ao nome sonante de Antero de Quental, mas de que João Penha nos deixou também verdadeiras obras-primas –, conferindo-lhe, segundo Camilo, «um cachet nacional, que elle nunca tivera desde a languidez petrarchista de Camões até ao rufo do zabumba e caixa dos sonetos bocagianos» (Branco: 1927, p. 115).

Para este seu modelo predileto, intentou mesmo buscar soluções ágeis de versificação dodecassilábica, que embora mal recebidas na altura, contribuíram para fomentar a abertura de ritmos iniciada com os simbolistas¹⁵⁵. E mesmo não praticando grande variedade de sistemas estróficos, distinguiu-se também pelo cultivo da oitava, do sonetinho e da quadra em redondilha, emprestando particular leveza estilística nas composições de recorte epigramático.

Por outro lado, se todo este empenho com a precisão métrica do verso inscrevia João Penha na vasta linhagem dos clássicos (desde Horácio e Boileau a Filinto Elísio), prolongada por Castilho, não deixa igualmente de ser natural a tentação de aproximar a sua estética da corrente parnasiana, sobretudo pelo facto de as ideias de Leconte de Lisle (e das gerações anteriores de Théophile Gautier e Théodore de Banville) provirem justamente da mesma fonte clássica.

Embora dificilmente possamos reconhecer em Portugal um Parnasianismo de sentido estrito (e mesmo os investigadores empenhados em identificá-lo na nossa literatura tenham reconhecido que «não houve escola e quasi não houve movimento homogéneo» – Montalegre: 1945, p. 12), a verdade é que uma leitura dos textos teó-

¹⁵³ Vd. *infra* capítulo dedicado à contextualização linguística e aos critérios ortográficos da nossa edição.

¹⁵⁴ Diz João Penha, em carta para Antero de Figueiredo: «Os que ate agora tem escripto agarraram-se ao que elles chamam a technica, e julgaram ter cumprido os seus deveres de criticos. O que eu receio é que venham a chamar-me o João da Technica. Note que eu, pela alludida technica, não me distingo de milhares de poetas [...]. Parece-me, porém, que nos meus versos ha alguma cousa mais do que isso, e é justamente o que pode distinguir-me de qualquer outro poeta» (BPMP, M-AF-1154(28)). Também no mesmo sentido manifesta desagrado pela etiqueta que Teófilo Braga lhe impusera, n' *As Modernas Ideias da Litteratura Portugueza*, ao incluí-lo no rol dos «Parnasianos, cultivando exclusivamente a fórma» (1892, vol. II, p. 13) – vd. vol. IV, t. I, n.º 724, ll. 179-186.

¹⁵⁵ Sobre a polémica dos versos dodecassilábicos em que se envolveu, vd. o Arquivo documental II, no Aparato Crítico do poema n.º 89 (vol. II, t. II).

ricos de João Penha, compilados no vol. IV desta edição, demonstrará importantes pontos de convergência com as linhas estruturais do movimento francês.

Assim acontece, por exemplo, com uma certa apologia da contenção das emoções, que vemos manifestada neste texto de 1902, e bem poderia aproximar-se a algumas declarações de Leconte de Lisle, advogando a neutralidade impessoal da poesia¹⁵⁶:

que se importa o mundo com as commoções, com os sentimentos de tal ou tal poeta? Que nos importa a nós que elle ame, que seja feliz ou infeliz nos seus amores? que adore a paisagem que vê da sua janella, que sonhe negro ou côr de rosa? Que se importa a humanidade com isso? [...] Que se importa o publico que o poeta ache o mundo bom ou mau, a vida alegre ou triste? que queira viver n'uma casinha á beira-mar, ou, monge, n'um êrmo obscuro?

(vol. IV, t. I, n.º 740, ll. 52-56, 63-65)

O mesmo se poderia dizer também dos já mencionados escrúpulos com a pureza da língua e o respeito pelas suas origens antigas, que necessariamente vão ao encontro do gosto pelos estudos clássicos, observado em Leconte de Lisle e nos parnasianos em geral.

De resto, João Penha nunca chegou a rejeitar este epíteto, admitindo que as suas preocupações formais – conquanto independentes do que acontecia em França – alinhavam, no fundamental, com a doutrina da Arte pela Arte¹⁵⁷, e era precisamente neste sentido que o poeta aceitava «ser assim classificado; isto é, como parnasiano» (BPMP, M-AF-1154(28)).

Com efeito, mesmo que na última fase de decadência as composições do autor acusem um relaxamento daquele princípio axial, a maturidade literária de João Penha está obsessivamente marcada por um esmerado cuidado da forma, que o levou durante «dez annos a rever os versos» das *Rimas*¹⁵⁸. Testemunhos como o que Albino Forjaz de Sampaio reproduziu no prefácio a *O Canto do Cysne*, descrevendo o obsidiante

¹⁵⁶ «Ce livre est un recueil d'études [...]. Les émotions personnelles n'y ont laissé que peu de traces; les passions et les faits contemporains n'y apparaissent point. Bien que l'art puisse donner, dans une certaine mesure, un caractère de généralité à tout ce qu'il touche, il y a dans l'aveu public des angoisses du cœur et de ses voluptés non moins amères, une vanité et une profanation gratuites. [...] Ceci explique l'impersonnalité et la neutralité de ces études» (Lisle: 1852, pp. V-VI).

¹⁵⁷ O culto da forma, postulando a inutilidade da Arte, desenvolve-se em França, ao longo do que poderemos identificar como três gerações distintas. Inicialmente proposto por Théophile Gautier, no prefácio a *Mademoiselle de Maupin* (1836) e no poema “L'Art” (*Emaux et Camées*, 1852), encontrou depois ressonâncias no *Petit Traité de Poésie Française* (1872) – onde Théodore de Banville insistia na defesa da perfeição formal do verso e na apologia da rima rica –, bem como nos *Poèmes Antiques* (1852) de Leconte de Lisle e, mais tarde, no grupo do *Parnasse Contemporain* (1866, 1869-1871, 1876), de que irradiam ainda alguns poetas que hão-de preparar o Simbolismo, como é o caso de Verlaine.

¹⁵⁸ Vd. poema de Manfredo, que reproduzimos já no capítulo anterior (*A Folha Nova*, n.º 40, 12 de julho de 1881, p. 2).

momento da composição, não poderiam por isso deixar de evocar aquela «âpre nuit de travail», reclamada por Verlaine nos *Poèmes Saturniens*¹⁵⁹:

Triste, e com passo vagaroso, penetro na sala, onde trabalho, de noite, e ahí n'um silencio absoluto, lanço-me á obra, como um bulldog se fila á orelha d'um toiro recalcitrante, e não a largo senão depois de lhe ter dado uma forma toleravel. Já se vê que essa primeira forma me não satisfaz, sendo ás vezes necessario duas ou tres operações successivas, para que eu, severo, a julgue viavel. Durante esse trabalho, em que não gasto, nunca mais de 2 horas, não fumo, não como, nem bebo, nem ainda, em calores tropicaes, um copo d'agua, droga que detesto.

Mais tarde, n'uma sala completamente solitaria, e depois de me assegurar que ninguem me pode ouvir, recito a composição acabada, e vendo que ella resiste ao meu modo de recitar, fico satisfeito, e digo: 'pode seguir'. Depois de publicada, nunca mais a torno a ler.

(vol. II, t. II, n.º 333, A. d.)

Diz também o poeta, na mesma carta para Forjaz de Sampaio, que o trabalho «laborioso, torturado» de construção do texto, vinha apenas precedido da «gestação da ideia, que tem sempre origem na observação quer do mundo exterior, quer do interior» (vol. II, t. II, n.º 333, A. d.). No processo de acomodamento entre a ideia inicial e a forma que lhe dá expressão, defendia João Penha que «esta, no mundo da arte, tem um valor incomparavelmente superior ao d'aquella [...] materia prima sobre que o artista exerce as suas aptidões intellectuaes» (vol. IV, t. I, n.º 718, ll. 331-335)¹⁶⁰, mas não deixava entretanto de ressaltar (à imagem dos teorizadores da Arte pela Arte¹⁶¹) que essa proeminência não poderia nunca deixar de traduzir-se numa simbiose equilibrada entre os dois elementos:

Defino a poesia: 'a revelação harmoniosa do pensamento humano'; dou-lhe a mesma definição que á musica, sua irmã gêmea e inseparavel. Nessa revelação 'harmoniosa' é que consiste a arte poetica [...]

¹⁵⁹ «Ce qu'il nous faut à nous, c'est l'étude sans trêve,/ C'est l'effort inouï, le combat nonpareil,/ C'est la nuit, l'âpre nuit du travail, d'où se lève/ Lentement, lentement, l'Œuvre, ainsi qu'un soleil!» (Verlaine: 1962, p. 95).

¹⁶⁰ As declarações de superioridade da forma sobre o pensamento estendem-se à correspondência, onde não se coibia de afirmar: «nos meus escriptos não tenho tratado senão da fórma. Com o mais não tenho nada: o pensamento é inviolavel: cada um faça o que entender: sua alma sua palma: de sorte que tudo me serve, velho ou novo, antigo ou do dia de amanhã, logo que a forma seja correcta» (BPMP, M-AF-1157(6), carta de 8-III-1899).

¹⁶¹ T. Gautier, por exemplo, defendia: «nous n'avons jamais pu comprendre la séparation de l'idée et de la forme, pas plus que nous ne comprenons le corps sans l'âme, ou l'âme sans le corp du moins dans notre sphère de manifestations; – une belle forme est une belle idée, car que serait-ce qu'une qui n'exprimerait rien?» (apud Martino: 1970, p. 16).

Aquelle, porém, que conseguir unir uma bella idea a uma fôrma absolutamente correcta, deverá ser contado entre o numero dos grandes artistas do seu tempo: inter divos.

(vol. IV, t. I, n.º 718, ll. 56-58, 339-341)

Inseparável da música, «porque estas duas artes estão tão intimamente ligadas, que uma não póde existir sem a outra» (vol. IV, t. I, n.º 718, ll. 64-65), a poesia era, segundo João Penha, a arte de combinar os vocábulos, «de modo que o som que produzam, abstraído das ideas que elles contêm, formem um pensamento musical que se coadune com o d'essas ideas» (vol. IV, t. I, n.º 718, ll. 323-326). Por isso, ao discorrer sobre as ancestrais relações que unem as duas artes, o escritor não hesitava em arriscar uma insólita tradução do “Romance mauresque”, em que a Península Ibérica surgia flanqueada pela Figueira da Foz (ao Norte) e Setúbal (ao Sul), apenas para realçar, com a «notação vigorosa dos versos», a imagem de D. Rodrigo «arrastando o ruidoso alfange» por «montes e valles, em procura de uma especie de phantasma, que lhe escapa, e a quem pretende trucidar» (vol. IV, t. I, n.º 721, ll. 51-54)¹⁶².

Coincidia pois, neste ponto, com a teoria baudelairiana das correspondências e a capacidade sugestiva da poesia, pela aproximação à arte musical¹⁶³, convergindo ainda com as doutrinas do próprio simbolismo. Daí também o extremo cuidado com o ritmo, «o compasso do verso [...] o movimento cadenciado, a sua ondulação regular, a sua marcha harmoniosa» (vol. IV, t. I, n.º 718, ll. 288-289), habilmente construído através da ponderada disposição das palavras, das rimas, cesuras e outras pausas métricas.

Só deste modo poderia conjugar-se «*melodia* (o pensamento poético)» e «*harmonia*, isto é, o acompanhamento orquestral e artístico da ideia. Na reunião destas duas coisas, e não na existência da última unicamente, é que consiste a meu vêr o falsamente chamado parnasianismo» – escrevia o poeta em carta para Cândido de Figueiredo, a 7-I-1897 (Figueiredo: 1924, p. 125).

Até que ponto – perguntaríamos no entanto – deve João Penha aos colegas franceses estas orientações sobre a natureza musical da poesia? A resposta é dada pelo próprio autor, quando desvaloriza a novidade, fazendo-a remontar às próprias origens clássicas:

Aquelle principio, adoptado pelos parnasianos, não é realmente novo; os grandes poetas latinos sempre o seguiram, e foi na Epistola ad Pisones, conhecida vulgarmente por Arte poetica de Horacio, que o Tasso, Camões, Ariosto e outros, o encontraram, adoptando-o.

(vol. IV, t. I, n.º 724, ll. 58-61)

¹⁶² Esta tradução deu origem a uma inflamada polémica, nas páginas da imprensa periódica. Vd. textos editados nos n.os 721-723 (vol. IV).

¹⁶³ «Comment la poésie touche à la musique par une prosodie dont les racines plongent plus avant dans l'âme humaine que ne l'indique aucune théorie classique» (Baudeaire: 2003, p. 352).

Na verdade, o poeta sempre fez questão de afirmar a sua total independência face aos escritores franceses – quer parnasianos, quer ainda decadentistas-simbolistas –, e se a sua doutrinação estética é convergente, nalguns pontos, com a teorização estrangeira, nunca ele se assumiu como partidário dessas escolas, nem tampouco admirador dos seus representantes em Portugal.

Respondendo a um inquérito sobre “Os nephelibatas”, por exemplo, arriscava elogiar com ironia as «nebulosidades incoercíveis do symbolismo» (vol. IV, t. I, n.º 721, l. 76), mas na acirrada polémica que manteve com alguns desses poetas (vol. IV, t. I, n.ºs 727 e 728) e na abundante correspondência trocada com amigos, não poupava o sarcasmo contra aqueles «instrumentistas... de gaita de folles» (BPMP, M-AF-1142(2)), capazes de produzir «abrimentos de boca que fazem desmanchar as mandíbulas» (BNP, E32 / 2722).

Em carta para Eugénio de Castro, a 17-IV-1890, dirigia-se no entanto ao chefe dos simbolistas em termos mais ou menos cordatos, limitando-se apenas a dizer:

Como não sou polytheista, Mallarmé é, para mim, um falso deus. Respeito-o, porém, e aos seus sectarios, porque respeito todas as religiões – da arte. V. E.ª, como corypheu da nova escola, revela-se poeta de muito talento; mas, sem as preocupações d’essa escola, ou de outra qualquer, seria uma individualidade.

(UCBG, Espólio de Eugénio de Castro, cx. 15)

A opinião, assim exposta com franqueza, limitava-se afinal a ecoar a mais fiel divisa literária de João Penha:

Tenho-me seguido a mim mesmo, não por orgulho, mas porque nunca me senti com tendencias para andar na rectaguarda de pessoa alguma.

(vol. IV, t. I, n.º 727-I, ll. 263-264)

É evidente que o poeta conhecia e admirava os grandes autores estrangeiros; não só clássicos e românticos, mas também os nomes da poesia *nova*¹⁶⁴, como largamente testemunha o artigo “De Paris a Lisboa: Viagem a todo o vapor pela litteratura contemporanea” (vol. IV, t. I, n.º 743) – de 1916 – ou ainda a já aludida carta de 1906 para Albino Forjaz de Sampaio:

Nascido em pleno romantismo, todas as minhas inclinações eram, até ainda bem pouco tempo, para os escriptores d’essa epoca luminosa: o Hugo, o Alfred de Musset, Balzac, Dumas pae, Th. Gauthier, Flaubert, etc., e ainda hoje os leio, como uma recordação da infancia, como uma saudade.

¹⁶⁴ Entre as várias evidências deste facto, lembre-se apenas, por exemplo, que uma das partes do livro *Novas Rimas* (1905 [1904]) tomava diretamente o nome das *Odes funambulesques* (1857), de Théodore de Banville.

Dos actuaes, apraz-me a leitura de F. Coppée, e de Sully Prudhomme, divinos poetas parnasianos, e, de entre os prosadores: Anatole France, Marcel Prevost, Abel Hermant, o Lavedan, Bazin, Rosny, Jean Lorrain, etc.

Mas, acima de tudo isso, e n'uma altura inacessível, está, para mim, Shakspeare, o mais extraordinario genio dos tempos modernos.

(vol. II, t. II, n.º 333, A. d.)

No entanto, embora estivesse a par (e até em sintonia) com o que ia acontecendo no estrangeiro, João Penha sempre fez questão de trilhar o seu próprio caminho, manifestando uma indisfarçada relutância por dogmatismos de escola¹⁶⁵ ou subserviências de qualquer espécie, relativamente aos modelos importados de França:

*Vês aquelle asno que além passa, vês?
Vestido á moda, alto o chapéu, correcto?
A minha dama o declarou completo,
Que o seu ideal é o manequim francez*

(vol. II, t. I, poema n.º 166, vv. 1-4)

Ao encarar a arte como «uma das manifestações da liberdade e do pensamento» (vol. IV, t. I, n.º 731, l. 126), o poeta defendia que cada um se guiasse «pela sua propria intelligencia, e não pela intelligencia dos outros» (vol. IV, n.º 746, l. 68), e daí a afirmação categórica:

Eu nunca [...] segui [os nefelibatas], como também nunca segui os parnasianos, ou outros quaisquer metrificadores do pensamento.

(vol. IV, t. I, n.º 727, frag. I, ll. 261-262)

Inútil portanto a *angústia da influência* (tentando filiar a obra do autor numa qualquer contaminação estrangeira), se as coincidências observadas poderiam facilmente explicar-se «por uma das leis de Vico» (vol. IV, t. I, n.º 724, l. 37); ou antes o *genius seculi*, que atinge os artistas de uma época, mesmo quando se ignorem entre si:

as idéas predominantes de uma certa epocha influem, como não pôde negar-se, em toda a obra de arte que então se produza, não é porque o artista as procure, mas porque se respiram com o proprio ar que nos entra nos pulmões.

(vol. IV, t. I, n.º 746, ll. 177-180)

¹⁶⁵ Assemelhava-se talvez ainda, neste aspeto, aos próprios parnasianos franceses, que segundo Catulle Mendès (na *Légende du Parnasse*), «constituíram um grupo, sim; uma escola não. [...] Não pretendiam seguir uma via única» (apud Guimarães: 1999, p. 1412). Na verdade, como observou Zulmira Santos, «o grupo de poetas que gravita à volta do *Parnasse Contemporain* não é homogéneo. Trata-se, efectivamente, de 'un ensemble de tendances', de um espectro que abrange a poética de cariz neoclássico de um Catulle Mendès, as evocações descritivas da Antiguidade de Leconte de Lisle e o realismo popularizante das últimas produções de François Coppée» (Santos: 1986, p. 13).

Poeta de recorte eminentemente pessoal, João Penha inscreve-se pois com originalidade nas correntes estéticas do tempo em que viveu, e por isso a sua obra – aqui reunida pela primeira vez – se reveste de particular interesse, ao ilustrar exemplarmente a amálgama complexa da nossa Modernidade¹⁶⁶, entre as últimas décadas do séc. XIX e os primeiros anos da centúria seguinte:

a indagação rigorosa das efectivas orientações crítico-programáticas dos escritores ou grupos que se propuseram ser, ou foram considerados, protagonistas de alternativas estético-literárias à caducidade do Romantismo nos anos '70 e '80, bem como a análise rigorosa dos vectores temático-formais das suas obras que ilustrariam então a implantação em Portugal do Realismo, do Parnasianismo e do Naturalismo, só têm vindo a alicerçar a percepção das debilidades, das incoerências e das inconstâncias dessas inegáveis tentativas.

(Pereira: 1998, p. 918)

É pois ainda a mesma impressão, concretizada na independência intelectual do nosso autor, que ficará necessariamente ecoando, no espírito de quantos venham empreender a leitura desta abrangente coletânea de *obras completas*:

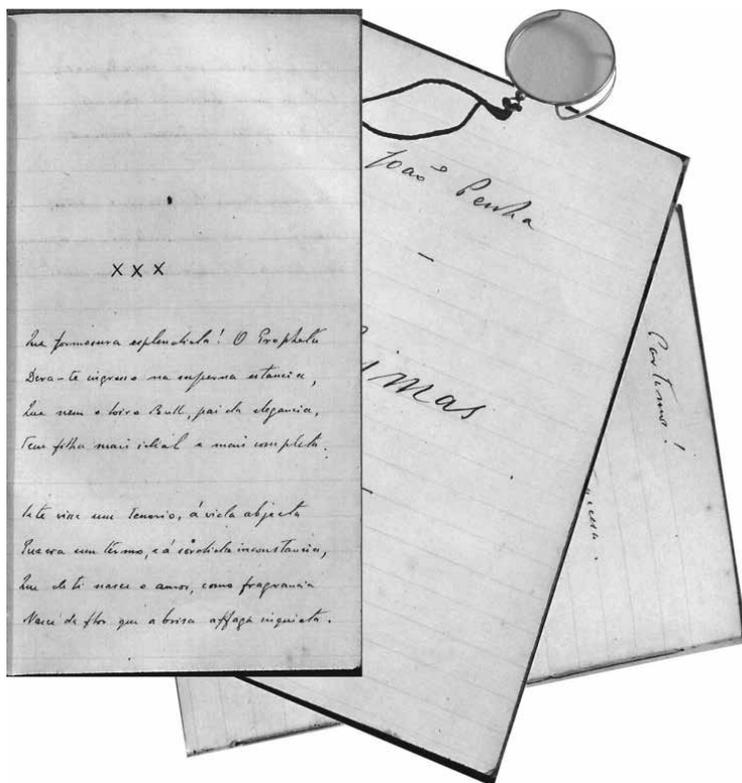
– És um poeta bufão,
Disse-me um vate sandeu.
– Sim! mas sois a legião,
Emquanto que eu... sou eu...

(vol. II, t. I, n.º 428)

¹⁶⁶ A própria «palavra modernidade [...] parece desaguar no paradoxo de desmentir, pela recorrência histórica, a pretensão que afirma, ou seja, e segundo Hans Robert Jauss, a ideia de que o nosso tempo se vai configurando pela diferença, pela novidade carregada em relação ao passado. Movimento irresistível e perpétuo de cariz cíclico, análogo não raro ao volver das estações e ritmos sazonais [...], a modernidade (efémera e transitória) cedo se transmuda em antiguidade, que, por seu turno pode ressurgir em modernidade, ou, então permanecer diluvianamente soterrada pelo aluvião histórico em devir» (Santos: 1998, p. 199).

PARTE SEGUNDA

HOC EST CORPUS MEUM



CONSIDERAÇÕES PARA UMA EDIÇÃO DAS OBRAS DE JOÃO PENHA

O projeto de edição crítica das obras de João Penha depara-nos, à partida, com um conceito ambíguo e nem sempre fácil de delimitar.

Usada para referir o conjunto dos textos produzidos por um autor, a expressão *Obras* (enquanto *coleção de obras*), mas sobretudo *obras completas*, começou a impor-se no panorama editorial europeu a partir de meados do século XVIII¹, quando surgiram várias iniciativas para reunir a produção literária de grandes autores. Voltaire, Rousseau, Condillac ou Montesquieu são alguns dos nomes que então mereceram grandes edições integrais, respondendo a uma propensão iluminista para a exaustividade, que globalmente caracterizou o século das enciclopédias².

Contudo, essa busca ideal da completude que animou os editores setecentistas cedo se revelaria também uma quimera. Com o desenvolvimento exponencial da imprensa periódica, ao longo de todo o século XIX, o homem de letras converter-se-ia, cada vez mais, numa figura polígrafa, cuja participação ativa era reclamada para múltiplas solicitações, em variados registos (literários e não só).

De resto, a conceção de literatura permanece bastante lata nesta altura, aproximando-se de uma *autêntica forma social*. Isso mesmo observa Ernesto Rodrigues, no amplo estudo que dedica às relações entre literatura e jornalismo:

Paralelamente, na intimidade, correm outros formatos editoriais mediadores de um estado de coisas, como almanaques e ternos objectos significativos de uma particular socialização, quais sejam os álbuns e, suporte menos comum, o leque ou a carteira.

(Rodrigues: 1998, p. 24)

Muitos desses testemunhos improváveis do *facto literário* conservaram-se aliás até aos nossos dias, em virtude de uma nova cultura de constituição e preservação dos espólios autorais, que em sintonia com os ideais românticos do Génio, passaram a confrontar o editor de *obras completas* com uma multiplicidade de documentos, em proporções cada vez mais monumentais.

Já não são apenas os livros que materializam o legado de um autor; há um sem-número de objetos pessoais que, nos espólios, convivem lateralmente com a obra de arte. Referimo-nos ao *épitexte privé*, que Genette (1987, p. 342) celebrenemente classificou em dois grandes grupos: o *épitexte confidentiel* (constituído pela correspondência de um escritor) e o *épitexte intime* (representado pelos demais documentos, também

¹ A este propósito, vd. Sgard; Volpilhac-Auger (1999). Segundo os organizadores do colóquio (Université de Grenoble III, a 24-25 de novembro de 1994), pelo menos em língua francesa, a expressão *oeuvres complètes* ocorre apenas por volta de 1770.

² Sobre este aspeto, vd. Jean-Marie Goulemot (1996).

conhecidos como *avant-textes*³: documentos preparatórios, livros de notas e reflexões, rascunhos, manuscritos autógrafos, provas tipográficas, etc.).

Nesta medida, a delimitação do *corpus* de uma edição impõe-se, antes de mais, por questões de exequibilidade, mas também do ponto de vista teórico, a pergunta que Michel Foucault formulou em 1969 continua a impor-se de maneira premente: como definir uma *obra*, entre os milhões de vestígios deixados por alguém depois da morte?⁴ Deverá compreender as publicações que o autor fez em vida, ou também as que escaparam ao seu controlo pessoal? Poderão admitir-se composições inéditas, ou apenas, dentro destas, as que acabaram submetidas a alguma forma de *circulação*⁵ e receção? Serão apenas os textos *maiores*⁶, ou uma categoria sistémica de *obras diversas*, suscetível de acompanhar o desenvolvimento de práticas que evidenciem o génio do autor e a globalidade da sua personalidade literária?

À falta de uma verdadeira teoria geral que a suporte⁷, diríamos que a fixação de uma *obra completa* constitui sempre, em última instância, uma escolha editorial, regida por princípios legais⁸, mas assente também numa considerável dose de *bom senso e bom gosto*.

No caso de João Penha, a edição dos textos atribuídos ao autor passa, antes de mais, pela recolha de testemunhos diversos, que podemos agrupar em duas grandes categorias: impressos e manuscritos.

³ O termo foi proposto por Jean Bellemin-Nöel, para designar «l'ensemble constitué par les brouillons, les manuscrits, les épreuves, les variantes, vu sous l'angle de ce qui précède matériellement un ouvrage, quand celui-ci est traité comme un texte, et que peut faire système avec lui» (Bellemin-Nöel: 1972, p. 15).

⁴ Foucault: 2000, p. 38: «Quando se empreende, por exemplo, a publicação das obras de Nietzsche, onde é que se deve parar? Será com certeza preciso publicar tudo, mas que quer dizer este “tudo”? Tudo o que o próprio Nietzsche publicou, sem dúvida. Os rascunhos das suas obras? Evidentemente. Os projectos de aforismos? Sim. As emendas, as notas de rodapé? Também. Mas quando, no interior de um caderno cheio de aforismos, se encontra uma referência, uma indicação de um encontro ou de um endereço, um recibo de lavandaria: obra ou não? Mas por que não? E assim indefinidamente. Como definir uma obra entre os milhões de vestígios deixados por alguém depois da morte?».

⁵ A distinção é de Michel Foucault (1964, pp. 997-998): «Jusqu'au XIX^e siècle, on a eu de l'oeuvre de langage (entendu dans son extension) une notion au moins pratique, mais assez claire et bien délimitée: c'était l'*Opus*, qui pouvait comprendre, outre l'oeuvre publiée, des fragments interrompus, des lettres, des textes posthumes; mais on les reconnaissait tous à une certaine évidence aujourd'hui perdue: c'était du langage tournée vers l'extérieur, destiné au moins à une forme de consommation; c'était du *langage circulant*. Or, le XIX^e siècle a inventée la conservation documentaire absolue: il a créé avec les archives et la bibliothèque un fonds de *langage stagnant*».

⁶ Sobre esta problemática classificação, vd. por exemplo Volpilhac-Auger (2005).

⁷ «A teoria da obra não existe, e os que ingenuamente empreendem a edição de obras completas sentem a falta dessa teoria e depressa o seu trabalho empírico fica paralisado», advertia Michel Foucault (2000, pp. 38-39), na célebre conferência proferida em 1969.

⁸ Entre as disposições legais que regem a publicação de uma *obra completa*, contam-se o Artigo 8.º da Convenção Europeia dos Direitos Humanos, a Convenção de Berna (de 1886), o Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos ou ainda as diretivas europeias no âmbito da protecção dos direitos de autor. Estas traduzem-se não apenas em prerrogativas económicas (inerentes à publicação e reprodução das obras), mas também em direitos morais (entre os quais se contam o respeito pela vontade do autor), que se podem prolongar por um período de setenta anos, após a morte do autor.

OS TESTEMUNHOS

Testemunhos impressos

À data da sua morte, João Penha havia publicado cinco livros de poesia e prosa, aos quais crescem dois últimos volumes que o poeta não viu sair dos prelos⁹: *Últimas Rimas* (vindo a lume a 30 de julho de 1919, pouco depois da sua morte) e o livro que Albino Forjaz de Sampaio levou à estampa em 1923, sob o título *O Canto do Cysne*. Estes últimos surgem enredados numa complicada teia de peripécias editoriais que marcaram os últimos anos de vida do autor e que a nossa edição permitiu finalmente iluminar¹⁰.



Dos volumes publicados, devemos notar todavia que somente as *Rimas* tiveram reedições monitorizadas pelo autor, e por esse motivo não considerámos no nosso trabalho as reimpressões que ultimamente têm surgido em *printing on demand*¹¹.

Igualmente de parte ficaram ainda os trabalhos jurídicos que Penha publicou ao longo dos anos¹², mesmo que possamos surpreender nesses opúsculos alguns dos traços estilísticos que caracterizam as restantes prosas do autor: a mesma propensão argumentativa, o mesmo cuidado formal, por vezes até a mesma ductilidade e desenvoltura.

⁹ Vd. *infra* secção 4.1. da Bibliografia. Para uma descrição dos vários livros, veja-se, na nossa edição, o Aparato Crítico dos poemas n.ºs 1, 65, 128, 253, 327, 333 e 719.

¹⁰ Veja-se a descrição do testemunho A, no Aparato Crítico do poema n.º 333 (vol. II, t. II).

¹¹ Trata-se de uma série de impressões, feitas a partir de recursos digitalizados no Google Books ou nas bibliotecas americanas: *Rimas* (Charleston: Nabu Press, 2010; Michigan: University of Michigan Library, [s.d.]), *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* (Charleston: Nabu Press, 2010), *Novas Rimas* (Charleston: Nabu Press, 2010), *Echos do Passado* (Whitefish: Kessinger Legacy Reprinter, 2009; Michigan: University of Michigan Library, [s.d.]), *Últimas Rimas* (Charleston: Nabu Press, 2010), etc.

¹² Vd. *infra* secção 4.1.2. da Bibliografia. A esses títulos deverão ainda somar-se os trabalhos que António de Oliveira Braga cita no seu artigo de 1989: *A Questão entre o Reverendíssimo Arcebispo Primaz na qualidade de Representante do Seminário de S. Pedro e S. Paulo e o Abade António da Costa Torres; Vínculos, Devolução à Coroa – Denúncia* (1914); *O Seminário de S. Pedro e S. Paulo e o Abade de Touguinhó; A Companhia Geral Bracarense e a Câmara Municipal de Braga; Querela de Testamento Nulo quanto à Instituição de Herdeiro* (1898).

Mais do que os escritos produzidos no exercício das suas competências profissionais, impõe-se no entanto perguntar se todos os éditos de natureza ou intenção literária¹³ devem ou não figurar numa edição das obras completas.

Se por um lado ocorrem dúvidas quanto à inclusão de alguns textos avulsos, por apresentarem graus de literariedade variável¹⁴, não é menos certo também que o próprio autor decidiu reunir nos seus livros muitos textos circunstanciais, que apresentando um valor literário também relativo, convivem lado a lado com outras criações *maiores*¹⁵. Só por si aliás, o modo como João Penha constituía os seus volumes era propício a uma certa natureza compósita, por resultar da congregação de materiais dispersos, que o autor ia produzindo, ao longo dos anos, para responder a solicitações variadas¹⁶.

Nesse autêntico *laboratório* de ideias e formas¹⁷ que é a imprensa da altura, encontramos assim «palpitantes», cheias «de vida e frescura» (Pimpão: 1939, p. 551), as versões intermédias de muitas composições depois reunidas em livro, onde já mal se adivinha o original impacto da publicação. Por isso, e além dos sete volumes indicados, dos seis prefácios em obras de outros escritores¹⁸ e de algumas antologias onde o poeta se fez representar¹⁹, a nossa edição considerou também uma série de outras publicações esparsas. Incluem-se aqui os periódicos em que Penha colaborou²⁰,

¹³ Haveria naturalmente que perguntar-se, antes de mais, em que assenta a literariedade de um texto e, como notámos antes, a conceção de literatura torna-se particularmente lata com os literatos oitocentistas, devido às intrincadas relações entre literatura e jornalismo. A questão, em todo o caso, é complexa, e em boa verdade dela se têm ocupado todos os teóricos, desde a Antiguidade. Perante a ambiguidade do termo, limitar-nos-emos a anotar com Aguiar e Silva (1999, pp. 574-575): «O texto literário constitui uma unidade semântica, dotada de uma certa intencionalidade pragmática, que um emissor/autor realiza através de um acto de enunciação reglado pelas normas e convenções do sistema semiótico literário e que os seus receptores/leitores decodificam, utilizando códigos apropriados».

¹⁴ Incluem-se aqui as composições semiprivadas que foram divulgadas fora do controlo do autor (vd. vol. III) ou ainda os textos esparsos que editámos no vol. IV. Entre estes últimos, contam-se os editoriais e expedientes das publicações dirigidas por Penha, cujo interesse histórico achámos bem salvaguardar através de digitalizações anexas.

¹⁵ É o caso, por exemplo, de todas as quadras intituladas “No leque”, “Num bilhete postal”, “Para um album”, “Num dia de anos”, ou ainda os “Epitáfios” em verso, que abundam nos seus últimos livros e se aproximam, do ponto de vista da delimitação da *Obra*, ao estatuto ocupado por outros depoimentos em prosa, que encontramos dispersos por homenagens várias – vd. vol. IV, t. I, secção 2.2..

¹⁶ Na recolha das composições dispersas (e por vezes esquecidas pelo próprio autor), Penha chegou mesmo a ser auxiliado por Antero de Figueiredo e outros amigos (vd. e.g. ADB, Ms. 550, ff. 49-60).

¹⁷ A expressão é de Valéry, em discurso proferido na Academia Francesa *apud* Pires (1986: pp. 19-20).

¹⁸ Vd. *infra* secção 4.2. da Bibliografia, bem como o Aparato Crítico dos textos n.ºs 745-749 (vol. IV, t. II).

¹⁹ Vd. *infra* secção 4.3. da Bibliografia. Das antologias recolhidas, somente a de Albino Forjaz de Sampaio (1905) contou efetivamente com um inédito cedido pelo poeta. A este propósito, vd. o Arquivo documental, no Aparato Crítico do poema n.º 262.

²⁰ Vd., na secção 4.4. da Bibliografia, os mais de cento e vinte títulos onde encontramos composições assinadas por João Penha. Parte destes testemunhos, no entanto, eram meras transcrições indiretas.

as homenagens, os números comemorativos, as iniciativas de solidariedade e mobilização cívica²¹ ou ainda os folhetos anónimos que correram a academia, durante a sua passagem pela Universidade.

Entre estes contam-se duas raridades bibliográficas que circularam apenas à Sebenta de Direito Civil, quando João Penha era aluno do terceiro ano do curso: *O Zabumba e A Gaita de Foles*²². Nestes curiosos exemplares (de que sobrevivem cópias na BMC), encontramos precisamente alguns dos epigramas responsáveis pela aura boémia que coroou o poeta nos gloriosos tempos de Coimbra.

Dessa fama de improvisador implacável rezam aliás numerosas sátiras da altura, sendo particularmente célebre a disputa rimada que Penha esgrimiou com Guerra Junqueiro, nas paredes da taberna do Homem do Gás²³. Estes e muitos outros epigramas encontram-se impressos um pouco por todo o lado: nos livros sobre a vida académica²⁴, nos postais comemorativos de reuniões estudantis²⁵, nas páginas dos jornais²⁶, etc.. De tal maneira que alguns deles, depois de uma longa existência clandestina, foram publicamente assumidos pelo poeta. Tal acontece, por exemplo, com um conhecido soneto ao lente de Filosofia do Direito, Dr. Rodrigues de Brito, que circulou às escondidas entre os estudantes (valendo a João Penha a reprovação no primeiro



Occidente, ano XXVII, n.º 921 (30 de julho 1904).

²¹ Veja-se, por exemplo, o número-único de oposição ao Ultimato Inglês, descrito no Aparato Crítico do poema n.º 103 (vol. II, t. II).

²² Vd. descrição dos testemunhos A, no Aparato Crítico dos poemas n.ºs 686 e 699 (vol. III, t. II).

²³ Vd. poemas n.ºs 706-710, no vol. III.

²⁴ E.g. Coelho (s.d., *passim*) e Cabral (1947, pp. 241-255).

²⁵ Disso mesmo dá conta uma carta de Vitoriano Galvão (ADB, Ms. 559³, ff. 1-4), a propósito de um jantar comemorativo dos trinta anos de formatura: «Meu caro João Penha, há hoje bons trinta e tantos annos, n'uma aula qquer, das que frequentamos durante os annos da nossa formatura [...] não sei a que proposito ou porque motivo passaste-me tu uma trova tua que terminava assim: Honni soit qui mal y pense/ Treme de colicar ventre/ Treme de colicar pança. Tenciono escrevel-a na 1.ª pagina da pauta de formatura, em que fiz introduzir varias folhas de papel, sob o seg.º dizer: – Ha 30 annos».

²⁶ E.g. Crespo (1878, pp. 56-67); Anón. (1903, pp. 23-24), etc..

ano do curso), mas que acabaria depois incluído nas *Novas Rimas*, já depois de o visado professor ter falecido²⁷.

Nesta medida, cremos que a inclusão desses textos numa edição completa das obras penhianas legitima-se pelo próprio interesse histórico que eles representam, pelo facto de terem uma existência mais ou menos pública, e por constituírem, em todo o caso, testemunhos incontornáveis de um estro poético, cuja lenda viveu muito para além dos livros²⁸.

É certo que tais produções assentam maioritariamente numa transmissão indireta, sendo hoje impossível recolher todas as que o autor produziu e difundiu nestas circunstâncias. Isso mesmo admite o próprio Gonçalves Crespo, no célebre artigo d' *A Renascença*, que permitiu recuperar alguns desses poemas:

Os melhores, os mais originaes e engraçados destes improvisos, são os que infelizmente não nos é permitido publicar, por causa da crua nudez da frase e da ideia.

(Crespo: 1878, p. 63)

Não admira pois que encontremos, na correspondência de João Penha, alusões a muitos outros poemas que circularam em Coimbra, mas de que nem os próprios companheiros se lembram já ao certo, como acontece, por exemplo, em cartas do Conde de Valençães²⁹ e de Vitoriano Galvão³⁰.

Por outro lado, chega a ser difícil apurar mesmo a autoria de algumas dessas composições académicas, vagamente atribuídas ao nosso poeta. É o caso de uma sextilha ao Doutor Sanches da Gama, que Alberto Pimentel (1893, p. 31) diz ter encontrado num artigo memorialístico como sendo de João Penha, mas que Trindade Coelho

²⁷ Vd. poema editado no n.º 245 (vol. II). Vitoriano Galvão refere-se-lhe ainda na mesma carta (ADB, Ms. 559³, ff. 1-4): «eu, tu, e creio que mais 11, ficamos reprovados no 1.º anno, em 1868. Os 12 porque o cão de quinta – ão ão ão – (B. d'Albuquerque) embirrou com elles: e tu, por causa do teu bello soneto, d'uma inexcédível justeza photographica, reproduzindo nelle as teorias ao Dr. Brito».

²⁸ A este propósito, note-se aliás que a edição das *Obras de Guerra Junqueiro*, organizada por Amorim de Carvalho (1974), inclui também um apêndice de “Versos satíricos e jocosos”, onde o editor inclui o referido duelo entre Penha e Junqueiro.

²⁹ ADB, Ms. 552, ff. 7-8. Pede Luís Jardim a João Penha: «eu tenho aqui um livro, que, mais hoje ou mais amanhã, vae correr aventuras do mundo. Como fallo de cousas antigas, necessito para elle de versos teus; não feitos hoje; de uns versos do bom tempo, e que sirvam ao meu assumpto. Lembro-me destes: / 1 – Hei-de amar-te, mulher, eng.^a. Thora/ sacudir nos jardins o verde manto/ etc. // 2 – Catherina vem ao bosque, donde vejo/ Que se vae o meu cortejo,/..... / Da trompa ao [-] enlongado».

³⁰ ADB, Ms. 559^{maco3}, ff. 1-4. Diz o antigo companheiro de João Penha: «ha 30 e tantos annos, na tal aula, não sei a que proposito ou porque motivo passaste-me tu uma trova tua que terminava assim:/ Honni soit qui mal y pense/ Treme de colicar ventre/ Treme de colicar pança».

(1902, p. 422) atribui ao discípulo Da Mesquita³¹; ou ainda o fado coimbrão que o Conde de Valenças transcreveu na homenagem da *Chronica* a João Penha, sem contudo esclarecer a sua autoria³².

Em todo o caso, é fácil concluir também que a impossibilidade de ser exaustivo não afeta apenas as publicações clandestinas, mas também os próprios carmes que Penha submeteu à imprensa periódica, e cujos exemplares não é já possível recolher, nas coleções incompletas dos nossos acervos públicos.

Por isso também, deixamos ainda aqui registados alguns dos testemunhos onde possivelmente existiriam composições do nosso autor, que não conseguimos recolher. Embora grande parte tenha sido recuperada em transcrições indiretas ou nos próprios manuscritos do poeta, sobre outros ficará necessariamente a pairar a sombra de uma existência perdida³³:

- *Almanach Litterario e Charadistico para 1881* (ed. Matheus Peres), Lisboa: Livraria Bertrand, 1880.
Sabemos da participação do poeta no almanaque deste ano, sem contudo conseguirmos encontrar qualquer exemplar.
- *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.].
Às coleções consultadas na BNP e na BPMP, faltam já os n.ºs 36, 42-43, 66, 72, 88, 89, 91, 109, 120 e 121. É possível que num destes números tivessem

³¹ Eis a quadra, conforme transcrita em Pimentel e Coelho: «Dizem que o Sanches embirra/ Que lhe vão pedir dispensa./ Forte asneira!/ Imagina que lhe pedem/ A dispensa/ Onde tem a salgadeira!».

³² Valenças: 1902, p. 5: «Estas quadras foram-me comunicadas, n'outro tempo, pelo *homem do gaz* (Campos), que as pediu a um amigo academico, para, dizia elle, ser eleito deputado João Penha, então o moço mais popular e querido da cidade. O *homem do gaz* já morreu; mas eu guardei os versos, que só agora deixam de ser ineditos, e que talvez sejam da lavra do proprio João. [...] O fado é este: «CORO DAS RAPARIGAS/ Desprendamos nossas tranças!/ Cada qual mais graça tenha!/ Sabei todos que o João Penha/ Quer ver hoje as nossas danças!!! CORO DAS LAVADEIRAS/ Lavae com graça essas naguas!/ Olhae na ponte o João Penha:/ Que bonito se desenha/ Lá no azul das Frescas aguas!!! CORO DAS LAVADEIRAS/ Vamos pôr as saias novas/ E tirar as de estamena:/ Vem cantar-nos o João Penha,/ Sempre alegre as suas trovas!!! CORO DAS COSINHEIRAS/ Ponde aventaes mais lavados/ Mettei no forno mais lenha,/ Deveis saber que o João Penha/ Vem comer nossos guisados!!! CORO DAS SENHORAS/ Dae aos olhos seductores/ A languidez que retenha:/ Que vae passar o João Penha,/ Nosso bem, nossos amores!».

³³ Anotem-se também alguns dos jornais e revistas onde Penha colaborou regularmente, mas onde não foi já possível empreender uma pesquisa exaustiva:

A Arte: Órgão do Movimento Intelectivo Internacional (dir. Júlio Lobato, Verediano Gonçalves), Porto: [s.n.]. [Na coleções da BPMP, faltam os n.ºs 9, 10 e 14 do ano I];

O Bracarense (dir. Delfim Alves), Braga: [s.n.]. [Às coleções consultadas na BNP, na BPMP e na BPB, faltam já os n.ºs 146-158].

A Correspondencia do Norte (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: [s.n.]. [Às coleções consultadas na BNP e na BPB, faltam já os n.ºs 1869-1870, 1876-1877, 1879-1884, 1896, 1905, 1909 e 1913].

originalmente saído os poemas “Amuo” (transcrito pela *Nova Alvorada*, em abril de 1901) e “Epitaphio de Bulhão Pato” (transcrito pelo *Almanach de Reporteres* em 1902), bem como algumas das recensões que a redação d' *A Chronica* anunciou nos n.ºs 61 (artigo de Penha sobre a *Archeologia Christã* de Albano Belino) e 82 (apreciações de Penha aos livros *Cheias de Graça*, de Ladislau Patricio, *Sonhos e Mystérios*, de Eugenio Trigo, *Ares da Raia*, de João Verde, e *O Meu Coração*, de Silva Gonçalves).

- *Diario do Minho* (prop. Silva Pereira), Braga: [s.n.].
As coleção da BPB e da BNP são bastante incompletas, contemplando apenas alguns números de 1879. Terá sido provavelmente num dos exemplares em falta que saiu originalmente o carne “A um poeta anonimo” (transcrito pelo *Diario do Minho*, em janeiro de 1927).
- *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.].
Às coleções consultadas na BNP e na BPMP, faltam os n.ºs publicados entre 1890 e janeiro 1902, bem como os n.ºs 697-741 (de março de 1904 a janeiro de 1905) e 745 (de fevereiro de 1905). Terá sido num destes números que originalmente foram publicados os poemas “A ré” (transcrito pela *Tarde*, em julho de 1900), “Pedalista” (transcrito pel *A Correspondencia do Norte*, em abril de 1901) e “No leque” (transcrito pel *A Correspondencia do Norte*, em julho de 1903) .
- *Eurico, Semanario Literário, Musical e Teatral*, Porto: [s.n.], 1871.
Segundo Ernesto Rodrigues (1998, p. 175), João Penha aparece citado entre os colaboradores deste periódico, anunciado n' *O Primeiro de Janeiro* de 1, 11 e 19 de março.
- *O Gabinete dos Reporteres: Jornal Independente, Illustrado e Litterario* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.].
O n.º 90 (março de 1899) anuncia para breve um artigo de Penha sobre Simões Dias, mas esse texto não aparece na coleção da BNP (que termina no n.º 106, em novembro de 1899).
- *Jornal de Viana* (ed. David Corazzi), Viana: [s.n.].
Rui A. Faria Viana e António José Barroso (2009, p. 193) mencionam a presença de João Penha nas páginas deste jornal, embora não tenhamos conseguido localizá-la.

- *O Pimpão: Orgão dos Dissidentes de Todos os Partidos Existentes* (ed. Alfredo Ribeiro, Tomás Bastos), Lisboa: [s.n.].
Nº *O Bracarense* de 11 de janeiro de 1901, transcreve-se o poema “A boas-festas”, a partir de uma coleção de postais que em dezembro de 1900 haviam sido apensos a esta folha humorística.
- *O Regenerador: Folha Política, Litteraria e Noticiosa* (ed. João Antunes Machado Moreira), Braga: [s.n.].
A coleção da BPB é bastante incompleta. Sabemos porém que o poema “Nº um cemitério” (transcrito por João Penha, em carta datada de 1 de janeiro de 1891 – BPMP, *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1132(1)) foi originalmente publicado num número dedicado à memória de Cunha Viana († 28 de novembro de 1890).
- *A Voz do Douro: Semanario de Litteratura, Sciencias e Recreio* (red. A. G. Pereira), Porto: [s.n.], 1870.
A coleção existente na BNP tem apenas os n.ºs 16-18, onde não encontramos colaboração de João Penha, mas o nome do poeta aparece na lista dos seus colaboradores.
- Encontramos no *Espólio de Antero de Figueiredo* a transcrição apógrafa de uma carta de António Feliciano de Castilho para João Penha, elogiando um artigo que o nosso autor publicara sobre a poesia de Simões Dias. Não nos foi possível identificar o jornal aludido, mas a missiva está datada de 7 de maio de 1867 – BPMP, M-AF-4363(1).
- Antão de Vasconcelos (1956, p. 18) refere um epitáfio que João Penha teria publicado em algum periódico de Coimbra, por altura da morte da Tia Maria Camela, ca. 1880. Não foi possível localizar o testemunho em causa.
- É possível que o poeta tivesse participado noutros almanaques, cuja consulta se encontra interdita na BNP, devido ao avançado mau estado de conservação. É o caso, por exemplo, do *Almanach Illustrado do Branco e Negro* ou do *Almanach Illustrado do Occidente*. Sem certezas nesta matéria, deixamos apenas ressalvado o caráter necessariamente aberto do nosso inventário testemunhal.

Testemunhos manuscritos³⁴

Além dos livros e das publicações esparsas, os investigadores têm à sua disposição cerca de 4000 documentos que integram o espólio do poeta, atualmente à guarda do ADB.

Este acervo foi comprado às irmãs de João Penha, pelo valor de 2.800\$00, e deu entrada na instituição em março de 1934³⁵, quando o diretor da Biblioteca, Alberto Feio, propôs a sua aquisição ao presidente da Junta Geral do Distrito de Braga, Alberto Carlos de Magalhães Menezes. Já então o negócio era justificado com o alto valor e interesse literário desta coleção:

Braga 26 de Fevereiro de 1934.

Ex.º Snr. Presidente da Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito de

BRAGA

Por circunstâncias que V. Ex.ª decerto conhece, as velhas irmãs do notável Poeta João Penha resolveram desfazer-se do espólio literário do malogrado bracarense. Sabe V. Ex.ª também a importância que João Penha teve na literatura portuguesa, como fundador da Escola Parnasiana, para que seja desnecessário encarecer a grande vantagem de adquirir para a terra em que o Poeta-Jurisconsulto nasceu, viveu e morreu todos os seus autógrafos e toda a correspondência literária recebida, centenas de cartas das figuras mais ilustres da literatura portuguesa do século XIX. A juntar a isto as colecções completas, extremamente raras, da FOLHA e da REPUBLICA DAS LETRAS, revistas de que Penha foi director e que marcam um novo período literário. É, sem dúvida, à terra que criou o Poeta que mais pertence guardar e conservar aquele espólio. Mas, neste momento, não tem a Biblioteca recursos para a aquisição de tão interessante tesouro. Por isso, tenho a honra de vir junto do ilustre corpo administrativo a que V. Ex.ª dignamente preside, solicitar um subsídio extraordinário de 2.800\$ para aquele fim. Nenhum outro, como êste, está tão dentro das atribuições da Junta Geral e isto me leva a ficar certo do deferimento, o que aliás será

A bem da Nação³⁶.

Imediatamente aprovada, a verba permitiu assim arquivar, na Biblioteca Pública, «o rico espólio literário do poeta e saudoso bracarense»³⁷, constituído pelos manuscritos autorais e pelo conjunto da correspondência recebida.

³⁴ Retomamos, com algumas alterações, o nosso artigo (Pereira, 2012¹).

³⁵ ADB, Arquivo Administrativo, livro 77, ano 1934, ofício n.º 5.º-10.

³⁶ ADB, Arquivo Administrativo, livro 77, ano 1934, ofício n.º 5.º-7.

³⁷ Ata da Sessão da Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito de Braga (*Correio do Minho*, ano VIII, n.º 2350, p. 2).

A esta coleção, no entanto, vem somar-se ainda o material guardado nos arquivos de personalidades com quem Penha manteve relações estreitas, pois aí encontramos não só as cartas enviadas pelo poeta, mas também numerosas composições que foram sendo partilhadas com os amigos. É este o caso dos espólios de Antero de Figueiredo (na BPMP), Joaquim de Araújo (na BNMV), Teixeira de Queirós (no MJD), Alberto Madureira (no ADB), Bernardino Machado (na FMS), Eugénio de Castro (na BGUC), Conde de Arnoso (na BNP) e outros arquivos avulsos³⁸. Acresce ainda a documentação recolhida por colecionadores (particularmente Alberto de Serpa e Alberto Correia³⁹) e ainda alguns epistolários que ao longo do tempo foram vindo a lume⁴⁰.

Não é aliás de estranhar que alguns dos manuscritos mais importantes de João Penha apareçam justamente dispersos nestes espólios secundários, se pensarmos na forma despojada como o autor via tanto os seus próprios documentos, como o material remetido por outras individualidades⁴¹:

Em Coimbra, os colleccionadores de autographos, quasi todos brasileiros, levaram-me naturalmente tudo quanto eu tinha de melhor no genero. A papelada estava num bahu, e era para ahi que eu os remetia. Gastavam horas em buscas minuciosas: o que elles levaram, não o sei; o que deixaram ignoro-o completamente; entendo, porém, como lhe disse, que o melhor deve ter desaparecido. No que ficou não ousou mexer: é uma corvée superior ás minhas forças, e aos meus nervos, e isto porque lá dentro ha com certeza aranhas, e sei com certeza que as ha, porque, pelo menos uma, vi-a eu, e porque por fim de contas, meu caro Araujo, o que nos fica do passado são sempre têas d'aranha.

(BNMV, Ms. 12242, carta de 23 de março de 1894)

³⁸ Os espólios avulsos da BNP, por exemplo, guardam duas cartas de João Penha para Bulhão Pato (vd. *infra* secção 3.3. da Bibliografia). Poderiam ainda incluir-se aqui alguns acervos privados, cujo acesso não é disponibilizado pelas famílias, ficando necessariamente excluídos da investigação. É este o caso, por exemplo, do espólio de Guerra Junqueiro.

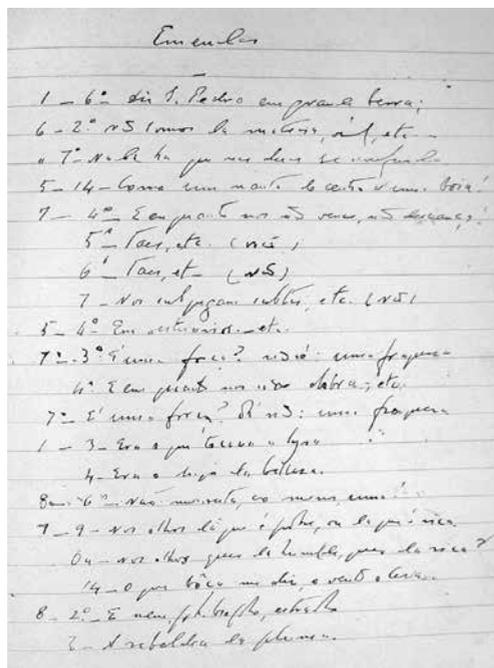
³⁹ Nestas coleções, adquiridas pela BPMP, contam-se nove cartas do nosso poeta para o amigo Joaquim de Araújo (vd. *infra* secção 3.3. da Bibliografia).

⁴⁰ Vd. *infra* secção 4.5. da Bibliografia.

⁴¹ Vários amigos, colecionadores ou simples curiosos escreviam a João Penha, pedindo-lhe autógrafos, e depreende-se que o poeta acedia a muitos desses pedidos. Vd. e.g. carta para António Cabral, transcrita no Arquivo documental I do fragmento II do texto n.º 729 (vol. IV, t. II). A Antero de Figueiredo, por exemplo, responde o poeta: «Autographos ha ainda em abundancia, mas o melhor está dado. Ainda ha dias dei uma bella collecção a D. Zulmira, em que havia Anthero, Junqueiro, Castilho, o original da Aromatographia, etc. Para o meu amigo haverá ainda de tudo isso. Quando cá vier, dar-lhei umas poucas de caixas para nellas escolher o que mais lhe agradar. Ha ahi de tudo: antigo e moderno» (BPMP, M-AF-1169(3)).

Assim, por exemplo, vamos encontrar na BPMP vários inéditos oferecidos a Antero de Figueiredo⁴², bem como o autógrafo das *Rimas*⁴³, um *Prontuário* e um curioso *Livro de notas*⁴⁴ (contendo listas de palavras, referências lendárias, ideias para poesias, citações diversas, etc.), que são hoje documentos preciosos para compreendermos muito do trabalho deste artífice, sempre em busca da palavra culta, da forma correta, do dito menos óbvio, da combinação menos vulgar, da rima mais improvável.

Esse permanente cuidado com as palavras está, de resto, bem evidente nos principais manuscritos literários de João Penha; um conjunto de onze cadernos pautados⁴⁵ onde o autor registou, à medida que ia compondo, grande parte das suas poesias, já passadas a limpo e livres de quaisquer rasuras:



ADB, Ms. 538, p. 87.

A obra era escripta a lapis, instrumento que adoro, e soffria varias modificações quando, depois, era passada a limpo.

(vol. II, t. II, n.º 333 A. d.)

Abria-se então espaço para um longo período de maturação, em que o poeta aperfeiçoava as composições, ainda uma e outra vez, em sucessivas campanhas adicionadas no final dos cadernos.

Alguns desses poemas ficaram inéditos, outros foram apenas remetidos à imprensa periódica, outros ainda acabaram depois encerrados em livro – momento derradeiro, em que os escrúpulos de esteta abandonavam enfim a obra, para não mais se atreverem a lê-la⁴⁶:

⁴² Vd. *infra* secção 3.1. da Bibliografia.

⁴³ BPMP, Ms. 2012. Vd. descrição do testemunho, no Aparato Crítico do poema n.º 1 (vol. II, t. II).

⁴⁴ BPMP, Ms. 2008-2010, 2011.

⁴⁵ BPMP, Ms. 2012; ADB, Ms. 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544 e 545. Veja-se a descrição dos testemunhos, no Aparato Crítico dos poemas n.º 1, 65, 66, 253, 137, 128, 131, 467, 352, 327 e 328. João Penha refere-se a um dos cadernos, nestes termos: «Comprei um livro em branco, como se fosse para fazer contas; comeci por numerá-lo, página por página; depois escrevi os primeiros versos, depois mais outros e cheguei ao fim» (*Jornal do Brasil apud* Fonseca: 1963, p. 11).

⁴⁶ A informação é confirmada nas ll. 75-76 do fragmento I do texto n.º 727 (vol. IV, t. I),

eu nunca li nenhum dos meus livros senão nas provas, e, depois de publicados, ficaram sendo para mim sagrados, no sentido de que por cousa nenhuma d'este mundo os abriria, com mêdo de encontrar nelles qualquer couza que me desesperasse.

(MJD, Espólio de Teixeira de Queirós, maço 30, s.d)

Dos inéditos aí recolhidos, é possível que uma parte se destinasse a integrar alguma obra projetada, que o autor entretanto abandonou⁴⁷. Contudo, muitos surgem também identificados, à margem, como *particulares*, *crípticos* ou *impublicáveis*, podendo aventar-se várias justificações para essa nomenclatura.

Um primeiro grupo de poemas foi concebido para presentear as jovens que Penha requestou ao longo dos anos, ora por convenção social, ora como expressão íntima de afetividades pessoais. É o caso de Catarina, Laura Lopes, Palmira Lacerda, Natália e Zulmira de Melo ou ainda as incógnitas Augusta e Cristina da Piedade. Se as primeiras foram objeto de várias poesias, tanto éditas como inéditas, Cristina inspirou as últimas composições do autor, ficando algumas por publicar e outras impressas n' *O Canto do Cysne*.

Para este livro póstumo⁴⁸ (como aliás para os demais), não dispomos do manuscrito vendido aos editores, mas é possível encontrar as composições que o integram em quatro cadernos do ADB⁴⁹. Em presença destes, concluímos que as versões publicadas no livro foram objeto de censura, ficando todavia por esclarecer quem terá sido o responsável: o próprio Penha (no autógrafo final) ou o editor, Albino Forjaz de Sampaio. O certo é que as composições dedicadas à última musa do poeta aparecem classificadas como *particulares*, mas não receberam o mesmo tratamento. Uma parte foi excluída do livro⁵⁰, outra ligeiramente alterada; em algumas poesias omitiram-se

⁴⁷ É possível encontrar, na correspondência do escritor, referências a alguns títulos que haveriam de ficar esquecidos no limbo dos projetos, embora se deduza também que, na maioria dos casos, tais títulos acabariam apenas substituídos por outros efetivamente publicados. É o caso de *Vinhetas e Aguarelas* (que corresponde ao livro publicado como *Novas Rimas*), de *Folhas de Outomno* (que viria a lume sob o título *Ultimas Rimas*) e de *Escavações Litterarias, Ao Pôr do Sol e Noites de Inverno* (que correspondem ao volume póstumo *O Canto do Cysne*). Por concretizar ficou apenas o livro *Memórias de um Estudante de Coimbra*, cujo manuscrito se perdeu, mas que, segundo o autor, incluía já quinze episódios em 1898 (BPMP, M-AF-1154(8)), chegando mesmo a ser anunciado na contracapa de *Por Montes e Valles*, juntamente com outro título esquecido (*Canção das Noites*). O mesmo Penha admitiria contudo, em carta de 1915, que havia desistido do projeto memorialístico, «por ser longa a materia, e me achar actualmente sem enthusiasmos para cousa alguma» (Cabral: 1924, pp. 271-272).

⁴⁸ Vd. descrição do testemunho A, no Aparato Crítico do poema n.º 333 (vol. II, t. II).

⁴⁹ Trata-se dos Ms. 538, 539, 541 e 542.

⁵⁰ E.g., poemas editados nos n.ºs 617, 618 e 619 (vol. III).

alusões a Cristina da Piedade⁵¹, enquanto noutras o nome aparece substituído pelos pseudónimos Rosina⁵² ou Dulce⁵³.

Compreendem-se naturalmente os escrúpulos em resguardar a identidade das senhoras visadas, mas passados quase cem anos, dada a publicação (ainda que censurada) de vários poemas a si dedicados, não será o caso de admitirmos todos esses *particulares* numa edição das obras completas? Cremos que o distanciamento temporal nos autoriza a publicá-los, até porque não se tratam de poemas inacabados; se o autor os considerava *impublisháveis* era porque poderiam comprometer pessoas com existência real, e essa situação já não se coloca hoje⁵⁴.

Ao incluí-los num volume independente (vol. III), estaremos assim a disponibilizar uma perspetiva mais ampla não só da última fase criativa, mas de toda a obra penhiana, que a tradição crítica de herança estruturalista nos habituou a considerar como um sistema:

un ensemble de relations qui se maintiennent, se transforment, indépendamment des choses qu'elles reliant.

(Foucault: 1994, i. 514)

Concebida como um todo, esta é portanto uma noção de Obra abrangente, capaz de acompanhar o desenvolvimento de práticas que, ao longo de um trajeto literário, vão sendo sujeitas a processos de variação. Daí que diferenças de tom ou qualidade entre os vários textos disponíveis acabem secundarizadas em prol de uma visão de conjunto. É o que acontece, de modo evidente, a um segundo grupo de inéditos, identificado com os *criptinos*.

Trata-se de uma série de exercícios em redondilha, próximos da tradição popular, onde um ostensivo antilirismo procura despir a mulher do manto ideal, rebaixando a sentimentalidade ao mero plano escatológico. Também aqui encontramos, exacerbado, um dos traços que individualizam o estilo de João Penha: o exorcismo da frustração amorosa através do plano sensorial. O que acontece todavia nestes poemas *particulares* é que a fronteira entre a dessacralização da mulher-anjo e a brejeirice vulgar fica praticamente anulada, caindo muitas vezes em linguajar rasteiro.

No contexto da época, imprimir-los causaria certamente mais escândalo do que o já provocado pela celebração nas *Rimas* do vinho verde e do presunto de Lamego, e por isso compreende-se que tais poemas não fossem considerados *publicáveis* pelo autor. A verdade, contudo, é que nem por isso eles deixaram de circular, entre as folhas

⁵¹ Vd. poemas editados nos n.ºs 469, 474, 480 (vol. II).

⁵² Vd. poemas editados nos n.ºs 472, 475, 478, 485, 513 (vol. II).

⁵³ Vd. poema editado no n.º 477 (vol. II).

⁵⁴ As questões relacionadas com a reputação do autor ou de pessoas identificáveis nos seus escritos estão salvaguardadas no Artigo 8.º da Convenção Europeia dos Direitos Humanos. Legalmente, todavia, o direito à privacidade expira com a morte de uma pessoa, exceto em casos de difamação.

pardas da correspondência trocada com amigos; especialmente Antero de Figueiredo, que ao longo dos anos foi construindo uma verdadeira coleção críptica *só para homens*.

De tal forma, que algumas dessas redondilhas acabariam mesmo por chegar às páginas de um jornal de Aveiro – a *Vitalidade* – onde o redator se aventurou a publicar meia-dúzia de versos que lhe tinham ido parar às mãos⁵⁵. Penha responderá ao seu melhor estilo, num artigo cheio de sarcasmo, onde não deixa de reprovar a inconfidência suscitada pelo episódio:

Veja-se o caso da estrophe secreta que, com enorme surpresa, vi publicada nesta Vitalidade. Essa, e muitas outras, que ainda não ha muito fabriquei, unicamente para averiguar se teria geito para esse genero folgasão, depois de uma curta luta entre o fabricante e o homem moral, destrui-as completamente. Notei que entre essas duas entidades houve uma grande hesitação: o fabricante invocava os nomes de Bocage, do Aretino, de Casti, de Piron, e até de Voltaire (na Pucelle), mas o homem moral, sem attender ás melifluas vozes do seu adversario, arrancou-lhas da mão subitamente, e lançou-as ao fogo. Como é que aquella escapou a esse voraz incendio? É um mysterio que não me apraz decifrar, embora a Vitalidade pudesse talvez esclarecel-o⁵⁶.

O certo é que muitas dessas *criptinas* não ficaram encerradas na gaveta poeirenta; circularam de forma mais ou menos clandestina e contribuíram para alimentar, ao longo dos anos, a aura lendária que coroou o poeta desde Coimbra. Incluem-se pois naquela massa de *langage circulant* (ou linguagem voltada para o exterior) a que Michel Foucault aludia em 1964, ao definir o conceito de Obra (Foucault: 1964, pp. 997-998).

Por isso também, cremos legítima a inclusão de tais poemas num volume independente (vol. III), que acautele a especificidade do seu aparecimento e circulação. E isto porque, embora *privadas*, algumas destas composições parecem ter de facto uma existência *semipública*, e em todo o caso constituem testemunhos incontornáveis de um estro satírico que se exercitou muito para além dos livros.

O mesmo aliás se poderá dizer de um último grupo de inéditos, onde o poeta visava, de forma epigramática, alguns dos seus antagonistas literários. É o caso dos *novos* João de Barros⁵⁷ e Delfim de Brito Guimarães⁵⁸, que após uma série de alterações mantidas na imprensa, acabaram alvo de numerosas sátiras, registadas nos cadernos.

Mais uma vez, a questão impõe-se: deverá o editor, na atualidade, ocultar tais poemas, respeitando o voto de silêncio que o autor lhes ditou? É certo que Penha não

⁵⁵ Vd. poema editado no n.º 663 (vol. III).

⁵⁶ Vd. texto integralmente reproduzido no Arquivo documental II do poema n.º 129 (vol. II, t. II).

⁵⁷ Vd. poemas editados nos n.ºs 684-685 (vol. III). Sobre a polémica que está na origem destas composições, leia-se o Arquivo documental II, no Aparato Crítico do texto n.º 740 (vol. IV, t. II).

⁵⁸ Vejam-se os epigramas editados nos n.ºs 673-682 (vol. III). Sobre a polémica mantida com Delfim Guimarães, vd. Arquivo documental III, no Aparato Crítico do poema n.º 124 (vol. II, t. II).

desejou trazê-los a lume, preferindo abandonar as polémicas em que se envolveu, sem recorrer ao insulto, mas nem por isso deixou de partilhá-los com amigos, chegando mesmo a publicar-se alguns deles, a título póstumo⁵⁹.

Creemos portanto que estes epigramas são, antes de mais, testemunhos de um conflito geracional, publicamente travado nas páginas dos jornais, e por isso obriga a reequacionar a fronteira entre as esferas pública e privada. Eles representam um estro satírico absolutamente transversal ao conjunto da Obra de João Penha, justificando a sua inclusão em volume dedicado aos inéditos e privados. Assim, incluiremos também uma secção de *delfineidas* e outros epigramas, onde procuramos salvaguardar a sua especificidade, com estratégias de edição diferenciadas⁶⁰.

A Correspondência⁶¹

Do que ficou exposto, depreende-se já que a correspondência de João Penha, enquanto instrumento difusor de composições em circuito privado, detém um estatuto textual que importa ao editor considerar.

Parte significativa do epistolário encontra-se depositada no ADB, compreendendo cerca de 4000 espécimes pertencentes à correspondência recebida⁶². Trata-se de um acervo cronologicamente balizado entre a década de 60 do século XIX e os últimos dias de vida do autor, que permite, antes de tudo, auscultar a rede de contactos pessoais em que o autor se moveu.

No entanto, como já dissemos, é nos acervos das personalidades com quem o poeta se relacionou que encontramos as cartas da sua autoria⁶³. Neste vasto conjunto epistolar (escrito ao correr da pena, com a ductilidade que lhe era tão característica) é possível entrever o irreverente prosador de *Por Montes e Valles*, mas seria impraticável publicar todo este volume documental, quase sempre ligado a circunstâncias imediatas. Certo é que, apesar do modo hesitante como estes escritos foram sendo encarados ao longo dos tempos⁶⁴, a correspondência pode ser altamente reveladora para o trabalho do edi-

⁵⁹ Vd. poema n.º 678 (vol. III), que o próprio visado, Delfim Guimarães, transcreveu em artigo dedicado à contenda.

⁶⁰ Vd. *infra* “Modelo de edição”.

⁶¹ Retomamos, com algumas alterações, os nossos artigos Pereira: 2012¹ e 2012³.

⁶² Vd. secção 3.3. da Bibliografia.

⁶³ Referimo-nos aos espólios de Antero de Figueiredo (na BPMP), Joaquim de Araújo (na BNMV), Teixeira de Queirós (no MJD), Alberto de Madureira (no ADB), Bernardino Machado (na FMS), Eugénio de Castro (na BGUC), Conde de Arnosó (na BNP), bem como aos espólios avulsos da BNP, as coleções de Alberto de Serpa e Alberto Correia (na BPMP) e ainda alguns epistolários já publicados. Vd. inventário completo nas secções 3.3. e 4.5. da Bibliografia.

⁶⁴ Vd. o nosso artigo Elsa Pereira: 2012³. Aí começamos por lembrar algumas oscilações na forma como a correspondência de escritores foi sendo perspetivada. Nos últimos anos, todavia, tem-se convergido

tor crítico, ora funcionando como *peça motriz da máquina literária*⁶⁵, ora fornecendo informações preciosas à reconstituição da gênese de uma obra.

No caso de Penha, as cartas trocadas com amigos e companheiros de letras não revelam apenas as circunstâncias humanas que marcaram o escritor⁶⁶, mas também o contexto compositivo por trás de alguns poemas⁶⁷, as etapas preparatórias de uma obra ou a intencionalidade autoral que presidiu à sua composição⁶⁸, bem como todo o processo editorial e a consequente recepção do público e da crítica.

Neste sentido, e embora o epistolário pertença à *exogénese* (Diaz: 1999, p. 14), colocando-se à margem dos documentos diretamente relacionados com o processo de escrita, o seu material pode constituir também um relevante instrumento da genética comentada, conforme salientado por Gérard Genette:

on peut utiliser – et c'est bien ce que font les spécialistes – la correspondance d'un auteur (en général) comme une sorte de témoignage sur l'histoire de chacune de ses oeuvres: sur sa genèse, sur sa publication, sur l'accueil du public et de la critique, et sur l'opinion de l'auteur à son égard à toutes les étapes de cette histoire. [...] inversement, [...] la correspondance peut aussi témoigner d'une non-naissance: oeuvres avortées dont ne subsistent parfois que ces traces indirectes, et quelques ébauches.

(Genette: 1987, p. 344)

Para a nossa edição, e além das referências a obras e textos apenas ensaiados⁶⁹, são particularmente valiosas as alusões ao processo editorial que rodeou alguns dos seus livros. Através das cartas, ficamos assim a conhecer incidentes que afetaram o volume *Echos do Passado*, desde a alteração de planos no prefácio⁷⁰, até ao incumprimento do índice remetido pelo autor⁷¹, passando pela

para uma reabilitação documental da correspondência, tanto no apuramento biográfico do autor, como no auxílio à análise literária.

⁶⁵ A expressão é de Deleuze e Guattari (2003, p. 58), referindo-se à correspondência de Kafka.

⁶⁶ Sobre o contributo da correspondência para a reconstituição do perfil biográfico, vd. o capítulo “Passo a expôr o meu retrato”.

⁶⁷ Vejam-se, por exemplo, os arrufos que explicam composições despeitadas nas *Novas Rimas* (ADB, Ms. 555, ^{maço}1, ff. 140-141 e 143-144), ou as cartas que aludem a outros contextos de composição (BPMP, M-AF-1142(2) – para o soneto “Fi!” –, BPMP, M-COR-I-32 – para o soneto “Novo Petrarca” – e ADB, Ms. 546, ^{maço}9, ff. 40-41 – para o sonetinho “A um renegado”).

⁶⁸ E.g. BPMP, M-AF-1144(16) – para o prefácio à *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* –, BPMP, M-AF-1175(9) – para o soneto “Antero de Figueiredo” –, ADB, Ms. 546, ^{maço}12, ff. 21-22 – para o soneto “Ao poeta X”.

⁶⁹ E.g. BPMP, M-AF-1157(3) – onde alude ao projeto das *Memórias de Um Estudante de Coimbra* –, BPMP, M-AF-1157(14) – onde refere dois textos idealizados para o livro *Por Montes e Valles*: “A Vingança da Carvalha” e “Um poeta”, etc..

⁷⁰ BPMP, M-AF-1180(2); M-AF-1182(3). Nestas cartas, ficamos a saber que Penha ponderara inicialmente reproduzir, em preâmbulo ao livro, um elogio de Teixeira de Queirós, na Academia Real das Ciências.

⁷¹ BPMP, M-AF-1182(5); M-AF-1185(6). Vd. transcrição no Aparato Crítico do poem n.º 253 (vol. II, t. II).

impressão de composições que o poeta excluía das provas⁷² ou o extravio de outras que os tipógrafos nunca chegaram a compor⁷³. De resto, a concretização deste livro andou rodeada de vários problemas, abundando no epistolário queixas contra o aspeto gráfico descuidado⁷⁴ ou a parca e ineficaz promoção comercial que se seguiu⁷⁵.

Graças à correspondência, podemos ainda seguir, por exemplo, as atribuições do livro póstumo (que Albino Forjaz de Sampaio intitulou *O Canto do Cysne*), acompanhando alguns dos entraves levantados pelos editores, desde a compra do manuscrito⁷⁶, até ao eclodir da Grande Guerra e o conseqüente adiamento da publicação⁷⁷.

Por outro lado, muitos destes documentos são de inegável valor testemunhal numa edição crítico-genética, ao permitirem também acompanhar o próprio itinerário de criação dos textos. Numa altura em que os meios de comunicação à distância eram ainda incipientes, a carta surge não só enquanto veículo para a difusão de textos em circuito privado⁷⁸, mas igualmente como meio disponível para o envio de textos à imprensa, ou até, muitas vezes, de simples correções ou acrescentos de última hora. Estas, a par de muitas outras cartas em que João Penha protesta contra gralhas tipográficas, constituem por isso também valiosos testemunhos textuais para o trabalho do editor crítico.

Se somarmos a tudo isto os indícios fornecidos ao investigador, para a pesquisa de fontes encobertas sob pseudónimo⁷⁹, concluímos sem dificuldade que, enquanto auxiliar de arquivo ou como testemunho documental, a correspondência de João Penha oferece um estimulante desafio, prenhe de possibilidades. Cabe ao editor encontrar uma estratégia ponderada de anotação, em que os documentos epistolares venham responder à especificidade dos problemas colocados por cada texto.

⁷² BPMP, M-AF-1182(7), carta enviada para Antero de Figueiredo em 22-IX-1913, dando instruções para que se eliminasse o poema “As duas irmãs”.

⁷³ BPMP, M-AF-1185(6), carta datada de 23-IV-1914.

⁷⁴ BPMP, M-AF-1186(8), carta datada de 22-VII-1914: «A edição, pelo seu aspecto, é feia como bicho. E pelo seu interior, talvez não seja mais bella».

⁷⁵ BPMP, M-AF-1186(11); M-AF-1185(8). Nesta última missiva, datada de 18-VII-1914, Penha ameaça instaurar uma ação de indemnização de perdas e danos pela ineficaz divulgação da sua obra.

⁷⁶ BPMP, M-AF-1196(2), carta datada de 17-VII-1918, onde se lê que a venda do manuscrito fora negociada por João de Barros, à razão de 80 escudos.

⁷⁷ BPMP, M-AF-1193(2), carta datada de 2-VII-1917. Para mais pormenores sobre as contingências editoriais deste livro, vd. a descrição do testemunho A, no Aparato Crítico do poema n.º 333 (vol. II, t. II).

⁷⁸ Vd. *supra* o que dissemos acerca dos testemunhos manuscritos.

⁷⁹ Vd. referências a poemas publicados sob os pseudónimos Josino, Almira e Cydalisa (BPMP, M-AF-1164(2); ADB, Ms. 554, ^{maço} 1, ff. 86-87), J. Rocha (ADB, Ms. 546, ^{maço} 12, ff. 48-49) ou Zi (BNP, *Espólio* 32, Ms. 2742; Ms. 2744).

MODELO DE EDIÇÃO

Depois de analisar milhares de documentos, à luz do conceito de *obras completas*, chegámos a um inventário final de 835 textos a editar⁸⁰, distribuídos do seguinte modo: 530 poesias em livro, 187 poemas esparsos e inéditos, 118 textos em prosa.

Se a extensa e variada matéria documental existente para as obras de João Penha⁸¹ coloca desafios à própria delimitação do *corpus* literário, a abundância de testemunhos (impressos, autógrafos e epistolares) obriga-nos também a procurar um modelo de edição abrangente. O desafio passa por integrar, num só trabalho, vários níveis de informação pré-, pós-, para- e con- textual, suscetíveis de iluminar a receção e transmissão destes carmes, mas também os meandros da composição e as *experiências de laboratório*, que tanto furor causaram aos precursores da crítica genética:

[...] je regrette qu'on n'ait pas brûlé, une bonne fois, tous ces brouillons, aussitôt employés, que tous ces copeaux tombés à terre n'aient pas été jetés au feu. Avis aux grands écrivains quand il en viendra! Brûlez, messieurs, tout ce qui vous est devenu inutile. Votre édifice est fait et superbe, votre monument est debout: à quoi bon laisser à d'insatiables neveux les moyens d'en refaire un jour industrieusement l'échafaudage et de masquer de nouveau la façade? Hélas! pour le style même, voilà qu'il nous faut repasser par les tâtonnements du laboratoire. Nous avons l'histoire des ratures de Buffon.

(Sainte-Beuve: 1860, p. 332)

É certo que os autógrafos de que dispomos para as obras de João Penha correspondem já a versões depuradas, sem as complexas teias de rasuras que habitualmente associamos a trabalhos geneticistas. Todavia, no final dos cadernos, encontramos ainda novas campanhas de revisão, que embora já distantes do ato de escrita⁸², assu-

⁸⁰ Excluídas da nossa edição ficaram apenas algumas composições semiprivadas de autoria duvidosa (vd. *supra* “Testemunhos Impressos”) e dois testemunhos que saíram na imprensa periódica, sob a forma de inquéritos ou respostas a questionários – Penha: 1919, p. 242; Sampaio: 1907. Neste último caso, embora excluindo-a do inventário dos textos editados, recuperámos a entrevista no “Arquivo documental” do texto n.º 333 (vol. II, t. II), pois Albino Forjaz de Sampaio acabou publicando integralmente a resposta de João Penha, no prefácio ao livro póstumo *O Canto do Cysne*. Excluída ficou ainda a correspondência do poeta, que embora não surja no grupo dos textos propriamente editados, assume, como vimos, um lugar importante na *exogenesis*, justificando-se por isso a transcrição de vários espécimes nos volumes relativos ao Aparato Crítico.

⁸¹ Vd. inventário nas secções III e IV da Bibliografia.

⁸² Como alerta Ivo Castro (2012, p. 137), «it is crucial not to equate corrections he [the author] makes while revising the text [...] to corrections made immediately after the original writing, when the ink is not dry yet and the page is still entirely free to the right and below. Immediate corrections belong to the act of writing and not to the revision».

mem ainda um estatuto *genético*, plenamente reconhecido pelos teóricos da moderna crítica textual⁸³.

De resto, mesmo os textos que o autor ia publicando em jornais, antes de os reunir em livro, aparecem sucessivamente burilados, de versão pré-definitiva em versão pré-definitiva, numa busca incessante pela forma mais perfeita, pela expressão mais vernácula, pelo dito mais loquaz. Nesta medida, podemos dizer que as lições intermédias, sucessivamente republicadas na imprensa periódica, embora se distingam textualmente das *variantes genéticas*, surgem ainda como caminhos abandonados, em função de um trabalho de aperfeiçoamento da escrita.

Creemos, por isso, que será em edições desta natureza (envolvendo tanto manuscritos, como impressos) que mais se impõe o modelo simultaneamente crítico e genético:

a designação 'crítico-genética' propõe-se com efeito não apenas editar criticamente e restituir à sua autenticidade o texto considerado definitivo, mas acompanhá-lo também por todas as modificações que sofreu no curso da sua elaboração, quer as registadas nos manuscritos quer as impressas nas sucessivas edições revistas pelo autor (ou só nestas, quando os manuscritos desapareceram) [...] e que podem apresentar] estádios textuais nem sempre documentáveis pelos testemunhos genéticos.

(Tavani: 2007, pp. 8-9)

Além de procurar demonstrar, dentro da tradição filológica, a pertinência das correções introduzidas ao longo do processo compositivo, este tipo de edição tem pois a vantagem de responder a dois desafios particularmente relevantes no conjunto da obra penhiana.

Por um lado, o modelo crítico-genético permite «averiguar se e até que ponto a vontade última do autor obteve efetivamente, no curso dos preliminares editoriais e na fase de execução tipográfica, todo o respeito que merece e exige» (Tavani: 2007, pp. 5-6). No caso do nosso poeta, esta questão assume especial relevância, antes de mais porque o autor sempre se mostrou cioso da integridade material dos seus textos:

a poesia é uma Arte, e não uma especie de analecto, em linhas mais ou menos curtas, de altos pensamentos philosophicos, como o quer o bom do Fernandes Costa, – a mais pequena alteração em suas composições, ainda que não seja senão d'uma virgula [...] é um desastre, que os arrastaria a trucidar os delinquentes, se os tivessem á mão, e não receassem uma subita reclusão em ferros d'el rei, como antigamente se dizia⁸⁴.

⁸³ Burghard Dedner (2006, p. 15), por exemplo, distingue desta forma os vários tipos de variantes textuais: «source-text variants [...], genetic variants (changes prior to the first publication), version variants (changes in different printings of the same work) and transmission variants (changes mostly occurring after the author's death)».

⁸⁴ Vd. artigo de João Penha integralmente reproduzido no Arquivo documental II do poema n.º 129 (vol. II, t. II).

Disso mesmo dão conta numerosas cartas, em protesto contra gralhas tipográficas⁸⁵, que se revestem de grande interesse para o editor, ao permitirem corrigir corruptelas e assim instrumentalizar a fixação do texto crítico e do aparato.

Depois, porque é necessário averiguar o efetivo cumprimento das orientações do autor, nos textos em que documentadamente interveio uma espécie de *genética em diálogo* ou *em colaboração* (Diaz: 1999, p. 14). É o que acontece, por exemplo, quando o poeta escreve a Alberto de Madureira⁸⁶ e Antero de Figueiredo⁸⁷, dando instruções precisas para alterar textos já enviados ao prelo.

Por outro lado, ao permitir convocar, em aparato, outros documentos complementares aos testemunhos textuais, o modelo crítico-genético possibilita também uma abordagem suficientemente flexível de todas as questões relacionadas com a *vontade autoral*⁸⁸. No caso de Penha, em concreto, temos algumas situações documentadas de *editing*⁸⁹ e *autocensura*⁹⁰ (Tavani: 2007, pp. 6-7), mostrando que a vontade do autor não é estática; evolui no tempo, ajustando-se às «opiniões, pressões, sugestões de pessoas com quem o escritor mantém contacto, desde amigos a leitores, passando por quem lhe edita comercialmente o texto» (Mendes; Dionísio: 1988, p. 193).

Ao permitir estruturar toda a variedade de informação disponível para cada texto, este modelo impõe-se assim como a solução adequada para munir os vários públicos de níveis diferenciados de leitura, concorrendo enfim para uma visão mais ampla e esclarecida sobre o autor e a sua obra:

⁸⁵ Apenas alguns exemplos podem ser encontrados nas seguintes cartas: BPMP, M-AF-1163(1) – apontando as gralhas do jornal *Echos da Avenida*, na transcrição do seu poema “Pedalista”; M-AF-1189(1) – reclamando contra os erros do jornal *O Século*, no soneto “Desesperança”; ADB, Ms. 546, maço¹², f. 6 – reclamando contra as deturpações da revista *Novos e Velhos* nos poemas “O golpe” e “Desesperança”; *Revista Portuguesa*, n.º 2, p. 80 – apontando os erros tipográficos com que saíra “O ultimo eremita”; *Branco e Negro*, n.º 93, p. 236 – dando conta de gralhas no sonetinho “A tua mão”; *Jornal de Braga*, n.º 663 – protestando contra deturpações na transcrição de “O Remedio” e “O trovador e Margarida d’Escossia”.

⁸⁶ ADB, Ms. 546, maço¹², ff. 48-49, carta para Alberto de Madureira, remetendo ao editor da *Novos e Velhos* um acrescento de última hora para o poema “Versos á Carmen”. Vd. Aparato Crítico do poema n.º 74 (vol. II, t. II).

⁸⁷ BPMP, M-AF-1154(2); M-AF-1154(3) – contendo instruções para a composição de um artigo no jornal *A Tarde* – ; M-AF-1162(2) – emendas de última hora para o poema “Os olhos de Laura”, na revista *Brasil-Portugal*. Vd. Aparato Crítico do texto n.º 728 (vol. IV, t. II) e do poema n.º 169 (vol. II, t. II).

⁸⁸ Para um enquadramento da falácia da intenção, no âmbito da moderna crítica textual, vd. Shillingburg: 2004, pp. 29-39.

⁸⁹ O editor Henrique Lopes de Mendonça chega mesmo a sugerir ao autor a alteração de um texto remetido à revista *Serões*, alegando o «escrupulosíssimo decoro» desta revista burguesa (vd. Arquivo documental II, no Aparato Crítico do texto n.º 734 – vol. IV, t. II).

⁹⁰ Em presença dos manuscritos guardados no ADB, verificamos por exemplo que, no livro póstumo de 1923, a (auto)censura exerceu-se a vários níveis, desde a omissão do nome da amada até alguns exemplos de decoro vocabular, com a substituição de expressões como *puta* ou *cocotte* – vd. o Aparato Genético do poema n.º 528 (vol. II, t. II).

Todos los apuntes, las anotaciones, las indicaciones que se pueden relacionar con el texto, deben ser utilizados, sea para eventuales correcciones al texto crítico [...] sea, más probablemente, para enriquecer el aparato de las variantes, sea finalmente para individuar y precisar las circunstancias en las cuales el texto se ha ido construyendo, los hechos que han sugerido, estimulado, acompañado su elaboración, etcétera. Material subsidiario – esto todo – aprovechable (como aquél proporcionado por las variantes) para reconstruir el contexto histórico y biográfico del texto.

(Tavani: 1988 ¹, pp. 67-68)

Convenções

Em linhas gerais, o modelo adotado na presente edição assenta numa estrutura tripartida, que compreende o texto crítico, a anotação explicativa (em pé de página) e o aparato.

1. Texto crítico

Dada a natureza diversa dos materiais reunidos, optámos por apresentar o texto das 835 composições selecionadas em três volumes independentes.

O primeiro (vol. II) acolhe as composições que João Penha reuniu nos seus livros de poesia: *Rimas*, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, *Novas Rimas*, *Echos do Passado*, *Ultimas Rimas* e *O Canto do Cysne*.

O segundo (vol. III), ainda dedicado aos poemas, compreende três categorias distintas: publicações esparsas (que o autor apenas divulgou na imprensa periódica), inéditos (incluindo criptinos, delfineidas e outras sátiras) e, por fim, uma última secção reservada aos epigramas que circularam fora da supervisão do autor e de que nos chegaram testemunhos indiretos.

O último volume (vol. IV), dedicado às prosas, encontra-se dividido em duas partes: textos que o autor reuniu em livro e publicações esparsas (incluindo notas e expedientes das revistas dirigidas por Penha, que digitalizamos em anexo final, para salvaguardar o interesse histórico).

Adotado este critério, a disposição dos textos obedece à sequência final adotada nos livros do autor⁹¹ (para o vol. II) ou à ordem cronológica de publicação (no caso dos dispersos). Para os inéditos, o critério sequencial privilegia uma distribuição por suporte.

⁹¹ Nos casos em que se verifica uma duplicação de composições em vários livros, optámos sempre pela sequência da última obra revista pelo autor.

Cada carne aparece assim identificado com um número de ordem, acompanhado (em corpo menor e entre parênteses retos) pela indicação do suporte correspondente à versão de base selecionada. Esta privilegia os testemunhos diretos (no modelo concebido para o capítulo 3 do vol. III) e, entre estes, o último impresso revisto pelo autor, ou o último estágio redacional (no caso dos inéditos). Coincidimos assim com a regra mais frequentemente adotada pela crítica textual moderna⁹², de fixar no texto crítico «a intenção do autor tal como foi, pela última vez, materializada através da escrita» (Castro: 2001, p. 71) e que aliás é também assumida como redação *ne varietur* pelo próprio João Penha⁹³.

Apresentado assim o texto em transcrição limpa⁹⁴, as chamadas ao aparato genético fazem-se pela numeração árabe colocada à margem do respetivo verso ou linha, enquanto a anotação do rodapé é assinalada, nos textos em prosa, por numeração romana disposta na entrelinha superior.

2. Anotação no rodapé

Disposta no rodapé do texto crítico, esta secção encontra-se dividida em duas partes, separadas por uma linha de intervalo

Em primeiro lugar, surgem as notas explicativas, com vista ao esclarecimento de referentes histórico-culturais e alusões obscuras (podendo, em alguns casos, remeter para documentos transcritos no aparato). Cada nota aparece introduzida pelo número de verso correspondente ou, no caso dos textos em prosa, pela numeração romana que, no texto, aparece disposta em entrelinha superior.

Nas composições em verso, acresce ainda um breve apontamento sobre a poética do texto, assinalando eventuais irregularidades métricas ou rimáticas.

3. Aparato crítico

À semelhança do modelo estabelecido pelo Grupo de Trabalho para o Estudo do Espólio e Edição Crítica da Obra Completa de Fernando Pessoa, o aparato encontra-se disposto no tomo II dos vários volumes, procurando «albergar todas as informações de interesse para a história da criação e da transmissão do texto» (Castro: 1990, p. 55).

⁹² Vd. declarações de Bowers, Tanselle, Balduino, Tavani, Stussi e Roncaglia *apud* Castro: 1993, pp. 80-81.

⁹³ A propósito do seu livro inaugural, por exemplo, afirma o poeta, em carta para Joaquim de Araújo: «Quanto á forma definitiva, que é a das Rimas, é sempre superior á provisoria, ou anterior» (BNMV, Ms. 12242, carta de 27 de janeiro de 1902).

⁹⁴ Segundo Tanselle (1972, p. 45), esta tem sido a prática mais comum em edições modernas: «Are variant readings or editorial symbols to appear within the text itself? [...] The tendency in recent years has been toward clear text – that is, no editorial intrusions of any kind on the pages of the text itself».

Cada aparato vem identificado pelo número de ordem do respetivo carne, acompanhado do título (ou do primeiro verso) entre parênteses retos, seguindo-se depois uma sucessão de cinco partes, divididas entre si por uma linha de intervalo:

a) Notícia dos testemunhos

Consiste na recensão, descrição física e caracterização dos testemunhos que foram considerados para esse texto, bem como na atribuição de autoria (a **negrito**, entre colchetes angulares), no caso dos textos publicados sob pseudónimo. Cada testemunho aparece identificado com uma letra maiúscula, sendo A o mais antigo e as restantes letras do alfabeto distribuídas por ordem crescente de recentidade. Em geral, são excluídas da *Recensio* as transcrições indiretas⁹⁵, que – somente a título indicativo e sem preocupações de exaustividade – ficam elencadas na secção *Eliminatio codicum descriptorum*⁹⁶. Apenas no modelo concebido para os epigramas do vol. III (e pontualmente nos casos em que não foi possível encontrar os originais) serão admitidos testemunhos indiretos na *Recensio*, estando esse facto devidamente assinalado.

b) Anotação textual

Seguindo a recomendação de Tanselle (1972, p. 63) e Ivo Castro (2001, p. 76), este passo descreve e justifica pontos especiais da edição, particularmente as emendas que introduzimos no texto crítico. Estas limitam-se contudo ao nível gráfico, procurando não interferir nos erros *de facto e de língua* em que o autor tenha incorrido⁹⁷.

A chamada do texto será feita pelo número do verso ou linha, seguido de ponto final, com um meio colchete a fechar o respetivo lema. Quando se aplique, indicamos, em **negrito**, a(s) letra(s) maiúscula(s) correspondente(s) ao(s) testemunho(s) que veicula(m) a leitura encerrada no lema, seguindo-se, depois de um ponto e vírgula, o texto rejeitado (Tanselle: 1972, pp. 64-65).

c) Aparato genético ou aparato das variantes

O aparato genético procura analisar a diacronia da escrita, desde o primeiro testemunho com variantes até à versão definitiva fixada no texto crítico.

⁹⁵ Esta opção é também recomendada por G. Thomas Tanselle (1972, p. 81).

⁹⁶ Optámos ainda por excluir desta secção as meras citações, encontradas em bibliografia passiva. A exceção vai para os poemas semiprivados do vol. III, por se reconhecer valor documental nalguns desses testemunhos.

⁹⁷ Como adverte Ivo Castro, «é necessário distinguir, dentro dos erros de autor, duas categorias: uma é aquela que admite emenda e que Franca Ageno (pp. 28-29), em consonância com Roncaglia, chama erros puramente mecânicos e de distração; a outra é a dos erros de facto (Ageno) ou, numa perspetiva mais ampla, de facto e de língua (Roncaglia), os quais não podem ser emendados» (Castro: 1980/81, p. 352)

A chamada à colação é feita através do número de verso / linha (ou, quando seja o caso, pelas palavras *Título*, *Subtítulo*, *Dedicatória*, *Nota* ou *Data*), seguido de um ponto final. Surgem depois, da esquerda para a direita, as sucessivas variantes (identificadas a negrito com a letra maiúscula do respetivo testemunho), que aparecem dispostas cronologicamente, através de um aparato formalizado, de tipo negativo⁹⁸. Quando se justifique, será apresentado um escólio (ou comentário) em itálico, reservando-se ainda um pequeno texto para sistematizar as operações textuais envolvidas.

Grosso modo, a chave de símbolos adotada no aparato genético baseia-se no modelo da Equipa Pessoa, complementado por algumas soluções originais:

□	espaço deixado em branco;
†	segmento ilegível
/* /	leitura conjeturada;
< >	segmento autógrafo riscado;
< † >	segmento riscado ilegível;
< /* >	leitura conjeturada de segmento riscado;
< > / \	substituição por superposição, na relação <substituído>/substituto);
< > [↑]	substituição por riscado e acrescento na entrelinha superior;
< [↑] >	substituição por riscado e acrescento na entrelinha superior, posteriormente riscado também;
< > [↓]	substituição por riscado e acrescento na entrelinha inferior;
[↑]	acrescento na entrelinha superior;
[↑ [↑]]	duplo acrescento na entrelinha superior;
[↑ /* /]	leitura conjeturada de um acrescento na entrelinha superior;
[↓]	acrescento na entrelinha inferior;
[←]	acrescento na margem esquerda;
[→]	acrescento na margem direita;
	mudança de linha;
	mudança de parágrafo;
/ itálico /	segmento italizado;
/ sublinhado /	segmento sublinhado;
⌈	primeira campanha de revisão, em lista situada no final do manuscrito;
⌈⌈	segunda campanha de revisão, em lista situada no final do manuscrito;
⌈⌈⌈	terceira campanha de revisão, em lista situada no final do manuscrito;
⌈⌈⌈⌈	quarta campanha de revisão, em lista situada no final do manuscrito.

⁹⁸ Por aparato negativo entende-se o modelo que se apresenta «omisso quanto aos testemunhos que não divergem, em cada lugar, da versão editada» (Marquilhas: s.d.).

Enquanto no aparato genético figuram apenas «as lições que o autor foi modificando e retirando da sua ideia criadora, mas que indiscutivelmente são suas» (Castro: 2001, p. 75), o aparato das variantes vem responder à especificidade daquelas composições que assentam numa transmissão indireta; i.e., os epigramas semiprivados do vol. III.

No modelo especificamente adotado para este capítulo, a chamada do texto será feita pelo número do verso ou linha, com um meio colchete a fechar o lema. Seguem-se imediatamente as variantes, identificadas pela letra correspondente aos testemunhos (em negrito).

d) Arquivo documental

Conforme sugerido por Tanselle (1972, p. 55), este último passo acolhe a transcrição de documentos com interesse para a história da criação, transmissão ou receção do texto. A sua relevância é particularmente evidente no caso de cartas e exemplares raros da imprensa periódica, dado o risco efetivo de esses documentos virem a perecer à fragilidade dos suportes. Transcrevem-se nesta secção também os comentários a algumas composições, que João Penha publicou sob a forma de notas finais aos seus livros.

CRITÉRIOS ORTOGRÁFICOS E CONTEXTUALIZAÇÃO LINGUÍSTICA

Embora a edição de textos datados entre o último quartel do século XIX e o primeiro da centúria seguinte não coloque as dificuldades de legibilidade e respeito pela integridade grafémico-fonológica normalmente associadas a documentos mais afastados no tempo, nem por isso a decisão de conservar ou atualizar a grafia se revela menos problemática. Aqui, como no domínio dos textos medievais, a crítica textual continua a dividir-se entre adeptos de duas tendências:

daquela que deseja uma edição textual absolutamente aderente ao original, até no plano gráfico, e daquela que quer um texto que seja inteligível ao leitor moderno, graças a recursos gráficos que não incidam no entanto na específica realidade fonética do texto transcrito. [...] Objectam os adeptos da primeira tendência à segunda: um texto vale como realidade histórica, simultaneamente fonética e gráfica; qualquer alteração é um arbítrio injustificado e injustificável. Contrapõem os segundos: no momento em que a técnica moderna nos permite reproduzir os textos mecanicamente, qual a vantagem de uma edição crítica que não se distingue praticamente de uma transcrição diplomática?

(Picchio: 1979, pp. 250-251)

Também no caso que nos ocupa é possível esgrimir argumentos a favor de uma e outra opções.

Recomendando a solução modernizadora, destacaríamos o facto de um poeta como João Penha interessar a públicos mais ou menos alargados, cujas expectativas vão naturalmente para um texto em condições de legibilidade atual. A isto poderíamos acrescentar a circunstância de as suas obras contarem com testemunhos de vária natureza, incluindo não só manuscritos e edições devidamente revistas pelo autor (em que a conservação gráfica tem valor documental), mas também versões publicadas na imprensa periódica (onde se verificaram deturpações, apesar da vigilância do poeta⁹⁹) e ainda textos que foram sendo ocasionalmente divulgados fora do controlo de Penha, escapando portanto ao que era a sua prática pessoal¹⁰⁰.

O argumento maior para a regularização gráfica assenta contudo no facto de, até 1911, não existir, no nosso país, uma ortografia nacional verdadeiramente única e

⁹⁹ A atenção do poeta era de facto apertada e cuidadosa, como aliás o próprio reconhece (ADB, Ms. 546¹², ff. 13-14).

¹⁰⁰ Vd. textos editados no capítulo 3 do volume III. Os próprios éditos penhianos são também problemáticos sob este aspeto, na medida em que compreendem dois livros impressos postumamente: *Ultimas Rimas* (1919) e *O Canto do Cysne* (1923). Confronte-se, a este propósito, a tese da contaminação não-autoral em textos impressos, conforme defendida por Walter Greg, Fredson Bowers e G. Thomas Tanselle (McGann: 1985, max. pp. 39-42).

normativa¹⁰¹. Isso mesmo observava Cândido de Figueiredo, a propósito da polémica gerada, no início do século, em torno da atualização da grafia queirosiana:

Ao passo que as [obras] clássicas representam geralmente a ortografia de uma época, e constituem, portanto, valiosos elementos de estudo linguístico, as obras modernas não podem, graficamente, representar uma época que não tinha ortografia, e só representam a grafia individual dos seus autores, visto que, numa dezena de escritores do século findo, dificilmente se nos depararão dois, que ortografem igualmente.

(Figueiredo: 1947, p. 188)

Efetivamente, tanto Eça de Queirós como João Penha viveram numa época de frágeis e oscilantes normas ortográficas; uma «terrível anarquia» (Vasconcelos, BGUC, m. 6, p. 25) marcada por «contradições, dislates, caprichos e idiosincrasias pessoas» (Vasconcelos: 197-, p. 101), mas também por acesas discussões em torno da questão ortográfica, que se prolongaram muito para além de 1911.

Em causa estava o debate – ainda hoje atual – entre a ortografia etimológica (assente na conservação dos «caracteres das linguas mães») e a grafia «sonica ou phonica ou phonographica»¹⁰², que os ímpetus republicanos vieram impulsionar.

Na verdade, remontam a 1875 as primeiras manifestações declaradamente em favor de uma reforma ortográfica de tendência sónica, destacando-se entre estas o nome de José Barbosa Leão. A este filólogo se devem algumas das propostas mais extravagantes da corrente fonográfica (dirigidas à *jente da imprensa*, ao *belo seqço* ou aos *ómens* sem conhecimento de *línguas mórtas* – Gonçalves: 2003, pp. 305-306), mas apesar de nunca ter chegado a vingar, a iniciativa alertava já para a urgência de uma uniformização sistemática, que também Gonçalves Viana – mais comedido – reiteraria nas *Bases da Ortografia Portuguesa* (1885).

Assim, até 1911, vai crescendo, entre a opinião pública, a necessidade de implementar, nas escolas, documentos e publicações do Estado, uma ortografia oficial e simplificada¹⁰³, nomeando-se para o efeito a comissão reformadora constituída por Carolina Michäelis, Gonçalves Viana, Cândido de Figueiredo, Adolfo Coelho e Leite

¹⁰¹ Retomamos aqui, com algumas variantes, o nosso artigo Pereira: 2012³, pp. 65-76.

¹⁰² As expressões são de Santos Valente e Francisco de Almeida (1886, pp. 3-4). Estes filólogos referem ainda uma ortografia *usual ou commum*, apoiada na imitação dos principais escritores, que tanto podia privilegiar a pronúncia, como a origem dos vocábulos. A chamada ortografia usual seria aliás, segundo Kemmler (2001, p. 251), a corrente predominante na viragem do século e o sistema recomendado em duas portarias de 1897 e 1901.

¹⁰³ A título exemplificativo, poder-se-ia citar um curioso testemunho de Ramalho Ortigão (1900, p. 50), defendendo o fim das consoantes etimológicas, em nome da eficiência económica do país. Argumento semelhante foi aliás satirizado por João Penha, em “Mulher do século”: «Como poupada e laconica,/ Embora dama distincta,/ Só usa na escripta a sónica,/ Porque chupa menos tinta» (poema editado no n.º 502, vol. II, t. I).

de Vasconcelos. Situado a meio caminho entre a mera etimologia e a mera fonografia, o que o relatório preceituava era apenas uma aproximação da grafia à «realidade dos factos constantes da sua pronúncia»¹⁰⁴, podendo assim concluir-se que a parte *substantiva* (Greg: 1950-1951, p. 21) da língua portuguesa não ficou alterada, na medida em que a maioria das alterações introduzidas pela Reforma de 1911 se resume a meras formas convencionadas de registar os mesmos sons.

Neste sentido, a opção de modernizar a grafia das obras deste período emerge naturalmente como a solução mais previsível em (re)edições atuais, não só porque permitiria normalizar as contradições que marcaram a ortografia no período em causa, como até responderia a uma das obrigações usualmente reclamadas à crítica textual moderna:

Não é por as ortografias de Eça ou de Pessoa serem substancialmente diversas da que é norma em outros momentos históricos, como o nosso, que a sua recepção é inviabilizada ou limitada. Comummente, a ortografia / grafia original destes e doutros escritores é actualizada e, nos casos de períodos histórico-literários em que são correntes realizações divergentes de um mesmo grafema, normalizada. A crítica textual funciona também como mediadora entre o momento de produção e os diversos momentos de recepção, permitindo que o circuito de comunicação, literária neste caso, não seja interrompido. Com certeza que, assim, alguma informação se perde, mas informação que não tem a ver com aspectos fundamentais da língua do texto.

(Marquilhas: 1987, p. 128)

João Penha, no entanto, ao contrário de Eça de Queirós – que «nunca fez caso da ortografia» (Figueiredo: 1947, p. 185) – sempre se mostrou cioso do aspeto *artístico* (vol. IV, t. I, n.º 735, ll. 59-60) desta, batendo-se publicamente contra a Reforma, cuja validade nunca reconheceu, à semelhança aliás de outros seus contemporâneos¹⁰⁵:

às reacções de índole teórica ou técnica contra a reforma juntaram-se reacções estéticas ou artísticas, sendo que estas, associadas também a questões ideológicas e políticas, se prolongaram muito para além das primeiras.

(Gonçalves: 2003, p. 774)

¹⁰⁴ Relatório publicado no *Diário do Governo*, n.º 213, de 12 de setembro de 1911 *apud* Castro; Duarte; Leiria: 1987, p. 152.

¹⁰⁵ Vd. Vasconcelos (197-, p. 122): «Reaccionários rombos avessos a todo e qualquer progresso, aos quais as quarenta e tantas regras mostraram, pela primeira vez, quantas e quais são as dificuldades da ortografia nacional, entendem que fômos nós que as inventamos, baralhando e complicando tudo. Constou mesmo que esses descontentes iam angariar assinaturas afim de reclamar a revogação da portaria de 1 de Setembro».

De resto, o poeta bracarense deixou-nos explícitas e sem margem para dúvida numerosas declarações de guerra à ortografia tendencialmente sónica, que considerava, a vários títulos, «ridícula» (BPMP, M-AF-1184(1)) e «tôla, porque as palavras não representam sons: são desenhos convencionaes que representam cousas ou ideias» (BPMP, M-AF-1169(8)).

Esta manifesta hostilidade contra a «estúpida reforma orthographica» (BPMP, M-AF-1180(1)), que abundantemente surpreendemos, de modo mais ou menos informal, na correspondência do poeta¹⁰⁶, acabaria mesmo por dar origem a um artigo publicado em nota final ao livro *Echos do Passado*, onde o poeta expõe algumas das suas ideias filológicas (vol. IV, t. I, n.º 735).

Pela sua importância, convém fazer, antes de mais, um rápido confronto entre essas posições e o Relatório que está na base da Reforma¹⁰⁷:

Bases da Reforma	João Penha
<ul style="list-style-type: none"> • Preceitua-se a eliminação das consoantes geminadas <cc>, <dd>, <ff>, <gg>, <ll>, <pp>, <tt>: <p>E.g. <i>acordei, sucede, budistas, ofendida, agrava, sugerido, vale, comovem, inocente, trapista, atentamente.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conserva todas as consoantes geminadas: <p>E.g. <i>accordei, succede, buddhistas, offendida, aggrava, suggerido, valle, commovem, innocente, trappista, attentamente, decorrer, assim.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Conservam-se apenas <rr>, <ss>, <mm> e <nn> mediais, quando impliquem uma diferença na pronúncia: <p>E.g. <i>carro, cassa, emmalar, ennovelar.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reprova a aversão dos sónicos às letras dobradas: «Os romanos, diz Jeronymo Soares Barbosa, na sua excellente <i>Grammatica Philosophica</i>, dobravam certas consoantes porque as pronunciavam ambas, e a prova disto era ficar a vogal antecedente sempre longa por posição. Nós dobramol-as, umas, não por essa razão, mas porque derivam das latinas, outras, em muitas palavras compostas, em que entram preposições, cuja ultima letra se muda n'aquella por que começa a palavra a que serve de composição, e outras, finalmente, por uso e costume» (vol. IV, t. I, n.º 735, ll. 57-65).

¹⁰⁶ Vd. e.g. carta de João Penha enviada a 13-VI-1912 para o diretor da revista *Limiana*: «que se respeite absolutamente a minha orthographia, porque uma tal que por ahí anda, como official, a abomino, por grotesca, quanto ao aspecto, e idiota quanto aos seus fundamentos» (*Almanaque Ilustrado de "O Comercio do Lima"*, ano VI, 1924, p. 140).

¹⁰⁷ Relatório publicado no *Diário do Governo*, n.º 213, de 12 de setembro de 1911 *apud* Castro; Duarte; Leiria: 1987, pp. 152-162.

Bases da Reforma	João Penha
<ul style="list-style-type: none"> • Determina-se a supressão das consoantes mudas etimológicas <g> (nos dígrafos <gm>, <gn>), <c> e <p> (nos dígrafos <ct>, <pt>, <pç> e <cç>): E.g. <i>aumentar, assinar, restrito, escrito</i>. • Mantêm-se apenas os casos em que essas consoantes influenciam o valor das vogais átonas precedentes (e.g. <i>acção, excepção</i>), bem como as tónicas, nos vocábulos aparentados (e.g. <i>tracto, directo, excepto, opto</i>). • Preceitua-se a eliminação da <i>falsa</i> consoante etimológica <m>, por só modernamente (com influência francesa) ter sido introduzida no Português: E.g. <i>dano, solene</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conserva todas as consoantes etimológicas nos grupos consonânticos mediais: E.g. <i>augmentar, assignar, restricto, escripto, acção, excepção, extracto, adopta, damno, solemne</i>. • Mantém a consoante etimológica <m>: E.g. <i>alumnos</i>. • Admite que «a supressão de certas consoantes, que realmente se não pronunciam, como <i>lucto, auctor</i>, poderia [...] tolerar-se, [...] embora assente no principio falso de que a orthographia é filha [...] da orthoépia».
<ul style="list-style-type: none"> • Determina-se a substituição de <rh>, <th>, <ph>, <ch> por <r>, <t>, <f>, <c> ou <qu>: E.g. <i>reumatismo, tesouro, safira, patriarcha, quimera, Raquel</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conserva todo o emprego de <h> sem valor fonético, incluindo a representação das oclusivas velares por <ch> e da fricativa labiodental surda pelo dígrafo helenizante <ph>: E.g. <i>rheumatismo thesouro, saphira, patriarcha, chimera, Rachel, incoherente, herva</i>. • Condena as extravagâncias ortográficas que resultaram da confusão gerada pela Reforma, sobretudo o aspeto risível de algumas grafias ostentadas pelos seus contemporâneos. Dá como exemplo a palavra <i>ómem</i>.
<ul style="list-style-type: none"> • Mantém-se a distinção gráfica entre <z> e <s> mediais, na representação das fricativas alveolares: E.g. <i>cozer, coser; preso, prezo</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Mantém a distinção gráfica entre <z> e <s> mediais, na representação das fricativas alveolares: E.g. <i>preso, desprezando, coser, coze</i>. • Denuncia a generalizada substituição do <z> por <s>, que resultou da confusão gerada pela Reforma: «Assim, já quasi se não vê senão [...] <i>rasão</i>, que nunca escriptor algum nosso escreveu <i>senão razão</i>, e <i>realisar, baptisar, pisar</i>, etc. quando é certo que, entre nós, não ha <i>s</i> intervocálico nos infinitos dos verbos, regra que só tem excepção naquelles que, pela sua derivação, não devam ter o <i>z</i>, como <i>analysar, casar</i>».

Bases da Reforma	João Penha
<ul style="list-style-type: none"> • Na representação da fricativa palatal surda, conservam-se as grafias históricas <ch, x>. <p>Pela mesma razão, mantêm-se <-s, -z> para a fricativa palatalizada em final de sílaba:</p> <p>E.g. <i>mas, bosques, infeliz</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Na representação da fricativa palatal em fim de sílaba, condena a equívoca substituição do <z> por <s>: <p>«já quasi se não vê senão <i>pais, português, francês, inglês</i>, com carapuça, como se um escriptor fosse mestre-escola que devesse estar a ensinar a pronuncia aos seus leitores».</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Na representação da vogal oral fechada anterior, preceitua-se a substituição de <y> por <i>: <p>E.g.: <i>tipo, lira, asilo, analisar, júri</i>.</p> <p>E.g.: <i>abismo, cristalina, Sílvia, mistérios, sistema</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mantém a representação oscilante da vogal oral fechada anterior por <y> ou <i>: <p>E.g. <i>typo, lyra, asylo, analysar, jury; animado, briza</i>.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Condena «o empregar-se, sempre, o i em palavras em que ha o y grego [...]». Essa substituição não é indiferente: o y grego é longo, e a vogal antes de duas consoantes longa é, segundo as prosodias grega e latina»: <p>E.g. <i>abysmo, crystalina, Sylvia, mysterios, systema</i>.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Nos ditongos orais decrescentes, determina-se a representação da semivogal anterior através de <i>: <p>E.g. <i>vai, rouxinóis, conclui, Moisés</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Em ditongos orais decrescentes, mantém uma representação oscilante da semivogal anterior, através de <e> ou <y>: <p>E.g. <i>vae, rouxinoes, conclue, Moysés</i>.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Nos ditongos orais decrescentes, preceitua-se a representação da semivogal posterior através de <u>: <p>E.g. <i>meu, Dirceu</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Em ditongos orais decrescentes, mantém uma representação oscilante da semivogal posterior, através de <u> ou <o>: <p>E.g. <i>meu, Dirceo</i>.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Circunscrive-se a representação dos ditongos nasais às grafias <i>ãe, òe, em, ens, ão, am</i>. • Em palavras polissilábicas, o ditongo <em, ens> passa a receber acento circunflexo: <p>E.g. <i>porêm, margêns</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mantém as grafias discordantes: <p>E.g. <i>joven</i>.</p> <p>E.g. <i>porem, margens</i>.</p>

Bases da Reforma	João Penha
<ul style="list-style-type: none"> Recomenda-se a distinção de palavras homógrafas, através do acento circunflexo (nas vogais fechadas), com a correspondente omissão do acento agudo (em <e> e <o> abertos): <p>E.g. <i>almôço</i> / <i>almoço</i>, <i>entêrro</i>/ <i>enterro</i>, <i>sêde</i>/ <i>sede</i>, <i>pêlo</i>/ <i>pelo</i>, <i>rôgo</i> / <i>rogo</i>, <i>rêgo</i> / <i>rego</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Não segue esta recomendação de forma sistemática.
<ul style="list-style-type: none"> Recomenda-se a distinção de palavras homógrafas, através do acento agudo nas tônicas (<i>pára</i>/ <i>para</i>), e de acento grave nas sílabas pretônicas (<i>àquela</i>/ <i>aquela</i>, <i>prêgar</i>/ <i>pregar</i>). De modo análogo, também a 1.^a pessoa do plural do pretérito perfeito dos verbos da 1.^a conjugação passa a ser acentuada, para se distinguir do presente do indicativo: <p>E.g. <i>louvâmos</i>/ <i>louvamos</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Não segue estas recomendações de forma sistemática: <p>E.g. <i>pára</i> / <i>para</i>.</p> <p>E.g. <i>chegamos</i> (1.^a pessoa do plural do pretérito perfeito)</p>
<ul style="list-style-type: none"> Adota-se o acento circunflexo para assinalar o fechamento da vogal <a>, antes de consoante nasal: <p>E.g. <i>ânsia</i>, <i>ânimo</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Ignora esta recomendação: <p>E.g. <i>ancia</i>, <i>animo</i>.</p>
<ul style="list-style-type: none"> Determina-se a contração de alguns pronomes e advérbios com preposições: <p>E.g. <i>dêle</i>, <i>nêle</i>, <i>nesta</i>, <i>daqui</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Conserva a elisão através do apóstrofo, antes de nome próprio ou substantivo comum, e entre preposição e artigos ou pronomes: <p>E.g. <i>d'amor</i>, <i>d'Eva</i>, <i>minh'alma</i>, <i>n'alma</i>.</p> <p>E.g. <i>d'elle</i>, <i>n'êlle</i>, <i>n'êsta</i>, <i>d'aqui</i>, <i>d'um</i>, <i>d'outro</i>, <i>d'estes</i>.</p>
<ul style="list-style-type: none"> Preceitua-se o emprego do hífen, nas formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo <i>haver</i> unidas à preposição <i>de</i>: <p>E.g. <i>hei-de</i>, <i>hás-de</i>, <i>há-de</i>, <i>hão-de</i>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Ignora o emprego do hífen nas formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo <i>haver</i> unidas à preposição <i>de</i>: <p>E.g. <i>hei de</i>, <i>has de</i>, <i>ha de</i>, <i>hão de</i>.</p>
<ul style="list-style-type: none"> Recomenda-se o emprego dos pontos de interrogação e exclamação invertidos, no começo das orações (seguindo o modelo espanhol). 	<ul style="list-style-type: none"> Adota esta recomendação apenas em casos pontuais.

Da leitura integral do texto, conclui-se pois que João Penha refutava não apenas as normas introduzidas pela Reforma, mas sobretudo os vários equívocos e perturbações que se seguiram à entrada em vigor do edital, «resultando dahi o ficarem as cousas num estado peor que o anterior»:

d'aquella iniciativa, aliás, sob diversos aspectos benefica, de Candido de Figueiredo, resultou que diversos escriptores, que, manifestamente se não quizeram dar ao trabalho de profundar as ideas d'aquelle sabio philólogo, passaram a exhibir em seus escriptos phantasias orthographicas, em que, e em todo o caso, predominava o horror ao z, ás letras dobradas, e aos sete caracteres de origem grega.

(vol. IV, t. I, n.º 735, ll. 136-142)

Curiosamente, este que é um dos principais argumentos usados pelo poeta acaba invertendo-se numa reedição atual da sua Obra, na medida em que o poeta evoca o fator estranhamento provocado pela ortografia moderna para defender a manutenção da grafia etimológica. Aquilo a que o autor se mostra mais sensível é pois que «se lhes não altere o aspecto artistico, transformando-o numa cousa grotesca, que faça rir, e que, por vezes represente um enyigma para o vulgar dos leitores, que estejam costumados á orthographia antiga» (vol. IV, t. I, n.º 735, ll. 59-62). Transpostas estas declarações para a atualidade, atrevemo-nos portanto a deduzir que João Penha poderia até concordar com uma adaptação dos seus textos àquilo que hoje é percebido como a natural grafia usada em textos eruditos. De resto, é ainda o próprio escritor quem admite, no mesmo artigo, que a grafia convencional de uma língua é fixada «por accôrdo geral», podendo ser alterada «por outro accôrdo, tambem geral e secular, devido a circumstancias, por assim dizer, de ordem publica» (vol. IV, t. I, n.º 735, ll. 123-125).

O certo porém é que, perante a transitoriedade da sincronia linguística que atravessamos hoje, devido à recente entrada em vigor do igualmente polémico Acordo Ortográfico de 1990¹⁰⁸, os zelos de João Penha acabam mais legitimados e atuais do que nunca, pelo que ninguém de boa fé poderá ignorar um direito, que assiste ao autor, de fazer preservar a ortografia escolhida para os seus textos, de acordo com aquilo que eram as suas convicções e ideias linguísticas. Tanto mais que a declaração dos princípios ortográficos de Penha abria com este categórico e deveras esclarecedor parágrafo:

A propriedade litterária, comprehende não só as ideas d'aquelle que produziu a obra, mas tambem, e principalmente, a fôrma de que as revestiu. Os textos, comprehendendo essas duas cousas, são propriedade absoluta do autor, e, em vida d'elle, e de seus successores, a ninguem é lícito fazer-lhes qualquer alteração. A modificação, portanto, da orthographia

¹⁰⁸ O Acordo Ortográfico de 1990 vigora em Portugal desde 13 de maio de 2009, quando se fez o depósito do instrumento de ratificação do Segundo Protocolo Modificativo (aprovado pela Resolução da Assembleia da República n.º 35/2008 de 16 de maio de 2008). No entanto, o art. 2.º da Resolução prevê um período de transição de 6 anos, durante o qual os falantes poderão optar entre a nova ortografia ou a anterior, fixada pelo Acordo Ortográfico de 1945 (com alteração de 1973).

que um autor adoptou para os seus escriptos, modificação feita sem sua autorisação, embora autorizada ou ordenada por decretos ou leis, importaria realmente uma offensa aos legitimos direitos de propriedade litteraria, e poderia até dar origem a acções de restituição e de indemnização de perdas e damnos: de restituição á sua orthographia; e de indemnização, pelo descrédito que poderia advir ao autor, por lhe ter sido attribuida uma orthographia, que não julgasse própria de um verdadeiro philólogo.

(vol. IV, t. I, n.º 735, ll. 14-26)

Em face do evidente antagonismo às reformas ortográficas em curso, e dado que os livros publicados em vida e sob controlo do autor adotaram um sistema que, a partir de certa altura, passou a divergir do que vigorava na época, julgamos portanto não ter legitimidade para, numa edição crítica, modernizar o que o poeta deixou escrito à maneira «dos bons tempos antigos» (vol. IV, t. I, n.º 735, l. 191). Parece-nos pois incontornável o dever de respeitar a vontade expressa do autor, indiretamente reconhecida aliás pelo próprio Cândido de Figueiredo, um dos principais impulsionadores da Reforma Ortográfica de 1911 e acérrimo defensor da atualização de obras oitocentistas:

o autor falecido tinha o direito de ortografar como queria ou entendia, e o seu direito transmitiu-se certamente a quem o ficou representando, – a família, os editores ou o Estado. E, assim, uma de duas: ou a família mantém o direito das reedições pelo prazo legal, e pode conservar, ou deixar de conservar, a grafia do autor, até porque ninguém poderá afirmar que o autor, se hoje fôsse vivo, não alteraria os seus processos gráficos, pois é corrente que muitos escritores do nosso tempo, tendo sempre seguido os processos que lhe apraziam, seguem hoje e praticam a ortografia oficial; ou os editores adquiriram o direito das reedições, e êsse direito não pode ser restringido pelas práticas que o autor seguia, e que bem pode ser que hoje não seguisse.

(Figueiredo: 1947, p. 188)

Naturalmente que o problema não reúne consenso alargado, e se, ao nível estritamente legal, o cumprimento dos direitos de autor está circunscrito a um prazo limitado¹⁰⁹, não é menos verdade que, do ponto de vista teórico, seria também pos-

¹⁰⁹ Entre as disposições legais que regem a ortografia própria de um escritor, poderá incluir-se o art. VI da Convenção de Berna: «1. Independentemente dos direitos patrimoniais do autor, e mesmo depois da cessação dos citados direitos, o autor conserva o direito de reivindicar a paternidade da obra e de se opor a toda a deformação, mutilação ou outra modificação dessa obra, ou a qualquer dano à mesma obra, prejudiciais à sua honra ou à sua reputação. | 2. Os direitos reconhecidos ao autor por força do parágrafo 1) antecedente mantêm-se, depois de sua morte, pelo menos até à extinção dos direitos patrimoniais e são exercidos pelas pessoas físicas ou jurídicas a que a citada legislação reconhece qualidade para isso». Cumulativamente, também as directivas europeias no âmbito dos direitos de autor (93/98/

sível legitimar diferentes procedimentos com a argumentação divergente que, sobre o assunto, foi sendo desenvolvida por vários teorizadores da crítica textual.

No entanto, como bem notaram Joaquim Mendes e João Dionísio (1988, pp. 195-196), a propósito da edição pessoana, a atitude mais sensata, neste caso, deverá passar pela edição dos textos tal como o autor desejou que fossem lidos, mesmo que dificilmente possamos falar de um sistema uniforme. É que tanto Pessoa como Penha são os primeiros a entrar em contradição com os seus próprios critérios ortográficos, denunciando algumas das hesitações que desde sempre caracterizaram sincronias linguisticamente instáveis¹¹⁰.

Diante disto, impõe-se talvez a recomendação já adotada pelos responsáveis da Equipa Pessoa:

que o editor não siga a via da uniformização ortográfica, mesmo que ela seja levada sob o signo do pendor etimológico [...]. Evitando quer o respeito cego por uma determinada estratégia quer um pragmatismo deslocado, parece aconselhável que o editor adopte um texto-base do qual fará uma leitura diplomática, modificando-o de acordo com eventuais correções [... do autor], se ele as produziu, noutros lugares.

(Mendes; Dionísio: 1988, p. 196)

No essencial portanto, a nossa edição não diferirá muito deste modelo, pois mesmo que haja variantes entre diversos testemunhos, a transcrição manter-se-á colada a cada um, preservando a respetiva ortografia e pontuação.

Normalizaremos a grafia apenas nos seguintes casos:

- alinhamento dos títulos (centrado) e dedicatórias (à direita);
- emprego de maiúsculas nos títulos e minúsculas nos subtítulos;
- uso de aspas angulares.

EEC e 2006/116/EC) vieram fixar as prerrogativas morais (incluindo o respeito pela integridade dos textos), por um período de 70 anos, após a morte do autor.

¹¹⁰ Em João Penha, verificam-se hesitações flagrantes ao nível, por exemplo, dos acentos e da representação das fricativas alveolares.

BIBLIOGRAFIA

PRINCIPAIS SIGLAS

ADB	Arquivo Distrital de Braga
LNB/ESM	Liceu Nacional de Braga / Escola Secundária Sá de Miranda
AUC	Arquivo da Universidade de Coimbra
BGUC	Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
BNP	Biblioteca Nacional de Portugal
BNMV	Biblioteca Nazionale Marciana di Venezia
BPB	Biblioteca Pública de Braga
BMC	Biblioteca Municipal de Coimbra
BPMP	Biblioteca Pública Municipal do Porto
CRCB	Conservatória do Registo Civil de Braga
CRP	Coleção Emílio Ricon Peres, privado
FMS	Fundação Mário Soares, Lisboa
MJD	Museu João de Deus, Lisboa

I. LEGISLAÇÃO

- «Convenção de Berna para a Protecção das Obras Literárias e Artísticas» (Revisão de Paris, de 1971).
<http://www.cultura.gov.br/site/wpcontent/uploads/2008/02/cv_berna.pdf> [3 de março de 2009]
- «Directiva 93/98/CEE do Conselho de 29 de Outubro de 1993 relativa à harmonização do prazo de protecção dos direitos de autor e de certos direitos conexos» in *Official Journal of the European Communities*, L 290, 24/11/1993.
<<http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:31993L0098:PT:HTML>>
[3 de março de 2009]
- «Directiva 2006/116/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 12 de Dezembro de 2006, relativa ao prazo de protecção do direito de autor e de certos direitos conexos» in *Official Journal of the European Union*, L 372, 27/12/2006.
<<http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2006:372:0012:0018:PT:PDF>>
[3 de março de 2009]
- «Resolução da Assembleia da República n.º 35/2008» in *Diário da República*, 1.ª série, n.º 145 (29 de julho de 2008), pp. 4802-4803.
<<http://dre.pt/pdf1sdip/2008/07/14500/0480204803.pdf>> [12 de junho de 2009]
- «Aviso n.º 255/2010 do Ministério dos Negócios Estrangeiros» in *Diário da República*, 1.ª série, n.º 182 (17 de setembro de 2010), p. 4116.
<<http://www.dre.pt/pdf1s%5C2010%5C09%5C18200%5C0411604116.pdf>> [20 janeiro de 2011]

II. DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

ADB, Arquivo Administrativo, livro 77, ano 1934, ofícios n.º 5.º – 7, 9, 10, 17 – expedientes relativos à compra do espólio literário de João Penha.

ADB, Registo Paroquial, concelho de Braga, freguesia S. João do Souto, Livro dos Nascimentos n.º 11, anos 1808-1839 (lv. 150) – registo de batismo de João d'Oliveira Penha Fortuna.

ADB, Registo Paroquial, concelho de Braga, freguesia S. João do Souto, Livro de Óbitos n.º 9, anos 1878-1881 – registos de óbito de José Joaquim Penha Fortuna e de Maria José Penha Fortuna.

ADB, Registo Paroquial, concelho de Braga, freguesia S. Vítor, Livro Misto n.º 11 – registo de óbito de Manuel Joaquim Penha Fortuna.

AUC, IV-1ªD-15-1-37, Universidade de Coimbra, Livros de Habilitação / Exame em Ciências Positivas e Ciências Naturais (1866) – petição de exame de habilitação de João d'Oliveira Penha Fortuna, a 18 de setembro de 1866, e respetivas certidões anexas.

AUC, IV-2ªE-2-2-15, Universidade de Coimbra, Petições de Matrícula / Inscrição na Faculdade de Teologia (1866-1867) – petição de matrícula em Teologia, de João d'Oliveira Penha Fortuna, a 15 de outubro de 1866.

AUC, IV-1ªD-10-3-57, Universidade de Coimbra, Petições de Matrícula / Inscrição na Faculdade de Direito (1866-1868) – petição de matrícula em Direito, de João d'Oliveira Penha Fortuna, a 12 de outubro de 1867, e respetivas certidões anexas.

AUC, IV-1ªD-3-1-6, Universidade de Coimbra, Livros de Informações Finais, vol. 6 (1865-1887), f. 67v-68r – informações finais de João d'Oliveira Penha Fortuna, no ano letivo 1872-1873.

AUC, IV-1ªD-3-4-40, Universidade de Coimbra, Livros de Actos e Graus, vol. 26 (1872-1873), f. 181 – registo de formatura em Direito, de João d'Oliveira Penha Fortuna, a 14 de julho de 1873.

LNB/ESM, Livro I dos Exames d'Instrução Primária, para Habilitação dos Alunos do Lyceu Nacional de Braga (1849-1857), f. 156 – registo de exame de instrução primária de João d'Oliveira Penha Fortuna (a 20 de outubro de 1856).

LNB/ESM, Livro IV de Matrículas para Exames de Estranhos do Liceu Nacional de Braga (1861-1968), ff. 50v-51r, 75v-76r e 159v, – matrícula de João d'Oliveira Penha Fortuna nos exames de: Matemática (a 28 de julho de 1862); Física e Química e Introdução à História Natural (a 28 de julho de 1863); Filosofia Racional e Moral e Princípios de Direito Natural (a 12 de junho de 1866); Geografia, Cronologia e História (a 12 de junho de 1866); Oratória, Poética e Literatura Clássica (a 12 de junho de 1866).

LNB/ESM , Livro III dos Exames d'Instrução Secundária do Lyceu Nacional de Braga (1861-1865), ff. 71, 132 – registos de exame em Matemática (a 29 de setembro de 1862) e em Física e Química e Introdução à História Natural (a 29 de julho de 1863), de João d'Oliveira Penha Fortuna.

LNB/ESM , Livro IV dos Exames d'Instrução Secundária do Lyceu Nacional de Braga (1856-1870), ff. 46, 58, 64 – registos de exame em Filosofia Racional e Moral e Princípios de Direito Natural; Geografia, Cronologia e História; Oratória, Poética e Literatura Clássica, de João d'Oliveira Penha Fortuna (julho de 1866).

CRCB, Registo Civil, livro I, maço 4, registo n.º 279, fl. 140 – registo de óbito de João d'Oliveira Penha Fortuna.

CRCB, Registo Civil, livro II, registo n.º 206, fl. 46 – registo de casamento de Zulmira da Costa Ferreira de Melo Freire de Andrade e António Belo de Matos Antunes.

Relação e Índice Alfabético dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra e no Lyceu, Coimbra: Imprensa da Universidade, anos letivos 1853-54, 1854-55, 1855-56, 1857-58, 1858-59.
<<http://bdigital.sib.uc.pt/republica/UCBG-RP-15-2/rosto.html>> [29 de agosto de 2012]

Anuario da Universidade de Coimbra, Coimbra: Imprensa da Universidade, anos letivos 1866-67, 1867-68, 1868-69, 1869-70, 1870-71, 1871-72, 1872-73.
<<http://bdigital.sib.uc.pt/republica/UCBG-8-118-1-3/rosto.html>> [29 de agosto de 2012]

Diário da Câmara dos Deputados, sessão n.º 23 (Presidência de Alfredo Ernesto de Sá Cardoso), 26 de janeiro de 1917, pp. 16-17.
<<http://debates.parlamento.pt>> [31 de agosto de 2012]

Correio do Minho (dir. Alvaro Pipa), Braga: [s.n.], ano VIII, n.º 2350 (28 de fevereiro de 1934), p. 2. (Ata da reunião da Junta Geral do Distrito de Braga, relativa à compra do espólio de João Penha).

Correio do Minho (dir. Alvaro Pipa), Braga: [s.n.], ano VIII, n.º 2362 (14 de março de 1934), p. 2. (Ata da reunião da Junta Geral do Distrito de Braga, comunicando o agradecimento do diretor da Biblioteca Pública pela compra do espólio de João Penha)

III. FONTES MANUSCRITAS DE JOÃO PENHA

3.1. MANUSCRITOS LITERÁRIOS:

- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 536.
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 537.
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 538.
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 539.
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 540.
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 541.
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 542.
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 543.
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 544.
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 545.
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559 ^{maço 3}, 1-4.
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 563 ^{maço 7}, p. 4.
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565 ^{maço 35}.
BNP, Espólio do Conde de Arnoso, E32/2730.
BNMV, Espólio de Joaquim de Araújo, Ms. 12242, p. III.
BNMV, Espólio de Joaquim de Araújo, Ms. 12242, p. I-II.
BNMV, Espólio de Joaquim de Araújo, Ms. 12242, p. IV-V.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1132(1).
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1133.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1135.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1136(1).
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1137.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1138.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1139.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1140.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1146.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1147.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1148.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1149.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1150.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1151.

BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1152.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1153.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1156.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1163(2).
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1167.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1176.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1183.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1190.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1201.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4198.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4199.
BPMP, Coleção Alberto de Serpa, M-SER-914.
BPMP, Ms. 2012.
MJD, Espólio de Teixeira de Queirós, maço 30, carta de 15-X-1915.

3.2. OUTROS MANUSCRITOS DE INTERESSE CRÍTICO-GENÉTICO:

BPMP, Ms. 2008, “Promptuario de Rimas e de Cousas para Uso do Seu Autor”.
BPMP, Ms. 2009, “Promptuario de Rimas”.
BPMP, Ms. 2010, “Promptuario de Rimas”.
BPMP, Ms. 2011, “Livro de Notas”.
BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1155, tradução pelo punho de João Penha da
revisão à *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, originalmente publicada na *Revista Critica
de Historia y Literatura*.

3.3. CORRESPONDÊNCIA:

ADB, Espólio de Alberto de Madureira, Ms. 546, ^{maço 12} [52 cartas de João Penha para Alberto de
Madureira]
ADB, Espólio de Alberto de Madureira, Ms. 563, ^{maço 3} [2 cartas de João Penha para Eça de Queirós
e Gustavo de Lima Brandão]
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 563, ^{maço 3} [carta de Antero de Quental para João Penha]
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 546, ^{maço 2} [23 cartas e 2 cartões de Gonçalves Crespo para João
Penha]
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 546, ^{maço 4} [6 cartas, 1 bilhete postal e 1 telegrama de Guerra
Junqueiro para João Penha]
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 546, ^{maço 5} [10 cartas e 3 bilhetes postais de Cândido de Figuei-
redo para João Penha]
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 546, ^{maço 7} [18 cartas e 1 bilhete postal de Simões Dias para João Penha]
ADB, Espólio de João Penha, Ms. 546, ^{maço 8} [carta de Simões Dias para Joaquim de Araújo, sobre
João Penha, *A Folha e A Harpa*]

- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 546, ^{maço 9} [60 cartas e 12 bilhetes postais de Joaquim de Araújo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 546, ^{maço 10} [carta de Alberto de Madureira para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 546, ^{maço 13} [cartão de Camilo Castelo Branco para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 547, ^{maços 1 e 2} [7 cartas de Trindade Coelho para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 547, ^{maço 3} [10 cartas, 13 bilhetes postais e 1 cartão de Bernardino Machado para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 547, ^{maço 5} [3 cartas de Manuel Duarte de Almeida para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 547, ^{maço 6} [16 cartas de Manuel Sardenha para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 547, ^{maço 7} [10 cartas de Cabrita e Silva para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 547, ^{maço 8} [6 cartas de Luís de Andrade para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 547, ^{maço 9} [11 cartas de Teixeira de Queirós para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 547, ^{maço 10} [carta de Teixeira de Queirós para Alberto de Madureira, referindo-se a João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 548, ^{maço 1} [10 cartas e 1 bilhete postal de Alberto Pimentel para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 548, ^{maço 2} [4 cartas de Sousa Viterbo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 548, ^{maço 3} [6 cartas de Alberto Teles para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 548, ^{maço 4} [3 cartas de Bulhão Pato para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 548, ^{maço 5} [4 cartas de Cunha Viana para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 548, ^{maço 6} [3 cartas de Júlio Dantas para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 548, ^{maço 7} [carta de Alexandre da Conceição para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 548, ^{maço 8} [4 cartas, 1 bilhete postal e 1 cartão de Sebastião de Carvalho para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 548, ^{maço 8} [4 cartas, 1 bilhete postal e 1 cartão de Sebastião de Carvalho para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 548, ^{maço 9} [carta de Braulio Caldas para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 548, ^{maço 10} [14 cartas e 2 bilhetes postais de Albino Forjaz de Sampaio para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 549 [33 cartas do Conde de Arnoso para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 550 [78 cartas de Antero de Figueiredo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 551 [cartas de Antero de Figueiredo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 552 [26 cartas e 1 cartão do Conde de Valenças para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 553, ^{maço 1} [46 cartas, 4 bilhetes postais e 1 cartão de Dias Freitas para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 553, ^{maço 2} [6 cartas de Aurora Beatriz Dias Freitas para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 554, ^{maço 1} [43 cartas, 1 bilhete postal e 6 cartões de Alberto de Madureira para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 554, ^{maço 2} [2 cartas de Oliveira Guimarães para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 555, ^{maço 1} [74 cartas, 14 bilhetes postais e 1 cartão de Luís da Silva para João Penha]

- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 555, ^{maço 2} [1 cartão de Alfredo de Mesquita para Luís da Silva, sobre João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 555, ^{maço 3} [carta de Antonio Padula para Luís da Silva, sobre a homenagem a João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 553, ^{maço 4} [carta de Ribeiro de Carvalho para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 556, ^{maço 1} [carta de Ribeiro da Costa para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 556, ^{maço 2} [2 cartas de Alves Mateus para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 556, ^{maço 3} [9 cartas, 1 bilhete postal e 1 cartão de Cerqueira Veloso para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 556, ^{maço 4} [10 cartas, 3 bilhetes postais e 2 cartões de Albano Belino para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 556, ^{maço 5} [carta de Albano Belino para Luís da Silva, sobre João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 556, ^{maço 6} [4 cartas e 2 bilhetes postais do Visconde de Castelões para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 556, ^{maço 7} [15 cartas de Queirós Ribeiro para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 557, ^{maço 1} [6 cartas de Alberto Braga para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 557, ^{maço 2} [3 cartas de Diniz Ferreira para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 557, ^{maço 3} [6 cartas de António Cabral para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 557, ^{maço 4} [1 carta e 1 cartão de Miranda Cabral para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 557, ^{maço 6} [11 cartas de Júlio Lobato para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 557, ^{maço 7} [4 cartas e 3 bilhete postal de Faria Machado para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 557, ^{maço 8} [5 cartas, 1 bilhete postal e 4 cartões de Nogueira Souto para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 557, ^{maço 9} [6 cartas de Carlos José de Oliveira para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 557, ^{maço 10} [1 carta, 2 bilhetes postais e 3 cartões de Júlio de Lemos para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 557, ^{maço 11} [8 cartas e 1 bilhete postal de Acácio Rosa para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, ^{maço 1} [2 cartas de José de Sousa Machado para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, ^{maço 2} [3 cartas de Álvaro Ferreira Pipa para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, ^{maço 3} [2 cartas de Soares de Azevedo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, ^{maço 4} [2 cartas de Marçal de Azevedo Pinheiro para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, ^{maço 5} [2 cartas de Hintze Ribeiro para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, ^{maço 6} [3 cartas de Sérgio de Castro para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, ^{maço 7} [carta de F. M. Gelormini para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, ^{maço 8} [7 cartas e 3 bilhetes postais de Antonio Padula para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, ^{maço 9} [5 cartas dos editores Avelino Fernandes para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, ^{maço 10} [2 cartas de Eurico Seabra para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, ^{maço 11} [8 cartas de Rodrigues Monteiro para João Penha]

- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, maço 12 [2 cartas de Alberto Bramão para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, maço 13 [2 cartas de Paulo Osório para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 558, maço 14 [2 cartas de José de Lima Brandão para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 1 [carta de Júlio de Vilhena para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 2 [1 carta e 1 bilhete postal do Visconde de Sanches de Frias para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 3 [carta de Vitoriano Peres Furtado Galvão para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 4 [2 cartas de António Augusto Gonçalves para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 2 [1 carta e 1 bilhete postal do Visconde de Sanches de Frias para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 5 [1 carta e 1 cartão de Gomes Leal para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 6 [1 carta de Urbano Loureiro para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 7 [1 carta do Visconde de Pindela para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 8 [3 cartas de Costa Rebelo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 9 [1 carta de Mariano de Pina para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 10 [3 cartas de José da Arruela para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 11 [4 cartas de José Sarmento para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 12 [carta de Augusto Sarmento para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 13 [10 cartas de João Avelino Soares da Silva para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 14 [3 cartas de Eduardo Moreira para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 15 [1 carta e 2 bilhetes postais de Júlio de Rosiers para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 15 [1 carta e 2 bilhetes postais de Júlio de Rosiers para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 16 [7 cartas de Ferreira da Cunha para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 17 [4 cartas, 3 bilhetes postais e 1 cartão de Oliveira Passos para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 18 [carta de João Franco para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 19 [carta de Oscar Pratt para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 20 [2 cartas de Abílio Camões para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 559, maço 21 [1 carta e 1 bilhete postal de Henrique Lopes de Mendonça para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, maço 1 [carta de Alves da Veiga para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, maço 2 [carta de António Feijó para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, maço 3 [2 cartas de Fernão Botto Machado para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, maço 4 [carta de Urbano de Castro para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, maço 5 [carta de Novais e Sousa para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, maço 6 [carta de Domingos de Castro para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, maço 7 [cartas de Pereira Guimarães para João Penha]

- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 8} [1 cartão de António Carvalho para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 9} [carta de Belarmino de Abreu para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 10} [1 bilhete postal de Antero Moreira para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 11} [1 bilhete postal de Alberto Bessa para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 12} [carta de J. Ferreira Santos para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 13} [2 cartas de Alfredo Guimarães para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 14} [carta de Oliveira Carvalho para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 15} [carta do Visconde da Torre para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 16} [carta de José Marianni para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 17} [4 cartas de Germano da Silva para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 18} [carta de António Mantas para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 19} [carta de Sousa Brandão para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 20} [3 cartas de Borges dAvelar para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 21} [carta de Carvalho dAzevedo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 22} [carta de J. Ferreira dos Santos para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 23} [1 carta e 1 bilhete postal de João de Paiva para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 25} [carta de Magalhães Lima para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 26} [carta do Visconde de Pindela para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 27} [4 cartas de Alfredo Campos para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 28} [carta de Eugénio de Castro para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 29} [carta de Emídio Navarro para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 30} [carta de Prospero Peragallo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 31} [carta de M. Azevedo Pacheco para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 32} [carta de José Correia Leite Barbosa Júnior para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 33} [carta de Guerreiro Lima para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 34} [2 cartas de David de Castro para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 35} [carta de J. Frederico Laranjo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 36} [carta de Vicente de Novais para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 37} [1 carta e 1 cartão de António Correia de Oliveira para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 38} [2 cartas de Nuno Matos Beja para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 39} [3 cartas de José Lencastre para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 40} [carta de Manuel Ferreira Porto para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 41} [carta de Armelim Júnior para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 42} [carta de Eugénio Julio Savard para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 43} [carta de José Gomes Cardoso para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 44} [2 cartas de Fram Paxeco, em nome do Presidente da República Bernardino Machado, para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 45} [carta de Hintze Ribeiro para João Penha]

- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 560, ^{maço 46} [carta de Francisco dos Santos Guimarães para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 1} [carta de Almeida Braga para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 2} [carta de José Silvestre Cardoso para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 3} [carta de Damião Pereira da Silva para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 4} [1 cartão de Artur Costa, em nome do Ministro das Finanças Afonso Costa, para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 5} [carta de A. José Pires Avelanoso para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 6} [2 cartas de António Cruz Teixeira para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 7} [carta de Ângelo Jorge para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 8} [carta de Joaquim Silveira e Artur Campos para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 9} [carta de Nuno Castelo Branco para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 10} [2 cartas de Gabriel Gouveia para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 11} [2 cartas de Pina Vidal, da Academia Real das Ciências, para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 12} [carta de Paul Pompei para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 13} [1 carta e 1 bilhete postal de Orlando Marçal para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 14} [carta de Gervásio Araújo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 15} [carta de Teófilo Carneiro para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 16} [carta de Vaz Ferreira para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 17} [1 carta e 1 bilhete postal de Göran Bjorkman para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 18} [carta de Silva Leal para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 19} [carta de Henrique Marinho para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 20} [carta de Bernardino Pacheco Alves Passos para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 21} [carta de Alfredo Brandão para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 22} [carta de Rodrigues Cordeiro para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 23} [3 cartas de Emídio de Oliveira para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 24} [carta de Alfredo Serrano para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 561, ^{maço 25} [55 cartas, cartões e bilhetes postais de diversos correspondentes para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 562, ^{maço 1} [9 cartas, 25 bilhetes postais e 11 cartões de E. Artur Castelo Branco para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 562, ^{maço 2} [2 cartas de José Fradique de Melo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 562, ^{maço 3} [1 carta e 1 cartão de Hipólito Vasconcelos Maia para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 562, ^{maço 5} [carta de Laurindo Costa para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 562, ^{maço 6} [2 cartas e 3 cartões do Pe. Francisco de Andrade Sequeira para João Penha]

- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 563, maço¹ [26 cartas, bilhetes postais e cartões de diversos correspondentes para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 563, maço² [7 cartas de Cristina Prelada para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 563, maço⁴ [3 cartas e 3 bilhetes postais de Zulmira de Melo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 563, maço⁵ [4 cartas de Maria Inácia de Faria Machado Robi para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 563, maço⁶ [5 cartas de Maria Laura de Magalhães Queirós para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 563, maço⁷ [5 cartas e 1 bilhete postal da Viscondessa do Paço de Nespereira para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 563, maço⁸ [2 cartas de Maria Amália Vaz de Carvalho para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 564, maço¹ [2 cartas de Rodrigues Monteiro para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 564, maço² [7 cartas de Bernardino Zagalo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 564, maço³ [3 cartas de Lopes Gonçalves para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 564, maço⁴ [2 cartas de José Maria de Alpoim para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 564, maço⁵ [3 cartas de Câmara Pestana para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 564, maço⁶ [9 cartas de Guilherme da Cunha Reis para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 564, maço⁷ [27 cartas de Guilherme da Cunha Reis para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 564, maço⁸ [carta de Leite de Macedo para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço¹ [11 cartas e 2 bilhetes postais dos armazéns Grandela & C.^a para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço² [7 cartas dos editores Tavares Cardoso & Irmão para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço³ [10 cartas do editor França Amado para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço⁴ [7 cartas do editor José de Sousa Lello para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço⁵ [4 cartas do editor Manuel Gomes para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço⁶ [3 cartas da Companhia Editora Portuguesa para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço⁷ [2 cartas da Livraria Editora Cruz & C.^a para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço⁸ [4 cartas de livreiros franceses para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço⁹ [carta do secretário geral da Association Littéraire Internationale para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço¹⁰ [carta do ministro António Azevedo Castelo Branco para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço¹¹ [2 cartas de A. Pacheco para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço¹² [carta de A. Pinto da Rocha para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço¹³ [carta de António Alves de Lemos para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço¹⁴ [2 cartas de Manuel Pinto de Sousa para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço¹⁵ [2 cartas de Delfim Monteiro Guimarães e Marques Guimarães para João Penha]

- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço¹⁶ [carta de António de Moraes Pinto para João Penha]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 565, maço³⁴ [3 cartões de visita de João Penha para seu primo José]
- ADB, Espólio de João Penha, Ms. 614 [52 cartas, 1 bilhete postal e 1 cartão de correspondentes diversos para João Penha]
- BNMV, Carteggio Araujo, Ms. 12242 [14 cartas e 3 poemas autógrafos de João Penha para Joaquim de Araújo]
- BNP, Espólio do Conde de Arnosso, Esp. 32 / 2719-2750 [32 cartas de João Penha para o Conde de Arnosso]
- BNP, Autógrafos Avulsos, Esp. A / 4333-4334 [2 cartas de João Penha para Bulhão Pato]
- BPMP, Coleção Alberto Correia, M-COR-I[32], M-COR-II[27], M-COR-III[60], M-COR-IV[83], M-COR-V[66], M-COR-IX[35], M-COR-X[71], M-COR-X[284] [8 cartas de João Penha para Joaquim de Araújo]
- BPMP, Coleção Alberto de Serpa, M-SER-915 [carta de João Penha para Lopes de Oliveira]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1131-1132; M-AF-1134; M-AF-1141-1145; M-AF-1154; M-AF-1156-1157; M-AF-1159-1165; M-AF-1168-1175; M-AF-1177-1182; M-AF-1184-1189; M-AF-1192-1193; M-AF-1195-1198; M-AF-1201 [246 cartas, bilhetes postais e cartões de João Penha para Antero de Figueiredo]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1158 [poema autógrafo de Guilherme Braga para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1194 (1-5) [5 cartas de João Penha Júnior para Antero de Figueiredo]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo M-AF-477 [carta de Antero de Quental para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1052-1057, M-AF-1061-1062, M-AF-1066 [correspondência de Guerra Junqueiro para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1191 [carta da Empresa Literária Fluminense Santos & Vieira para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1205, M-AF-1251, M-AF-2450-2451, M-AF-2453 [7 cartas de Gonçalves Crespo para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1207, M-AF-1535-1537, M-AF-1540 [correspondência de Albano Belino para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1208-1209 [6 cartas de Alberto Braga para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1210, M-AF-1501, M-AF-1560-1571 [correspondência de Alberto Madureira para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1211-1214, M-AF-1573-1582 [correspondência de Alberto Pimentel para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1216-1217 [correspondência de Alberto Teles para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1219, M-AF-3425-3433, M-AF-3439-3440 [correspondência de Simões Dias para João Penha; 18 espécies]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1220-1221 [2 cartas de Alexandre Conceição para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1223-1227 [correspondência de Alfredo Campos para João Penha]

- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1228 [carta de A. Sarmento para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1229 [carta de Amélia Janny para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1232 [carta de Aguilar e Vasconcelos para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1233, M-AF-2006-2020 [correspondência de Bernardino Machado para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1234, M-AF-2034-2041 [correspondência de Bulhão Pato para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1237, M-AF-2068-2087, M-AF-3626(20) [correspondência de Cândido de Figueiredo para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1244, M-AF-2164-2170 [correspondência do Conde de Valenças para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1245, M-AF-2248-2252 [correspondência de Dias Freitas para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1246 [carta de D. J. para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1247-1248, M-AF-2314-2316 [5 cartas de Ernesto Cabrita para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1250 [carta de G. A. para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1252 [2 cartas dos armazéns Grandela para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1254 [carta de A. J. para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1255-1259, M-AF-4401-4418, M-AF-4414 [correspondência de Joaquim de Araújo para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1260 [carta de José Eduardo d'Oliveira para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1261 [carta de José Ribeiro Cataluna para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1262 [carta de Joaquim Alves Mateus para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1264-1265, M-AF-4443-4445 [correspondência de Luís de Andrade para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1266-1267, M-AF-2965-2969 [correspondência de Luís da Silva para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1269 [carta de Manuel ? para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1271, M-AF-3012-3013, M-AF-3015-3020 [correspondência de Manuel Duarte de Almeida para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1272 [bilhete postal de José Duarte de Oliveira Júnior para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1275-1277, M-AF-3447-3449, M-AF-3451-3452 [correspondência de Sousa Viterbo para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1500 [carta de Abílio Maia para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1774-1775 [correspondência de Cândido de Figueiredo para João Penha]

- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1816-1818 [2 cartas e 1 cartão de visita de António de Portugal de Faria para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1819 [carta de A. M. da Fonseca para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1821 [1 bilhete postal de Antonio Padula para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1829 [carta de António Lopes dos Santos Valente para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1866 [carta de António Xavier Rodrigues Cordeiro para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-1880 [carta de Anselmo Braamcamp para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2021 [carta de Bernardino de Sena Freitas para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2130-2138, M-AF-3628(34) [correspondência do Conde de Arnoso para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2146-2147 [correspondência de Assis Teixeira para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2149 [poema autógrafo do Conde de Monsaraz para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2300 [carta de Eduardo Vidal para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2304-2306 [correspondência de Emídio de Oliveira para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2360 [poema autógrafo dedicado a João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2417-2418 [2 cartas de José Frederico Laranjo para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2445 [carta de Francisco Gomes de Amorim para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2454-2469, M-AF-4598 [correspondência e autógrafos de Gomes Leal para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2495-2499, M-AF-3628(48-49), M-AF-4905-4906 [12 cartas de Guilherme Gama para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2533-2560, M-AF-3632(65) [correspondência de Henrique Lopes de Mendonça para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2709 [carta de Joaquim Martins de Carvalho para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-2846 [correspondência de Júlio de Matos para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-3265-3266 [4 cartas de Pinto Lambaça para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-3399 [carta de Rodrigo Veloso para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-3528-3532 [correspondência de Trindade Coelho para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-3633(1) [carta de Carolina Michaëlis para João Penha]

- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-3869-3870 [3 cartas de Aurora Beatriz Dias Freitas para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-3943-3954 [correspondência de Amália Vaz de Carvalho para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4122 [carta de José de Alencar para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4136 [correspondência de Valentim Magalhães para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4198 [1 bilhete postal de Prospero Peragallo para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4200 [1 poema autógrafo de Achille Millien para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4211 [1 carta de Göran Bjorkman para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4362-4364 [3 cartas de António Feliciano de Castilho para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4391 [2 cartas de Eça de Queirós para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4442 [carta de Luciano Cordeiro para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4455 [carta de Marçal Pacheco para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4456 [2 cartas de Vicente Rodrigues Monteiro para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4460, M-AF-4760 [2 cartas de José Joaquim Pereira Caldas para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4461-4465(4), M-AF-4465(6)-4466, M-AF-4468-4469, M-AF-4473-4474 [correspondência de Vicente Novais para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4471 [carta de Vicente de Novais para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4475-4477, M-AF-4543(8), M-AF-4775(1), M-AF-4776-4778 [correspondência do Visconde de Castelões para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4478-4480, M-AF-4481-4482 [correspondência do Visconde de Pindela para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4908 [1 poema autógrafo de René Ghil para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-4930; M-AF-1166 [1 carta, 1 cartão e 1 autógrafo de Belli de Leonardi para João Penha]
- BPMP, Espólio de Antero de Figueiredo, M-AF-538 [carta de António Correia de Oliveira para João Penha]
- FMS, Espólio de Bernardino Machado, 07027.048; 07027.049; 07027.050; 07027.051 [4 cartas de João Penha para Bernardino Machado]
- FMS, Espólio de Bernardino Machado, 06696.069 [carta de João Penha Júnior para Bernardino Machado]
- Livraria Burnay, Leilão de 02-06-2012, lote n.º 261 [2 cartas de João Penha, pedindo colaboração para *A Folha*]
- MJD, Espólio de Francisco Teixeira de Queirós [14 cartas de João Penha para Teixeira de Queirós]
- UCBG, Espólio de Eugénio de Castro, cx. 15 [3 cartas de João Penha para Eugénio de Castro]

IV. FONTES IMPRESSAS DE JOÃO PENHA

4.1. LIVROS:

PENHA, João

- 1882, *Rimas*, 1.^a e 2.^a ed., Lisboa: Avelino Fernandes.
- 1898, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron.
- 1899, *Por Montes e Valles*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão.
- 1905, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado.
- 1906, *Rimas*, 3.^a ed., Braga: Cruz & Ca..
- 1914, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora.
- 1919, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa.
- 1923, *O Canto do Cysne*, Paris/Lisboa: Aillaud e Bertrand.

4.1.2. Obras jurídicas

Anón.

- 1900, «A reforma do notariado» in *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.], n.º 3646 (8 de fevereiro), p. 2.

FORTUNA, João Penha

- 1883, *O Crime de Rendufe*, Braga: Typ. Lealdade.
- 1896, (*Ainda a*) *Questão do Abade de Touguinhó Antonio da Costa Torres com o Seminario de S. Pedro e S. Paulo: Analyse da Sentença de 1.^a Instancia pelo Advogado do Appelante*, 2.^a ed., Braga: José Maria de Sousa Cruz.
- 1897, *A Câmara de Braga nos Tribunais*, Braga: Imp. Henriqueira.
- 1899, *Minuta de Direito por parte da Auctora Recorrente D. Illydia Augusta Antunes Pinheiro*, Porto: Typ. Central.
- 1907, *Ações Civas e Comerciais: Formulário*, Braga: Ribeiro.

4.2. PREFÁCIOS EM OBRAS DE OUTROS AUTORES:

FIGUEIREDO, Anthero de

- 1893, *Tristia* (1.^a ed.), Lisboa: M. Gomes Editor, pp. V-XIII.
- 1893, *Tristia* (2.^a ed.), Porto: Typographia Occidental, pp. V-XXIII.

CAMPOS, Alfredo

- 1894, *O Infante Navegador*, Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, pp. IX-XXII.

MADUREIRA, Alberto de

1899, *Horas Perdidas*, Braga: Livraria Escolar – Editora de Cruz & C.^a, pp. IX-XVI.

MOREIRA, Eduardo Henriques

1915, *O Myto de Camões*, Braga: Raul Guimaraes & C.^a, pp. 7-11.

SIMÕES, Correia

1906, *Dom Frei Caetano Brandão*, Braga: Typ. de J. M. de Souza Cruz, pp. IX-XI.

VIANA, Cunha

1874, *Relampagos*, Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, pp. IX-XV.

4.3. ANTOLOGIAS:

BRAGA, Theophilo

1877, *Parnaso Portuguez Moderno*, Lisboa: Francisco Arthur da Silva Editor, pp. 131-133.

CARDOSO, Nuno Catharino (org.)

1918, *Sonetistas Portugueses e Luso-Brasileiros*, Lisboa: [s.n.], p. 98.

CARDOSO, Nuno Catharino (org.)

1920, *Cancioneiro da Saudade e da Morte: Poetisas e Poetas Portugueses e Brasileiros*, Lisboa: Livraria Editora, p. 14.

Carvalho, Amorim de (org.)

1974, *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, 2.^a ed., Porto: Lello & Irmão Editores, pp. 1042-1045.

FERREIRA, Alberto

1966-1969, *Bom Senso e Bom Gosto (Questão Coimbrã)*, Lisboa: Portugália Editora, vol. I, pp. 430-433, 446-448, 471-480; vol. II, pp. 315-318, 329-332, 351-354; vol. III, pp. 301-305.

FIGUEIREDO, A. Cardoso Borges de

1883, *Logares Selectos dos Classicos Portuguezes nos Principaes Generos de Discurso em Prosa para Uso das Escolas*, Coimbra: Livraria Central de J. Diogo Pires – Editor, 18.^a ed., pp. 143-148.

FIGUEIREDO, Cândido de

1881, *Homens e Letras: Galeria de Poetas Contemporaneos*, Lisboa: Typographia Universal, pp. 191-192.

GUEDES, Maria Estela (org.)

1990, *À Sombra de Orfeu: Sonetos*, Lisboa: Guimarães Editores, pp. 17-25.

MANGAS, Francisco Duarte (org.)

1990, *Antologia Poética de João Penha*, Braga: BPB-UM.

MOURA, Vasco Graça (org.)

2003, *366 Poemas Que Falam de Amor*, Lisboa: Quetzal, 2003, p. 319.

MOUZINHO, António Ruivo (org.)

2004, *A Circulatura do Quadrado – Alguns dos Mais Belos Sonetos de Poetas cuja Mátria É a Língua Portuguesa*, Porto: Edições Unicepe – Cooperativa Livraria de Estudantes do Porto, p. 125.

PERAGALLO, Prospero (trad.)

1900, *Mazzolino di Poesie Portoghesi e Sivigliane: Tradotte in Italiano*, Genova: Stabilimento Tipografico Ved. Papini e Figli, vol. II, pp. 64-67.

PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa

1939, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.], n.º 15, fasc. 2, pp. 543-550.

SAMPAIO, A. Forjaz de

1905, *Portugal Contemporaneo*, Rio de Janeiro: Typ. Lith. Malafaia Junior, p. 118.

SAMPAIO, A. Forjaz de

s.d., *As Melhores Páginas da Poesia Portuguesa (Da Epoca Medieval até Nossos Dias)*, Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, pp. 179-180.

VELOSO, Maria Virgínia

1951, «De João Penha a João Saraiva» in *Bracara Augusta*, Braga: [s.n.], n.º 3 (2), pp. 179-180.

[VIEIRA, Manuel João]

[s.d.], *Candidatura de Tóni Barracuda: Projecto de Reforma do Ensino*.

< <http://www.vieira2011.com/images/files/Toni%20Barracuda.pdf> > [18 de agosto de 2011]

4.4. PERIÓDICOS:

1866-1867, *A Academia: Semanario de Litteratura* (resp. Francisco Machado), Coimbra: Imprensa da Universidade.

1918, *A Águia: Orgão da Renascença Portuguesa* (ed. Álvaro Pinto), Porto: Renascença Portuguesa. 2.ª Série.

1896-1898, *A Arte: Orgão do Movimento Intelectivo Internacional* (dir. Júlio Lobato, Verediano Gonçalves), Porto: [s.n.].

1903, *Ala Moderna: Revista Quinzenal Illustrada* (ed. Antonio de Castro Martins), Guimarães: [s.n.].

1909-1920, *Almanach Bertrand* (coord. Fernandes Costa), Lisboa: Bertrand.

1871, *Almanach dos Estudantes para 1872* (ed. A. Sergio de Castro, A. B. Rodrigues), Coimbra: Imprensa da Universidade.

1884, *Almanach Litterario e Charadistico* (ed. Matheus Peres), Lisboa: Livraria Bertrand.

1886-1887, *Almanach das Senhoras Portuenses: Litterario, Scientifico e Recreativo* (dir. Albertina Paraiso), Porto: Imprensa Moderna.

1874-1898, *Almanach das Senhoras: Portugal e Brazil* (dir. Guiomar Torreção), Lisboa: [s.n.].

1899-1903, *Almanach de Reporteres* (dir. Luiz da Silva, Albino Sarmiento), Lisboa: [s.n.].

1898-1919, *Almanach de Santo Antonio*, Braga: [s.n.].

1873, *Almanach do Mundo Elegante* (coord. Alfredo Campos), Porto: Livraria Progresso.

1912, *Almanach dos Theatros* (dirz. Julio Menezes), Lisboa: Bibliotheca do Povo.

1884, 1888, *Almanach Illustrado* (ed. Francisco Pastor), Lisboa: Empreza Litteraria Luso-Brazileira.

1900-1902, *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal* (ed. José Antonio Sanches), Lisboa: Companhia Nacional Editora.

1903, *Almanach Illustrado do Diario da Tarde*. Porto: [s.n.].

- 1878, *Almanak do Povo para 1879* (coord. Pinto Malheiros), Porto: [s.n.].
- 1909-1924, *Almanaque Ilustrado de “O Commercio do Lima”* (coord. Antonio de Magalhães), Ponte do Lima: [s.n.].
- 1867, *O Amigo do Estudo: Jornal Bisemanal* (dir. A. M. Seabra d’Albuquerque), Coimbra: Imprensa da Universidade.
- 1884, *O Amigo do Povo* (dir. Cunha Viana), Braga: [s.n.].
- 1890, *Anathema*, Coimbra: Imprensa Independencia.
- 1897-1898, *Arte Livre: Revista Semanal de Arte e Litteratura* (dir. Azevedo Coutinho), Braga: [s.n.].
- 1917-1919, *O Atlantico: Hebdomadario Literario e Noticioso* (dir. Antero Pacheco), Matosinhos: [s.n.].
- 1888, *Aurora do Minho* (red. Braulio Caldas), Braga: [s.n.].
- 1914, *O Banhista: Semanario Poetico, Humoristico e Noticioso* (dir. Admario Ferreira), Póvoa de Varzim: [s.n.].
- 1925, *Biblos: Boletim da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Coimbra: Coimbra Editora.
- 1903-1910, *Boletim da Sociedade Litteraria Almeida Garrett* (dir. Alberto Bessa), Lisboa: [s.n.].
- 1876-1877, *Borboleta: Hebdomadario de Litteratura* (dir. Dias Freitas), Braga: [s.n.].
- 1900-1912, *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: [s.n.].
- 1897-1898, *Branco e Negro: Semanario Ilustrado* (ed. Antonio Maria Pereira), Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira.
- 1899-1910, *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada* (dir. Augusto de Castilho, Jaime Victor), Lisboa: [s.n.].
- 1882, *Um Brinde ás Damas Bracarenses Offerecido no Primeiro de Dezembro de 1882*, Porto: [s.n.].
- 1900, *O Campeão: Semanario de Litteratura, Critica e Sport* (ed. Alberto Gomes Coelho), Porto: [s.n.].
- 1875, *O Cenaculo: Revista Contemporanea da Litteratura Portugueza* (dir. Candido de Figueiredo), Lisboa: [s.n.].
- 1888, *O Commercio Portuguez: Diario Politico, Economico, Commercial, Agricola, Industrial e Litterario*, Porto: [s.n.].
- 1903, *Correio Nacional: Jornal da Tarde* (ed. Benedicto C. de Carvalho), Lisboa: [s.n.].
- 1891, *Correio da Manhã* (dir. M. Pinheiro Chagas), Lisboa: [s.n.].
- 1888-1898, *Correio da Noite*, Lisboa: [s.n.].
- 1891, *Correspondencia de Coimbra*, Coimbra: [s.n.].
- 1889-1905, *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: [s.n.].
- 1896, *A Chronica: Publicação Ilustrada* (dir. Guiomar Torrezão), Lisboa: [s.n.].
- 1900-1905, *A Chronica: Revista Ilustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.].
- 1893, *O Defensor do Povo: Bi-Semanario Republicano* (red. Heliodoro Salgado), Coimbra: [s.n.].
- 1879, *Diario do Minho* (red. Coutinho de Miranda & Mello e Athaide), Braga: [s.n.].
- 1927, *Diario do Minho* (dir. A. Teixeira Pinto), Braga: [s.n.].
- 1884, *Diario Nacional* (red. Joaquim de Araujo), Porto: [s.n.].
- 1912, *O Despertar: Quinzenario dos Normalistas de Braga* (dir. Caetano d’Oliveira), Braga: [s.n.].
- 1884-1885, *Diario Portuguez*, Rio de Janeiro: [s.n.].
- 1885, *A Discussão: Diario Democratico da Manhã*, Porto: [s.n.].

- 1910, *O Domingo: Semanal Litterario* (dir. Luiz de Sousa), Angra do Heroísmo: [s.n.].
- 1902-1906, *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.].
- 1912-1917, *Echos do Minho: Diario da Manhã* (dir. Joaquim Pereira Villela), Braga: [s.n.].
- 1900-1920, *Encyclopedia das Familias: Revista Illustrada de Instrução e Recreio* (dir. Lucas, Filhos), Lisboa: [s.n.].
- 1907-1908, *A Epoca* (dir. Zeferino Cândido), Lisboa: [s.n.].
- 1903-1906, *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo: [s.n.].
- 1921, *Estrela do Minho: Folha Illustrada, Literaria, Bibliografica e Noticiosa* (dir. Manuel Pinto de Sousa), Vila Nova de Famalicão: [s.n.].
- 1890, *Um Feixe de Plumas* (red. Bruno e Joaquim d'Araujo), Porto: [s.n.].
- 1923, *O Ferrão: Semanario Crítico, Humorístico, Literário e Sportivo* (dir. Celestino Lobo), Braga: [s.n.].
- 1905-1915, *A Folha: Jornal Litterario, Noticioso, Commercial, Localista e Independente* (ed. Alfredo Borges da Silva; Alice Moderno), Ponta Delgada: [s.n.].
- 1903-1906, *A Folha do Minho* (dir. Olympio Gonçalves), Braga: Imprensa Commercial.
- 1881-1885, *A Folha Nova* (red. Emygdio d'Oliveira), Porto: [s.n.].
- 1868-1873, *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade.
- 1898-1899, *Gabinete dos Reporteres: Jornal Independente, Illustrado e Litterario* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.].
- 1871, *A Gaita de Foles: Diario em Prosa por uma Sociedade de Poetas Anonymos*, Coimbra: [s.n.].
- 1901, *Gazeta Illustrada: Revista Semanal de Vulgarização Scientifica, Artistica e Litteraria* (ed. José Joaquim Almeida), Coimbra: [s.n.].
- 2007, *Gazeta Literária: Número Especial, nos Cento e Vinte e Cinco Anos da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto*, Porto: AJHLP.
- 1895, *A Geração Nova: Jornal de Arte* (dir. Heliodoro Salgado e Julio Lobato), Porto: [s.n.].
- 1898, *Gil Braz: Quinzenario Illustrado de Musica, Litteratura, Critica, Theatros, Touros e Sport* (dir. Joaquim Vera Junior), Lisboa: [s.n.].
- 1873-1876, *A Harpa: Revista Litteraria* (dir. Joaquim d'Araujo), Porto: [s.n.].
- 1905, *O Heraldo: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Albino Forjaz de Sampayo), Lisboa: Typ. Oriental.
- 1890, *Homenagem da Academia Bracarense aos Heroes de 1640 no 1.º de Dezembro de 1890*, Braga: Minerva.
- 1904, *Homenagem aos Heróis do 1.º de Dezembro de 1640*, Braga: Academia do Lyceu de Braga.
- 1922, *Humus: Mensário de Arte* (dir. Celestino Gomes, ed. Joaquim Pereira), Porto: [s.n.].
- 1917-1919, *Illustração Catholica: Revista Litteraria Semanal de Informação Graphica* (dir. F. de Souza Gomes Velloso), Braga: [s.n.].
- 1898-1902, *A Illustração Moderna* (dir. Oliveira Passos, Marques Abreu), Porto: [s.n.].
- 1887-1906, *A Illustração Portuguesa: Revista Litteraria e Artistica*, Lisboa: [s.n.].
- 1908-1919, *Ilustração Portuguesa: Edição Semanal do Jornal "O Seculo"* (dir. J. J. da Silva Graça, ed. Antonio Maria Lopes), Lisboa: Empresa do Jornal O Seculo.
- 1885, *A Illustração: Revista Universal Impressa em Paris* (dir. Mariano Pina), Paris: [s.n.].
- 1882-1889, *O Instituto*, Coimbra: Imprensa da Universidade.

- 1903, *O Jornal da Noite: Diario Regenerador-Liberal*, Lisboa: [s.n.].
- 1888-1892, *Jornal da Manhã: Diario Politico, Noticioso, Instructivo e Commercial*, Porto: [s.n.].
- 1907-1910, *Jornal de Braga: Orgão do Partido Regenerador de Braga*, Braga: [s.n.].
- 1911, *Jornal de Noticias* (dir. Annibal de Moraes), Porto: [s.n.].
- 1910, *Jornal d’Espinho: Publicação Semanal* (dir. J. Ferreira), Espinho: [s.n.].
- 1902-1903, *O Jornal: Diario Politico, Litterario e Noticioso* (ed. Antonio Maria da Luz Oliveira), Lisboa: [s.n.].
- 1898, *Jornal do Brasil* (dir. Jaime Victor, Visconde de S. Boaventura), Lisboa: [s.n.].
- 1897-1898, *O Jornal do Commercio*, Lisboa: [s.n.].
- 1913, *O Leme: Semanario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso* (red. Nuno Castello Branco), S. Miguel de Seide–Famalicão: [s.n.].
- 1865-1866, *A Liberdade* (dir. Eleziário Vaz Preto Cazal), Coimbra: [s.n.].
- 1912-1913, *Limiana: Revista Literária Pontelimense* (dir. Júlio de Lemos, Severino de Faria), Viana do Castelo: [s.n.].
- 1888, *Lisboa-Porto: Número Unico Publicado pela Imprensa de Lisboa em Beneficio das Victimias Sobreviventes do Incendio do Theatro Baquet*, Lisboa: [s.n.].
- 1895-1898, *Mala da Europa: Revista Quinzenal* (dir. Conselheiro Thomaz Ribeiro), Lisboa: [s.n.].
- 1878, *Museu Illustrado: Album Litterario* (dir. David de Castro), Porto: [s.n.].
- 1897, *Myosotis: Revista de Lettras* (dir. Julio de Lemos), Viana do Castelo: [s.n.].
- 1908, *Noticias de Coimbra* (dir. Joaquim Ferreira), Coimbra: [s.n.].
- 1891-1903, *Nova Alvorada: Revista Mensal, Literaria e Cientifica* (dir. Souza Fernandes), Famalicão: [s.n.].
- 1891-1912, *Novidades* (dir. Emydio Navarro), Lisboa: [s.n.].
- 1887-1910, *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro*, Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira.
- 1897, *Novos e Velhos: Revista Quinzenaria Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: [s.n.].
- 1913, *Numero-Homenagem Consagração da Academia do Lyceu Central Sá de Miranda aos Heroes do Primeiro de Dezembro de 1640*, Braga: [s.n.].
- 1897-1904, *O Ocidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (ed. Gervasio Lobato), Lisboa: Lallement Frères.
- 1893, *A Officina: Numero Unico*, Braga: [s.n.].
- 1890, *Onze de Janeiro: Diario Patriotico, Economico, Commercial, Agricola, Industrial e Litterario*, Porto: [s.n.].
- 1908, *A Opinião* (dir. Baptista Ribeiro), Braga: [s.n.].
- 1902-1904, *Passatempo: Revista Illustrada Quinzenal* (ed. Joaquim Monteiro Cantharino), Lisboa: [s.n.].
- 1890, *Pontos nos ii* (il. Raphael Bordalo Pinheiro), Lisboa: [s.n.].
- 1866, *O Povo: Jornal Bimensal Dedicado ás Classes Operarias* (dir. Joaquim Valle, Faustino Sarmiento), Coimbra: [s.n.].
- 1911, *O Povo: Orgão dos Republicanos do Districto de Vianna do Castello* (dir. Fernando Brandão), Viana do Castelo: [s.n.].

- 1895, *Praça da Figueira: Numero Unico: A Favor da Crèche para os Filhos das Vendedeiras do Mercado*. Lisboa: [s.n.].
- 1926, *O Primeiro de Janeiro* (dir. Adriano Gomes Pimenta), Porto: [s.n.].
- 1910, *Propaganda* (dir. Antonio Teixeira Junior), Braga: [s.n.].
- 1911, *O Radical: Semanario Republicano* (dir. Joaquim de Oliveira), Braga: [s.n.].
- 1909, *Ramo d'Olivo: Pasqua del 1909*, Napoli: [s.n.].
- 1909, *O Regenerador-Liberal: Semanario Literario, Politico e Noticioso*, (red. Gonçalo Araújo), Barcelos: [s.n.].
- 1878-1879, *A Renascença: Orgão dos Trabalhos da Geração Moderna* (dir. Joaquim d'Araujo), Porto: [s.n.].
- 1896-1898, *O Reporter* (ed. Antonio Baptista Machado), Lisboa: [s.n.].
- 1875, *A Republica das Letras: Periodico Mensal de Litteratura* (dir. João Penha), Porto: [s.n.].
- 1878, *Revista Academica Literaria* (dir. Antonio dAlmeida Roque), Porto: [s.n.].
- 1904-1907, *Revista Azul* (ed. Marcos d'Assumpção), Lisboa: [s.n.].
- 1862, *Revista de Braga: Semanario Litterario, Noticioso e Pictoresco*, Braga: [s.n.].
- 1865-1866, *Revista de Coimbra: Folha Bimensal*, Coimbra: [s.n.].
- 1902, *Revista de Guimarães: Publicação da Sociedade Martins Sarmento*, Porto: [s.n.].
- 1897, *A Revista Litteraria: Bi-mensal Literaria e Artistica Ilustrada* (dir. C. A. de Mattos Soeiro), Porto: [s.n.].
- 1877, *Revista Litteraria do Porto*, Porto: [s.n.].
- 1903-1905, *A Revista: Mensario de Sciencias e Lettras*, Porto: [s.n.].
- 1955, *Revista do Norte: Literatura, Arte, Ciência, Filosofia* (dir. Fernando de Araujo Lima), Porto.
- 1895, *Revista Nova* (dir. Alberto Pinheiro, Antonio de Vilhena), Braga: Cruz & Companhia.
- 1894, *Revista Nova* (dir. Alfredo da Cunha, Trindade Coelho), Lisboa: [s.n.].
- 1894-1895, *Revista Portuguesa* (dir. Joaquim de Araujo), Porto: [s.n.]. 1915, *O Seculo: Edição da Noite* (ed. Jorge Grave), Lisboa: [s.n.].
- 1903-1906, *O Seculo: Revista Litteraria, Scientifica e Artistica* (dir. Eduardo Schwalbach Lucci), Lisboa: [s.n.].
- 1895, *A Semana* (dir. Valentim Magalhães), Rio de Janeiro: [s.n.].
- 1910-1917, *Semana Thyrsense* (dir. Adriano de Sousa Tropa), Santo Tirso: [s.n.].
- 1906-1911, *Serões: Revista Mensal Ilustrada*, Lisboa: Livraria Ferreira Editora.
- 1897-1903, *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.].
- 1917, *Vimaranense: Semanario Independente, Litterario, Noticioso e Defensor dos Interesses Locaes* (dir. Custodio dos Santos Lima Guimarães), Guimarães: [s.n.].
- 1904-1906, *O Visellense: Quinzenario de Estudos Sociaes*, Visella: [s.n.].
- 1898-1911, *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.].
- 1901-1904, *Voz de S. Antonio* (ed. D. J. de Souza Gomes), Braga: [s.n.].
- 1868-1869, *A Voz Feminina: Jornal Semanal Dedicado á Illustração das Senhoras* (red. Francisca dAssis Martinz Wood), Lisboa: [s.n.].
- 1871, *O Zabumba: Diario de Poesia a Todo o Transe*, Coimbra: [s.n.].

4.5. PUBLICAÇÕES DE CORRESPONDÊNCIA

- 1868, *A Folha: Microcosmo Litterario* (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade, série I, n.º 2, p. 15. [carta de Urbano Loureiro para João Penha]
- 1895, *Revista Portuguesa* (dir. Joaquim Araujo), Porto: [s.n.], n.º 2, p. 80. [carta de João Penha para Joaquim de Araújo]
- 1898, *Branco e Negro*, Lisboa: [s.n.], n.º 93, p. 236. [carta de João Penha à redação]
- 1898, *Gabinete dos Reporteres*, Lisboa: [s.n.], ano IV, n.º 74, p. 2. [carta de João Penha para Luís da Silva]
- 1903, *Nova Alvorada*, Famalicão: [s.n.], ano X, n.º 1, p. 5. [cartão de Camilo Castelo Branco para J. Penha, existente em ADB, Ms. 546 ^{maço 13}]
- 1910, *Jornal de Braga: Órgão do Partido Regenerador de Braga*, Braga: [s.n.], ano X, n.º 663, p. 2. [carta de João Penha à redação]
- 1912, «Uma carta inedita de Eça de Queiroz» in *Limiana*, Viana do Castelo, p. 87. [carta de Eça de Queirós para João Penha]
- 1924, *Almanaque Ilustrado de “O Commercio do Lima”* (coord. Antonio de Magalhães), Ponte do Lima: [s.n.], ano VI, p. 140. [carta de João Penha para Júlio de Matos]
- AZEVEDO, Manuela de
- 1981, *Guerra Junqueiro: A Obra e o Homem*, Lisboa: Arcádia, pp. 222-223. [carta de Guerra Junqueiro para João Penha]
- BASTO, A. de Magalhães
- 1959 ², «Falam velhos manuscritos... Há quarenta anos faleceu João Penha» in *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.], ano 91, n.º 42 (13 de fevereiro), p. 3. [carta de João Penha para Bernardino Machado]
- 1959 ³, «Falam velhos manuscritos... Uma carta de João Penha e o livro Do Preyer Português» in *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.], ano 91, n.º 22 (23 de fevereiro), pp. 1. [carta de João Penha para Bernardino Machado]
- BRITO, Ferreira de
- 1987, «Três Cartas inéditas de Bulhão Pato a João Penha» in *Confluência*, Penafiel: Círculo Cultural Penafidense, n.º 3, pp. 47-54. [3 cartas de Bulhão Pato para João Penha]
- CABRAL, António
- 1924, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, pp. 265-269; 270-272; 273-274. [cartas de João Penha para António Cabral]
- 1942, *Os Talentos e os Desvarios de Guerra Junqueiro*, Lisboa: Livraria Portugália, pp. 58-59; 60-61. [cartas de João Penha para António Cabral]
- CASTELO-BRANCO, Camilo
- 2002, *Obras Completas* (ed. Justino Mendes de Almeida), Porto: Lello & Irmão Editores, vol. XVIII, p. 989. [cartão de Camilo Castelo Branco para João Penha, existente em ADB, Ms. 546 ^{maço 13}]
- CASTELO-BRANCO, Fernando
- 1971, «No centenário de As Farpas: uma carta de João Penha» in *Colóquio/Letras*, Lisboa: FCG, n.º 4, p. 75. [carta de João Penha para Eça de Queirós]
- 1973, «Cartas inéditas» in *Colóquio/Letras*, Lisboa: FCG, n.º 16, p. 45. [carta de Guerra Junqueiro para João Penha]

CASTILHO, Guilherme de

1982, *António Nobre: Correspondência*, Lisboa: I.N.-C.M., p. 126-135. [carta de António Nobre para Alberto de Oliveira]

1983, *Eça de Queirós: Correspondência*, Lisboa: IN-CM, vol. I, p. 45-47; 63-64. [2 cartas de Eça de Queirós para João Penha]

CASTRO, Sergio de

1916, «Homens de letras e flores» in *Gazeta das Aldeias: Semanario Illustrado de Propaganda Agricola e Vulgarização de Conhecimentos Uteis* (dir. Júlio Gama), Porto: Typ. da Imp. Portuguesa, vol. XLII, n.ºs 1076, 1078, 1080. [correspondência entre João Penha e Sérgio de Castro]

1926, *Homens de Letras e Flores*, Lisboa: Livraria Editora de Antonio Maria Pereira, pp. 41-58. [correspondência entre João Penha e Sérgio de Castro]

COELHO, Trindade

2008, *Correspondência: 1873-1908* (org. Hirondino Fernandes), Bragança: Brigantia, pp. 163-164. [carta de Trindade Coelho para João Penha]

FIGUEIREDO, Cândido de

1924, *Cartas Inéditas de Oitenta e Cinco Escritores Portugueses da Segunda Metade do Século XIX e do Primeiro Quartel do Século Actual*, Rio de Janeiro: H. Antunes, p. 125. [carta de João Penha para Cândido de Figueiredo]

FONSECA, Maria Amália Ortiz da

1963, *Introdução ao Estudo de João Penha*, Lisboa: Portugalíia, pp. 141-159. [cartas de Alberto Madureira, Gonçalves Crespo, Luís Andrade, A. J. da Cunha Viana, Cândido de Figueiredo, Antero de Figueiredo, Guerra Junqueiro, Júlio Dantas, J. Simões Dias, Teixeira de Queirós e Bernardino Machado para João Penha]

MATOS, A. Campos

2008, *Eça de Queirós: Correspondência*, Lisboa: Caminho, vol. I, p. 193.

NASCIMENTO, Adriano do

1957, *Homens Ilustres: João Penha*, Coimbra: [s.n.], pp. 8-11. [4 cartas de João Penha para o diretor da Imprensa da Universidade, Olímpio Fernandes]

OLIVEIRA, Lopes d'

1945, *...E mesmo contra a Maré!: Memórias, Crítica, Paisagem*, Lisboa: Edições Universo, pp. 357-358. [carta de João Penha para Lopes de Oliveira]

PENHA, João

1923, *O Canto do Cysne*, Paris/Lisboa: Aillaud e Bertrand, pp. XX-XXIII. [carta de João Penha para Albino Forjaz de Sampaio]

PIMENTEL, Alberto

1915, *Notas Sobre o Amor de Perdição*, Lisboa: Guimarães & C.^a Editores, pp. 71-73.

QUENTAL, Antero de

1957, *Cartas*, 1.^a Série, Lisboa: Couto Martins, pp. 48-49. [carta de Antero de Quental para João Penha]

REMÉDIOS, Mendes dos

1925, «Inéditos de escritores portugueses: João Penha» in *Biblos: Boletim da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Coimbra: Coimbra Editora, vol. I, n.º 1, pp. 18-26. [3 cartas de João Penha para Mendes dos Remédios]

ROCHA, Andrée Crabbé

1965, *A epistolografia em Portugal*, Coimbra: Livraria Almedina, p. 292. [cartão de Camilo Castelo Branco para João Penha, existente em ADB, Ms. 546 ^{maço 13}]

SILVEIRA, Pedro da

1981, *Os Últimos Luso-Brasileiros*, Lisboa: IN-CM, pp. 65-66. [carta de João Penha para o Visconde de S. Boaventura]

V. OBRAS CONVOCADAS NA ANOTAÇÃO DOS TEXTOS:

AA.VV.

2000, *Bíblia Sagrada: para o Terceiro Milénio da Encarnação* (trad. coord. Herculano Alves), 2.^a ed., Lisboa-Fátima: Difusora Bíblica.

ALCOFORADO, Soror Mariana

1894, *Cartas de Amor ao Cavalheiro de Chamilly* (trad. Luciano Cordeiro; il. Manuel S. Romão), Lisboa: M. Gomes.

ALIGHIERI, Dante

1997, *A Divina Comédia* (trad. Vasco Graça Moura), 3.^a ed., Lisboa: Bertrand.

ALMEIDA, Manuel Duarte d'

1933, *Terra e Azul* (intr. Ricardo Jorge), Porto: Imprensa Moderna.

ALVES, Antonio de Castro

1996, *Obras Completas*, Rio: Aguilar.

AMBROSE, S.

1881, *The Letters of S. Ambrose, Bishop of Milan*, Oxford: James Parker & Co..

<http://www.tertullian.org/fathers/ambrose_letters_05_letters41_50.html> [12 de maio de 2010]

AMBROSIO, Santo

1963, *Escritos sobre a Virgindade* (trad. Pe. Manuel António de Paula), Lisboa: Edições Paulistas.

BAJU, Anatole

1887, *L'École Décadente*, Paris : Vanier, 1887.

BAUDELAIRE, Charles

2003, *As Flores do Mal* (trad. Maria Gabriela Llansol), Lisboa: Relógio d'Água.

BERNARDES, Diogo

1985, *Rimas Varias. Flores do Lima* (int. Aníbal Pinto de Castro), Lisboa: IN-CM. (rep. facsimilada da edição de 1597).

BOCAGE

1968, *Obras*, Porto: Lello & Irmão.

BOCCACCIO, Giovanni

[s.d.], *Decameron* (trad. Fernando Melro), Lisboa: Publicações Europa-América.

BRAGA, Theophilo

1866, *A Ondina do Lago*, Porto: [s.n.].

CABANIS, Pierre Jean Georges

1815, *Rapports du Physique et du Moral de l'Homme*, 3.^{ème} ed., Paris: Caille et Ravier.

CABRAL, Paulino Antonio

1909, *Poesias de Paulino Antonio Cabral, Abade de Jazente* (ed. Julio de Castilho), 3.^a ed., vols. I e II, Lisboa: Antonio Maria Pereira Editora.

CACEGAS, Fr. Luis de; SOUSA, Fr. Luis de

1818, *Vida de Fr. Bertolameu dos Martires da Ordem dos Prêgadores, Arcebispo, & Senhor de Braga, Primàs das Espanhas*, Lisboa: Typographia Rollandiana.

CAMÕES, Luís de

1994, *Os Lusíadas* (ed. Emanuel Paulo Ramos), Porto: Porto Editora.

2005, *Rimas* (ed. J. da Costa Pimpão), Coimbra: Almedina.

CARVALHO, Ribeiro de

1901, *Terra de Portugal*, Porto: Livraria Editora Antonio Figueirinhas.

CASTILHO, António Feliciano de

1825, *Cartas de Echo e Narciso Dedicadas a Mocidade Academica da Universidade de Coimbra Seguidas de Diferentes Peças Relativas ao Mesmo Objecto*, 2.^a ed., Coimbra: Real Imprensa da Universidade.

CASTRO, Eugénio de

1927, *Obras Poéticas*, Lisboa: Lumen.

DEUS, João de

1876, *Flores do Campo*, 2.^a ed., Porto: Livraria Universal de Magalhães & Moniz Editores.

DIAS, J. Simões

1899, *Peninsulares: Collecção de Obras Poéticas*, 5.^a ed., Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão.

DUMAS, Alexandre

1984, *Os Três Mosqueteiros* (trad. Adelino dos Santos Rodrigues), Mem Martins: Europa-América.

ELYSIO, Filinto

1802-1806, *Versos de Filinto Elysio*, Paris: [s.n.].

1941, *Poesias* (sel. José Pereira Tavares), Lisboa: Sá da Costa.

F. I. T.

1842, *Secretario dos Amantes, Contendo muitos e Diferentes Modelos de Cartas*, Lisboa: Typographia de Mathias José Marques da Silva.

FLAMMARION, Camille

1894, *La Fin du Monde*, Paris: Ernest Flammarion Libraire-Éditeur.

GARÇÃO, Correia

1957, *Obras Completas* (ed. António José Saraiva), Lisboa: Sá da Costa.

GARRETT, Almeida

1825, *Camões: Poema*, Paris: Livraria Nacional Estrangeira.

1863, *Obras do Visconde de Almeida Garrett: Romanceiro*, 2.^a ed., vol. II: *Romances Cavalhe- rescos Antigos*, Lisboa: Bertrand e Filhos.

GAUTIER, Théophile

1838, *La Comédie de la Mort*, Bruxelles: E. Laurent Imprimeur-Éditeur.

- 1886, *Portraits Contemporains: Littérateurs, Peintres, Sculpteurs, Artistes Dramatiques*, Paris: Charpentier et Cie..
- GOETHE, Johann Wolfgang von
Fausto (trad. António Feliciano de Castilho).
 <<http://www.dlc.ua.pt/castilho>> [27 de novembro de 2011]
- HOMERO
 2003, *Odisseia* (trad. Frederico Lourenço), Lisboa: Cotovia.
 2007, *Iliada* (trad. Frederico Lourenço), Lisboa: Cotovia.
- HORÁCIO
 1807, *A Lyrica de Q. Horacio Flacco, Poeta Romano, Traladada Literalmente em Verso Portuguez por Elpino Duriense*, Lisboa: Impresam Regia, 1807.
 1980, *Satires* (trad. François Villeneuve), Paris: Les Belles Lettres.
- HUGO, Victor
 1859, *La Légende des Siècles*, Paris: Hetzel.
 1868, *Les Orientales: Les Feuilles d'Automne; Les Chants du Crépuscule*, Paris: Librairie de L. Hachette et C.^{ie}.
 1951, *Les Misérables* (ed. Maurice Allem), Paris: Gallimard, 1951.
 1999, *Les Travailleurs de la Mer* (int. Marc Eigeldinger), Paris: Flammarion.
 [s.d.], *Notre-Dame de Paris*, Paris: Eugène Hugues Editeur.
- JUVENAL
 1983, *Satires* (trad. Pierre de Labriolle, François Villeneuve), Paris: Les Belles Lettres.
- LACENNAIRE, Pierre-François
 1836, *Mémoires, Révelations et Poesies de Lacenaire Ecrits par lui-même, a la Conciergerie*, vol. II, Paris: Marchands de Nouveautés.
 1991, *Mémoires et Autres Écrits* (ed. J. Simonelli), Paris: Éditions José Corti (col. Domaine Romantique).
- LAERTIUS, Diogenes
 1853, *The Lives and Opinions of Eminent Philosophers* (trad. C. D. Yonge), London: Henry G. Bohn.
 <<http://classicpersuasion.org/pw/diogenes/>> [10 de outubro de 2010]
- LA FONTAINE, J.
 1814, *Fabulas Escolhidas entre as de J. La Fontaine e Traduzidas em Portuguez por Francisco Manoel do Nascimento*, Lisboa: Impressão Regia.
- LAMARTINE, Alphonse de
 1820, *Méditations Poétiques*, Paris: Librairie Grecque-Latine-Allemande.
 1823, *Nouvelles Méditations Poétiques*, Paris: Urbain Canel.
- LISLE, Leconte de
 1852, *Poemes Antiques*, Paris: Librairie de Marc Ducloux Éditeur.
- MAHOMET
 1967, *Le Coran* (trad. D. Masson), Paris: Gallimard.

MEDINA, Salvador Jacinto Polo de

1948, *Obras Completas de Salvador Jacinto Polo de Medina* (ed. Angel Valbuena Prat), Murcia: [s.n.].

MOLIÈRE

2007, *O Misanthropo* (ed. bilingue, trad. Vasco Graça Moura), Lisboa: Bertrand Editora.

1910, *Oeuvres Complètes* (ed. Charles Louandre), Paris: Charpentier.

MONTAIGNE, Michel de

1989, *Essais* (ed. A. Michia), Paris: Garnier-Flammarion, 1989.

MORTIER, Raoul (ed.)

1940, *Les Textes de la Chanson de Roland I*, Paris: [s.n.].

<http://www.hs-augsburg.de/~harsch/gallica/Chronologie/11siecle/Roland/rol_ch00.html>
[22 de janeiro de 2012]

MUSSET, Alfred de

[s.d.], *La Coupe et les Lèvres*, Paris: Nilsson.

OLIVEIRA, António Corrêa d'

[s.d.], *Auto do Fim do Dia*, 2.^a ed., Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand.

1918, *Alvío de Tristes*, 2.^a ed., Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand.

PHEURO

1785, *Das Fabulas Esopeas de Phedro, Escravo Forro de Augusto Cesar* (trad. Manoel de Moraes Soares), livro II, Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno.

POE, Edgar Allen

1993, *Tales of Mistery and Imagination*, Ware: Wordsworth.

PROUDHON, Pierre-Joseph

1858, *De la Justice dans la Révolution et dans l'Église*, t. III, Paris: Garnier «Neuvième Etude: Progrès et Décadence».

RICHEPIN, Jean

1881, *La Chanson des Gueux*.

<http://www.ebooksgratuits.com/pdf/richepin_chanson_des_gueux.pdf> [20 de julho de 2011]

RIGORD, François Xavier

1780, *Noticia da Mythologia* (trad. A. J. T.), Lisboa: Typographia Rollandiana.

ROBERTSON, D. S.

2002, *Apulée. Les Metamorphoses*, 7.^{ème} ed., t. I, Paris: Les Belles Lettres.

SANCHA, Don Justo de

1855, *Romancero y Cancionero Sagrados: Coleccion de Poesias Cristianas, Morales y Divinas, Sacadas de las Obras de los Mejores Ingenios Españoles*, Madrid: M. Rivadeneyra Editor (Biblioteca de Autores Españoles, vol. 35)

SHAKESPEARE, William

1998, *Henry IV* (ed. David Bevington), Oxford: Oxford University Press.

UZANE, Octave

1882, *L'Éventail* (il. Paul Avril), Paris: A. Quantin, 1882.

VEGA, Lope de

1792, *Rimas Humanas y Divinas del Licenciado Tomé de Burguillos* (ed. Don Ramon Fernandez), Madrid: Imprenta Real, 1792.

VERGILIO

1997, *Obras* (trad. Agostinho da Silva), Lisboa: Temas e Debates.

2003, *Eneida* (trad. Professores da FLUL), Lisboa: Bertrand.

VERLAINE, Paul

1962, *Ceuvres Poétiques Complètes* (ed. Yves-Gérard Le Dantec), Paris: Gallimard.

ZOLA, Émile

1990, *L'Assommoir* (ed. Henri Mitterand), Paris: Gallimard.

1989, *Germinal* (pref. André Wurmser), Paris: Gallimard.

VI. BIBLIOGRAFIA DE APOIO

ANÓN.

1836, «French novels» in *The Quaterly Review*, vol. LVI, London: John Murray, pp. 120-121.

BARTHES, Roland

1987, *O Rumor da Língua* (trad. António Gonçalves), Lisboa: Edições 70, «A morte do autor».

BORGES, Jorge Luis

1951, «Prólogo» in GUERCHUNOFF, Alberto, *Retorno a Don Quijote*, Buenos Aires: Editorial Sudamericana, pp. 7-11.

<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/retorno-a-don-quiote-0/html/0010b0ec-82b2-11df-acc7-002185ce6064_1.html> [5 de setembro de 2012]

BRAGA, Theophilo

1892, *As Modernas Ideias na Litteratura Portuguesa*, Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron.

BRUNEL, Pierre

1988, *Dictionnaire des Mythes Littéraires*, Monaco: Éditions du Rocher.

BRUNETIÈRE, M.

1890, «Le Naturalisme Contemporain» in *Revue d'Art Dramatique*, Paris: [s.n.], n.º 9, pp. 97-109.

BRUNSCHWIG, Jacques; LLOYD, Geoffrey E. R. (ed.)

2000, *Greek Thought: a Guide to Classical Knowledge* (trad. Catherine Porter), Harvard: Harvard University Press.

CARVALHO, Álvaro Manuel Gonçalves de

2000, *A Estética Parnasiana na Obra Poética de António Fogaça*, Braga: [s.n.], passim.

CINTRA, Luís Filipe Lindley

2002, *O Ritmo na Poesia de António Nobre* (ed. Paula Morão), Lisboa: IN-CM.

CONTAT, Michel (dir.)

1991, *L'Auteur et le Manuscrit*, Paris: Presses Universitaires de France, «Introduction: La question de l'auteur au regard des manuscrits», pp. 7-34.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix

2003, *Kafka, para Uma Literatura Menor*, Lisboa: Assírio & Alvim.

FERREIRA, Lúcia Rodrigues

2011, *Júlio César Machado Cronista de Teatro: os Folhetins d' A Revolução de Setembro e do Diário de Notícias*, Lisboa: [s.n.] (Dissertação de Mestrado em Estudos de Teatro, apresentada à FLUL).

FIGUEIREDO, Fidelino de

1924, *Historia da Literatura Realista (1871-1900)*, Lisboa: Livraria Clássica Editora, max. pp. 109-112.

FOUCAULT, Michel

1964, «Le Mallarmé de J.-P. Richard» in *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*, Paris: Armand Collin, vol. 19, n.º 5, pp. 996-1004.

1994, «Entretiens avec Madeleine Chapsal» in *Dits et Écrits* (ed. Daniel Defert), Paris: François Ewalt.

2000, *O que É Um Autor?* (trad. António Cascais e Eduardo Cordeiro), 4.ª ed., Lisboa: Vega.

GOULEMOT, Jean-Marie

1996, «Bibliothèques, encyclopédisme et angoisses de la perte: l'exhaustivité ambiguë des Lumières» in BARATIN, Marc; JACOB, Christian (org.), *Le Pouvoir des Bibliothèques*, Paris: Albin Michel, pp. 285-298.

GRIMAL, Pierre

1999, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana* (trad. Victor Jabouille), 3.ª ed., Lisboa: Difel.

LAMARTINE, M. A. de

1856, *Cours Familier de Littérature*, Paris: [s.n.].

MENDES, Margarida Vieira

1980, «O conceito da poesia na 2.ª metade do século XIX à luz dos prefácios de então – persistência do Romantismo» in Maria Lúcia Lepecki; Lucília Gonçalves Crespo; Margarida Vieira Mendes, *Para Uma História das Ideias Literárias em Portugal*, Lisboa: INIC, max. pp. 60-93.

MOISÉS, Massaud

1978, *Dicionário de Termos Literários*, 2.ª ed., São Paulo: Cultrix.

MONTALEGRE, Duarte de

1945, *Ensaio sobre o Parnasianismo Brasileiro*, Coimbra: Coimbra Editora.

MONTEIRO, Adolfo Casais (org.)

1934, *Cartas Inéditas de Antonio Nobre*, Coimbra: Edições Presença, «Introdução».

MOREIRA, Filipe Alves

2007, «A Geração de 70: notas para a história de um conceito» in *Labirintos: Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos Portugueses*, Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana, n.º 2.

<http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2007/09_artigo_de_filipe_alves_moreira.pdf> [17 de março de 2008]

MOUTINHO, José Viale

2009, *Camilo Castelo Branco: Memórias Fotobiográficas (1825-1890)*, Lisboa: Caminho.

MÜLLER, Fernanda Suely

2007, *Ruptura ou Tradição? A Crítica e a Literatura Portuguesa em O Estado de São Paulo no Pré-Modernismo Brasileiro: 1900-1911*, São Paulo: USP-FFLCH.

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-01112007-144956/>> [27 de maio de 2011]

NEMÉSIO, Vitorino

1964, *As Grandes Polémicas Portuguesas*, Lisboa: Verbo.

NOBRE, António

1982, *Correspondência* (org. Guilherme de Castilho), Lisboa, IN-CM.

ORTIGÃO, Ramalho

1988, *As Farpas*, t. III, Lisboa: Clássica Editora.

OUTEIRINHO, Maria de Fátima

1988, *Lamartine em Portugal: Alguns Aspectos da Sua Recepção (1840-1890)*, Porto: [s.n.].

2003, *O Folhetim em Portugal no Século XIX: Uma Nova Janela no Mundo das Letras*, Porto: [s.n.].

PALMA-FERREIRA, João

1985, *Literatura Portuguesa: História e Crítica*, Lisboa: IN-CM, max. 161-164.

PARRO, Joaquim

1997, *A Geração Coimbrã de Eça de Queirós: Mestres. Estudantes. Revoluções*, Lisboa: Universitária Editora.

PEIXOTO, Jorge

1973, «O epistolário de Joaquim de Araújo existente na Biblioteca Marciana, de Veneza» in *O Instituto*, Coimbra: Coimbra Editora, vol. CXXXVI, pp. 101-118.

PEREIRA, José Carlos Seabra

1975, *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, Coimbra: Centro de Estudos Românicos.

1998, «Romantismo tardio e surto neo-romântico no fim-de-século» in *Humanitas*, Coimbra: FLUC, vol. L, pp. 915-962.

1999, *O Neo-Romantismo na Poesia Portuguesa (1900-1925)*, 2 vols., Coimbra: [s.n.].

2004, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. VII – *Do Fim-de-Século ao Modernismo*, 2.^a ed., Lisboa: Verbo.

PIMENTEL, Alberto

1915, *Notas sobre o Amor de Perdição*, Lisboa: Guimarães Editores.

PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa

1952, *Gente Grada: Almeida Garrett, Latino Coelho, Antero do Quental, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, João de Deus, Eugénio de Castro*, Coimbra: Atlântida.

PIRES, António Manuel Bettencourt Machado

1980, *A Ideia de Decadência na Geração de 70*, Ponta Delgada: [s.n.].

RAMOS, Feliciano

1961, *História da Literatura Portuguesa*, 5.^a ed., Braga: Livraria Cruz, max. pp. 765-774.

ROCHA, Clara

1986, «Gerações, gerações, gerações...» in *Nova Renascença: Revista Trimestral de Cultura*, Porto: Associação Cultural Nova Renascença – Fundação Eng.º António de Almeida, vol. VI, n.º 21, pp. 59-69.

1990, «A poética dos géneros autobiográficos» in *Nova Renascença: Revista Trimestral de Cultura*, Porto: Associação Cultural Nova Renascença – Fundação Eng.º António de Almeida, vol. X, n.º 39, pp. 8-18.

RODRIGUES, Ernesto

1998, *Mágico Folhetim: Literatura e Jornalismo em Portugal*, Lisboa: Editorial Notícias.

1999, *Cultura Literária Oitocentista*, Porto: Lello Editores.

2008, «Imprensa Académica e Estudantil em Portugal de Oitocentos» in *Cadernos Literários*, Rio Grande: FURG, vol. 15, pp. 25-28.

SAINTE-BEUVE, Charles Augustin

1860, «Correspondance de Buffon, publiée par M. Nadault de Buffon» in *Causeries du Lundi*, t. XIV, Paris: Garnier.

<<http://visualiseur.bnf.fr/CadresFenetre?O=NUMM-37449&M=tdm>> [21 de agosto de 2008]

SANTOS, Maria do Rosário Girão Ribeiro dos

1998, «A Sátira em Guerra Junqueiro: do Inconformismo à Resignação» in *Colóquio Guerra Junqueiro e a Modernidade*, Porto, Universidade Católica Portuguesa & Lello Editores, pp. 199-210.

SANTOS; Maria do Rosário Girão Ribeiro dos; Silva, Manuel José

2002, «La ‘Francomanie’ de quelques écrivains portugais de huit cents» in *Intercâmbio*, Porto: FLUP, n.º 11, pp. 175-193.

SERTILLANGES, A. D.

1905, *Les Sources de la Croyance en Dieu*, Paris: [s.n.].

SGARD, Jean; Volpillac-Auger, Catherine (org.)

1999, *La Notion d'Oeuvres Complètes*, Oxford: Voltaire Foundation.

SILVA, Vítor Aguiar e

1999, *Teoria da Literatura*, 8.ª ed., Coimbra: Almedina.

TEIXEIRA, Heitor Gomes

1977, *As Tábuas do Painel de um Auto: António Serrão de Crasto*, Lisboa: UNL-CHS, max. pp. 110-111.

TRIGO, Jorge; BAPTISTA, Luís Miguel

2005, *Ribeiro de Carvalho: Um Republicano com Alma de Sonhador*, Lisboa: Sete Caminhos.

VALENTE, Vasco Pulido

1973, *O Estado Liberal e o Ensino: os Liceus Portugueses (1834-1930)*, Lisboa: Gabinete de Investigações Sociais.

VASCONCELOS, Antão de

1956, *Memórias do Mata-Carochas* (pref. José do Patrocínio), Porto: Manuel Barreira Editor.

VENTURA, Roberto

1991, *Estilo Tropical: História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil: 1870-1914*, S. Paulo: Companhia das Letras.

VIANA, António Manuel Couto

1989, «Guerra Junqueiro em Viana» in AA.VV. – *Os Vencidos da Vida: Ciclo de Conferências Promovido pelo Círculo Eça de Queiroz*, Lisboa: [s.n.].

VOLPILHAC-AUGER, Catherine (dir.)

2005, *Oeuvres Majeures, Oeuvres Mineures?*, Lyon: ENS Éditions.

6.1. TRABALHOS SOBRE JOÃO PENHA:

6.1.1. Artigos de redação:

- 1897-1898, «Questão Litteraria: alexandrinos e asclepiadêos» in *Tarde*, Lisboa: [s.n.], n.º 3007 (6 de dezembro de 1897), p. 1-2; n.º 3031 (7 de janeiro de 1898), p. 1.
- 1898, «Questão Litteraria» in *O Popular* (red. Alberto Pimentel), Lisboa: [s.n.], n.º 537 (5 de dezembro 1897), p. 1; n.º 539 (7 de dezembro 1897), p. 2; n.º 569 (7 de janeiro), p. 1.
- 1902, «João Penha» in *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.], ano XXXIV, n.º 103 (2 de maio), p. 2.
- 1902, «Os desabafo do menino João» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 68, p. 1.
- 1902, «Poesia Arte Nova» in *Tempo* (ed. Carlos Alberto de Sousa), Lisboa: [s.n.], n.º 750 (8 de junho), p. 2.
- 1903, «Um duello... a versos» in *Almanach Illustrado do Diario da Tarde*, Porto: [s.n.], ano III, pp. 23-24.
- 1905, «Apreciação: Novas Rimas de João Penha» in *A Revista: Mensario de Sciencias e Lettras*, Porto: [s.n.], ano III, n.º 2, pp. 25-30.
- 1911, «João Penha» in *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.], n.º 868 (2 de dezembro), p. 2.
- 1917, «Dr. João Penha» in *Diário de Notícias* (dir. Alfredo da Cunha), Lisboa: [s.n.], 26 de janeiro, p. 1.
- 1917, «Gomes Leal e João Penha» in *Commercio do Minho* (dir. Albano Coelho), Braga: [s.n.], n.º 6548 (20 de fevereiro), p. 1.
- 1917, «João Penha: doente e na miséria!» in *Echos do Minho: Diario da Manhã* (dir. Joaquim Pereira Villela), Braga: [s.n.], n.º 1186 (24 de janeiro), pp. 1-2.
- 1917, «João Penha» in *Commercio do Minho* (dir. Albano Coelho), Braga: [s.n.], n.º 6538 (27 de janeiro), p. 1.
- 1917, «João Penha» in *Diário de Notícias* (dir. Alfredo da Cunha), Lisboa: [s.n.], 25 de janeiro, p. 1.
- 1917, «João Penha» in *Diário de Notícias* (dir. Alfredo da Cunha), Lisboa: [s.n.], 29 de janeiro, p. 1.
- 1917, «João Penha» in *Diário de Notícias* (dir. Alfredo da Cunha), Lisboa: [s.n.], 5 de fevereiro, p. 1.
- 1917, «João Penha» in *Diário de Notícias* (dir. Alfredo da Cunha), Lisboa: [s.n.], 7 de fevereiro, p. 1.
- 1917, «João Penha» in *Diário de Notícias* (dir. Alfredo da Cunha), Lisboa: [s.n.], 8 de fevereiro, p. 1.
- 1917, «João Penha» in *Echos do Minho: Diario da Manhã* (dir. Joaquim Pereira Villela), Braga: [s.n.], n.º 1195 (4 de fevereiro), p. 2.
- 1917, «O poeta João Penha» in *Diário de Notícias* (dir. Alfredo da Cunha), Lisboa: [s.n.], 27 de janeiro, p. 1.
- 1917, «O poeta João Penha» in *Semana Thyrsense* (dir. Adriano de Sousa Trepa), Santo Tirso: [s.n.], n.º 4 (28 de janeiro), p. 1.
- 1917, «Á memoria bendita de D. Maria do Patrocinio Penha Fortuna» in *Echos do Minho: Diario da Manhã* (dir. Joaquim Pereira Villela), Braga: [s.n.], n.º 1190, p. 2.
- 1919, «Carta de Braga» in *Jornal de Noticias: Diario* (dir. Guilherme Pacheco, M. Pacheco de Miranda), Porto: [s.n.], ano 32, n.º 30 (5 de fevereiro), p. 1.
- 1919, «Carta de Braga» in *Jornal de Noticias: Diario* (dir. Guilherme Pacheco, M. Pacheco de Miranda), Porto: [s.n.], ano 32, n.º 31 (6 de fevereiro), p. 1.

- 1919, «Dr. João Penha: A sua vida – O seu funeral» in *Echos do Minho: Diario da Manhã* (dir. Joaquim Pereira Villela), Braga: [s.n.], n.º 1802 (5 de fevereiro), p. 1.
- 1919, «Dr. João Penha» in *Commercio do Minho* (dir. Albano Coelho), Braga: [s.n.], 6 de fevereiro.
- 1919, «Dr. João Penha» in *Echos do Minho: Diario da Manhã* (dir. Joaquim Pereira Villela), Braga: [s.n.], n.º 1801 (4 de fevereiro), p. 3.
- 1919, «Dr. João Penha» in *O Mundo* (dir. Carlos Trilho), Lisboa: [s.n.], 10 de fevereiro, p. 2.
- 1925, «Camilo e João Penha» in *Diario do Minho* (dir. Constantino Coelho), Braga: [s.n.], 15 de março.
- 1925, «João Penha» in *Diario do Minho* (dir. Constantino Coelho), Braga: [s.n.], n.º 1691 (12 de julho), p. 1.

6.1.2. Trabalhos de autor:

- (1898), «A barba de Carlos Magno» in *Tarde*, Lisboa: [s.n.], n.º 3036 (13 de janeiro), p. 2.
- ALBUQUERQUE, Antonio Maria Seabra d'
- 1874, *Bibliographia da Imprensa da Universidade de Coimbra nos Anos de 1872 e 1873*, Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 59-60.
- ARAUJO, Joaquim de
- 1902, «João Penha e Anthero de Quental» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, pp. 6-7.
- ARNOSO, Vicente
- 1908, «As tasca de Coimbra» in *Ilustração Portuguesa: Edição Semanal do Jornal O Seculo* (dir. Carlos Malheiro Dias), Lisboa: Empresa do Jornal O Seculo), série II, n.º 101, pp. 28-33.
- AYRES, Christovam
- 1902, «João Penha» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 12.
- AZA
- 1893, «In illo tempore» in *Novidades* (dir. Emydio Navarro), Lisboa: [s.n.], n.º 2736 (11 de março); n.º 2750 (28 de março), p. 1; n.º 2788 (12 de maio), p. 1; n.º 2810 (7 de junho), p. 3; n.º 2811 (8 de junho), pp. 1-2.
- AZEVEDO, Manuela de
- 1981, *Guerra Junqueiro: a Obra e o Homem*, Lisboa: Arcadia, max. pp. 26-29, 34-45.
- BARROS, João de
- 1902 ¹, «A homenagem de João Penha» in *Resistencia* (ed. Manuel d'Oliveira Amaral), Coimbra: [s.n.], ano 8, n.º 698, p. 2.
- 1902 ², «Ao Sr. João Penha» in *Resistencia* (ed. Manuel d'Oliveira Amaral), Coimbra: [s.n.], ano 8, n.º 729, p. 2.
- BASTO, A. de Magalhães
- 1959 ¹, «Falam velhos manuscritos... Bernardino Machado, Gonçalves Crespo, João Penha e Junqueiro, Estudantes de Coimbra» in *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.], ano 91, n.º 8 (9 de janeiro), pp. 1, 3.

- 1959², «Falam velhos manuscritos... Há quarenta anos faleceu João Penha» in *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.], ano 91, n.º 42 (13 de fevereiro), pp. 1, 3.
- 1959³, «Falam velhos manuscritos... Uma carta de João Penha e o livro Do Preyer Português» in *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.], ano 91, n.º 22 (23 de fevereiro), pp. 1, 3.
- BERRINI, Beatriz
- 1988, «A propósito da correspondência de Eça de Queirós» in *Colóquio/Letras*, Lisboa: [s.n.], n.º 102, pp. 53-60.
- BOTELHO, Luís
- 1892, *Farrapos: Jornal de um Impressionista*, Porto: Livraria Universal, pp. 139-141.
- 1902, «João Penha» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 10.
- BRAGA, Alberto
- 1902, «João Penha» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 15.
- BRAGA, António de Oliveira
- 1989, «João Penha: o Poeta e o Advogado» in *Diário do Minho* (dir. Domingos da Silva Araújo), Braga: [s.n.], ano LXX, n.º 22074 (31 de maio), pp. 13-14; n.º 22086 (14 de junho), p. 4.
- BRAGA, Vicente
- 1905, «Novas Rimas» in *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: [s.n.], n.º 2305, p. 2.
- BRANCO, Camilo Castelo
- 1927, *Cancioneiro Alegre de Poetas Portuguezes e Brasileiros*, vol. II, Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, pp. 123-126.
- BRANDÃO, Julio
- [s.d.], *Galeria das Sombras: Memórias e Outras Páginas*, Porto: Livraria Civilização Editora, pp. 218-227.
- 1926, «João Penha» in *O Primeiro de Janeiro* (dir. Adriano Gomes Pimenta), Porto: [s.n.], ano 58, n.º 85 (11 de abril), p. 1.
- 1943, *Recordações dum Velho Poeta: Figuras Literárias e Artísticas*, Lisboa: Editorial Gleba, pp. 127-131.
- BRANDÃO, Raul
- 1988, *Memórias*, vol. III: *Vale de Josafat*, Lisboa: Perspectivas & Realidades, pp. 143-144.
- BRITO, Ferreira de
- 1987, «Três Cartas inéditas de Bulhão Pato a João Penha» in *Confluência*, Penafiel: [s.n.], n.º 3, pp. 47-54.
- 2000, *Joaquim de Araújo e a Expansão Europeia da Cultura Portuguesa*, Porto: IEFUP, passim.
- CABRAL, Alexandre
- 1990, «Parecer sobre as cartas de Camilo supostamente endereçadas a João Penha existentes na Biblioteca Pública Municipal do Porto» in *Bibliotheca Portucalensis*, Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, série II, n.º 5, pp. 137-140.
- CABRAL, António
- 1924, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, pp. 253-274.

- 1942, *Os Talentos e os Desvarios de Guerra Junqueiro*, Lisboa: Livraria Portugália, max. pp. 47-64.
- 1947, *Tempos de Coimbra: Memórias de Estudante*, 2.^a ed., Coimbra: Coimbra Editora, pp. 241-255.
- CARVALHO, Xavier de
- 1902, «A bohemia em João Penha» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 10.
- CASIMIRO, Antonio
- 1906, «João Penha» in *Anuario do Distrito de Braga para 1906* (dir. Laurindo Costa), Braga: Empreza Editora de A Folha do Minho, pp. 181-184.
- CASTELO-BRANCO, Fernando
- 1971, «No centenario de As Farpas: uma carta de João Penha» in *Colóquio/Letras*, Lisboa: FCG, n.º 4, pp. 74-77.
- CASTRO, Sergio de
- 1903, «Uma hora com o poeta João Penha» in *O Seculo: Revista Litteraria, Scientifica e Artistica* (dir. Eduardo Schwalbach Lucci), Lisboa: [s.n.], n.º 59, p. 3.
- CHAGAS, Pinheiro
- 1891, «Echos da Havaneza» in *Correio da Manhã* (dir. M. Pinheiro Chagas), Lisboa, n.º 2007 (28 de maio), p. 1.
- COELHO, Trindade
- 1902, *In Illo Tempore: Estudantes, Lentes e Futricas*, Lisboa: Aillaud & C.^a, passim.
- CORDEIRO, A. X. Rodrigues
- 1884, «Antonio Candido Gonçalves Crespo» in *Novo Almanach de Lembranças Luso Brasileiro para o Anno de 1885*, Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, max. pp. 11-12.
- COSTA, Fernandes
- 1919, «João Penha» in *Almanach Bertrand para 1920* (coord. Fernandes Costa), Lisboa-Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand. Ano XXI, 1919, pp. 271-272.
- COSTA, Luís Dias da
- 2010, «João Penha».
<<http://bragamonumental3.blogs.sapo.pt/5200.html>> [28 de maio de 2010]
- 2012, «Histórias de dois monumentos».
<<http://luisdiascosta.blogs.sapo.pt/19222.html>> [20 de setembro de 2012]
- COSTA, Joaquim
- 1909, *Alma Portuguesa: Ensaio de Critica Litteraria*, Porto: Magalhães & Moniz Editores, max. pp. 55-56.
- 1919, *Mulheres e Borboletas: Crónicas de Celso*, Porto: Livraria Chardron, pp. 161-168.
- CRESPO, Gonçalves
- 1878, «João Penha» in *A Renascença: Orgão dos Trabalhos da Geração Moderna* (dir. Joaquim d'Araujo), Porto: [s.n.], pp. 56-67.
- 1913, *Obras Completas*, 2.^a ed. defin., Lisboa: Santos & Vieira, max. pp. 293-294; 377-428.
- DANTAS, Luís
- 2011, *João Penha: Vida e Obra*, Ponte de Lima: [s.n.].

DIAS, J. Simões

1898, «Dr. João Penha» in *Gabinete dos Reporteres: Jornal Independente, Illustrado e Litterario*, Lisboa: [s.n.], n.º 78, pp. 1-2.

FARIA, Antonio de Portugal de

1902, «Ao correr da penna» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 10.

FERREIRA, Alberto

1968-1970, *Bom Senso e Bom Gosto (Questão Coimbrã)*, 3 vols., Lisboa: Portugália Editora.

FERREIRA, João Mendes

2003, *Uma Lenda de Coimbra: Romance Histórico*, 3.ª ed., Coimbra: Edições Minerva, max. pp. 167-181.

FIGUEIREDO, Anthero de

1902, «João Penha» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 13.

FIGUEIREDO, Candido de

1881, *Homens e Letras: Galeria de Poetas Contemporaneos*, Lisboa: Typographia Universal, pp. 191-202, 362-363.

1897, «Registo literário: Uma viagem ao paiz dos sonhos» in *O Reporter* (ed. Antonio Baptista Machado), Lisboa: [s.n.], n.º 1751 (24 de outubro), p. 2.

1902, «João Penha» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, pp. 3-4.

1906, *Figuras Literárias Nacinaes e Estrangeiras (Perfis e Medalhões)*, Lisboa: Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, pp. 37-39.

1928, *Os Meus Serões*, Lisboa: Livraria Clássica Editora, pp. 124-128.

FONSECA, Maria Amália Ortiz da

1963, *Introdução ao Estudo de João Penha*, Lisboa: Portugália.

FORMONT, Maxime

1892, *Le Movement Poétique Contemporain en Portugal*, Lyon: Imprimerie A. Storck, pp. 19-20 (Separata da Revue du Siècle).

FREITAS, Dias

1902, «João Penha» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 13.

1904, «Dr. Pereira Caldas, Dr. João Penha: Carta aberta ao dr. Braulio Caldas» in *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: [s.n.], n.º 2277, p. 1.

GUIMARÃES, Delfim

1897 ¹, «A Viagem por Terra» in *Mala da Europa*, ano IV, n.º 97 (15 de novembro), p. 4.

1897 ², «O Sr. João Penha» in *Mala da Europa*, ano IV, n.º 101 (13 de dezembro), pp. 2-3.

1898 ¹, «Ainda o Sr. Penha» in *Mala da Europa*, ano IV, n.º 105 (10 de janeiro), p. 2.

1898 ², *A "Viagem por Terra" do Sr. João Penha*, Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva.

1924, «Uma charge de João Penha» in *Arquivo Literário*, Lisboa: [s.n.], vol. II, t. 7, pp. 209-217.

GUIMARÃES, Fernando

1991, «O Centenario do Simbolismo em Portugal: duas curiosidades bibliográficas» in *Colóquio/Letras*, n.º 119, Lisboa: [s.n.], pp. 191-193.

1999, «Parnasianismo» in AA.VV., *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa: Verbo, vol. III, pp. 1411-1415.

HOURCADE, Pierre

1932, *Guerra Junqueiro et le Problème des Influences Françaises dans Son Oeuvre*, Paris: Les Belles Lettres.

1978, *Temas de Literatura Portuguesa* (trad. Álvaro Salema), Lisboa: Moraes, «A Segunda Geração de Coimbra e a Revista A Folha (1868-1873)», pp. 48-58 [trad. do original francês, publicado em 1931].

JOSÉ, João

1927, «Respigos do Seculo Passado» in *Diario do Minho*, Braga: [s.n.], 16 de janeiro.

JUNQUEIRO, Guerra

1902, «João Penha» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 9.

LAMBAÇA, José Joaquim Pinto

1907, «A carta de Pinto Lambaça» in *A Época* (dir. Zeferino Cândido), Lisboa: [s.n.], ano VI, n.º 272 (31 de dezembro), p. 1.

LARANJEIRA, José Luís Pires

2001, «A poesia de fim-de-século e o Realismo» in REIS, Carlos (dir.) – *História da Literatura Portuguesa*, vol. 5: *O Realismo e os Naturalismos*, Lisboa: Publicações Alfa, pp. 361-395.

LEONARDI, Belli de

1902, «Memorias dum casamento» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, pp. 5-6.

LIMA, Campos

1934, «Há trinta sete anos...» in AA.VV. – *In Memoriam de Delfim Guimarães* (org. Galino Marques), Lisboa: Guimarães Editora, pp. 73-76.

LIMA, Fernando de Araújo

1948, «João Penha e o mundo das cousas psicologicamente poéticas» in *Prometeu*, Porto: [s.n.], n.º 2, fasc. 6, pp. 239-245.

LISBOA, Eugénio (coord.)

1991, *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Mem Martins: Publicações Europa-América, vol. II, pp. 204-206.

LOPES, Óscar

1984, *Álbum de Família*, Lisboa: Caminho, p. 153.

MACHADO, Bernardino

1902¹, «João Penha» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, pp. 8-9.

1902², «João Penha» in *O Instituto*, Coimbra, Imprensa da Universidade, vol. 49, pp. 117-119.

1908, *A Universidade de Coimbra*, 2.^a ed., Lisboa: França Amado, pp. 177-183.

MACHADO, J. de Faria

1917, «Vida intensa: João Penha» in *Ilustração Catholica: Revista Litteraria Semanal de Informação Graphica* (dir. F. de Souza Gomes Velloso), Braga: [s.n.], ano IV, n.º 189 (10 de fevereiro).

MADUREIRA, Alberto

1897, «Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos» in *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: [s.n.], n.º 1706 (17 de novembro), pp. 1-2.

MAGALHÃES, Luís de

1890, *Notas e Impressões*, Porto: Livraria Portuense, pp. 28-34.

MALPIQUE, Cruz

1966, «João Penha: anti-metrificador do ai» in *Bracara Augusta*, Braga: [s.n.], n.º 20, fasc. 43-44, pp. 117-134; n.º 20, fasc. 45-46, pp. 237-273.

MANGAS, Francisco

1987, «A trilogia inspiradora de João Penha» in *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.], ano 120, n.º 333 (1 de dezembro), pp. XXXVIII-XLII.

MATHEUS, J. Alves

1902, «Poeta e advogado» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 11.

MELLO, Zulmira de

1902, «Sylvia» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 14.

1904, «Novas Rimas de João Penha» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 128, p. 2.

1926, «João Penha: A propósito da estátua que Braga tenciona erguer-lhe na Avenida Central» in *Gente Minhota*, série I, n.º 5, p. 76.

MOISÉS, Massaud

2000, *As Estéticas Literárias em Portugal*, vol. II: Sécs. XVIII e XIX, Lisboa: Caminho, pp. 273-285.

MÓNICA, Maria Filomena

2001, *Eça de Queirós*, Lisboa: Quetzal Editores, passim max. pp. 20-31, 52, 78.

MORAES, Alves de

1902, «João Penha (Seu tempo de Coimbra)» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 15.

MOUTINHO, José Viale

1990, «Apresentação da Antologia Poética de João Penha» in *Forum*, Braga: Biblioteca Pública de Braga, n.º 8, pp. 139-145.

2009, *Camilo Castelo Branco: Memórias Fotobiográficas (1825-1890)*, Lisboa: Caminho, max. p. 218.

NASCIMENTO, Adriano do

1957, *Homens Ilustres: João Penha*, Coimbra: [s.n.].

NOGUEIRA, Carlos

2011, *A Sátira na Poesia Portuguesa e a Poesia Satírica de Nicolau Tolentino, Guerra Junqueiro e Alexandre O'Neill*, Lisboa: FCG-FCT, pp. 269-274.

NUNES, Henrique Barreto

1990, «A propósito da antologia de João Penha e da sua bibliografia» in Mangas, Francisco Duarte (org. e pref.) – *Antologia Poética de João Penha*, Braga: Biblioteca Pública de Braga, pp. 7-18.

OLIVEIRA, Emygdio d'

1902, «Dyonisiaca» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, pp. 9-10.

OLIVEIRA, Jorge

2004, «Um jurista poeta que morreu pobre e esquecido» in *Diário do Minho*, Braga: [s.n.], 9 de setembro.

< <http://www.diariodominho.pt/conteudos/15113> > [18 de dezembro de 2012]

OLIVEIRA, Lopes d'

1956, *Guerra Junqueiro: a Sua Vida e a Sua Obra*, vol. I, Lisboa: Edições Excelsior, pp. 11-44, 137-158.

OLYMPPIO

1883, «João Penha» in *A Folha Nova* (red. Emygdio d'Oliveira), Porto: [s.n.], série II, n.º 40 (27 de setembro), pp. 1-2.

PADULA, Antonio

1896, *I Nuovi Poeti Portoghesi*, Napoli: Instituto Casanova, pp. 29-30.

1902, «João Penha» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 13.

PATO, Bulhão

1902, «João Penha» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, pp. 12-13.

PEREIRA, António Maria

1905, *Figuras Humanas*, Lisboa: Parceria António Maria Pereira – Livraria Editora, *passim*.

PEREIRA, Elsa

2010, «Canções d'um vagabundo: João Penha e a viagem por terra ao país dos sonhos» in: *CEM: Cultura, Espaço & Memória*, n.º 1: *Viagens e Viajantes* (ed. Isabel Morujão), Porto: CITCEM, pp. 177-186.

<<http://hdl.handle.net/10216/55945>>

2012 ¹, «Hæc subtilis ars inveniendi: considerations of João Penhas literary archive» in *Variants: The Journal of the European Society for Textual Scholarship*, n.º 8: *Private: Do (Not) Enter: Personal Writings and Textual Scholarship* (ed. João Dionísio), Amsterdam-New York: Editions Rodopi, pp. 145-157.

2012 ², «A perspectiva do desastre: João Penha e a Questão Ortográfica» in: Petrov, Petar; Sousa, Pedro Quintino de; Samartim, Roberto López-Iglésias & Torres Feijó, Elias J. (eds.) – *Avanços em Ciências da Linguagem*, Santiago de Compostela-Faro: Associação Internacional de Lusitanistas-Através Editora, pp. 65-76.

2012 ³, «Epistolários e preservação da memória: a correspondência de João Penha» in *CEM: Cultura, Espaço & Memória*, n.º 2: *Memória Material e Materiais da Memória* (ed. Maria Manuela Martins), Porto: CITCEM, pp. 171-181. <<http://hdl.handle.net/10216/63946>>

- 2014, «A edição crítica das obras de João Penha (1839-1919): um monumento mais perene do que o bronze» in *Vozes do Vales: Revista Multidisciplinar de Publicações Acadêmicas*, Ano III, n.º 6: *Pesquisas Doutoriais*, Minas Gerais: UFVJM.
<<http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2014/10/A-edi%C3%A7%C3%A3o-cr%C3%ADtica-das-obras-de-Jo%C3%A3o-Penha-1839-1919-um-monumento-mais-perene-do-que-o-bronze.pdf>>
- 2015, «Ecos da Grande Guerra nas obras de João Penha» in Pereira, Gaspar Martins; Alves, Jorge Fernandes; Alves, Luís Alberto Marques; Pereira, Conceição Meireles (eds.) – *A Grande Guerra (1914-1918): Problemáticas e Representações*, Porto: CITCEM, pp. 215-224.
- PIMENTEL, Alberto
1893, *Poetas do Minho: João Penha*, Braga: Liv. Escolar de Cruz.
- PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa
1939, «Algumas notas sobre a estética de João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.], n.º 15, fasc. 2, pp. 519-560.
- PINTO, Fonseca
1889, «Fabulistas Portuguezes: João Penha» in *O Instituto*, Coimbra: Imprensa da Universidade, série II, vol. XXXVI, pp. 722-723.
- QUEIRÓS, Francisco T.; Mendonça, Henrique L.; Monteiro, J. Sousa
1910, «Parecer redigido pelo sr. Teixeira de Queiroz acerca da candidatura do sr. João Penha» in *Academia Real das Sciencias – Boletim da Segunda Classe*, Lisboa: [s.n.], vol. II, pp. 272-280.
- QUEIROZ, Teixeira de
1902, «Recordações: João Penha – O Pontífice» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, pp. 10-11.
- RAMOS, Feliciano
1933, *Ensaio de Crítica Literária*, Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 169-207.
- RAMOS, João de Deus
1955, *Poetas*, Lisboa: [s.n.], pp. 14-17.
- REDONDO, Garcia
1908, *Atravez da Europa (Impressões de Viagem)*, Porto: Livraria Chardron, pp. 53-69.
- REMÉDIOS, Mendes dos
1925, «Inéditos de escritores portugueses: João Penha» in *Biblos*, Coimbra: [s.n.], n.º 1, pp. 18-26.
- RIO, João do
1994, *O Momento Literário*, Rio de Janeiro, EDNL-FBN, max. p. 166.
- RITA, Mario de Santa
1907, «Rimas: (Versos por João Penha)» in *O Ocidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro*, Lisboa: [s.n.], ano 30, vol. XXX, n.º 1014, pp. 46-47.
- RODRIGUES, Bettencourt
1931, *Por Estradas e Atalhos*, Lisboa: Livraria Clássica Editora, pp. 37-46.
- ROZA, Accacio
1902, «João Penha» in *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 13.

SAMPAIO, Albino Forjaz de

1904 ¹, «João Penha» in *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro* (ed. Alberto Caetano da Silva), Lisboa: [s.n.], ano 27, vol. XXVII, n.º 921 (30 de julho), p. 1.

1904 ², «João Penha» in *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: [s.n.], n.º 2291, p. 1.

1907, «Como trabalhavam os nossos escriptores» in *Serões: Revista Mensal Ilustrada*, Lisboa: Livraria Ferreira Editora, vol. IV, n.º 19, pp. 36-53.

1923, «João Penha» in PENHA, João – *O Canto do Cysne*, Paris/Lisboa: Aillaud e Bertrand, pp. XIII-XX.

1942, *História da Literatura Portuguesa Ilustrada dos Seculos XIX e XX*, Porto: Livraria Fernando Machado, vol. IV, pp. 140-143.

SANTOS, Maria do Rosário Girão Ribeiro dos

1992, *À Sombra de Baudelaire: Estudo da Recepção de Charles Baudelaire na Literatura Portuguesa. De Finais do Romantismo ao Modernismo*, Braga: [s.n.], max. pp. 297-325.

1998, «Homenagem a João Penha (No centenário da sua obra *Viagem por Terra ao País dos Sonhos*) 1898/1998» in *Forum*, Braga: Biblioteca Pública de Braga, n.º 23, pp. 67-97.

SANTOS, Maria do Rosário Girão Ribeiro dos; Silva, Manuel José

2000, «Evocação de João Penha» in *Forum*, Braga: Biblioteca Pública de Braga, n.º 27, pp. 161-171.

SANTOS, Zulmira Marques C.

1986, *António Feijó: Uma Poética de Síntese*, Porto, max. pp.11-21.

SARAIVA, Vítor Simão

1939, *Bibliografia de João Penha e Sua Escola (Parnasianismo)*, Coimbra: [s.n.].

SILVA, Armando

1893, «Portugal no estrangeiro» in *Novidades* (dir. Emydio Navarro), Lisboa: [s.n.], n.º 2679 (3 de janeiro), p. 3; n.º 2686 (11 de janeiro), p. 1.

SILVA, Inocêncio Francisco da; Aranha, Brito

1972, *Dicionário Bibliográfico Português*, t. X, Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 329-331.

SILVEIRA, Pedro da

1980, *Os Últimos Luso Brasileiros: sobre a Participação de Brasileiros nos Movimentos Literários Portugueses do Realismo à Dissolução do Simbolismo*, Lisboa: Biblioteca Nacional, passim.

SIMÕES, João Gaspar

1945, *Eça de Queiróz: o Homem e o Artista*, Lisboa: Dois Mundos, max. pp. 87-96.

1947, *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, Lisboa: Ática, vol. I, pp. 425-452.

1964, *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa de 1189 a 1964*, Lisboa: Arcádia, pp. 225-232.

1972, «João Penha e Guerra Junqueiro no ‘Homem do Gás’» in *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.], ano 104, n.º 284 (15 de outubro). Suplemento “domingo”, p. 5.

1976, «O dândi João Penha morre na miséria» in *O Primeiro de Janeiro*, Porto: [s.n.], ano 108, n.º 65 (7 de março). Suplemento “domingo”, pp. 1-2.

1898, «Questão literaria: As barbas de Carlos Magno» in *Tarde*, Lisboa: [s.n.], n.º 3052 (3 de fevereiro), pp. 1-2.

VALENÇAS, Conde de

1897, «O Tempo de João Penha» in *Novos e Velhos: Revista Quinzenaria Ilustrada de Literatura e Arte*, Braga: [s.n.], n.º 8, pp. 119-121; n.º 9, pp. 134-136.

1902, «João Penha» in *A Chronica: Revista Ilustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, pp. 4-5.

VELLOSO, Rodrigo

1904, «Galeria dos Homens do Foro: Dr. João Penha» in *O Mundo Legal e Judiciário* (dir. Fernão Botto Machado), Lisboa: [s.n.], ano 18, n.º 17, pp. 281-286.

VELOSO, Maria Virgínia

1950-1951, «De João Penha a João Saraiva» in *Bracara Augusta*, Braga: [s.n.], n.º 2 (1), pp. 64-73; 2 (2), pp. 95-109; 2 (3), pp. 257-269; 3 (1), pp. 101-121; 3 (2), pp. 176-192.

VIDAL, E. A.

1902, «João Penha» in *A Chronica: Revista Ilustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.], n.º 63-64, p. 12.

Z.

1897, «João Penha» in *Revista Critica de Historia y Literatura Españolas, Portuguesas é Hispano-Americanas*, Madrid: [s.n.], t. II, p. 392. Trad. in *Correio da Noite*, Lisboa. N.º 5607 (15 de março de 1898).

6.2. OBRAS DE REFERÊNCIA PARA A CARACTERIZAÇÃO DOS PERIÓDICOS:

ALBUQUERQUE, António Seabra de

1874, *Bibliografia da Imprensa da Universidade de Coimbra nos Anos de 1872 e 1873*, Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 59-60.

CARVALHO, Francisco Augusto Martins de

1907, «Subsidios para a historia do jornalismo em Coimbra» in *O Conimbricense*, Coimbra: [s.n.], n.º 6215 (2 de julho).

CUNHA, Maria Helena R. Laranjeiro da

1990, «Números únicos bracarenses comemorativos do 1.º de Dezembro de 1640» in *Forum* (coord. Henrique Barreto Nunes), Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, n.º 8, pp. 33-108.

PIRES, Daniel

1986, *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do Século XX*, Lisboa: Contexto Editora, 1986.

1994-1996, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX*, Lisboa: Grifo.

SILVA, A. Carneiro da

1947, *Jornais e Revistas do Distrito de Coimbra*, Coimbra: Edição da Biblioteca Municipal.

SODRÉ, Nelson Werneck

1999, *História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro: Mauad.

VIANA, Rui A. Faria; BARROSO, António José

2009, *Publicações Periódicas Vianenses*, Viana do Castelo: Câmara Municipal.

VIEGAS, César

2008, «A Folha: Microcosmo Litterario» in AA.VV., *Memória da Imprensa Estudantil Universitária*, Lisboa: Os Fazedores de Letras, vol. II, pp. 15-18.

6.3. ESTUDOS DE CARÁTER HISTÓRICO, JURÍDICO OU GENEALÓGICO:

AA.VV.

1950, *Anuário da Nobreza de Portugal*, Lisboa: Instituto Português de Heráldica.

AIRES, Firmino

1990, *Toponímia Flaviense*, Chaves: Câmara Municipal.

CABRAL, A. C. Sequeira

1981, *Vales Pereiras Cabrais da Casa da Rua das Flores*, Porto: [s.n.].

CANEDO, Fernando de Castro da Silva

1993, *A Descendência Portuguesa de El-Rei D. João II*, 3.^a ed., Braga: [s.n.].

CORDEIRO, António Menezes

2001, «Os direitos de personalidade na civilística portuguesa» in *Revista da Ordem dos Advogados*, ano 61, vol. III, Lisboa: [s.n.], pp. 1229-1256.

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e

1994, *Carvalhos de Basto: A Descendência de Martim Pires Carvalho, Cavaleiro de Basto*, vol. VII, Porto: [s.n.].

GOMES, José Candido

1895, *Bracarenses Ilustres: Notas Biográficas de Alguns Filhos da Cidade de Braga Que Se Notabilisaram*, Braga (Cópia do manuscrito inédito, guardada na BPB).

LAMBAÇA, José Joaquim Pinto

1912, *A Malandragem de M Grande a Governar a Regoa: a Liquidação do Dr. Antão como Caracter ou antes por falta de Caracter*, Resende: Typ. Marcoense.

LOPES, Maria Antónia

2002-2003, «Provedores e escritvães da Misericórdia de Coimbra de 1700 a 1910. Elites e fontes de poder» in *Revista Portuguesa de História*, t. XXXVI, vol. 2, pp. 203-274.

MARTINS, Conceição Andrade

1992, «Opções económicas e influência política de uma família burguesa oitocentista: o caso de São Romão e José Maria dos Santos» in *Análise Social*, vol. XXVII (116-117), fasc. 2.^o-3.^o, pp. 367-404.

<<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223054059P7oBY2dd0Dx24PH9.pdf>> [15 de setembro de 2012]

MELO, Zulmira de

1962, «A Casa das Agradas e suas alianças» in *O Distrito de Braga: Boletim Cultural de Etnografia e História* (dir. Arlindo Cunha, José Barreiros, Augusto da Silva Pinto), Braga: [s.n.], vol. I, fasc. III-IV, pp. 277-316.

MICHELET, M.

1833, *Histoire de France*, vol. I, Paris: L. Hachette.

MÓNICA, Maria Filomena (dir.)

2005, *Dicionário Biográfico Parlamentar: 1834-1910*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais – Assembleia da República, vol. II, «Manuel Joaquim Penha Fortuna», pp. 201-202.

NUNES, Mário

1990, *Coimbra: Imagens do Passado*, Coimbra: Livraria Minerva.

OLIVEIRA, A. Paulo Dias

2007, *Rodrigues de Brito, a Mutualidade de Serviços e o Solidarismo Krausiano*, Faro: Universidade do Algarve, «Esboço sobre a vida e obra de Joaquim Maria Rodrigues de Brito».

<http://ualg.academia.edu/Ant%C3%B3nioOliveira/Papers/1724728/Apontamentos_sobre_a_vida_e_obra_de_Joaquim_Maria_Rodrigues_de_Brito>

[23 de setembro de 2012]

SOUSA, Tude M. de

1927, *Gerez: Notas Etnográficas, Arqueológicas e Históricas*, Coimbra: Imprensa da Universidade.

ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (dir.)

1989, *Nobreza de Portugal e Brasil*, 2.^a ed., Lisboa: Editorial Enciclopédica.

6.4. TRABALHOS DE CRÍTICA TEXTUAL, LINGUÍSTICA E VERSIFICAÇÃO:

BELLEMIN-NÖEL, Jean

1972, *Le Texte et L'Avant-Texte*, Paris: Larousse.

CARVALHO, Amorim de

1991, *Tratado de Versificação Portuguesa*, 6.^a ed., Coimbra: Livraria Almedina.

CHOCIAY, Rogério

1979, *Teoria do Verso*, São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.

CASTRO, Ivo

1980/81, «A Tragédia da Rua das Flores ou a arte de editar os manuscritos autógrafos» in *Boletim de Filologia*, Lisboa: CLUL, t. XXVI, pp. 309-359.

1990, *Editar Pessoa*, Lisboa: IN-CM, «Modelo editorial adoptado», pp. 45-60.

1993, «Intenções finais e mais intenções» in Cleonice Berardinelli; Ivo Castro, *Defesa da Edição Crítica de Fernando Pessoa*, Lisboa: [s.n.], pp. 37-99.

1999, «A fascinação dos espólios» in *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 5: *Arquivística Literária e Crítica Textual*, Lisboa: Biblioteca Nacional, pp. 161-166.

2001, «Metodologia do Aparato Genético» in AA.VV., *Memória dos Afectos: Homenagem da Cultura Portuguesa a Giuseppe Tavani*, Lisboa: Colibri, pp. 69-80.

2007, «Introdução» in BRANCO, Camilo Castelo, *Amor de Perdição*, Lisboa: IN-CM, pp. 9-121.

- 2012, «From Print to Script» in *Variants: The Journal of the European Society for Textual Scholarship*. N.º 8: *Private: Do (Not) Enter: Personal Writings and Textual Scholarship* (ed. João Dionísio), Amsterdam-New York: Editions Rodopi, pp. 135-143.
- CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel
1987, *A Demanda da Ortografia Portuguesa: Comentário do Acordo Ortográfico de 1986 e Subsídios para a Compreensão da Questão que se Lhe Seguiu*, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- COELHO, Jacinto do Prado
1976, *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa: Bertrand, «Variantes e variações», pp. 15-44.
- DEDNER, Burghard
2006, «Highlighting Variants in Literary Editions: Techniques and Goals» in *Variants: The Journal of the European Society for Textual Scholarship*. N.º 5: *Texts in Multiple Versions* (ed. Luigi Giuliani, Herman Brinkman, Geert Lernout, Marita Mathijsen), Amsterdam – New York: Editions Rodopi, pp. 16-31.
- DIAZ, José-Luis
1999, «Quelle génétique pour les correspondances?» in *Genesis: Revue Internationale de Critique Génétique*, n.º 13. Paris: Jean Michel Place.
- FIGUEIREDO, Cândido de
1947, «Eça de Queiroz e a ortografia portuguesa» in AMARAL, Eloy do; MARTHA, M. Cardoso, *Eça de Queiroz: In Memoriam*, Coimbra: Atlântida, pp. 183-189.
- GENETTE, Gérard
1987, *Seuils*, Paris: Éditions du Seuil.
- GRÉSILLON, Almuth
2007, «La critique génétique: origines, méthodes, théories, espaces, frontières» in *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n.º 8, Porto Alegre: AIL. <<http://hdl.handle.net/10316.2/34538>>
- GONÇALVES, Maria Filomena
2003, *As Ideias Ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*, Lisboa: FCG-FCT-MCES.
- GREG, W. W.
1950-1951, «The Rationale of Copy-Text» in *Studies in Bibliography*, vol.3, Virginia: The Bibliographical Society of the University of Virginia. <<http://etext.lib.virginia.edu/bsuva/sb/>> [29 de junho de 2009]
- KEMMLER, Rolf
2001, «Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911» in *Lusorama: Zeitschrift für Lusitanistik*, Frankfurt am Main: Axel Schönberger Verlag, n.ºs 47-48, pp. 128-319.
- MARQUILHAS, Rita
s.d., «Aparato Crítico» in Ceia, Carlos, *E-Dicionário de Termos Literários*. <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/A/aparato_critico.htm> [29 de junho de 2009]
1987, «O acento, o hífen e as consoantes mudas nas Ortografias antigas portuguesas» in CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel, *A Demanda da Ortografia Portuguesa: Comentário*

- do Acordo Ortográfico de 1986 e Subsídios para a Compreensão da Questão que se Lhe Seguiu*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, pp. 103-116.
- MARTINS, António Coimbra
1969, «De Castilho a Pessoa. Acheegas para uma poética histórica portuguesa», in *Bulletin des Études Portugaises*, t. XXX, Lisboa: Institut Français au Portugal, pp. 223-345.
- MCGANN, Jerome
1985, *A Critique of Modern Textual Criticism*, Chicago-London: University of Chicago Press.
- MENDES, Joaquim; DIONÍSIO, João
1988, «A ortografia segundo Pessoa e opções editoriais: alguns elementos» in *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, vol. 3, n.º 3, Lisboa: [s.n.], pp. 183-198.
- ORTIGÃO, Ramalho
1900, «Orthographia» in *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada* (dir. Augusto de Castilho, Jaime Victor), Lisboa: [s.n.], ano II, n.º 28, p. 50.
- PICCHIO, Luciana Stegagno
1979, *A Lição do Texto: Filologia e Literatura* (trad. Alberto Pimenta), Lisboa: Edições 70.
- PIZARRO, Jerónimo
2012, «Pessoa's Notebooks: Windows to Crowded Streets» in *Variants: The Journal of the European Society for Textual Scholarship*. N.º 8: *Private: Do (Not) Enter: Personal Writings and Textual Scholarship* (ed. João Dionísio), Amsterdam-New York: Editions Rodopi, pp. 113-134.
- REYNAUD, Maria João
2000, *Metamorfoses da Escrita: Húmus, de Raul Brandão*, Porto: Campo das Letras.
- SGARD, Jean; Volpilhac-Augier, Catherine (org.)
1999, *La Notion d'Oeuvres Complètes*, Oxford: Voltaire Foundation.
- SHILLINGSBURG, Peter L.
2004, *Scholarly Editing in the Computer Age: Theory and Practice*, 2.ª ed., Michigan: University of Michigan Press.
- TANSELLE, G. Thomas
1972, «Some Principles for Editorial Apparatus» in *Studies in Bibliography*, vol. 25, University of Virginia, pp. 42-88. <<http://etext.lib.virginia.edu/bsuva/sb>> [29 de junho de 2009]
1976, «The Editorial Problem of Final Authorial Intention» in *Selected Studies in Bibliography*, vol. 29, University of Virginia, pp. 167-211. <<http://etext.lib.virginia.edu/bsuva/sb/>> [29 de junho de 2009]
- TAVANI, Giuseppe
1987, «Antecedentes históricos: a ortografia da língua portuguesa» in CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel, *A Demanda da Ortografia Portuguesa: Comentário do Acordo Ortográfico de 1986 e Subsídios para a Compreensão da Questão que se Lhe Seguiu*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, pp. 201-203.
1988 ¹, «Metodología y Práctica de la Edición Crítica de Textos Literarios Contemporáneos» in Segala, Amos (org.), *Littérature Latino-Américaine et des Caraïbes du XX Siècle: Théorie et Pratique de l'Édition Critique*, Roma: Bulzoni Editore, pp. 65-84.

1988 ², «Los textos del siglo XX» in Segala, Amos (org.), *Littérature Latino-Américaine et des Caraïbes du XX Siècle: Théorie et Pratique de l'Édition Critique*, Roma: Bulzoni Editore, pp. 53-63.

1999, «Edição genética e edição crítico-genética: duas metodologias ou duas filosofias?» in *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 5: *Arquivística Literária e Crítica Textual*, Lisboa: Biblioteca Nacional, pp. 143-149.

2007, «Introdução à leitura de uma edição crítico genética» in Bochicchio, Maria, *O Paradigma do Pudor: Edição Crítico-genética de A Chaga do Lado de José Régio*, Vila Nova de Famalicão: Quasi, pp. 5-10.

TOPA, Francisco

1999, *Edição Crítica da Obra Poética de Gregório de Matos*, vol. II: *Edição dos Sonetos*, Porto: [s.n.], «Apresentação do modelo da nossa proposta de edição da obra poética de Gregório de Matos».

2002, «O alexandrino e o além dos mares – A propósito de uma epístola a Basílio da Gama» in *Terceira Margem: Revista do Centro de Estudos Brasileiros* (dir. Arnaldo Saraiva), n.º 4, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, pp. 21-32.

VALENTE, Santos; Almeida, Francisco de

1886, *Ortografia Portuguesa*, Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de

1977, *Lições de Filologia Portuguesa: Segundo as Prelecções Feitas aos Cursos de 1911/12, 1911/12 e de 1912/13 Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico*, Lisboa: Dinalivro. BGUC, *Espólio de Carolina Michaëlis*, maço 6, pasta 25.

6.5. DICIONÁRIOS DE LÍNGUA:

Ferreira, António Gomes

1995, *Dicionário de Latim-Português*, Porto: Porto Editora.

MEA, Giuseppe

1998, *Dicionário de Italiano-Português*, Porto: Porto Editora.

MOURA, João Leite de

1962, *Dicionário Francês-Português*, Porto: Domingos Barreira.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles

2004, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA

[1995], *Diccionario de la Lengua Española*, 21.^a ed., Madrid: Real Academia Española.

